



*As  
Perfeccionistas*

SARA  
SHEPARD

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **As Perfeccionistas**

**SARA SHEPARD**

# Επίγραφε

*Em meio à vida, estamos envolvidos pela morte.*  
– AGATHA CHRISTIE, *O Caso dos Dez Negrinhos*

# Sinopse

*Em Beacon Heights, Washington, cinco meninas – Ava, Caitlin, Mackenzie, Julie e Parker – sabem que você não tem que ser bom para ser perfeito. No início as meninas pensavam que não tinham nada em comum, até que elas perceberam que todas elas odeiam Nolan Hotchkiss, que fez coisas terríveis com cada uma delas. Elas imaginam a maneira perfeita para matá-lo – um assassinato hipotético, é claro. É apenas uma brincadeira... até que Nolan aparece morto, exatamente da maneira planejada. Só que elas não o mataram. E a menos que elas encontrem o verdadeiro assassino, suas vidas perfeitas irão desabar à sua volta.*

*VOCÊ NÃO TEM QUE SER BOM PARA SER PERFEITO!*

# Prólogo

De muitas maneiras, Beacon Heights, Washington, parece com qualquer subúrbio rico: Com balanços rangendo suavemente com a brisa da noite, os gramados verdes e bem conservados, e todos os vizinhos se conhecem. Mas este satélite de Seattle não é nada comum. Em Beacon, não é suficiente ser bom; você tem que ser o melhor.

Com a perfeição vem a pressão. Alguns alunos daqui são os melhores do país e, às vezes, eles têm que deixar sair um pouco de vapor. O que cinco meninas não sabem, porém, é que o vapor pode esquentar tanto como uma chama aberta.

E alguém está prestes a se queimar.

\* \* \*

Na sexta-feira à noite, quando o sol estava se pondo, os carros começaram a se dirigir até a enorme vila falsa-italiana de Nolan Hotchkiss em uma península com vista para o Lago Washington. A casa tinha portões de ferro forjado, uma calçada circular com uma fonte de mármore, várias varandas e um lustre de cristal de três camadas visível através da janela da frente de dois andares. Todas as luzes estavam acesas, um baixo estava sendo tocado alto lá dentro, e se ouvia uma animação do quintal. Jovens com licor ardente dos armários ou garrafas de vinho dos seus pais dentro de suas bolsas caminhavam até os degraus da frente e entravam. Não havia necessidade de tocar a campainha, o Sr. e a Sra. Hotchkiss não estavam em casa.

Que pena. Eles estavam perdendo a maior festa do ano.

Caitlin Martell-Lewis, vestida em seu melhor par de jeans de perna reta, uma polo verde que acentuava a mancha âmbar em seus

olhos, e tênis TOMS com forro xadrez, saiu de um Escalade com seu namorado, Josh Friday, e os seus amigos de futebol Asher Collins e Timothy Burgess. Josh, cujo hálito já cheirava a levedura de cerveja que ele tinha bebido na festa pré-jogo, protegeu os olhos castanhos e ficou boquiaberto com a mansão. — Este lugar é demais.

Ursula Winters, que queria desesperadamente ser namorada de Timothy — ela também era a maior rival do futebol de Caitlin — saiu do banco de trás e ajustou sua blusa de manga dólmã enorme. — O garoto tem tudo isso.

— Exceto uma alma — Caitlin murmurou, mancando até o gramado em seu tornozelo ainda-dolorido-de-uma-lesão-do-futebol. O silêncio caiu sobre o grupo quando eles entraram no grande hall de entrada, com seu piso quadriculado e uma escadaria dupla. Josh lançou-lhe um olhar de soslaio. — O quê? Eu estava brincando — disse Caitlin com uma risada.

Porque se você falar contra Nolan — ou se você sequer boicotar sua festa — você estará fora da lista dos populares de Beacon Heights High. Mas Nolan tinha tantos inimigos quanto amigos, e Caitlin o odiava mais do que tudo. Seu coração batia forte, pensando na coisa secreta que ela estava prestes a fazer. Ela se perguntava se as outras já estavam lá.

\* \* \*

A sala de lazer estava cheia de velas e almofadas vermelhas gordas. Julie Redding estava sendo bajulada pelos seus admiradores no meio da sala. Seu cabelo ruivo estava caído em linha reta e brilhante pelas suas costas. Ela usava um vestido sem alças Kate Spade e sapatos de salto alto cor de osso que mostrava suas pernas longas e ágeis. Um após o outro, seus colegas caminharam até ela e elogiaram sua roupa, seus dentes brancos, suas incríveis joias, uma coisa engraçada que ela tinha dito na aula de inglês no outro dia. Isso já era esperado, naturalmente — todo mundo *sempre* amava Julie. Ela era a garota mais popular da escola.

Em seguida, Ashley Ferguson, uma terceiranista que tinha acabado de tingir o cabelo no mesmo tom castanho avermelhado do de Julie, parou e deu um sorriso reverente. – Você está maravilhosa – ela falou, assim como os outros.

– Obrigada – disse Julie modestamente.

– Onde você conseguiu esse vestido? – perguntou Ashley.

A amiga de Julie, Nissa Frankel, inseriu-se entre as duas. – Porque, Ashley? – ela retrucou. – Você vai comprar exatamente o mesmo?

Julie riu quando Nissa e Natalie Houma, outra das amigas de Julie, bateram as mãos uma na da outra. Ashley apertou a mandíbula e afastou-se. Julie mordeu o lábio, se perguntando se ela tinha sido muito má. Só havia uma pessoa com quem ela queria ser má deliberadamente esta noite.

E essa pessoa era Nolan.

\* \* \*

Enquanto isso, Ava Jalali estava com o namorado, Alex Cohen, na cozinha reformada de carvalho e mármore dos Hotchkiss, mordiscando uma tira de cenoura. Ela olhou para a torre de cupcakes junto à bandeja vegetariana com saudade. – Me lembre por que eu decidi fazer uma purificação de novo?

– Porque você é louca? – Alex ergueu as sobrancelhas maliciosamente.

Ava deu-lhe um olhar *hum-dã* e empurrou seu cabelo escuro, liso, reto e perfeito para fora de seus olhos. Ela era o tipo de garota que odiava até mesmo olhar para as seções transversais do corpo humano na aula de biologia; ela não podia suportar a ideia de que ela era tão feia e confusa por dentro.

Alex bateu o dedo no açúcar cristalizado e levou a mão em direção ao rosto de Ava. – Gostoso...

Ava recuou. – Tira isso de perto de mim! – Mas então ela deu

uma risadinha. Alex havia se mudado para aqui na nona série. Ele não era tão popular ou tão rico como alguns dos outros caras, mas ele sempre a fazia rir. Mas, então, a visão de alguém na porta tirou o sorriso do seu rosto. Nolan Hotchkiss, o anfitrião da festa, olhou para ela com um sorriso quase territorial.

*Ele merece o que vai acontecer com ele,* ela pensou sombriamente.

\* \* \*

No quintal — que tinha grandes arcadas que ligavam um pátio ao outro; grandes vasos de plantas; e uma passarela de ardósia que praticamente terminava na água — Mackenzie Wright arregaçou as calças jeans, tirou os anéis dos dedos do pé, e arremessou seus pés na piscina de borda infinita. Um monte de pessoas estava nadando, incluindo sua melhor amiga, Claire Coldwell, e o namorado de Claire, Blake Strustek.

Blake girou em torno de Claire e entrelaçou os dedos com os dela. — Ei, cuidado com meus dedos — alertou Claire. — Eles são o meu ingresso para Juilliard.

Blake olhou para Mac e revirou os olhos. Mac olhou para o lado, quase como se ela não gostasse de Blake de jeito nenhum.

Ou, talvez, porque ela gostasse muito dele.

Então a porta do pátio abriu, e Nolan Hotchkiss, o cara do momento, passeou no gramado com um olhar presunçoso de *eu-sou-o-dono-desta-festa* em seu rosto. Ele passou por dois garotos e bateu em seus punhos. Depois de um momento, eles olharam em direção à Mac e começaram a sussurrar.

Mac sugou seu estômago, sentindo seus olhares apurarem seu nariz arrebitado, seus óculos com sua armação escura moderna, e seu largo e volumoso cachecol de tricô. Ela sabia o que eles estavam falando. Seu ódio por Nolan deflagrou novamente.

*Bip.*

O telefone dela, que estava pousado ao lado dela no chão de

azulejos, se iluminou. Mac olhou para a mensagem de sua nova amiga, Caitlin Martell-Lewis.

*Está na hora.*

Julie e Ava receberam as mesmas mensagens. Como robôs, todas elas se levantaram, pediram licença e caminharam até o ponto de encontro. Copos vazios estavam no chão no corredor. Havia um cupcake esmagado na parede da cozinha, e a sala de lazer cheirava distintamente a maconha. As meninas subiram as escadas e trocaram olhares nervosos e longos.

Caitlin limpou a garganta. – Então.

Ava apertou seus lábios cheios e olhou para seu reflexo no espelho enorme. Caitlin revirou os ombros para trás e sentiu algo em sua bolsa. Ele sacudiu um pouco. Mac olhou para a própria bolsa para garantir que a câmera que ela roubou da mesa de sua mãe ainda estava lá dentro.

Então o olhar de Julie fixou em uma figura que pairava na porta. Era Parker Duvall, sua melhor amiga. Ela *veio*, assim como Julie esperava que ela faria. Como de costume, Parker usava uma saia jeans curta, meias de renda preta e um suéter preto enorme. Quando ela viu Julie, ela tirou o capuz do rosto, com um largo sorriso se espalhando por todo o rosto e iluminando suas cicatrizes. Julie tentou não suspirar, mas era tão raro que Parker permitisse que alguém visse seu rosto. Parker correu para as meninas, puxando o capuz ao redor do rosto mais uma vez.

Todas as cinco olharam em volta para ver se alguém estava olhando. – Eu não posso acreditar que estamos fazendo isso – admitiu Mackenzie.

As sobrancelhas de Caitlin fizeram um V. – Você não está dando para trás, não é?

Mac balançou a cabeça rapidamente. – Claro que não.

– Ótimo. – Caitlin olhou para as outras. – Todas ainda estão dentro?

Parker assentiu. Depois de um momento, Julie disse que sim,

também. E Ava, que estava retocando seu gloss, deu um único aceno, decisivo.

Seus olhares se voltaram para Nolan enquanto ele caminhava através da sala de estar. Ele cumprimentou as pessoas entusiasticamente. Deu tapinhas nas costas dos amigos. Lançou um sorriso vencedor para uma menina que se parecia com uma caloura, e os olhos da menina se arregalaram com o choque. Sussurrou algo para uma garota diferente, e seu rosto murchou rapidamente.

Esse era o tipo de poder que Nolan Hotchkiss tinha sobre as pessoas. Ele era o cara mais popular da escola, bonito, atlético, charmoso, o chefe de todos os comitês e clubes que ele se juntava. Sua família era a mais rica, também – você não poderia caminhar um quilômetro sem ver o nome Hotchkiss em uma das novas construções aparecer, ou virar uma página no jornal sem ver a mãe senadora estadual de Nolan cortar uma fita em uma nova padaria, creche, parque público ou biblioteca. Mais do que isso, havia algo nele que, basicamente... *hipnotizava* você. Um olhar, uma sugestão, um comando, um comentário sarcástico, um sopro, um constrangimento público, e você estava sob seu poder para sempre. Nolan controlava Beacon, quer você goste ou não. Mas como é aquele ditado? “O poder absoluto corrompe absolutamente.” E assim como havia pessoas que adoravam Nolan, havia aquelas que não podiam suportá-lo, também. Que queriam que ele... *sumisse*, de fato.

As meninas se entreolharam e sorriram. – Tudo bem, então – disse Ava, saindo no meio da multidão em direção a Nolan. – Vamos fazer isso.

\* \* \*

Como qualquer boa festa, a festa na casa Hotchkiss permaneceu até as primeiras horas da manhã. Claramente Nolan tinha um acordo com os policiais, porque ninguém invadiu o lugar por causa das bebidas ou até mesmo lhes disse para cortar o barulho. Pouco depois

da meia-noite, algumas fotos da festa foram publicadas on-line: duas meninas se beijando no banheiro; a maior puritana da escola tirando uma foto de corpo inteiro em uma pose meio de lado; um dos maconheiros sorrindo de forma descuidada, segurando vários cupcakes no alto; e o anfitrião da festa desmaiado em um pufe Lovesac no andar de cima com algo escrito em seu rosto. Noitadas eram a especialidade de Nolan, afinal de contas.

Foliões desmaiaram no sofá ao ar livre, na rede que estava pendurada entre duas grandes árvores de vidoeiro na parte de trás do imóvel, e em formas de ziguezague no chão. Durante várias horas, a casa ficou quieta, o glacê do cupcake lentamente endurecendo, uma garrafa de vinho jogada de ponta cabeça sobre a pia, um guaxinim cavando através de alguns dos sacos de lixo que haviam sido deixados no quintal. Nem todo mundo acordou quando o garoto gritou. Nem mesmo quando esse alguém – um terceiranista chamado Miro – desceu as escadas correndo e gritando o que havia acontecido para o operador da emergência fez todos os jovens se mexer.

Foi só quando as ambulâncias soaram na entrada de automóveis, sirenes tocando, luzes piscando, walkie-talkies crepitando, que todos os olhos se abriram. A primeira coisa que todos viram foram os paramédicos em seus coletes refletores correndo para dentro. Miro apontou para o andar superior. Botas soaram na escada e, em seguida... esses mesmos paramédicos transportaram alguém para baixo. Alguém que estava com o rosto riscado. Alguém que estava mole e cinza.

O paramédico falou em seu rádio. – Nós temos um jovem de dezoito anos de idade, do sexo masculino, MNC.

*Aquele é Nolan?* todo mundo iria sussurrar em horror quando eles saíssem da casa, com uma terrível ressaca. *E... MNC? Morto na chegada?*

Na tarde de sábado, a notícia estava em toda parte. Os pais Hotchkiss voltaram de sua reunião de negócios em Los Angeles naquela noite para fazer o controle de danos, mas já era tarde demais

— a cidade inteira sabia que Nolan Hotchkiss caiu morto em sua festa, provavelmente de muita diversão. Rumores mais sombrios postularam que talvez ele tivesse a intenção de fazer isso. Beacon era notoriamente difícil para sua prole, afinal de contas, e talvez até mesmo o garoto de ouro Nolan Hotchkiss tinha sentido o calor.

\* \* \*

Quando Julie acordou sábado de manhã e ouviu a notícia, sua garganta se fechou. Ava pegou o telefone três vezes antes de falar para si mesma para soltá-lo. Mac olhou para o espaço por um longo, longo tempo, em seguida, explodiu em lágrimas silenciosas e quentes. E Caitlin, que queria Nolan morto há muito tempo, não pôde deixar de sentir pena de sua família, mesmo que ele houvesse destruído a dela. E Parker? Ela foi até o cais e olhou para a água, com o rosto escondido sob seu capuz. Sua cabeça latejava com uma enxaqueca que se aproximava.

Elas ligaram umas para as outras e falaram em sussurros tempestuosos. Elas sentiam-se terríveis, mas elas eram meninas inteligentes. Meninas lógicas. Nolan Hotchkiss foi embora; o ditador de Beacon Heights High não existia mais. Isso significava sem mais lágrimas. Sem mais bullying. Chega de viver com medo de que ele iria expor todos os seus segredos terríveis — de alguma forma, ele sabia de muitos. E de qualquer maneira, nem uma única pessoa tinha visto elas irem lá para cima com Nolan naquela noite — elas se certificaram disso. Ninguém jamais as conectaria a ele.

O problema, porém, era que alguém tinha visto. Alguém sabia o que elas tinham feito naquela noite, e muito mais.

E alguém iria fazê-las pagar.

Cinco Dias Depois

# Capítulo 1

Em uma manhã de quinta-feira ensolarada, Parker Duvall caminhava pelos corredores lotados de Beacon Heights High, uma escola que distribuía MacBooks como se eles fossem, bem, maçãs, e vangloriava-se pelas maiores pontuações no SAT<sup>[1]</sup> de todo o estado de Washington. Acima, uma faixa marrom e branca dizia PARABÉNS, BEACON HIGH! ELEITA A MELHOR ESCOLA SECUNDÁRIA DO NOROESTE DO PACÍFICO PELO QUINTO ANO CONSECUTIVO PELA REVISTA *U.S. NEWS & WORLD REPORT!* VAI PEIXE-ESPADA!

*Superem isso*, Parker queria gritar — embora ela não o tenha feito, porque isso parecia loucura, até mesmo para ela. Ela olhou ao redor do corredor. Um bando de meninas em suas saias de tênis estava reunido em torno de um espelho no armário, aplicando diligentemente gloss para lábios em seus rostos já impecavelmente maquiados. A poucos metros de distância, um rapaz em uma camisa de botão distribuía folhetos para as eleições para o governo estudantil, seu sorriso deslumbrantemente branco. Duas meninas saíram do auditório e passaram por Parker, uma delas dizendo, — Eu realmente espero que você ganhe esse papel se eu não ganhar. Você é tão talentosa!

Parker revirou os olhos. *Você não percebe que nada disso importa?* Todo mundo estava lutando por algo ou traçando seu caminho para o topo... e para quê? Uma melhor chance de ganhar uma bolsa de estudos perfeita? A melhor oportunidade para conseguir aquele estágio perfeito? Perfeito, perfeito, perfeito, vangloriação, vangloriação, vangloriação. É claro, Parker costumava ser assim. Não muito tempo atrás, Parker tinha sido popular, inteligente e orientada. Ela tinha um zilhão de amigos no Facebook e Instagram. Ela inventava eleições complicadas que todos participavam, e se ela aparecesse em uma festa, ela *fazia* o evento. Ela era convidada para

tudo, pedia para ser parte de cada clube. Caras a acompanhavam para a aula e pediam-lhe para ser sua acompanhante.

Mas, então, *aquilo* aconteceu, e a Parker que surgiu das cinzas um ano atrás usava o mesmo moletom com capuz todos os dias para esconder as cicatrizes que marcavam seu rosto que um dia já foi belo. Ela nunca ia para as festas. Ela não olhava o Facebook há meses, não podia se imaginar namorando, não tinha interesse em clubes. Nem uma única alma olhava para ela quando ela caminhava no corredor. Se ela recebia uma olhada, era de apreensão e cautela. *Não fale com ela. Ela está danificada. Ela é o que pode acontecer se você não for perfeito.*

Ela estava prestes a ir para a sala de aula de estudos de cinema quando alguém pegou o braço dela. — Parker. Você esqueceu?

Sua melhor — e única — amiga, Julie Redding, estava atrás dela. Ela parecia perfeitamente refinada em uma blusa branca, seu cabelo castanho-avermelhado brilhando e seus olhos redondos com preocupação.

— Esqueci o que? — Parker resmungou, puxando mais apertado o capuz sobre seu rosto.

— A reunião de hoje. É obrigatória.

Parker olhou para a amiga. Como se ela se importasse com *algo* obrigatório.

— Vamos. — Julie a conduziu ao fundo do corredor, e Parker a seguiu relutantemente. — Então, onde você esteve, afinal? — Julie sussurrou. — Eu mandei mensagens de texto por dois dias. Você estava doente?

Parker zombou. — Doente da vida. — Ela faltou a maioria das aulas desta semana. Ela simplesmente não tinha vontade de ir. O que ela tinha *feito* com seu tempo, ela não conseguia se lembrar — sua memória de curto prazo era uma coisa complicada nestes dias. — É contagioso, por isso, você pode querer manter distância.

Julie franziu o nariz. — E você estava fumando de novo? Você está com um cheiro repugnante.

Parker revirou os olhos. Sua amiga estava no modo que Parker sempre chamava de Mamãe Urso, feroz e protetora. Parker tinha que se manter se lembrando que isso era cativante, especialmente porque ninguém mais se importava se ela vivia ou morria. Julie era o único vestígio remanescente da antiga vida de Parker, e agora que Parker estava envolta em sombras, Julie era a nova Garota Popular de Beacon. Não que Parker invejasse seu título. Julie tinha seus próprios demônios para lutar; ela apenas exibia suas cicatrizes no interior.

Elas caminharam pelo corredor, passando por Randy, o zelador hippie, que estava trabalhando muito duro para manter a escola limpa em todos os momentos. O auditório estava à frente, e Julie abriu a pesada porta de madeira. O grande salão estava cheio de alunos, mas ela se sentiu estranhamente calma. Um monte de pessoas estava fungando. Algumas balançavam a cabeça. Algumas meninas se abraçavam. Assim que Parker viu a grande foto de Nolan no palco, sua pressão arterial caiu. As letras *DEP* estavam escritas em flores debaixo de sua foto.

Ela olhou para Julie, se sentindo enganada. Ela esperava que o memorial de Nolan já houvesse acontecido em um dos dias que ela faltou. — Eu vou dar o fora daqui — ela sussurrou, recuando.

Julie agarrou seu braço. — Por favor — ela insistiu. — Se você não ficar... bem, você sabe. Pode parecer estranho.

Parker mordeu o lábio. Era verdade. Depois do que aconteceu na festa de Nolan, elas não podiam se dar ao luxo de chamar a atenção para si mesmas.

Ela olhou para os assentos. Mackenzie Wright e Caitlin Martell-Lewis estavam sentadas algumas fileiras à frente. Ava Jalali estava do outro lado do corredor, sentada rigidamente ao lado de seu namorado. Elas olharam para cima e trocaram olhares com Julie e Parker. Embora todas elas estivessem tentando manter-se juntas, todas pareciam assustadas. Era estranho. Parker ainda mal as conhecia, mas sentia-se ligada a elas por toda a vida.

*Como vocês fariam isso? Se vocês fossem matá-lo, eu quero dizer?*

Parker se encolheu. As palavras de Ava daquele dia na aula de

filmografia flutuaram tão naturalmente em sua mente que era como se Ava estivesse bem ao seu lado, sussurrando em seu ouvido. Ela olhou para o palco novamente. O Sr. Obata, o diretor, estava folheando alguns slides para a apresentação que estava prestes a dar. Alguns eram fotos de Nolan ao longo dos anos – vencendo o campeonato estadual de lacrosse, sendo coroado rei do baile, conversando com seus amigos no refeitório. Até mesmo Parker estava em algumas delas, de quando ela e Nolan tinham sido amigos. Outros slides mostravam imagens genéricas de prescrição de comprimidos. Então isso também ia ter uma mensagem antidrogas, já que todos os rumores diziam que ele tinha tido acidentalmente uma overdose de OxyContin, a sua droga de escolha.

E então veio a surpresa: a foto de Nolan que Mackenzie tinha postado on-line logo após a festa, aquela com a escrita em seu rosto. A foto estava borrada em sua maioria, mas os comentários abaixo – um longo parágrafo dizendo ao mundo o quão horrível Nolan era – não estavam. Por isso, ia ser uma montagem de assédio moral, também.

A ironia das ironias, considerando que Nolan tinha sido o maior valentão de todos.

A memória de Parker começou a girar com pensamentos sobre Nolan. Subindo no carro com ele. Rindo de suas piadas sujas. Dirigindo rápido ao longo da estrada costeira para afugentar o medo. O sentimento brilhante deles bebendo quase uma garrafa inteira de vodca. E então, na noite que ele colocou OxyContin em sua bebida sem lhe dizer. Depois ele disse, *Isso não é incrível? Sem nenhum custo. É meu presente para você.*

Eles tinham sido amigos por anos, mas depois daquela noite, ele nunca mais falou com ela novamente. Ele fingiu que ela não existia. E entretanto, *era tudo culpa dele*. Se ele não tivesse dado a ela aquelas pílulas, as coisas seriam diferentes agora. Ela seria seu antigo eu. Sem danos. Linda, cheia de vida. Presente. *Perfeita*.

*Ele merece isso, ela se lembrou de dizer meros dias atrás. Todo mundo odeia ele. Eles apenas têm muito medo de admitir isso. Nós seríamos*

*heroínas.*

De repente, o mundo rodou sem firmeza. Um pico quente de dor disparou através da testa de Parker, passando como um relâmpago através de sua visão. Quando ela tentou se mover, seus músculos contraíram. Seus olhos se fecharam.

Julie cutucou-a para frente. — Vamos — ela sussurrou. — Nós temos que sentar. Temos de agir normalmente.

Outra onda de dor bateu na cabeça de Parker. Seus joelhos se dobraram. Ela teve tantas enxaquecas após o acidente que ela sabia que isso era o início de outra. Mas ela não podia tê-la aqui. Não no auditório na frente de todas essas pessoas.

Um gemido fraco saiu de seus lábios. Através da visão turva, ela pôde apenas distinguir a súbita preocupação no rosto de Julie. — Oh meu Deus — disse Julie, imediatamente parecendo reconhecer o que estava acontecendo. — Eu não percebi. Venha.

Julie puxou-a e levou-a para fora do auditório e para o canto da bilheteria acima. O ar cheirava a desinfetante de limão, e partículas de poeira rodava no ar. Cartazes para eventos forravam a janela da bilheteria — um panfleto para *Guys and Dolls*, outro do próximo concerto da Orquestra de Honras no Outono. Havia até mesmo um cartaz antigo com Parker nele, de quando ela atuou no segundo ano como Julieta.

Julie fez Parker se sentar. — Respire — disse ela em voz baixa. — É uma das ruins, não é?

— Eu estou bem — Parker conseguiu dizer, os punhos cerrados em seu cabelo loiro. Ela piscou algumas vezes, sua visão ficando clara. A dor diminuiu para uma dor incômoda, mas sua mente estava dispersa.

— Tem certeza? — perguntou Julie, ajoelhando-se ao lado dela. — Você quer que eu chame a enfermeira?

— Não — Parker resmungou. Ela deu um suspiro trêmulo. — Eu estou bem. É só uma dor de cabeça.

Julie apertou a mandíbula, enfiou a mão na bolsa e tirou o frasco

de aspirina que carregava apenas para esta ocasião. Ela entregou dois comprimidos para Parker, e Parker engoliu seco, sentindo os comprimidos ásperos ralarem contra os lados da garganta.

Julie esperou até que Parker houvesse tomado os comprimidos, então respirou. — Você já pensou mais sobre... falar com um terapeuta?

Parker recuou. — Isso de novo não.

— Estou falando sério. — Os olhos de Julie estavam implorando.  
— Parker, suas dores de cabeça estão piorando, e o estresse não ajuda. E com essa coisa de Nolan... bem, eu só estou preocupada com você.

— Terapeuta não. — Parker cruzou os braços sobre o peito. Ela se imaginou desnudando sua alma para um completo estranho enquanto ele olhava para ela e perguntava: “Bem, como você se sente sobre isso?” Como se ele realmente se importasse.

— Eu falei com alguém recentemente... sobre a minha mãe. — Julie baixou os olhos.

Parker virou sua cabeça para cima. — O quê? Quando?

— Semana passada. Eu ia mencionar isso, mas depois de tudo que aconteceu e... — ela parou.

Parker segurou o olhar de sua melhor amiga. Julie parecia tão esperançosa. Parker sabia que isso era difícil para sua melhor amiga, que ela estava diferente agora do que tinha sido antes. E Julie era tudo que lhe tinha sobrado. Ela não queria desapontá-la.

— Tudo bem — ela resmungou. — Mas não fique chateada se eu fugir depois de 10 minutos.

— Feito. — Os ombros de Julie relaxaram visivelmente. Ela deu a Parker um sorriso de gratidão sincero. — Mas você não vai. Eu acho que ele realmente poderia ajudá-la.

Parker levantou-se, acenou um adeus para Julie, e se dirigiu para a porta de saída. Ela, de repente, desesperadamente, precisava de um cigarro.

Ela caminhou em frente para o estacionamento para um lugar que ela chamava de Alameda, um bosque de árvores que ela e Nolan descobriram no segundo ano e fizeram o seu ponto de encontro de fumar. Ela sempre cheirava a chuva fresca e seiva. Aqui, Parker poderia ser ela mesma sob a capa de folhas — a Parker brava, a Parker louca, ou a Parker atormentada e danificada. Não importava. Ninguém nunca vinha aqui.

Ela pegou um cigarro e acendeu-o ansiosamente. Quando a nicotina atingiu sua corrente sanguínea, uma outra memória de Nolan a atingiu. Justo quando ele estava ficando tonto naquela noite em sua festa, ele olhou para ela, realmente olhou para ela, pela primeira vez desde o acidente. E tudo o que ele disse foi: *Eu sempre soube que você era uma vadia louca.*

Parker forçou seus olhos a se abrirem. *Não*, ela disse a si mesma. Ela *não* iria cair nesse buraco. Ela não iria reviver a semana passada. Ela iria seguir em frente e esquecer *tudo*.

— Olá.

Ela olhou para cima. Seu professor de filmografia, o Sr. Granger, estava à beira das árvores. Granger era um desses professores jovens, legais e de boa aparência que sempre sabia sobre as músicas atuais, olhavam para o outro lado quando os alunos mandavam mensagens na sala de aula, e falava sobre seu semestre em Paris, quando ele tinha bebido absinto e ficado com uma dançarina burlesca. Ele começou um clube de fotografia, onde os alunos desenvolveram fotos em preto e branco à moda antiga, e quase toda a população de estudantes do sexo feminino tinha se inscrito.

Raiva atravessou a pele de Parker. Ele não deveria saber sobre esse lugar. E ela estava com raiva dele por outras razões também. Ele tinha sido o único que os fez assistirem aquele filme maldito. Ele tinha sido o único a separá-los em grupos depois. Ele tinha sido o único a perguntar, *O assassinato é justificado, desde que a pessoa realmente, realmente mereça isso?*

Agora, Granger chegou mais perto, puxando um cigarro do seu próprio bolso, o que a surpreendeu. — Eu nunca imaginei que você

fosse uma fumante — ele disse em voz baixa, acendendo-o.

Parker deu uma tragada. Ela não sabia se ele estava brincando — ela parecia exatamente com uma fumante. — Eu tenho que ir — disse ela bruscamente, jogando o cigarro na grama e apagando-o com seu sapato.

Até mesmo a Alameda estava arruinada hoje. E quando ela voltou para a escola, ela sentiu mais uma enxaqueca penetrante chegando.

Talvez, ela pensou de repente, ir a um terapeuta fosse útil afinal. Talvez ele a ajudasse a bloquear todas essas memórias. Talvez ele fizesse algum tipo de hipnose até que ela não tivesse mais nenhum sentimento. Talvez ele pudesse corrigi-la.

Ou talvez, uma pequena voz na parte de trás de sua cabeça disse, o que ela fez com Nolan provasse que ela realmente *estava* arruinada além do reparo.

## Capítulo 2

Caitlin Martell-Lewis trocou de pé para pé no campo de futebol de Beacon Heights. O gramado bem cuidado parecia verde vívido contra as nuvens cinzentas que pairavam baixo no céu da tarde. Era como se o calor suave do outono tivesse sido sugado do ar durante a noite, deixando um frio úmido que cortava através das suas calças aquecidas. Caitlin sentiu o cheiro de grama recém-cortada e chuva iminente. Os cheiros de futebol.

— Certo, nós temos que ir pesado no ataque. — Caitlin esfregou as mãos, enquanto suas companheiras escutavam. — Megan e Gina, vocês duas ficam no meio-campo. Shannon, Sujatha, Katie e Dora, vocês ficam na defesa. Vocês vão ter que ficar alertas. O resto de nós ficaremos na frente.

— Nós vamos esmagar aqueles meninos. — Katie O'Malley olhou para a equipe adversária: o time de futebol dos meninos de Beacon. Hoje era a competição anual meninas-contra-meninos.

O treinador dos meninos, Marcus, e a treinadora das meninas, Leah — que eram, aliás, casados um com o outro — marchavam nos bastidores em blusões de futebol marrom e brancos idênticos. Caitlin olhou para a treinadora brevemente, em seguida, olhou para sua equipe. — Viking, você cuida do nosso gol, certo? Não deixe que esses bastardos marquem.

— Pode deixar — disse Vanessa Larson. Com quase um metro e oitenta, seu belíssimo e longo cabelo ruivo e as suas maçãs do rosto esculpidas, Vanessa, a Viking, também era a melhor amiga de Caitlin do time.

Então Ursula Winters, que normalmente jogava meio no centro, mas tinha assumido como atacante quando Caitlin ficou ferida, olhou para Caitlin duramente. — Você tem certeza que seu tornozelo está curado? Você não quer machucá-lo mais por voltar tão cedo.

Caitlin franziu a testa. — Eu estou bem — ela insistiu. Claro que Ursula não queria que Caitlin jogasse, ela queria tomar o lugar dela. Mas Caitlin *estava* bem... em maior parte. Ela teve uma entorse de tornozelo, mas ela tinha tratado ele com fisioterapia e doses ocasionais de OxyContin — o mesmo medicamento, na verdade, que supostamente Nolan teve uma overdose. E agora aqui estava ela, de volta ao campo depois de apenas três semanas. Ela tinha que provar para a treinadora que estava pronta para o grande jogo da competição em duas semanas. Vencer isso garantiria um ingresso para uma bolsa de estudos na Universidade de Washington, algo que ela estava trabalhando a vida inteira.

De repente, Caitlin sentiu dois braços fortes envolver seus ombros. — Te peguei — seu namorado, Josh Friday, murmurou em seu ouvido.

— Me solta — Caitlin murmurou bem-humorada, acotovelando-o.  
— Eu estou tentando me concentrar.

Josh riu. — Você é bonita quando está no modo de jogo. — Ele bateu os punhos com dois de seus amigos, Guy Kenwood e Timothy Burgess, que também vagueavam por ali.

— Ha-ha — Caitlin disse com uma risada, tentando não ficar irritada por Josh não estar levando o jogo a sério. — Vai ser menos bonito quando nós chutarmos seus traseiros.

Ela e Josh estavam juntos desde sempre. Seus pais tinham sido melhores amigos desde a faculdade — eles haviam ido nos casamentos uns dos outros e haviam se mudado para Beacon Heights ao mesmo tempo. Sibyl e Mary Ann, as duas mães de Caitlin, haviam adotado Caitlin na Coréia no mesmo ano que Michelle Friday deu à luz a Josh e, em seguida, quando elas voltaram para Seul poucos anos depois de adotar o irmão de Caitlin, Taylor, elas deixaram Caitlin com a família Friday durante dois meses. Havia fotos emolduradas nas duas casas de Caitlin e Josh segurando as mãos em um playground, ou com o rosto vermelho e chorando em um shopping no colo do Papai Noel. Tinha havido algumas partilhas de banheira quando eles eram crianças, também,

mas aquilo tinha sido banido por Josh e Caitlin, alegando que era estranho e repulsivo.

Ao longo dos anos, os Martell-Lewises e Fridays tiveram férias conjuntas e feriados, realizaram noites semanais de jogos de tabuleiro, tiveram churrascos no sábado à noite, e estavam sempre nos bastidores dos jogos de Josh e Caitlin. E agora Caitlin e Josh estavam ambos sendo cortejados pelos respectivos treinadores de futebol da Universidade de Washington... o que significava que a história de amor Martell-Lewis/Friday poderia continuar na faculdade. E então, se tudo corresse conforme o planejado, eles iriam se formar, casar e ter filhos Martell-Lewis Friday.

E esse plano era mais importante do que tudo. Josh e o futebol eram suas únicas constantes, as únicas coisas que a mantinha sã quando parecia que seu mundo estava desmoronando. Quando Taylor morreu, toda a sua família havia mudado. Ela era apenas a única filha, de repente, e a família que suas mães tinham trabalhado tão duro para criar estava desmoronando. Suas mães se mantinham fortes na frente dela, mas ela muitas vezes ouvia Sibyl chorar silenciosamente em seu quarto. Mary Ann olhava pela janela enquanto ela lavava a louça, como se ela olhasse por muito tempo, ela iria finalmente ver Taylor entrando para a sobremesa. As únicas vezes que suas mães pareciam com elas mesmas era no jantar com os Fridays ou torcendo para Caitlin no campo de futebol.

Shannon, que jogava na defesa esquerda, limpou a garganta, interrompendo os pensamentos de Caitlin. – Então, o quão estranho foi aquele memorial hoje? – perguntou ela, em voz baixa, olhando para o time das meninas e todos os meninos que vagueavam. – Eu acho que eu não fui a muitas coisas dessas com pessoas da nossa idade. – Então ela empalideceu e olhou para Caitlin. – Sinto muito, Caitlin. Eu não quis dizer...

Caitlin olhou para baixo. Ela não estava disposta a ter uma conversa sobre o seu irmão agora.

Sujatha, uma menina indiana magra que corria mais rápido do que qualquer uma na equipe, colocou as mãos nos quadris finos. –

Vocês realmente acham que ele cometeu suicídio?

– De jeito nenhum – Asher Collins, o goleiro dos meninos, interveio. – Aquele cara era muito vaidoso para se matar.

Marnie Wilson, que tinha um relacionamento vai-e-volta com Asher, olhou para ele. – Não é bom falar assim sobre alguém que está morto.

– Não se ele for um idiota – Ursula adicionou. Então, ela olhou diretamente para Caitlin. – Certo?

As bochechas de Caitlin avermelharam. Ela tinha ouvido algo sobre Nolan ter dispensado Ursula no ano passado – mas por outro lado, ele tinha dispensado a todas. Mas esse não era um rumor como o quanto *Caitlin* odiava Nolan. Ela limpou a garganta, olhando para Josh pedindo ajuda, mas ele estava ocupado brigando de brincadeira com Timothy.

– Eu me pergunto como é tomar Oxy demais – Ursula continuou.

Shannon fez uma careta. – Quanto ele tomou, afinal?

– O suficiente para matá-lo, eu acho – disse Ursula, ainda olhando para Caitlin.

De repente, Caitlin ouviu uma voz – *sua voz* – naquele dia na aula de filmografia algumas semanas antes. *Sabem como eu faria? Oxy. Todo mundo sabe que é a droga que ele usa.*

Ela desviou essa memória para longe.

Ursula deu de ombros. – Você acha que eles estão fazendo uma autópsia? Você já viu os shows na TV onde eles fazem isso? Eles são tão grosseiros. O legista, tipo, abrem as costelas com um alicate e *pesam* o coração em uma balança de frutas.

– Chega! – Caitlin disse bem alto. – Será que podemos nos concentrar? – Todo mundo ficou em silêncio.

Ninguém sabia o que rolou entre ela e Nolan na noite em que ele morreu, mas todos sabiam perfeitamente que tinha sido feita uma autópsia no seu irmão apenas seis meses antes – e que o irmão dela

foi morto por causa de Nolan Hotchkiss.

Josh tossiu desconfortavelmente, em seguida, agarrou o braço de Asher e guiou-o para longe. — Vamos falar de estratégia. Até mais, gente.

O apito soou. Caitlin enfrentou sua equipe, olhando para todas elas, exceto Ursula. — Tomem seus lugares — ela gritou, com a voz ainda um pouco instável. — Vamos chutar algumas bolas, meninas.

Elas se separaram e se moveram para a formação do outro lado dos meninos. Caitlin se sentia ansiosa e sem foco, seu corpo cheio de raiva reprimida. Quando o treinador Marcus soprou o apito para o pontapé inicial, ela disparou para a frente, sua velocidade surpreendendo até mesmo a si mesma.

O mundo além do campo tornou-se um borrão. Caitlin correu para a frente para tomar a bola, suas chuteiras rasgando no campo quando ela passou por Gina Pedalino. Os meninos, por outro lado, pareceram momentaneamente atordoados — Gabe Martinez, o melhor centroavante dos meninos, ainda não tinha se movido para tomar posse da bola que estava no meio do caminho para o gol. Caitlin sorriu. *É isso mesmo, idiotas*, ela pensou. *As meninas podem jogar melhor do que vocês pensam.*

Ela correu pelo campo. A bola voou entre os pés de suas companheiras de equipe, passando para trás e para a frente através das defensoras. Por uma fração de segundo, Rocky Davidson interceptou-a, mas Gina passou voando por ele, e roubou a bola de volta. Pingos gordos de chuva estavam começando a cair, seu ritmo lento no início e, em seguida, ganhando velocidade. Caitlin sentiu seu sangue cantando em suas veias, bombeando com o entusiasmo e a emoção do jogo.

De repente, a bola era dela, e ela percorreu ao longo da linha lateral, correndo em linha reta em direção ao gol dos meninos. Atrás dela, ela podia ouvir grunhidos de esforço, enquanto suas companheiras de equipe mantinham a defesa nas extremidades. Seu coração disparou. Mas, então, um borrão de marrom e branco atirou-se na frente dela. *Ursula*. Ela roubou a bola de Caitlin e correu em

direção à meta.

– O que diabos você está fazendo? – Caitlin gritou. – Estamos no mesmo time!

Mas Ursula apenas empurrou-a com o ombro. Raiva encheu o peito de Caitlin. Já era ruim o suficiente quando alguém roubava uma bola, ainda mais alguém do seu próprio time.

Um grito saiu de Caitlin de algum lugar profundo e frustrado, e ela esticou o pé para fazer sua companheira de equipe tropeçar.

– *Ai!* – Ursula gritou, caindo com força sobre a relva, seus membros se debatendo.

O apito soou. – Caitlin! – A técnica Leah gritou atrás dela.

Seu marido gritou também. – Cartão amarelo! – ele gritou, de pé sobre Ursula. – Você está bem?

Ursula estava respirando pesadamente e limpando a grama de seus joelhos. – Isso *dói* – ela lamentou.

A treinadora Leah estreitou os olhos para Caitlin. – O que está acontecendo com você? Isso é apenas uma *prática*. Eu entendo a sua necessidade de ser competitiva, mas não há desculpa para machucar alguém. Vá para os chuveiros.

– O quê? – Caitlin gritou, seu queixo caindo. – Você não viu ela roubando a bola?

– Estou falando sério. – A treinadora apontou para a escola. – Vá.

Todos estavam boquiabertos. Dois garotos cutucaram um ao outro. Josh olhou para ela interrogativamente. Caitlin exalou alto. – Tanto faz – ela disse, acenando com a mão e pisando fora do campo. Atrás dela, o apito soou novamente. Ursula, perfeitamente recuperada, tomou o lugar de Caitlin como atacante.

Caitlin arrastou-se ao longo da borda da escola, olhando para o seu reflexo nas longas janelas que davam para os campos; lá dentro estava o centro de informática, um espaço enorme cheio de máquinas modernas. O lugar onde seu irmão costumava ficar o

tempo todo.

Espontaneamente, uma imagem dele apareceu em sua mente. Taylor, baixo e magro até mesmo para um calouro, os óculos grandes demais para seu rosto, as bainhas de suas calças compridas demais se arrastando no chão. Ele tinha sido um garoto feliz — sempre inclinado sobre seu Nintendo DS ou lendo alguns romances enormes de fantasia.

Mas então ele tinha chegado ao ensino médio. Era uma coisa para Caitlin, uma menina bonita, atlética, que tinha duas mães adotivas. Mas era totalmente outra coisa para seu irmão idiota, um garoto coreano magro sem nenhum interesse em esportes, bebida ou popularidade — a moeda social de Beacon High. Nolan e seus amigos tinham comido Taylor vivo.

— Baby?

Ela virou-se. Josh tinha corrido atrás dela, seu curto cabelo liso escuro da chuva. — Ei — ele disse com cautela, como se ela fosse um animal potencialmente perigoso. — Você está bem? O que aconteceu lá atrás?

Caitlin apenas deu de ombros. — Eu estou bem. — Ela subiu a bolsa mais acima e tirou as chaves de um pequeno bolso na frente. — Eu não deveria deixar Ursula me atingir. — Ela acenou em direção ao campo. — Você deveria voltar. Continue jogando. Toda prática é um importante trampolim para a Universidade de Washington, não é?

Mas Josh manteve o ritmo. — Você vai para casa?

Caitlin lambeu os lábios. — Eu estou indo para o cemitério — disse ela, decidindo aquilo naquele exato momento. — Eu quero ver Taylor.

Ela não podia dizer com certeza, mas parecia que o rosto de Josh caiu por um breve segundo. Mas então ele deu um passo adiante, como o bom namorado que ele era. — Eu te levo.

\* \* \*

Vinte minutos depois, Josh e Caitlin estacionaram em uma vaga do Cemitério McAllister. Como eram lugares de descanso final, não era tão ruim, com uma vista para o lago; um monte de árvores velhas e belas; e pequenos e estranhos caminhos no jardim.

Mas quando Caitlin desfez o cinto de segurança e saiu do carro, Josh olhou para o seu telefone. — Merda. Eu acho que o recrutador da Universidade de Washington está me ligando.

Caitlin franziu a testa. — O telefone não está tocando.

Josh estava segurando o telefone de uma forma que ela não podia ver a tela. — Eu o deixei no silencioso. Eu tenho que atender. Vai lá.

Ele colocou o telefone no ouvido e disse alô. Caitlin observou-o por um momento, não tendo certeza se ele tinha realmente recebido uma ligação ou não. Mas será que Josh realmente inventaria um telefonema para não ter que entrar no cemitério com ela?

Ele odiava isso, no entanto. Ele veio apenas uma vez desde que Taylor morreu. Em todos os momentos depois disso, ele disse que estava ocupado... ou que as flores agravavam suas alergias... ou que estava muito chuvoso... ou qualquer outra desculpa que ele podia pensar. Caitlin pensou de novo no lampejo de — o que era aquilo, aborrecimento? — que tinha passado pelo rosto de Josh no campo de futebol, quando ela mencionou o nome de Taylor. Ele tinha bastante essa reação, se Caitlin fosse honesta consigo mesma. Mas ela não conseguia descobrir como perguntar o que ele estava sentindo — eles não tinham esse tipo de relacionamento. Antes de Taylor morrer, eles não precisavam. Mas agora ela desejava que ela pudesse falar com ele sobre isso. Pelo menos um *pouco*.

Josh disse mais algumas coisas para o telefone e, finalmente, Caitlin soltou os braços para os lados e atravessou o estacionamento sem ele. Ela poderia fazer a caminhada até o túmulo de seu irmão com os olhos vendados: vinte passos do carro, trinta e três passos à esquerda, e em seguida, para baixo do corredor ao lado de uma lápide com uma estátua de um pastor alemão em cima dela. Tommy Maroney, que morreu em uma idade apropriada de oitenta e cinco anos, tinha adestrado pastores alemães campeões.

E lá estava: TAYLOR ANTHONY MARTELL-LEWIS. Ele morreu dois dias depois de seu aniversário de quinze anos. — Oi — ela disse suavemente, fazendo uma pausa para limpar algumas folhas secas da sepultura. — Desculpe terem se passado duas semanas. Eu estive ocupada. E esse tornozelo louco me manteve incapacitada. — Ela ergueu a perna para ele ver.

Uma rajada de vento passou, jogando seu cabelo em seu rosto. Caitlin respirou. — Então, você já soube? — ela disse suavemente. — Quero dizer, quem sabe? Talvez você tenha... *visto* Nolan, onde quer que ele esteja agora. Embora eu realmente espere que não. — Ela olhou para seus dedos. — Olha, eu não sei o que você pode ver aí em cima, onde quer que você esteja, e talvez você tenha me visto... com ele... naquela noite. Mas eu fiz isso por você. Ele não podia escapar ileso disso.

Ela fez uma pausa, como sempre fazia, fingindo que Taylor, que era sempre tão atencioso e introspectivo, estava tomando um momento para absorver tudo. Então, ela limpou a garganta novamente. — Eu não me sinto mal pelo que aconteceu, no entanto. E eu não concordo com o que mamãe disse. Não foi o suficiente Nolan viver com o que aconteceu. Ele precisava pagar.

Se ele ainda pudesse falar, Caitlin tinha certeza que Taylor iria apoiar sua opinião de que o que aconteceu com Nolan era carma. Quando ela chegou em casa da prática um dia e encontrou um bilhete de suicídio na porta do quarto de Taylor, ela tinha sido pega de surpresa. Mais tarde, naquela mesma noite, Caitlin tinha ido ao seu quarto, que ainda cheirava a ele, e encontrou um diário pousado à vista na cama: *Morte Justificada é Melhor do que a Escola*, havia escrito. Ela abriu a primeira página. *17 de setembro: Alguém colocou um saco de cocô de cachorro no meu armário. Acho que foi N. 30 de Setembro: N e seus amigos roubaram minhas roupas durante a educação física e as enfiaram no vaso sanitário. Eu cheirei a água sanitária durante toda a tarde. 08 de outubro: As meninas riram de mim em biologia hoje. Acontece que alguém escreveu uma carta para Ryan Casey, a garota mais gostosa da minha classe, e assinou o meu nome nela.*

A pior parte foi que Caitlin não tinha visto isso acontecer... e eles frequentavam a mesma escola. Ela tinha estado muito ocupada com o futebol e com Josh para se preocupar. Taylor nunca veio a ela, também. Ele nunca se queixou durante os jantares de família ou nos fins de semana. Ele só... *suportou*, até que ele não aguentou mais.

Lágrimas quentes arderam em seus olhos. — Eu sinto muito — ela engasgou, encarando o túmulo de seu irmão, a culpa deslizando sobre ela de novo. — Eu gostaria de ter sabido. Eu queria que eu não tivesse sido tão egoísta.

— Cate?

Caitlin pulou e olhou para cima. Um cara alto em jeans skinny amarrotados e uma camiseta cinza estava caminhando em direção a ela. Por um momento, ela pensou que ele era Josh, mas então ela percebeu que ele era Jeremy Friday — o irmão mais novo de Josh.

— O-oi — ela disse. — O-o que você está fazendo aqui?

Jeremy deu um sorriso triste. — Provavelmente a mesma coisa que você.

Caitlin piscou. Certo. Jeremy e Taylor tinham sido amigos. Sempre que as famílias jantavam juntas, eles desapareciam e jogavam videogames por horas.

Jeremy se agachou ao lado da lápide de Taylor e posicionou uma pequena estatueta na parte superior. — Aí está, amigo — ele disse em voz baixa. Ele moveu-se para a parte de trás da lápide e arrancou mais algumas figuras do solo. Embora elas estivessem desbotadas e lamacentas, ele apoiou-as em pé ao lado da nova. Caitlin sempre se perguntava quem trazia essas figurinhas.

— Isso é um personagem de *Dragon Ball Z*? — ela disse.

Jeremy olhou para ela. — Como você sabe disso?

Ela sentiu seu rosto corar. — Eu posso ter visto um episódio ou cinquenta com Taylor. Só para lhe fazer companhia ou alguma coisa assim.

— Não é porque você realmente *gostava* — Jeremy brincou, com

um sorriso no rosto. — Sabe, não há problema em dizer que você gosta de anime. As histórias são surpreendentes. Muito melhor do que desenhos americanos.

— Concordo — Caitlin admitiu, lembrando o quanto ela costumava assistir os episódios com seu irmão. Eles sentavam no sofá juntos, compartilhando uma tigela de pipoca com parmesão e pimenta e discutindo sobre a máquina maluca que a personagem inventora Bulma construiu para eles. — Você ainda assiste? — perguntou ela.

— Claro, mas ele está disponível apenas online ou em DVD nos dias de hoje — disse Jeremy. Ele olhou para ela. — Se você estiver afim de assistir, eu estou dentro.

O rosto de Caitlin avermelhou novamente. — Oh, não. Está tudo bem.

Jeremy olhou para ela de maneira uniforme. — Eu entendo. Não é realmente a praia de Josh.

Caitlin abaixou a cabeça. Ela queria dizer a ele que ela não fazia tudo com Josh, mas isso não era verdade.

Ela olhou para Jeremy novamente. Suas feições se pareciam muito com as de Josh — ambos tinham os mesmos olhos castanhos mel, as mesmas maçãs do rosto altas, mas o rosto de Jeremy era mais acentuado, o queixo e o nariz mais pontiagudos. Os dois eram tão diferentes, Josh desportivo e Sr. Popular, Jeremy muito parecido com Taylor — quieto, introspectivo, mais para os livros do que para os esportes. Sempre que ela estava nos Fridays, ele sentava-se no final da mesa de jantar lendo, enquanto Josh e seus amigos jogavam *Madden*.

Era estranho. Quando eles eram crianças, Caitlin e Jeremy tinham compartilhado uma tenda no acampamento de férias e passaram horas juntos na parte de trás do carro jogando *I Spy*. Agora eles eram quase desconhecidos.

Ela limpou a garganta e olhou para as figuras de ação, e então para Jeremy. — Você vem muito aqui, hein?

Jeremy assentiu. — Eu tento vir toda semana.

Caitlin sentiu mais lágrimas correrem para seus olhos. — Sério?

— Claro que sim — disse Jeremy, empurrando as mãos nos bolsos. — Eu sinto falta dele. — Então, ele inclinou a cabeça para ela. — Você não deveria estar no futebol agora?

Caitlin baixou os ombros. — Eu irritei a treinadora. — Ela olhou para o túmulo do irmão novamente. — E então eu simplesmente precisava falar com ele.

— Eu conheço esse sentimento — disse Jeremy baixinho.

Ela engoliu em seco. — Às vezes eu não tenho certeza se algum dia vou superar isso, sabe.

Jeremy a olhou. — Talvez você não precise. E talvez esteja tudo bem não superar.

Foi a coisa mais perfeita que ele poderia ter dito a ela. Era o que ela sempre quis que Josh dissesse. — Obrigada — ela disse suavemente.

Jeremy pareceu surpreso. — Pelo quê?

Caitlin deu de ombros. — Por vir aqui. Por dizer oi para Taylor. Por entender.

— Bem. De nada. — Jeremy levantou-se e limpou suas calças. — Eu provavelmente deveria ir. — Caitlin balançou a cabeça, e antes que ela pudesse pensar demais, ela jogou os braços em volta de Jeremy e abraçou ele. Depois de um momento, ele a abraçou de volta. E enquanto ela estava lá, aquecida no seu abraço, ela percebeu que era a primeira vez desde que seu irmão morreu que ela não se sentia tão terrivelmente sozinha.

## Capítulo 3

No início da noite de quinta-feira, Mackenzie Wright, vestida com uma saia de retalhos com seu longo cabelo loiro indisciplinado preso por uma presilha para longe de seu rosto, estava sentada no banco do passageiro do carro de sua melhor amiga, Claire Coldwell, cantarolando a Sinfonia do Novo Mundo de Dvořák. A Sra. Rabinowitz, a maestra da Orquestra de Honras, insistiu que elas vivessem, respirassem e dormissem a sinfonia até o próximo concerto. Mackenzie distraidamente movia os dedos junto com a melodia, como se seu violoncelo estivesse bem ali na frente dela, em vez de enfiado no porta-malas do Ford Escape azul de Claire.

– Alôô? Terra para Mackenzie. – Claire acenou com a mão na frente dos óculos de Mackenzie.

Mackenzie se sacudiu para se concentrar, percebendo que Claire estava conversando com ela. – Oh, desculpe. Eu estou meio distraída hoje.

Claire olhou para Mac com simpatia, seus lábios perfeitamente rosas pressionados juntos. – Eu também – ela confidenciou. – A reunião sobre Nolan foi tão terrível. Eu não consigo esquecer que ele apenas... *se foi*.

Mackenzie olhou para fora da janela, olhando para os gramados muito verdes das casas passando. Nolan pode ter ido embora, mas havia lembranças dele em todos os lugares – fotos dele nas paredes, programas de notícias sobre “overdose acidental”, anúncios da manhã dizendo que seu funeral era no domingo, daqui a três dias. E essa reunião, *eca*. O diretor tinha mostrado as fotos do rosto riscado de Nolan que a própria Mac havia postado anonimamente em um cibercafé. Beacon High era ótima em tornar uma situação difícil ainda mais difícil, em fazer até mesmo uma reunião memorial ser intensa.

Mas o mais intenso eram as próprias memórias de Mackenzie

daquela noite. — Podemos mudar de assunto? — ela murmurou.

— Claro. Você já soube do seu dia de audição? — Claire disse.

A palavra audição enviou outra pontada de medo através do coração de Mackenzie como um caco de gelo. Claire estava falando sobre a audição de Juilliard. — Hum, sim. É na próxima sexta-feira. Às cinco horas da tarde.

— É mesmo? — Claire endireitou-se, sacudindo o cabelo encaracolado e curto até os ombros. Era um estilo que ficaria horrível em Mac, mas era adorável em Claire e a fazia parecer uma fada. Um pequeno sorriso apareceu no rosto de Claire. — Eu também. Só que eu sou às quatro. Logo antes de você, eu acho.

Gotas de suor apareceram na parte de trás do pescoço de Mackenzie. Mac e Claire tinham se conhecido há cinco anos em um acampamento de música para pré-escolares precoces e tinham sido inseparáveis desde então. Claire era super competitiva com Mackenzie, sempre competindo pela primeira cadeira ou impondo o que elas fariam toda sexta à noite, mas ela também era a única pessoa que Mackenzie ainda tinha em comum — com toda a pressão de ser perfeita em Beacon Heights High, muitas pessoas não podiam entender os sacrifícios que elas tinham que fazer pela música. Elas compartilhavam tudo: os meninos que elas tinham paixões secretas, que professores de música elas odiavam — e que, às vezes, elas não sentiam nem um pouco de vontade de tocar.

Agora ambas estavam competindo para conseguir uma vaga na Juilliard, embora a escola de artes nunca tivesse aceitado dois violoncelistas da mesma escola antes. O que provavelmente significava que não haveria espaço para as duas. E depois de tudo o que tinha acontecido com elas no ano passado, Mackenzie não tinha certeza se queria que houvesse.

— Chegamos. — Claire estacionou do lado de fora do Cupcake Kingdom, um local popular em Beacon Heights, à direita da praça da cidade. A chuva da tarde tinha diminuído, mas o asfalto ainda estava molhado e escorregadio, e as árvores e os postes gotejavam água para baixo da calçada. — Divirta-se no ensaio da banda.

– Obrigada pela carona – Mackenzie disse, abrindo a porta do banco de trás e cuidadosamente tirando a case do seu violoncelo. Seus pais haviam prometido comprar para ela um instrumento profissional de alta qualidade da Alemanha se ela entrasse em Juilliard – ela precisaria de um se ela fosse tocar com os profissionais, mas ela amava seu violoncelo atual. Ela conhecia cada pequeno arranhão e imperfeição da madeira de ácer brilhante, cada peculiaridade que ele tinha. Ela até deu-lhe um nome: Moomintroll.

– Sempre que precisar! – Claire gritou pela janela. – Diga a Blake que eu amo ele!

– Certo, eu digo – Mackenzie murmurou enquanto Claire acelerou.

Então, ela olhou para a janela do Cupcake Kingdom. E lá estava ele, limpando o balcão, parecendo sexy mesmo com um avental rosa e branco listrado. Blake Strustek, o motivo de Claire e Mac serem amigas-rivais.

Mac havia se tornado amiga de Blake no colegial e se juntado a banda dele, Black Lodge. Eles praticavam semanalmente, mas foi só no segundo ano que Mac percebeu que gostava dele mais do que só um amigo... embora ela não ter tido ideia do que fazer sobre isso. Ela ficava até tarde no ensaio da banda, deixava de fazer outras coisas para estar nos grupos de festivais de música de câmara dele e no acampamento de música ela permanecia perto dele em todas as oportunidades que tinha. A única pessoa que ela confessou sua paixão foi para Claire.

Foi por isso que foi um choque quando Claire chegou no ano passado durante a viagem de orquestra da Disneylândia. – Blake me beijou – ela anunciou sem fôlego. – Eu não quis beijá-lo de volta, porque eu sei que você também gosta dele.

– Também? – Mackenzie tinha ecoado, pensando em Blake com seus lábios grandes e curvados, seu cabelo grosso e desgrenhado. Seus olhos azuis e intensos e seus cílios longos. Mackenzie tinha gostado dele desde sempre, mas Claire nunca tinha mencionado que gostava dele também. Nunca.

– Eu vou apenas dizer a ele que não, certo? Que você gosta dele, e que mesmo que eu realmente, realmente também goste dele, seria estranho nós sairmos – Claire falou.

– Não! – Mackenzie tinha engasgado, mortificada. A única coisa pior do que Claire gostar de Blake era Blake saber que Mac gostava dele. – Está tudo bem... – ela disse pausadamente. – Você pode ficar com ele.

*É melhor assim, e você sabe disso*, Mackenzie disse a si mesma. Meninos eram uma distração do que realmente importava. Mas isso não significava que ela tinha perdoado Claire totalmente. Claire deveria ser sua melhor amiga, sua confidente. Claire deveria ter se dado conta do que estava fazendo.

Blake notou Mac e abriu a porta. – Oi. Você vem?

Ela apontou para o cupcake em seu torso. – Avental legal – ela brincou.

Blake zombou. – Ei. É preciso um homem seguro de si para usar um cupcake cor de rosa em seu peito. – Ele esticou os braços para trás do pescoço e começou a desamarrar. – Entre. Eu já estou fechando, e depois podemos começar.

Ela o seguiu para dentro da loja, que se assemelhava a um jogo de tabuleiro de Candy Land. As paredes eram pintadas com a cor rosa glitter. Havia quadros de cores brilhantes pendurados em todos os lugares com frases como DEIXE ELES COMEREM CUPCAKES! e A VIDA É DOCE! em fontes simples. Duas mesas bistrô vintage estavam sob castiçais de vidro fosco e um aroma amanteigado fez a boca dela salivar. No balcão de vidro, um punhado de belos cupcakes gelados estavam em longas filas. Todos os “sabores” tinham nomes como “The Fat Elvis” ou “The Cherry Bomb”. Os cupcakes eram pegos meticulosamente – parecia que eles tinham quase esgotado ao longo do dia, mas os que sobraram ainda pareciam esplêndidos.

– Cadê a sua irmã? – Mac perguntou quando Blake virou a placa de ABERTO para FECHADO. A irmã dele, Marion, tinha aberto essa loja no ano passado.

Blake revirou os olhos. — Tirou o dia de folga. Ela provavelmente está fazendo manicure e pedicure.

— Deixe-me adivinhar? Pintando de cor de rosa chiclete?

— Com certeza. — Marion era obcecada pela cor rosa — ela até tinha mechas rosas em seu cabelo.

Blake enrolou seu avental, atirou-o debaixo do balcão e sorriu ironicamente. — Lembra quando desafiamos ela a se vestir toda de preto?

Mac começou a rir. — Eu achei que ela ia ter um ataque.

— Bons tempos, Macks — Blake disse, usando o velho apelido que ele tinha dado para ela, mantendo seu olhar em Mac por um segundo. Ela empurrou os óculos de armação preta para cima de seu nariz e olhou para o chão, sentindo-se subitamente culpada. Essas lembranças com Blake foram *antes* de ele estar namorando Claire. Quando Blake ainda era todo dela.

Ele abriu a porta do fundo da loja. Mackenzie o seguiu através de uma cozinha industrial apertada preenchida com batedeiras e tigelas, e depois através de outro conjunto de portas duplas, uma sala de armazenamento de porte médio. Sacos enormes de farinha e açúcar, sacos de guardanapos, suporte de cupcake e pilhas de papel de recibo estavam empilhados nas prateleiras. No centro da sala havia espaço suficiente para uma bateria, duas cadeiras e um amplificador. O violino de Blake estava em cima de um armário de arquivos pequeno com a case aberta.

— Onde está o resto da banda? — ela perguntou, olhando em volta, como se os outros membros da banda pudessem estar se escondendo por trás das prateleiras.

Blake fez uma careta, contando nos dedos. — Javier está estudando em cima da hora para o SAT, Dave está reescrevendo a redação para Yale pela quinta vez e Warren tem, como ele mencionou “uma coisa com uma dama”, embora eu aposto que eles só estão estudando para um teste de química avançada juntos. — Ele revirou os olhos. — Então, somos só você e eu hoje à noite.

Mackenzie engoliu em seco. Ela e Blake... sozinhos? Isso não tinha acontecido desde que ele começou a namorar Claire.

Obrigando-se a agir normal, Mac sentou-se, e eles começaram a ver canção por canção da lista de músicas do próximo show. Havia alguns covers de Coldplay, Mumford & Sons, até mesmo um arranjo de Beyoncé, mas muitas das canções foram escritas pelo próprio Blake. Blake tinha saído da orquestra no início do primeiro ano, mas ele era mais talentoso musicalmente do que quase qualquer pessoa que ela conhecia.

Mac tocou, tentando trazer o zumbido inebriante que a atingia quando ela estava tocando. Era para isso que ela vivia: fazer música, *sentir* a música. Ela toca violoncelo desde que ela tinha quatro anos, quando seus pais tinham sentado para ouvir *Um Pequeno Guia Pessoal de Orquestra* e disse a ela para escolher o instrumento que ela queria aprender. Eles tinham um grande interesse, é claro: A mãe dela tocava flauta na Sinfonia de Seattle, e o pai dela era um pianista acompanhador profissional que havia trabalhado com Yo-Yo Ma, James Galway e Itzhak Perlman.

Mackenzie tinha escolhido o violoncelo, ela adorou os sons ricos e aconchegantes e o enorme alcance que o instrumento produzia. Quando ela estava focada, ela sentia como se ela fosse uma parte da música, seu instrumento uma extensão dela. Quando ela tocava, ela quase podia esquecer a prova importante de espanhol que ela ainda não tinha começado a estudar, ou a Audição com *A* maiúsculo, ou Nolan.

Quase.

Depois da primeira vez que ela viu Claire e Blake de mãos dadas no concerto da primavera, Mackenzie começou deliberadamente a evitar ambos — não que eles tenham notado. Ela havia se escondido na sala arejada de prática de sua família, tocando cada música de seu repertório. Seus pais ficaram animados com isso. Ninguém parecia notar o quão solitária ela estava.

E então, após uma semana de coração partido, Nolan Hotchkiss se aproximou dela no corredor. *Mackenzie, certo?* Ele havia dito.

*Isso mesmo*, ela respondeu timidamente.

Seu sorriso ficou mais amplo. *Você está bonita hoje*, ele disse. E então ele girou sobre seus calcanhares e se afastou.

*Nolan Hotchkiss*. O capitão do time de lacrosse, a primeira escolha para orador da turma. O bonito e confiante Nolan, com sua mandíbula forte e seu sorriso inebriante. Ele achou *Mac* bonita. De repente, Blake não parecia mais tão incrível. Aquele único comentário levou a uma conversa na hora do almoço... e, em seguida, mensagens... e, em seguida, um verdadeiro telefonema. Mac podia ter perdido Blake, mas talvez estivesse tudo bem. Talvez ela devesse ter visado algo maior o tempo todo?

Então, quando Nolan convidou-a para um encontro no Le Poisson, o restaurante mais extravagante de toda a Beacon Heights, e disse-lhe para “usar um vestido”, ela o fez.

Nolan foi tão encantador da primeira vez... e da segunda, também. E então, quando ele pediu as fotos, ela mal hesitou. Ela... *posou*... e, em seguida, ela enviou para o celular dele antes que ela pudesse pensar duas vezes. Não foi até que ele apareceu em sua porta no dia seguinte que ela percebeu que tinha sido enganada.

— Obrigado — ele disse, acenando para algo na frente de seu rosto. Eram as fotos, impressas em papel brilhante. A maior parte de seu corpo estava escondido atrás de seu violoncelo, mas era óbvio que ela estava nua. Mac olhou dele para seu carro; os amigos dele estavam pendurados para fora das janelas, rindo dela. Seu coração tinha parado.

— Eu só queria que você soubesse que você me fez ganhar uma aposta importante. — Nolan riu, em seguida, jogou algo para Mac — um maço de cédulas. Antes que ela pudesse se recuperar do choque, antes que ela pudesse jogar o dinheiro de volta para ele, ele riu novamente e caminhou de volta para seu carro com as fotos enfiadas em seu bolso de trás. Quando Mac voltou a si, ela queimou o dinheiro no quintal. E então ela chorou pelo que pareceram dias.

Não é à *toa* que ela queria vingança.

Quando ela terminou a peça e abriu os olhos de novo, Blake estava olhando para ela. — Isso foi... Uau.

Mac passou as mãos para baixo do comprimento de seu rosto, tentando mudar o foco. Ela estava tão perdida na música que ela tinha esquecido que Blake estava lá. Ela desviou o olhar, o olhar dele estava muito intenso, muito potente.

— Por que você sempre faz isso? — ele perguntou.

Ela olhou para ele novamente. — O quê?

— Olha para longe. Se esconde. — Ele estava olhando para ela de perto agora, seus olhos tinha uma cor azul penetrante. — É tão estranho. Quando você toca, você parece... tão confiante. Como se nada pudesse te intimidar. Mas depois que você para, você fica quieta e escondida. É como se você guardasse o melhor de si mesma para a sua música.

A cor rosa encheu suas bochechas, seu coração batia forte em seu peito. — Eu não estou escondendo nada.

— Não? — Ele estendeu a mão para ela e cuidadosamente tirou seus óculos, dobrando suas pernas e colocando-os em cima do amplificador. Ela piscou os olhos, o mundo turvo sem suas lentes — mas Blake estava tão perto que ela podia vê-lo perfeitamente. Seus olhos se moviam lentamente em suas feições, como se estivesse guardando em sua memória.

— Você sabe o quão bonita você é quando você toca? — Então, para sua surpresa, seus lábios estavam nos dela, suaves, mas insistentes.

Por um momento, ela ficou sentada imóvel, confusa demais para reagir. Blake tinha um pouco de gosto de chocolate e manteiga de amendoim, seu queixo barbado levemente arranhando contra seu queixo. Mac sabia que ela tinha que fazer alguma coisa, acabar com isso, mas logo tudo desapareceu: seu nervosismo, suas preocupações, o que aconteceu com Nolan. Isso apenas pareceu... certo.

Foi quando uma música da Feist irrompeu do celular dele. Mac

sabia o motivo do toque: Era a música favorita de Claire. Ela afastou-se rapidamente com as bochechas vermelhas.

Blake se afastou, também, uma expressão de culpa cruzando seu rosto. — Droga.

Ele atravessou inquieto a porta da cozinha, mas não antes que ela pudesse ouvi-lo dizer: — Ei, baby, o que foi?

Mackenzie ficou sentada congelada, seus lábios ainda com o gosto de manteiga de amendoim. Ela se contorceu, como se Claire pudesse vê-la através do celular. Como se Claire *soubesse*.

Ela se levantou, pegou suas coisas, e saiu da loja de cupcake antes que Blake pudesse impedi-la. Ela bateu a porta da frente e os sinos tilintaram. Assim que ela estava do lado de fora, a chuva cobriu seu rosto e ela percebeu a enormidade do que ela tinha feito.

Ela beijou o namorado de sua melhor amiga. E ela gostou.

## Capítulo 4

Ava Jalali deslizou em sua mesa na sala filmografia assim que o sino tocou para o quarto período na sexta-feira. Ela geralmente chegava elegantemente atrasada para as aulas, mas ela tinha muita coisa em sua mente esta semana, o que era pior do que o habitual.

– Bem em cima da hora, Senhorita Jalali – o Sr. Granger disse, mas ela sabia que ele estava brincando. O Sr. Granger era um dos professores mais jovens da escola, apenas um ano ou mais além da faculdade. Ele não conseguia nem sequer fingir que tinha um ar autoritário quando seus alunos eram apenas cinco anos mais jovens do que ele.

Ava deu seu sorriso de mil watts para seu professor. – Desculpe, Sr. Granger. Emergência com a máquina de vendas. As balas Sour Patch Kids estão de volta em estoque, pessoal!

A onda de risadas atravessou a sala de aula. O namorado dela, Alex, se virou do assento em frente a ela e piscou. Um professor diferente poderia ter se irritado, mas era o que Ava gostava no Sr. Granger – e por que ela sabia que poderia se safar fazendo isso. Ele apenas deu um sorriso seco.

– Bem, agora que a nossa crise de escassez de doces acabou, podemos nos concentrar no que estamos aqui para fazer. – O Sr. Granger pegou um pedaço de giz e começou a escrever em uma caligrafia desleixada no quadro-negro: MORALIDADE E ÉTICA EM FILME POLICIAL. – Vamos começar uma nova atividade hoje.

Ava abriu seu caderno em uma página em branco e preparou sua caneta para fazer anotações, pronta para pensar em outra coisa que não seja Nolan. A foto dele estava colada em cada centímetro dos corredores, e ela mal tinha aparecido na reunião de ontem. Filmografia avançada era sua aula favorita – ela originalmente tinha se matriculado porque parecia fácil ganhar um A e ela teria a chance de assistir filmes durante todo o semestre, mas ela acabou

realmente gostando dos filmes clássicos que eles assistiam. Até agora, eles falaram sobre as representações das mulheres nos filmes de monstros antigos, o modo que o Pernalonga era usado como propaganda Americana na época da II Guerra Mundial e identidade e trauma em filmes de suspenses psicológicos. Havia tanta coisa para aprender. Sob a superfície chamativa e glamourosa de um simples filme com pipoca, havia profundidades muitas vezes ocultas no significado.

*Assim como com ela, ela pensou.*

Ava nem sempre tinha levado a escola a sério. Em seu primeiro ano, ela havia achado que estudar era para perdedores. Nerds. Geeks. Feios. Ava era linda, e ela sabia disso. Metade iraniana e metade irlandesa, ela tinha olhos amendoados impressionantes, pele cor de caramelo suave, e uma silhueta com pernas compridas e curvas impressionantes. Ela até mesmo trabalhou em algumas sessões de modelagem, posando para uma empresa de maquiagem de luxo com sede em Seattle e dançando em jeans apertados para uma campanha publicitária de uma loja de departamentos. Quem se importava se ela entrasse em Yale ou Stanford – talvez ela nem precisasse ir para a faculdade.

A mãe dela tinha morrido, atropelada por um motorista bêbado em uma noite a caminho de casa vindo do campus. Sua mãe sempre tinha insistido que Ava era mais inteligente do que mostrava seus boletins. Toda vez que Ava trazia para casa outra nota ruim de provas, a mãe de Ava a defendia do seu pai: “Ela está tentando descobrir quem ela é, Firouz. Ela tem, obviamente, um grande modelo de como ser brilhante” – ela apontou para si mesma ironicamente – “mas ninguém por aqui pode mostrar a ela como ser brilhante e bonita ao mesmo tempo. Isso é um fardo que só ela pode suportar. – O pai de Ava ria, e a tempestade passava.

No vazio após a morte de sua mãe, Ava se viu querendo estudar pela primeira vez. E acabou mostrando que sua mãe estava certa – ela era inteligente. Seu pai notou a mudança em seu comportamento e sua média de notas, e constantemente lhe dizia o quanto estava

orgulhoso. Os professores começaram a levá-la a sério.

Isto é, até que Nolan Hotchkiss jogou todos os seus esforços duramente conquistados por água abaixo.

– O gênero policial mudou dezenas de vezes ao longo dos anos, sempre se transformando para fornecer um comentário sobre a postura moral que os americanos tomam em qualquer momento. – A voz do Sr. Granger trouxe Ava de volta ao presente. – Um monte de filmes policiais investigam a ideia de uma zona cinzenta<sup>[2]</sup> da moralidade, onde os heróis seriam desafiados a se comportar como criminosos e vice-versa. Algumas pessoas adoram estes filmes sobre crime, e algumas pessoas odeiam.

Ava olhou para suas anotações. Ela tinha escrito as palavras *heróis*, *criminosos* e *ódio*. Ela percebeu com uma sensação de que o *ódio* que ela tinha escrito parecia muito semelhante ao *ódio* que ela escreveu no rosto de Nolan no último fim de semana, a foto que era destaque nos jornais, noticiários e blogs em todo o país. Ela rapidamente virou uma nova página antes que alguém pudesse perceber.

– Agora, antes de continuarmos, eu vou devolver seus testes sobre *O Caso dos Dez Negrinhos*.

Todos na classe se sentaram em estado de alerta, como a maioria das crianças faziam quando os professores iam devolver um trabalho ou uma prova. Ava sabia que, nos próximos momentos, haveria enormes sorrisos... e algumas lágrimas também. Sim, até mesmo uma aula de filmografia importava. *Cada* nota importava em Beacon.

– Alguns de vocês se saíram muito bem – o Sr. Granger murmurou, tirando um papel na pilha. Ava tinha certeza que o Sr. Granger olhou diretamente para ela quando disse isso, e ela sentou-se um pouco mais ereta na cadeira. – Alguns de vocês, no entanto, precisam ser desafiados. As questões morais que este filme exige são complicadas e talvez até um pouco revolucionárias. Eu gostaria de ver vocês realmente argumentando nesta próxima atividade. – O Sr. Granger pegou uma pilha de papéis de sua mesa e começou a se

mover ao redor da sala.

Quando chegou em sua fila, o Sr. Granger colocou seu papel virado para baixo sobre a mesa. Ava virou-o, ansiosa para ver sua nota — e engasgou com o C vermelho brilhante rabiscado na parte superior.

Um C? Ela não podia acreditar. Ela se esforçava muito nesta aula, assistia entrevistas longas com os diretores e lia artigos online de teorias dos filmes. Seus trabalhos sobre os primeiros filmes que eles assistiram, *Psicose* e *Vertigo*, tinha lhe rendido notas As. Mas por outro lado, ela tinha escrito o trabalho sobre *O Caso dos Dez Negrinhos* depois da discussão com o grupo misterioso na sala de aula — e depois de atrair Nolan ao andar de cima de sua festa. Ela lembrou-se do peso de seu corpo quando ele se inclinou sobre ela, o cheiro de cerveja em seu hálito, enquanto ele tentava beijá-la de forma descuidada. No momento em que seus músculos tinham ficado frouxos...

Ela balançou a cabeça. A última coisa que ela queria fazer era pensar em Nolan, no filme ou no que ela tinha feito.

— Como você se saiu?

Ela olhou para cima e viu Alex, seu braço estava descansando na parte traseira do assento. Sua expressão mudou rapidamente quando viu que ela estava chateada.

— Hum, não tão bem — ela murmurou.

— Está tudo bem. Talvez ele deixe você refazer. Podemos assistir ao filme novamente juntos.

— Não — Ava disse rapidamente, em seguida, fez uma careta para o lampejo de mágoa em seus olhos castanhos quentes. Ela só não queria ver esse filme novamente, não importava o quê. — Desculpe, eu só...

— Senhorita Jalali, se você não se importa, temos mais coisas para abranger. — O Sr. Granger estava observando os dois com uma carranca. Alex rapidamente se virou para encarar a frente.

Ava mal ouviu o resto da palestra. Ela passou as páginas de seu

trabalho, olhando para a tinta vermelha das margens. *O que você está querendo dizer?* O Sr. Granger tinha escrito ao lado de um parágrafo. *Esse argumento não se sustenta*, estava escrito ao lado de outro. Ela se sentiu arrasada. Havia tanto tempo desde que ela tinha tirado um C. A nota quase a fez se sentir suja, e ela enfiou o papel em sua bolsa Hervé Chapelier, não querendo mais olhar para ele.

Finalmente, o sinal tocou para o almoço. — Nós vamos formar novos grupos para esta próxima atividade — o Sr. Granger gritou sobre o burburinho de pessoas se levantando e começando a arrumar suas coisas. — Preparem-se para um novo projeto na próxima semana.

*Graças a Deus*, Ava pensou, olhando para cima e vendo seu alívio espelhado nos rostos dos outros membros do grupo *O Caso dos Dez Negrinhos*. Julie respirou fundo. Mackenzie tamborilava os dedos contra a mesa. Ava desviou o olhar. Ela não tinha nada contra nenhuma dessas meninas. Ela só queria colocar todo esse projeto — e o que ele tinha causado — de lado. Ela sabia que era injusto, mas se não tivesse sido aquelas meninas e aquela conversa, tudo seria diferente. Ela não teria tirado um C. Ela não iria ser atormentada pela culpa.

E Nolan, talvez, não estivesse morto.

## Capítulo 5

Sexta à noite, Julie Redding caminhou até a casa de Matthew Hill. Embora a casa fosse grande e imponente, e bem abastecida com cerveja e petiscos típicos de festa, nem sequer se comparava com a festa de Nolan Hotchkiss na semana passada.

Julie estremeceu, memórias sombrias flutuando de volta para ela. Mas ela afastou-as rapidamente. Ela definitivamente não queria pensar em Nolan agora.

Ela empurrou o portão do pátio traseiro, sentindo o mesmo zumbido no peito que ela sentia antes de cada festa. *Vai ficar tudo ok? E se alguém ver através de mim? E se alguém descobrir?* Então ela fez o que sempre fez, um truque calmante que tinha lido há anos em um livro chamado *O Guia Do Mestre Zen Para Se Acalmar*: Ela contou, respirou, tentou acalmar sua mente. *Um. Dois. Três. Quatro. Cinco.* Em seguida, ela balançou as mãos, respirou fundo e colocou o sorriso mais brilhante no rosto. O sorriso de festas. O sorriso eu-sou-Julie-e-todos-me-amam.

Havia a batida pesada de uma música eletrônica pulsante, acentuada por risadas e gritinhos. A fonte de pedra já estava cheia de copos descartáveis vermelho, juntamente com o iPhone de alguém. Um casal estava sentado em cadeiras de gramado conversando intensamente, a fumaça de seus cigarros de cravo em torno deles. Quando as pessoas viram Julie, eles acenaram com seus rostos iluminados.

– Você está maravilhosa! – Renata Thomas balbuciou, uma menina muito magra que era capitã da equipe de ginástica.

– Jules! – Helene Robinson, da aula de química, disse, dando-lhe um grande abraço. Três outras meninas abraçaram-na em seguida. Ela inalou seus cabelos com cheiro de fruta e aceitou seus apertos amorosos. Nesse momento ela tinha acabado de entrar na casa, parecia que toda a festa a tinha cumprimentado.

O pulso de Julie começou a desacelerar. É claro que ia ficar tudo bem. Ela não precisa se preocupar. Ninguém ia descobrir todas as coisas que ela escondia. Todo mundo a *adorava*, e ia continuar desse jeito.

Logo cedo ela tinha aprendido a fazer as pessoas admirarem ela. Isso veio a calhar com o passar dos anos — porque se eles estivessem ocupados percebendo o quão divertida ela era, o quão elegante ela estava, o quão doce ela era, eles não teriam tempo para perceber que havia algumas coisas sobre ela que eram um pouco... desestabilizado. Como o fato de que ela nunca levou ninguém para a casa dela. Como o fato de que as pessoas nem sequer sabiam onde ela morava. Mas isso não importava, porque Julie era uma abelha rainha benevolente, ao contrário de muitos dos estudantes ricos e esnobes da Beacon Heights High. Ela tornou fácil para as pessoas gostarem dela — e assim eles o fizeram.

— Oh meu Deus, Julie! — uma voz gritou, interrompendo Julie de seus pensamentos. — Nós estamos parecendo gêmeas! Que loucura é essa?

Julie olhou para os olhos de Ashley Ferguson, uma terceiranista da Beacon e a única pessoa que ela achava muito, *muito* difícil de bancar a legal.

Pelo menos, Julie *pensou* que era Ashley — estranhamente, era como se ela estivesse olhando em um espelho. As duas meninas eram quase da mesma altura e peso, e Ashley recentemente tinha tingido o cabelo de ruivo quase no exato tom de Julie. Ela também usava a mesma sombra reluzente marrom cor de nozes nas pálpebras e o mesmo gloss neutro nos lábios. E hoje à noite — como, Julie não tinha ideia — ela estava usando o mesmo vestido BCBG que Julie estava usando. Seus sapatos eram diferentes — Ashley usava Jimmy Choo, enquanto Julie usava um par de sandálias Nine West que ela tinha conseguido na promoção.

Não era incomum as meninas copiarem o estilo de Julie. Se Julie usava esmalte azul brilhoso numa sexta-feira, na segunda-feira metade da escola estaria usando também. Normalmente, isso a fazia

se sentir especial e poderosa, mas com Ashley, Julie achou que parecia o filme *Mulher Solteira Procura*. A menina se esforçava *tanto*. Era embaraçoso. Se ela dissesse a seu terapeuta, Elliot Fielder, sobre isso, ele provavelmente diria que Ashley era o que Julie temia que ela se tornaria se seu segredo vazasse: imitadora, idiota, *desesperada*.

Ela se perguntava se Parker via Julie assim. Quando Julie mudou-se para Beacon Heights na sexta série, ela percebeu imediatamente que Parker – loira, pele clara e destemida – era a amiga que ela precisava ter. Demorou algumas semanas, mas Julie achou o caminho para o grupo de Parker, e logo ela se tornou a melhor amiga de Parker. As duas eram igualmente belas e extrovertidas, parceiras naturais no crime do topo da pirâmide da popularidade. E embora elas conversassem depois da escola diariamente e, embora Julie tenha passado muitas noites na casa de Parker, Parker nunca tinha ido à casa dela. Julie tinha dito que era porque a mãe dela era super rigorosa. Felizmente, Parker não tinha questionado isso.

Mas, então, em uma noite aconteceu algo com Parker. Na noite que manter seu segredo quase custou a vida de Parker. Depois disso, elas começaram a ser honestas uma com a outra.

Ashley ainda estava olhando para Julie ansiosamente. – Uh, que loucura – Julie finalmente disse categoricamente, fingindo olhar para algo em seu celular. Justamente quando ela estava a ponto de não ser mais amigável.

– Alerta vermelho – Nyssa Frankel sussurrou, agarrou-a pelo braço e puxou-a para a esquerda. – Vou tirar você daqui antes que essa psico corte seu cabelo e cole na cabeça dela, ok?

Julie riu e deixou Nyssa afastá-la. Ela olhou para Ashley sobre seu ombro; ela estava ali de pé, franzindo a testa, claramente consciente de que tinha sido humilhada.

– Eu gostaria que ela encontrasse outra pessoa para copiar – Julie murmurou no ouvido de Nyssa quando elas voltaram para fora.

Nyssa acendeu um cigarro, e o cheiro de tabaco flutuou no ar. – Oh, roubar o estilo é a maior forma de elogio – ela disse enquanto

exalava, sacudindo seus cachos castanhos. Ela ofereceu a Julie uma tragada, mas Julie balançou a cabeça. – De qualquer forma, todo mundo sabe que ela é uma perdedora. – Nyssa apertou o braço de Julie. – Quer que eu coloque uma foto feia dela no Instagram? Ou comece um rumor sobre ela?

– Não, tudo bem – Julie disse, mas ela apreciava que Nyssa estivesse apoiando ela. Desde que Parker tinha deixado de ser Parker, Nyssa tinha se tornado a segunda de Julie no comando.

Nyssa olhou em volta com as mãos nos quadris. – Este lugar está insano, hein?

– E muito – Julie respondeu. Através das janelas do chão ao teto, ela podia ver um grupo dançando descontroladamente na sala, pulando para cima e para baixo no ritmo da música. Um menino em uma camisa do time Seahawks estava dando uma chave de pescoço em outro cara enquanto ambos riam. Um vaso de lírio estava quebrado no pátio coberto, e as pessoas tinham, obviamente, pisado em cima da terra derramada, formando caminho para dentro de casa. James Wong, Zev Schaeffer e Karen Little estavam jogando *Quarters* em uma mesa desdobrável no quintal.

– Todo mundo veio esta noite – Nyssa murmurou, abrindo caminho a cotoveladas através de um grupo. Julie olhou em volta, vendo Ava, parecendo uma modelo perfeita, segurando firme a mão de Alex. Caitlin estava aqui, usando um vestido simples listrado e seu cabelo preto brilhante puxado em um rabo de cavalo, rindo com algumas meninas de seu time de futebol. Até mesmo Mackenzie estava aqui com sua amiga Claire e o namorado de Claire, Blake. Mas nem todo mundo estava aqui. Nolan não estava. E nem Parker.

Julie não tinha realmente pensado que Parker viria. Era incrível que ela tivesse aparecido na festa da casa de Nolan – mas por outro lado, não foi porque ela quis se socializar. Ela sentiu uma pontada. Parker tinha passado por tanta coisa – é claro que ela tinha mudado, e é claro que ela estava tendo dificuldade de se ajustar. E depois do que aconteceu com Nolan, Parker parecia mais atormentada do que nunca.

Jessa Cooper e Will Mika, dois dos editores de jornais, estavam ao lado de Julie e Nyssa, falando em voz baixa. – Você ainda pode encontrar online, se você procurar o suficiente – Will sussurrou.

– Então, você realmente viu as fotos? – Os olhos de Jessa estavam arregalados. – De Nolan morto? – O estômago de Julie revirou. Ela sabia de quais fotos eles estavam falando.

Will deu de ombros. – Um monte de gente viu.

Julie limpou a garganta. – Como você sabe que ele estava realmente morto quando essas fotos foram tiradas?

Ambos se viraram para ela. Suas expressões se tornaram reverentes e respeitadas, ela era Julie Redding, afinal de contas, e eles eram terceiranistas. – Uh, eu acho que eu não tenho certeza – Will admitiu. – Mas, quero dizer, por que mais a demanda escolar iria esconder as fotos?

– Talvez porque Nolan tenha *merda* escrito nele? – Jessa interrompeu. – Eu queria saber quem escreveu essas coisas no rosto dele.

Nyssa bufou. – Eu aposto em Mark Brody – ela disse, referindo-se ao amigo de Nolan do time de lacrosse. – Os caras não fazem sempre essas brincadeiras estúpidas uns com os outros?

O coração de Julie estava batendo rápido. *Ela* sabia quem tinha escrito aquilo em Nolan, e não foi Mark. Ela se virou e imediatamente colidiu em alguém. Cerveja gelada derramou em seus sapatos. Julie gritou, saltando para longe.

Julie virou-se e viu-se cara a cara com Carson Wells, o novo garoto da Austrália. Ele era um mistério para todos da Beacon. O único fato verificável era que ele era lindo de morrer, tinha a pele cor de café, a cabeça totalmente raspada, os olhos verde-oliva e um sotaque de matar.

– Eu sinto muito – ele disse.

– Está tudo bem – Julie arfou, e Carson procurou por alguns guardanapos e começou a limpar os sapatos de Julie. – Oh meu Deus – Julie disse, de repente envergonhada. – Não se preocupe

com isso. Quase não sujou.

– Tem certeza? – Carson se levantou novamente. Seus olhos ainda estavam arrependidos. – Você é Julie, certo?

– Isso mesmo – Julie disse em voz baixa.

– Eu sou Carson – ele disse. Então olhou para o copo de cerveja agora vazio. – Eu acho que tenho que encher, hein? Posso encher o seu também?

Julie sentiu suas bochechas queimarem. – Eu acho que seria o mínimo que você poderia fazer.

Eles caminharam até a parte de trás da fila do barril, que começava na sala e terminava perto do banheiro. Música soava, e uma enorme televisão de tela plana estava ligada, mas sem som.

– Então esta é a sua primeira festa da Beacon? – Julie perguntou.

Carson balançou a cabeça. – Na verdade, foi a da última semana. A de Nolan.

– Oh. – Julie olhou para baixo. Ela não tinha notado Carson lá – é claro, ela tinha outras coisas em mente. – Não foi um grande começo de ano, infelizmente.

– É verdade. – Carson enfiou as mãos nos bolsos. – Eu deveria ter ficado com a minha noite planejada de chá de camomila e romances da Jane Austen.

– Certo. – Julie riu. – Então, você gostou daqui até agora? – Ela quase se deu um tapa na testa logo quando disse isso. *Essa pergunta a avó dela podia fazer!*

– Não é muito ruim – Carson disse. – Além do fato de que a primeira pergunta que a maioria das pessoas me fazem é qual a minha nota no SAT e quantas aulas avançadas eu peguei, ou, quando eu digo que eu sou um corredor, qual o meu recorde.

Julie riu. – Eu lhe apresento Beacon High.

Carson fez uma careta. – E o tempo é horrível. Eu não sei como eu vou passar seis meses de chuva.

– Imagine nove – ela disse com uma risada. – Sim, isso me irrita, também. Eu morava na Califórnia.

– Você morava na Califórnia? – Ele se animou. – Cara, eu adoraria morar lá. Meu pai quase conseguiu um emprego na Universidade do Sul da Califórnia, mas a Universidade de Washington ofereceu uma oferta melhor. Eu fiquei chateado no começo. Mas está tudo bem. Se eu estivesse na Califórnia, eu não estaria aqui conversando com você. – Ele sorriu. – Por que você se mudou?

– Uh, por causa da família – ela disse vagamente. – Minha mãe queria estar mais perto da minha avó. – Era parcialmente verdade, afinal. – Ela faleceu – ela acrescentou, em caso de Carson perguntar se elas ainda se viam.

– Lamento ouvir isso. – A voz de Carson era gentil.

A garganta de Julie começou a coçar, o que sempre acontecia quando ela mentia. Ela se perguntava o que ele diria se ela lhe dissesse a verdade: que elas *tiveram* que se mudar. Que o pai dela as havia abandonado anos atrás. Que até mesmo a avó dela não conseguiu lidar com a mãe dela.

Era por isso que ela nunca teve um namorado. Ela podia se safar de não contar a sua amiga sobre sua vida em casa, mas um namorado seria uma história diferente. Haveria perguntas que ela não poderia responder, a mãe dela nunca poderia lidar com a parte de “conhecer os pais”. Só Parker sabia a verdade sobre a mãe de Julie, e Julie só tinha dito a ela após o acidente. Até então, ficou claro que a vida na casa de Parker era pior – e mais perigosa – do que a de Julie. Agora Parker tinha sua própria chave da casa de Julie, e ela protegia o segredo de Julie ferozmente. “Vou levar até a sepultura” Parker tinha jurado, e Julie não podia se imaginar confiando em alguém como ela confiava em Parker. Algum dia, talvez na faculdade, quando ela conseguisse dar o fora daqui e estivesse sozinha, então ela poderia considerar se apaixonar e expor sua alma. Mas não agora. Não quando ela tinha tanto a arriscar. Não quando alguém podia descobrir... tudo.

E agora havia um segredo ainda maior para esconder.

E então, um estalo se formou em sua mente, e Julie de repente estava de volta na sala de aula de filmografia no dia em que tudo começou. Em todos os outros aspectos, tinha sido um dia completamente normal. Nolan Hotchkiss tinha zombado de três pessoas em uma rápida sucessão no primeiro minuto da primeira aula – a primeira foi Laurie Odenton, que tinha um olho vesgo; em seguida, Ursula Winters, que tinha as pernas muito grossas, Nolan disse: basicamente não pegáveis; e então Oliver Hodges, que era gay, orgulhoso e praticamente imune a provocações naquele ponto. O Sr. Granger tinha colocado um filme chamado *O Caso dos Dez Negrinhos*, o terceiro filme da sequência de mistério.

O filme era em preto e branco com uma trilha sonora à moda antiga. Falava sobre cerca de oito estranhos que foram todos chamados para uma ilha por um misterioso anfitrião, mas quando eles chegaram lá, o anfitrião não estava. Em vez disso, havia uma mensagem gravada acusando cada um deles por homicídio.

Um por um, os convidados da ilha começaram a morrer: o general que mandou o amante de sua esposa em uma missão suicida. O empregado que tinha matado seu empregador aleijado. A velha solteirona rabugenta que trancou seu sobrinho no reformatório até que ele cometeu suicídio. Alguém estava punindo-os por seus crimes. No final do filme, Julie estava sentada na borda de sua cadeira com os olhos arregalados. Era estranhamente gratificante assistir cada pessoa recebendo o que ele ou ela merecia. Você poderia chamar isso de assassinato?

Quando as luzes finalmente acenderam, Julie tinha piscado com o brilho repentino. Granger escolheu os grupos de discussão imediatamente, e ela se viu diante de Parker, Mackenzie, Ava e Caitlin. Além de Parker, ela mal conhecia as outras, exceto de passagem.

Caitlin havia estendido seus braços musculosos sobre sua cabeça. – Isso foi meio intenso.

Ava abriu seu notebook em uma página em branco, empurrando

seu cabelo escuro de seu rosto. — Mas faz sentido. É tudo sobre o domínio da lei, certo? O quão perigoso é se o julgamento vier de um justiceiro.

Mackenzie entrou na conversa. — Eu não acho que algumas dessas pessoas mereciam ser punidas. Qual-era-o-nome-dela? Srta. Brent? Ela não matou ninguém. Ela tinha colocado seu sobrinho no reformatório. Não foi culpa dela que ele se matou.

— Claro que foi. — A voz de Caitlin estava afiada. Seus lábios estavam em uma linha rígida reta e sua mandíbula apertada. Julie sabia que ela estava pensando no suicídio do irmão dela — todos sabiam que Nolan provocava ele sem descanso, e então, o irmão dela havia se matado.

As outras meninas pareceram se lembrar de Taylor ao mesmo tempo. Mackenzie envolveu o suéter de malha grosso mais apertado em torno de seu corpo. — Eu não quis dizer...

— Na verdade, ela é um dos piores deles — Caitlin prosseguiu. — Porque ela não se importou. Ela nem sequer se sentiu mal.

Um silêncio constrangedor se seguiu. Mackenzie olhou miseravelmente para suas mãos. Julie olhou de uma garota para a outra. Ava abriu e fechou a caneta constantemente.

Então Parker respirou fundo. — Eu sei que é meio doentio — ela disse com a voz baixa, — mas às vezes eu acho que o justiceiro estava certo. Algumas pessoas merecem ser punidas.

Lágrimas quase se formaram nos olhos de Julie — era a primeira vez que Parker tinha falado na sala de aula há séculos. Mas então ela olhou em volta para os rostos chocados. Ok, talvez o que Parker tenha dito tenha sido um pouco duro, mas Julie não queria que ela recuasse em sua concha novamente.

— Não é mesmo? — ela interrompeu. — Eu quero dizer, eu sei que algumas pessoas merecem punição. Pessoalmente, o primeiro da minha lista seria o pai de Parker. O justiceiro acabaria com ele facilmente.

As meninas ficaram com os músculos rígidos, o que todo mundo

sempre fazia quando o assunto do acidente de Parker surgia. A escola inteira sabia o que pai de Parker tinha feito com ela naquela noite – as provas estavam por todo o rosto dela, para começar, além de que ele tinha ido para a prisão, o que nunca aconteceu em um lugar como Beacon.

Elas continuaram conversando, mencionando pessoas em suas vidas que tinham prejudicado elas – cada uma das meninas também tinha alguém que lhes tinha feito mal – quando de repente Caitlin se inclinou para frente.

– Vocês sabem quem eu gostaria de me livrar? – Seus olhos brilharam quando olhou através da sala, em direção à mesa de um outro grupo. Nolan Hotchkiss estava recostado na cadeira com os braços cruzados sobre o peito. Ele riu alto por causa de alguma coisa com um sorriso zombeteiro no rosto bonito. – Ele – ela disse em uma voz sombria.

A mesa ficou em silêncio novamente. Admitir que Nolan era um idiota parecia perigoso de alguma forma. Se ele descobrisse, elas seriam seus próximos alvos.

– Nolan é um idiota – Ava arfou. – Ele começou uns rumores sobre mim. Rumores *horríveis*.

As bochechas de Mackenzie estavam vermelhas. Ela olhou para suas mãos, mordendo as ponta de suas cutículas. – Ele tem... algo contra mim, também.

Julie assentiu. Ela odiava Nolan por seu papel no incidente de Parker. Se não fosse por ele, talvez nada disso teria acontecido. Parker ainda seria a antiga Parker.

Ava riscou com a caneta ao longo da mesa. – Como vocês fariam? Se vocês fossem matá-lo, eu quero dizer?

Uma luz se acendeu por trás dos olhos de Caitlin. – Sabe como eu faria isso? Oxy. Todo mundo sabe que é a droga que ele usa.

– E então ele simplesmente... sumiria – Parker disse melancolicamente.

– Ou cianeto – Caitlin tinha continuado. – Assim como nos

filmes antigos. É completamente inodoro e incolor. Difícil de detectar. Ele estaria morto em poucos minutos.

Mackenzie riu. — Isso certamente iria funcionar.

— *Finalmente.*

Julie olhou para cima. Ela e Carson haviam chegado no fim da fila, e Carson estava colocando cerveja em um copo descartável vermelho. Ele entregou a Julie. — Bem, saúde, Julie Redding — ele disse, chocando seu copo com o dela. — Espero conhecê-la melhor.

— Eu espero que sim, também... — Julie estava prestes a dizer mais alguma coisa quando a televisão da sala chamou sua atenção. O chefe de polícia estava em um pódio na frente de dezenas de jornalistas com o rosto iluminado por flashes. Na parte inferior da tela, uma legenda: POLÍCIA REALIZA COLETIVA DE IMPRENSA SOBRE A MORTE DE HOTCHKISS.

— Oh meu Deus — ela disse. Sem pensar, ela se afastou do barril, pegou o controle remoto da mesa ao lado e aumentou o volume.

Mais pessoas se aproximaram também. — Desligue a música — Asher Collins gritou. Matt Colina fez o que ele pediu, e Rihanna foi silenciada no meio da música. A sala inteira ficou em silêncio, sentindo claramente que algo importante estava acontecendo, as pessoas do lado de fora entravam para assistir também.

Na tela, o chefe limpou a garganta e falou no microfone. — O relatório da autópsia de Nolan Hotchkiss diz — ele disse. Um flash estalou. Um microfone aproximou-se de seu rosto. — Por enquanto nós não somos capazes de revelar os detalhes neste momento, mas evidências do crime foram encontradas, e nós já não acreditamos que a morte dele tenha sido causada por uma overdose acidental.

— O que o p...? — alguém arfou.

— Intenso — Nyssa disse com o rosto pálido. Ela aproximou-se de Julie sem que ela percebesse. E Julie observou quando Claire Coldwell apertou a mão de Blake com lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Do outro lado da sala, os olhos de Mackenzie tremeram rapidamente por trás de seus óculos. Caitlin e Ava trocaram olhares

horrorizados. Alex olhou para a tela da TV, parecendo atordoadado.

Julie sentou-se pesadamente na ponta do sofá, seu coração acelerado em seu peito. *Não*, ela pensou. *Isso não pode estar acontecendo*. Ela pensou na conversa da sala de aula de filmografia. Todas as pessoas ao redor delas. Todos os ouvidos que escutaram.

O policial limpou a garganta, olhando friamente para a multidão de repórteres por um segundo. Quando voltou a falar, foi com uma voz trivial, calma e ponderada. — Estamos investigando todas as pistas. — Ele parou por um momento, olhando para suas anotações. — Neste momento, estamos tratando isso como uma investigação de homicídio. Alguém — ou várias pessoas — matou Nolan Hotchkiss. E nós não descansaremos até encontrá-los.

## Capítulo 6

Era domingo de manhã, e a Igreja Episcopal de Beacon Heights estava lotada para o funeral de Nolan Hotchkiss. Parker estava sentada na parte de trás, puxando as calças de lã pretas que tinha pego emprestado de Julie. O ar estava quente e pungente, o cheiro de cera de velas se misturava com perfumes caros. No alto, os tetos dourados e as colunas ornamentadas brilhavam à luz turva. Em frente ao altar estava um caixão de madeira brilhante, amontoado com lírios, rosas e flores de hortênsia. O funeral era com o caixão fechado. Parker não conseguiu evitar de se perguntar se isso era por causa do que havia sido riscado na pele de Nolan.

*Agora você está tão cheio de cicatrizes quanto eu, ela não conseguiu evitar de pensar, e depois se odiou por sua amargura.*

Os bancos estavam lotados com crianças, alguns sentados com os seus pais, outros agrupados com seus amigos. Todo mundo da escola tinha vindo, especialmente agora que tinha saído a notícia de que Nolan tinha sido assassinado. Todos os tipos de teorias rolavam. Que Nolan tinha se envolvido profundamente com um bando de traficantes de drogas, e eles apagaram ele enquanto as pessoas estavam festejando no andar de baixo. Que Nolan tinha roubado a namorada de um chefe da máfia e mafiosos tinham entrado pela janela. Que um dos funcionários descontentes do Sr. Hotchkiss tinha finalmente conseguido sua vingança.

A própria Parker não sabia o que pensar. Ela sabia quem tinha escrito em Nolan, mas quem o tinha matado... não tinha sido ela e as garotas da aula de filmografia. Não poderia ter sido.

Certo?

Na primeira fila, a Sra. Hotchkiss deu um gemido alto e angustiado. Então Parker sentiu a mão de alguém em seu braço e se virou. Era Julie. — Vamos — ela sussurrou. — Está quase no fim. E nós precisamos conversar.

Ela tropeçou em seus pés quando Julie puxou-a para fora do gramado e ao virar a esquina para o estacionamento, estava tudo deserto. A calçada estava cinza por causa da chuva. O ar estava frio e úmido.

Ava, Mackenzie e Caitlin já estavam esperando perto de uma alcova exuberante com arbustos de murta e grama de junça. Uma estátua de São Francisco castigada pelo tempo estava no centro e um alimentador de pássaros cheio de sementes na palma de suas mãos.

Julie armou seu guarda-chuva de lã verde e rosa, e ela e Parker se encolheram debaixo. — Ei — elas murmuraram para as meninas quando elas se aproximaram. Parker puxou o capuz sobre sua cabeça. Essas meninas eram legais — elas olhavam para ela diretamente sem ficar encarando-a, como se não houvesse nada de errado com ela — mas ela ainda se sentia desconfortável em torno delas.

— O que diabos vamos fazer? — Ava exclamou com voz de choro.

— Devemos manter a calma — Julie disse calmamente, embora ela estivesse segurando a mão de Parker com tanta força que Parker pensou que suas unhas poderiam atravessar sua pele. — Quero dizer, olhem. Nós não fizemos nada. Nós demos a ele um comprimido de Oxy — e só. Não é suficiente para matar ninguém. Especialmente não ele.

— Mas e a conversa que tivemos. — O olhar de Caitlin desviou de um lado para o outro. — As coisas que eu disse. As coisas que *dissemos*.

— Eu sei — Parker interrompeu, seu pensamento voltando para aquela noite.

Horas antes, ela pensou em não ir, mas a tentação de dar o troco em Nolan — *realmente* dar o troco — era muito grande. Ela entrou na festa sem ser vista com o capuz sobre sua cabeça. Ela encontrou Julie instantaneamente. — Pronta para isso? — ela perguntou-lhe com um sorriso largo.

O sorriso de Julie tinha sido muito mais nervoso. — Acho que sim.

Elas tinham subido as escadas uma por uma. No andar de cima, Parker tinha olhado para a multidão, mas ninguém as viu, eles estavam ou mandando mensagens, ou pegando cervejas, ou ficando com alguém. Ela lembrava de ter visto Asher no canto, flertando com uma garota do Curso Preparatório de Brillwood, e Ursula conversando com um jogador terceiranista. A amiga de Julie, Nissa, estava ficando com um jogador de basquete enquanto a clone imitadora de Julie, Ashley, estava falando com o cara novo e gostoso da Austrália. Parker continuou a subir a escada escura, derrubando uma cerveja e deixando cair o copo em um dos degraus.

As outras se juntaram a ela no banheiro do terceiro andar. Havia um vaso de ásters amarelas e frescas no balcão.

Mackenzie olhou para Caitlin. — Você trouxe, certo?

Caitlin tirou um frasco laranja de prescrição com seu nome na parte superior. — Sim.

— Quanto devemos dar a ele? — Ava perguntou.

— Só um — Parker disse, conscientemente, pensando no que Nolan havia feito com ela. — É forte, especialmente com a bebida.

Caitlin colocou um comprimido em cima do balcão e usou a tampa do frasco para amassá-lo em um pó. Julie entregou-lhe um copo de cerveja, ela colocou o pó dentro e mexeu com o dedo.

E então elas desligaram as luzes. O copo passou de menina a menina: Cada uma delas cuspiu nele, caso o comprimido não fosse vingança o suficiente. Suas vozes se misturavam. *Ele merece o que vai acontecer. Todo mundo vai nos agradecer por isso.*

Elas observaram em silêncio perto da balaustrada quando Ava pegou o copo e desceu as escadas. Levou alguns minutos para encontrar Nolan no meio da multidão — ele estava enchendo seu copo no barril.

Nolan parecia surpreso ao ver Ava, mas pegou a bebida de sua mão sem questionar. — *Ei você aí* — Mackenzie disse em uma voz

sussurrante como se estivesse narrando Ava enquanto ela se inclinava para murmurar no ouvido de Nolan. — *Está se divertindo essa noite?*

Então Mac mudou para a voz de Nolan, falando com uma voz profunda. — *Agora que você está aqui, eu estou. Que bebida deliciosa é essa que você me trouxe? Tão boa! Gut gut gut.*

As outras meninas, Parker inclusive, deram uma risadinha. Ela prendeu a respiração quando Nolan tomou seu primeiro gole. — *Hoje à noite tem sido incrível* — Mackenzie continuou a brincadeira. — *Eu já tirei as calças de um calouro, derramei cerveja em uma menina para que eu pudesse ver através da blusa dela, e empurrei quatro dos meus supostos amigos na piscina. Felizmente eu sou super rico e todos estes puxas sacos patéticos passam o tempo todo fazendo as minhas vontades, para que não haja repercussões com o meu comportamento totalmente estúpido.*

Abaixo delas, Ava tocou o bíceps dele com um sorriso tímido brincando em seus lábios. Ela sabia como manter a atenção de um menino, isso era óbvio. Era uma habilidade que Parker também costumava ter.

De repente, eles estavam subindo. As meninas voltaram para o banheiro, fechando a porta, exceto por uma fresta de três centímetros. Um momento depois, Ava meio escoltou, meio arrastou Nolan. Ele já parecia bêbado.

— Eu senti tanto a sua falta, baby — ela ronronou. Elas conseguiam ouvi-lo murmurar algo em resposta.

Todas correram para o corredor. Do corredor, através de uma porta de quarto aberta, elas podiam ver Nolan deitado em sua cama, Ava de pé sobre ele.

No começo, ele estava acariciando ela, mas, em seguida, suas pálpebras começaram a cair com o sono e suas palavras começaram a saírem em gaguejo. Parker lembrou de olhar por cima do ombro nervosamente, esperando que alguém subisse as escadas e visse. Todas elas se reuniram para olhar, e por um segundo, parecia errado, como se elas tivessem se transformado em intimidadoras.

Então ele notou as outras na porta. Olhando uma por uma, dizendo algo sobre cada uma delas. O coração de Parker tinha endurecido novamente. Ela estava quase contente quando suas pálpebras se fecharam e ele adormeceu.

*Ele está bem, ela tinha ouvido uma de suas vozes dizer. Ele desmaia todo fim de semana. Vamos começar o trabalho.*

Então Mackenzie tinha pego as canetas de cor brilhantes de sua bolsa. Cada uma delas tinha pego uma caneta e se aproximado. Caitlin tinha escrito primeiro, *Não Confiável* em sua testa. Mackenzie tinha começado a escrever *MENTIROSO*, e Julie tinha escrito *Monstro*.

– A polícia vai interrogar todos da festa – Ava falou, agora. – E se alguém nos viu subindo com ele? E, quero dizer, não é como se nós tivéssemos sido cuidadosas. Nossas impressões digitais estão provavelmente por todo o banheiro e na cerveja que ele bebeu. Eles poderiam voltar lá e recolher tudo para a investigação do crime.

Mac colocou as mãos nos quadris. – Você está dizendo isso como se nós realmente tivéssemos feito alguma coisa. Nós só demos um comprimido a ele, Ava, algo que ele fazia o tempo todo. Só porque nós conversamos sobre matá-lo não nos torna culpadas. A polícia encontrou evidência do crime – apenas *um comprimido* não poderia ter causado o crime.

– Mas nós fizemos alguma coisa! Nós ainda demos um comprimido. E nós escrevemos várias coisas nele – Caitlin exclamou histericamente, levantando as mãos.

Parker torceu a boca. Mas ela não conseguia confrontar isso diretamente. Ela mal conseguia reviver aquela noite sem ter uma dor de cabeça.

– Talvez devêssemos dizer a alguém sobre isso – Mac sugeriu. – Tipo, confessar a brincadeira que fizemos com ele.

Os olhos de Ava ficaram confusos. – Nós ainda demos o Oxy para ele, o que ainda é muito ruim. E se eles não acreditarem em nós? E se eles acharem que fomos nós de qualquer maneira?

– Eu concordo – Julie admitiu. – Nós poderíamos nos meter em um monte de problemas. Quero dizer – ela engoliu, – todas nós temos muito a perder.

Estavam todas em silêncio de novo, pensando no que estava em jogo – suas reputações, graduação, faculdade, a aprovação dos pais.

– Eu não entendo o que realmente aconteceu – Caitlin finalmente sussurrou, olhando nervosamente de um lado para o outro. – Quero dizer, todo mundo está dizendo que foi Oxy. Se foi mesmo, alguém deve ter dado mais drogas depois que saímos, vocês não acham?

– Um monte de gente odiava ele – Mac sussurrou, olhando hesitante para o estacionamento lotado. Então Parker teve um pensamento horrível. – Vocês acham que alguém está tentando nos incriminar?

– Eu estava me perguntando a mesma coisa – Ava disse.

Mackenzie brincava com seus óculos. – Ninguém estava perto de nós quando conversamos na sala de aula.

– A sala não é tão grande assim – Caitlin disse com a voz trêmula. – Quem tem aula de filmografia com a gente?

– Nolan – Julie disse. – Ou *tinha*.

– Alex – Ava disse. – Ele nunca faria algo assim, mesmo que ele tenha escutado.

– Oliver Hodges – Caitlin mencionou. – Ben Riddle. Quentin Aaron. Eles estão fora do radar de Nolan. Ursula Winters do meu time de futebol. Fiona Ridge, que é vegetariana.

Parker revirou os olhos. – Só porque ela é vegetariana não significa que ela não iria matar alguém.

Caitlin balançou a cabeça. – Fiona não faria mal a uma mosca.

– Minha amiga de classe, Claire, mas eu tenho certeza que ela não nos ouviu – Mackenzie falou. – Ela estava do outro lado da sala.

Por um longo momento, ninguém falou. Tentilhões<sup>[3]</sup> e

*bombycillidae*<sup>[4]</sup> perseguiam um ao outro ao redor do pátio, brigando por sementes. Além das paredes de pedra do estaleiro, elas ouviram o zumbido do tráfego nas estradas molhadas.

– Isso tudo é tão confuso. – Ava andou de um lado para o outro, seus saltos pontiagudos tremendo precariamente nas pedras molhadas. – O que vamos fazer?

– Vamos nos manter quietas – Julie disse em uma voz firme. – Sabemos que não matamos ninguém. Isso tudo é uma... coincidência, talvez. Ou então alguém está tentando nos meter em problemas. De qualquer forma, devemos fingir que nada disso aconteceu.

– Então nós... mentimos? – Mackenzie perguntou, mordendo o canto do lábio.

– Nós mentimos – Julie disse com firmeza.

Parker deu um suspiro rápido e trêmulo. De repente, ela sentiu olhos na parte de trás de seu pescoço, observando ela. Ela olhou para trás, em direção à entrada do pátio, mas ninguém estava lá. Ninguém estava observando exceto São Francisco, seu olhar de pedra vazio, fixo e distante. Um arrepio percorreu seu corpo, e uma pontada reveladora de dor ardente atingiu-a através de um olho. Ela embalou a cabeça em suas mãos.

*Fique calma, ela pensou. Não se descontrole agora.*

– Vocês vão para a recepção? – Ava estava perguntando, olhando em volta para as outras. Os Hotchkiss tinham convidado todos para o clube de campo deles do outro lado da cidade.

Mackenzie assentiu tristemente. – Nós vamos nos apresentar lá com o grupo de músicos. Eu tenho que ir. E vocês?

Ava deu de ombros. – Eu acho que é provavelmente uma boa ideia nós sermos vistas lá. Vamos apenas fazer uma aparição. Comer alguns *crudités*. – Ela deu uma risada curta e amarga. – Vai ser a festa do ano.

Outra dor pontiaguda cortou o crânio de Parker, passando sobre sua visão como um relâmpago branco. Ela sentiu a mão de Julie em suas costas e olhou para cima e viu que sua amiga havia notado que

havia algo errado. Seus olhos estavam arregalados. Havia uma expressão preocupada em seu rosto.

– Eu encontro vocês lá – Julie disse, em seguida, virou-se, ajudando Parker a sentar em um banco. Em segundos, ela e Julie estavam sozinhas.

– Você está bem? – Julie perguntou, esfregando as costas de Parker.

Parker engoliu, sua boca pegajosa com a bile. Náusea começou a se espalhar pelo seu corpo. Ela achou que ia vomitar. – Eu não acho que vou conseguir ir para a recepção – ela sussurrou, dobrando os joelhos no banco e descansando sua testa contra eles. – Dor de cabeça. Muita dor de cabeça. Eu preciso me deitar.

– Ok – Julie disse suavemente. – Está tudo bem. Eu não acho que ninguém na festa viu você perto de Nolan, de qualquer maneira. Você não tem que se preocupar.

– Eu não estou preocupada. – A voz de Parker saiu mais irritada do que ela pretendia.

Mas seu estômago se contorceu. Julie estava certa, ninguém tinha visto ela na festa. Ela era a garota invisível, afinal. Não havia nenhuma razão para ser paranoica.

Julie se levantou. – Vamos levá-la para casa, ok? A minha casa, quero dizer. Você está horrível.

– Não. – Parker balançou a cabeça, em seguida, imediatamente se arrependeu quando outra onda de dor tomou conta dela. – Você vai. Ava está certa. Você tem que ir à recepção. Eu posso ir para sua casa sozinha.

Julie deu-lhe um olhar longo e avaliativo. Então ela a abraçou. – Ligue-me se você precisar de alguma coisa, ok?

– Ok. Eu prometo.

Julie entregou-lhe o guarda-chuva, em seguida, puxou o capuz de seu casaco e caminhou rapidamente pela chuva em direção à rua onde ela tinha estacionado o carro. Parker sentou-se imóvel por um

longo momento, olhando para as costas dela. Ela notou uma gárgula em uma cornija alta de um dos lados da igreja, com a língua esticada para ela. Um arrepio percorreu-a quando ela encontrou seus olhinhos maliciosos.

*Não há nada com o que se preocupar, ela disse a si mesma. Não havia motivos para alguém sequer suspeitar que elas estavam envolvidas.*

Mas ela não conseguiu afastar a sensação de que sua vida já danificada estava prestes a ficar muito pior.

## Capítulo 7

— Cordas, eu mal posso ouvi-las! — a Sra. Rabinowitz gritou, apontando para os violinos. — Esse *crescendo* precisa ser poderoso!

Mac estava sentada em uma cadeira pequena na ala de música de Beacon Heights High com seu violoncelo encravado entre seus joelhos. Era segunda-feira e a Sra. Rabinowitz estava fazendo eles ensaiarem a marcha fúnebre de Mahler. Ela havia acrescentado para o programa de concerto do outono, em memória de Nolan.

A sala cheirava ao spray floral Febreze que a Sra. Rabinowitz sempre pulverizava antes das práticas, e havia fotos de famosos maestros e compositores na parede — uma de um Mozart detalhista, um Beethoven de olhar disperso, um Scarlatti arrogante, o qual Mackenzie sempre achava que a seguia ao redor da sala com seu olhar perspicaz. Hoje ela se sentia como se todos estivessem olhando para ela, condenando-a pelo que ela tinha feito com Nolan. Ela ainda não conseguia tirar isso de sua mente. Alguém estava realmente tentando incriminá-las?

*Foi você que enviou as fotos, uma voz punitiva em sua cabeça disse. Você realmente acha que esse truque que o cara técnico do acampamento da banda lhe ensinou para configurar um endereço de e-mail falso vai dar certo com a polícia? Eles vão encontrar você.*

Próxima a ela, Claire — atualmente a violoncelista da segunda cadeira, Mac era a primeira — se inclinou para trás e para a frente com a música enquanto elas tocavam. Quando chegaram ao final da página da partitura, Claire apressadamente virou a página e se atrapalhou com seu arco. Era sempre a segunda cadeira que virava as páginas. Mac sabia muito bem como era fazer isso: ela e Claire estavam sempre trocando posições, as duas eram quase igualmente talentosas.

Quando Mac olhou para cima de novo, a sala estava em silêncio, e a Sra. R estava olhando para ela. — Mackenzie, você está meio

desafinada.

Mac piscou. — Eu estou?

A Sra. R assentiu. — Você não percebeu?

Mac começou a entrar em pânico. Ela estava tão distraída assim?

Claire olhou para Mac com simpatia. — Estamos todas um pouco distraídas hoje.

Isso era um eufemismo. Durante todo o dia, Mac tinha estado a ponto de hiperventilar. O que tornou pior quando o diretor Obata anunciou para todos eles voltarem para as salas depois do almoço. *Os assistentes sociais estão de plantão para quem precisar de apoio extra agora. E por favor, se vocês tiverem qualquer informação sobre a festa, falem com um professor ou um conselheiro — nenhuma pergunta será feita.*

*Nenhuma pergunta será feita.* As palavras continuaram rodando pela mente de Mac enquanto ela deslizava seu arco através de suas cordas. Talvez elas devessem falar. E se elas tivessem visto algo importante, algo que elas nem sequer perceberam? Talvez elas pudessem ajudar a capturar o verdadeiro assassino.

— *Psiu.*

Mac olhou por cima do ombro. Claire estava com seu arco de violoncelo descansando levemente em seu instrumento. Ela tirou um saco de papel pardo e entregou a ela.

— Eu peguei isso para você — Claire sussurrou.

Mac espiou dentro. Minibalas de gelatina em formato de violinos cobriam quase até o topo. Balas de gelatina eram sua comida favorita, e as de violinos eram difíceis de encontrar — só era possível consegui-los em uma loja de doce de Seattle.

Ela olhou para Claire. — Para que é isso?

Sua amiga deu de ombros. — Para te alegrar. Você parece triste ultimamente.

Não havia malícia em sua expressão. Nem sarcasmo, nem manipulação dissimulada, apenas um olhar sério e agradável. Um gosto amargo encheu a boca de Mac. *Você beijou o namorado dela, uma*

voz a repreendeu. *Você disse algo terrível sobre ela na aula de filmografia. E é tarde demais para voltar atrás de ambas as coisas.*

Pela primeira vez em sua vida, Mac se perguntou se ela era uma pessoa verdadeiramente terrível.

De repente, a porta da sala de música se abriu, e todas as cabeças viraram-se. Dois homens de terno entraram. Eles olharam em volta por um momento, seus olhos varrendo a sinfonia. A Sra. Rabinowitz deu um pequeno salto e virou-se para enfrentá-los, também.

– Desculpe interromper – o primeiro homem disse. Ele era enorme – pelo menos dois metros – de pele escura e usava um terno cinza-carvão. Sua voz era um barítono crescendo que encheu o espaço sem esforço.

A Sra. Rabinowitz desceu os degraus. Próxima a ele, ela parecia minúscula, como um pequeno urso de pelúcia em seu casaco de lã marrom acolchoado. – O que podemos fazer por vocês?

– Sou o detetive Peters. Este é o meu parceiro, o detetive McMinnamin. Estamos tentando conseguir algumas informações sobre o que aconteceu na festa em uma noite dessas. Podemos tomar alguns minutos da sua aula?

A Sra. Rabinowitz fez um gesto para que ele tomasse o comando, mas McMinnamin adiantou-se em seu lugar. Ele era um homem magro, pálido, com dentes da frente de coelho, e ele segurava uma pilha de folhas retangulares na mão. Ele olhou ao redor da sala, seus olhos se estreitando.

– Eu vou passar essas folhas pela sala, e eu quero que todos vocês escrevam o alfabeto de um lado e os seus nomes do outro. – Sua voz era rápida e séria. – Com letras maiúsculas, por favor. Letras de forma, não cursiva.

Kenleigh Robbins, que tocava viola, levantou a mão. – É obrigado?

– Claro que não – McMinnamin disse quase que automaticamente. – Mas vamos procurar saber quem não participou.

Ele começou a distribuir as folhas. Mackenzie ficou tensa quando ele passou por seu estande de música, seus olhos persistentes sobre ela por um momento antes dele continuar a andar.

Ela sabia o que estava acontecendo. Eles precisavam de uma amostra de caligrafia. Sua mente dispersou, e ela tentou se lembrar exatamente do que ela tinha escrito no corpo de Nolan na sexta à noite. Ela começou a desenhar uma carinha franzida com as sobrancelhas grossas, então escreveu *MENTIROSO* em letras maiúsculas.

Lentamente, ela baixou o violoncelo para seu estande e pegou sua pasta de partituras de música para escrever em cima. Com as mãos trêmulas, ela desenhou as letras uma a uma, tentando torná-las um pouco mais inclinadas do que a que ela tinha usado na pele de Nolan.

Quando todo mundo terminou, McMinnamin pegou as folhas. Peters pegou um apagador e rabiscou um número de telefone e seu nome no quadro branco. — Eu sei como essas festas são — ele disse afavelmente, um vestígio de um sorriso aparecendo em seus lábios. — Ninguém quer admitir que estava lá com medo de se meter em apuros. — Então, seu afeto mudou, sua boca virou para baixo, seus olhos ficaram sérios. — Mas algo ruim aconteceu com um de vocês. — Ele fez uma pausa para deixar as pessoas absorverem. — Nós queremos saber o que aconteceu. E nós precisamos da ajuda de vocês para isso. Eu estou pedindo a quem estava na festa naquela noite, se você viu Nolan ou não, que me ligue neste número. Você pode saber detalhes que nos ajudarão a ter uma noção da linha do tempo. Tudo o que vocês disserem será completamente confidencial.

Mackenzie engoliu em seco. Então, ela sentiu a mão de alguém na dela. Os dedos de Claire apertaram a mão dela com força. Seus lábios tremiam.

Mac olhou para ela, surpresa. — Você está bem?

Claire balançou a cabeça. — Nós estávamos na festa. Isso significa que nós vamos ter que falar com eles. Eu vou ter que falar com eles.

E? Mac queria dizer. O que Claire tinha para se sentir culpada?

Elas tinham ido à festa de Nolan juntas, mas Claire desapareceu no instante em que avistou Blake.

O detetive Peters deu a professora deles um aceno de cabeça agradável. — Muito obrigado por seu tempo. — Ele trocou um olhar significativo com o detetive McMinnamin, e ambos saíram para o corredor.

Mac olhou para Claire novamente. Seus joelhos estavam tremendo, e ela estava mordendo o dedo mindinho com força. — Ei — Mac disse baixinho, tocando a mão de Claire. — Se você está preocupada em falar com os policiais, não fique. Eu tenho certeza de que vai ficar tudo bem. Eles vão ser agradáveis. Você não fez nada. — *Mas eu fiz*, uma voz em sua cabeça disse.

A garganta de Claire balançou quando ela engoliu. — Obrigada — ela disse com a voz trêmula. — Eu não sei por que estou tão nervosa. — Ela apertou a mão de Mac novamente e deu algumas respirações profundas.

O celular de Mackenzie tocou. Ela espiou a tela de dentro da bolsa. *Nova mensagem de Blake*, dizia. Seu coração começou a bater forte. Ela abriu a mensagem e leu, escondendo da vista de Claire.

*Ei, Blake escreveu. Precisamos trabalhar em novas músicas. Uma prática extra esta semana? Minha casa, amanhã à noite, às 7?*

Mac segurou o celular entre as mãos, deliberando. Ela não entendia o que tinha acontecido entre eles naquela noite no Cupcake Kingdom. A única vez que ela o tinha visto depois do beijo foi na festa de Matt Hill, onde Claire levou Blake para a grande sala de estar cheia de almofadas, deixando Mackenzie sozinha perto da mesa de aperitivos, segurando ambas as cervejas deles. Lembrando-lhe que sim, Blake tinha beijado ela, mas ele estava com Claire, e Claire era sua melhor amiga.

Seu olhar caiu no saco de balas de gelatina de violinos do chão. Ela olhou para Claire ao lado, seu rosto vulnerável e franco. Deste dia em diante, Mac seria uma pessoa diferente. Uma pessoa melhor. O que significava que ela nunca beijaria Blake novamente.

*Acho que sim, mas vai ter que ser rápido. A audição está perto, ela digitou, e enviou a mensagem. Pronto. Ela esperava que tivesse soado neutra. Desinteressada. Como se ela fosse apenas mais um membro de sua banda.*

Em seguida, apagou a mensagem, desejando poder apagar a memória de seu beijo com a mesma facilidade.

## Capítulo 8

Depois da escola naquele dia, Caitlin estacionou em sua garagem para pegar suas chuteiras de futebol que ela tinha esquecido para o treino. Ela encontrou-as imediatamente e correu para fora de seu quarto, de volta para seu carro. Com um pouco de sorte, ela só perderia os aquecimentos. Mas então ela notou a TV na sala. A repórter estava na frente da casa de Nolan Hotchkiss, que agora estava cercada por uma fita amarela da polícia, cavaletes e curiosos.

– No momento, a polícia está apenas fazendo perguntas, recolhendo fatos e averiguando a casa de Hotchkiss – a repórter disse. – Havia vários alunos na casa de Hotchkiss na noite da festa, e não se sabe exatamente o que aconteceu, e quando.

Ursula Winters apareceu na tela. – Eu amava tanto Nolan – ela disse com a voz cheia de sentimento. – Todo mundo o amava. Isso é um acontecimento tão horrível.

A boca de Caitlin estava aberta. Ursula odiava Nolan. Não por causa do que ele fez com Taylor, mas porque ele tinha rejeitado ela quando ela o convidou para sair. Ela ainda lembrava de Ursula falando mal dele no campo de futebol, logo depois que ele tinha morrido: *Você pode falar sobre um cara morto se ele era um idiota*. E então ela olhou para Caitlin incisivamente, como se estas fossem as palavras *dela*. E meio que eram.

Então apareceu a imagem da Sra. Hotchkiss, uma mulher magra de aspecto severo com botox excessivo, que usava uma faixa xadrez segurando seu cabelo loiro platinado. Seus olhos estavam vermelhos e sua boca tremia. – Eu só não entendo quem faria isso com o meu filho. Ele era amigo de todos.

– Você está de brincadeira comigo? – Caitlin resmungou.

– *Ahã*.

Ela olhou para cima. Uma de suas mães, Sibyl, estava sentada na

cadeira no canto, uma pilha de papéis e uma calculadora estavam equilibradas em seu colo. Sua mãe era uma contadora, então ela frequentemente tinha horários estranhos, voltava para casa no meio do dia para o almoço, correndo para terminar um retorno de imposto em uma semana, praticamente ausente no período de março a abril.

– Caitlin – Sibyl disse suavemente, mas também com firmeza.

– O quê? – Caitlin olhou para ela. – Me desculpe se eu pareço insensível, mas Nolan não era amigo de todos. Você também sabe disso.

Sibyl colocou os papéis sobre a mesa ao lado dela e olhou para seu colo. – Eu sei disso – ela disse em voz baixa. – Mas eu deixei a fúria que eu tinha por aquele menino há muito tempo. Se eu não o fizesse, ela iria me consumir. Como talvez esteja consumindo você.

Caitlin cruzou os braços sobre o peito. – Sim, bem. Você é uma pessoa mais forte do que eu.

Sua mãe se levantou da cadeira e veio para ficar ao lado de Caitlin. De perto, ela tinha rugas ao redor dos olhos e mechas de cabelo branco por todo seu cabelo. Seu corpo era agradável e confortável, do jeito que as mães deveriam ser. Seus lábios se separaram, e ela disse: – Você estava naquela festa, não é? Michelle e eu estávamos conversando sobre isso. Ela disse que você e Josh foram juntos.

– Várias pessoas estavam naquela festa – Caitlin disse rapidamente, seu coração começando a acelerar.

– Eu sei, eu sei. Eu odeio que algo tão... terrível tenha acontecido em algum lugar tão perto de você. Mais uma vez. – A mãe olhou para ela severamente. – Sabe, às vezes, quando eu estou com raiva, eu faço coisas que eu não deveria. Eu já lhe disse que eu brigava muito na escola por ser gay. Uma vez, eu me vinguei de uma das meninas que implicava mais comigo. O nome dela era Lindsey.

– O que você fez?

Sua mãe brincava com a caneta Bic na mão. – Durante a aula de

ginástica, eu escapei para o vestiário e cortei a parte da virilha da calça jeans dela e roubei a calcinha dela. Ninguém trancava as próprias coisas, eu nem sequer tive que arrombar.

– Mamãe! – Os olhos de Caitlin se arregalaram. – Isso é horrível!

– Eu sei. – A testa de Sibyl franziu. – É horrível. E você sabe de uma coisa? Eu me senti horrível logo que eu fiz. Não valeu a pena.

Caitlin podia sentir sua mãe olhando para ela. Houve um longo silêncio, como se talvez sua mãe estivesse esperando que ela confessasse algo.

A memória daquela noite brilhou em sua mente. Nolan tinha desmoronado embriagado em sua cama. Por um momento, Caitlin sentiu uma pontada de culpa. Deitado lá, Nolan parecia quase vulnerável, assim como o irmão dela parecia quando ele costumava adormecer no sofá.

Mas então ele olhou para Caitlin e sorriu. – Você sabe o som que o seu irmão fez quando eu enfiei a cara dele na privada? – Então ele fez um som horrível, como um gemido de menina, um som tão humilhante que ela quase lhe deu um tapa. Em vez disso, ela escreveu *Não confiável* em seu rosto.

Ela virou-se. – Eu não fiz nada com Nolan, se é onde você quer chegar – ela mentiu.

Sua mãe manteve seu olhar por mais um tempo, depois assentiu. – É claro que você não fez.

Então ela se levantou, recolheu suas coisas e saiu da sala. – Eu vou correndo para o escritório – ela falou por cima do ombro. – Eu tenho uma reunião. Volto mais tarde.

A porta bateu. Caitlin estava sentada com as mãos no colo, sentindo-se nervosa e estranha. Ela odiava mentir para a mãe dela, mas o que ela deveria fazer?

Ela ainda estava lutando com o fato de que alguém realmente tinha matado Nolan. Tantas pessoas tinham ido na festa. Mas havia alguém que a odiava, especificamente? Alguém que gostaria que

Nolan morresse — e quisesse que ela levasse a culpa? Alguém que estava na aula de filmografia e naquela festa?

*Ursula*, ela percebeu com um sobressalto. A menina sentava na parte de trás da sala de filmografia e, geralmente, cochilava logo que Granger apagava as luzes. Mas elas eram apenas rivais no futebol. Ursula não era maluca o suficiente para matar alguém e incriminar Caitlin apenas para conseguir sua vaga na equipe de futebol. Era?

Caitlin se levantou e sacudiu as mãos, ansiosa para entrar em campo. Talvez fosse ajudá-la a queimar algumas calorias. Ela pegou suas chuteiras, caminhou até o carro dela, e virou para o banco do motorista.

Quando ela virou a chave na ignição, porém, nada aconteceu. Caitlin franziu a testa. As luzes não se acenderam. O rádio não ligou. O carregador do carro não brilhou com a cor azul. Ela tentou a ignição de novo e de novo, mas parecia que a bateria estava morta. — Merda — ela sussurrou, olhando em volta da garagem. Sibyl já tinha saído. O que mais podia dar errado hoje?

Pegando seu celular, ela tentou pensar. Primeiro ela ligou para Vanessa, mas ela não atendeu, provavelmente já no campo fazendo aquecimento. Shannon, Sujatha e Gina não atenderam, tampouco. Correio de voz, correio de voz, correio de voz.

— Merda — Caitlin sussurrou, andando em volta do carro. Depois de um momento, ela apertou o número dois em sua discagem rápida — Josh. Ele não tinha treino hoje; o treinador dos meninos estava doente.

O celular de Josh foi para o correio de voz, no entanto, o que era normal — na metade das vezes ele deixava a coisa em casa. Ela discou o celular fixo logo depois. Ele tocou algumas vezes, e em seguida, uma voz grave atendeu e murmurou alô.

— Oi — Caitlin disse com gratidão, as palavras saindo rapidamente. — Meu carro não pega, e eu realmente tenho que ir para o treino.

— Oh, eu te levo — a voz do outro lado disse.

Caitlin piscou. — Jeremy? — Ele e Josh soavam assustadoramente parecidos. — Espere, Josh está?

— Não. — Jeremy souu um pouco decepcionado. — Mas, de verdade, Caitlin. Eu te levo. Não tem problema.

— Uh, tem certeza que não se importa? — Caitlin perguntou.

Jeremy riu do outro lado. — Se eu me importasse, eu não teria oferecido. Eu estarei aí em cinco minutos.

— Ok. — Caitlin desligou e tentou ligar o carro mais algumas vezes, mas não funcionou magicamente só porque ela queria. Quando ela saiu do carro e bateu a porta com força, ela ouviu um zumbido fraco a distância. A lambreta Vespa verde clara apareceu no final da estrada. Caitlin observou enquanto vinha em direção a sua casa, o motorista com capacete curvado para a frente.

Caitlin deu um pequeno suspiro ao vê-lo. Ele usava shorts de carga e um colete North Face sobre uma camisa de mangas compridas, seu cabelo comprido caindo em seus olhos. Ela não podia deixar de notar o quão musculosas as pernas nuas dele eram. *Ele parecia gostoso*, ela pensou. Então ela fechou os olhos, surpresa com seu pensamento.

— Então. Como você quebrou o seu carro? — Jeremy perguntou.

Caitlin olhou para o chão. De repente, ela sentiu seus olhos se encherem de lágrimas. — Ei. — A voz de Jeremy diminuiu. — Meu Deus. Caitlin. O que foi?

Caitlin nem sabia o que era. A confissão estranha de sua mãe sobre a garota que implicava com ela? Taylor? Nolan? *Definitivamente* Nolan. Tudo isso, tudo isso.

Jeremy se aproximou. Ele colocou a mão em seu braço. — Eu entendo — ele disse suavemente. — Você precisa do futebol. Você precisa correr, se libertar e escapar. Certo?

Ela piscou para ele. Era como se ela mesma tivesse dito as palavras.

— Eu sinto isso às vezes — Jeremy admitiu. — Como se... se eu

não fazer alguma coisa, e se eu não fizer nesse segundo, eu vou explodir.

Ela piscou com força, desejando que as lágrimas retornassem. — Então o que você faz?

Jeremy deu de ombros. — Normalmente, eu subo nisso e apenas vou. — Ele deu um tapinha na Vespa. — Tudo bem por você? Ou você ainda acha que essas coisas são para perdedores?

— Eu não... — Então Caitlin fechou a boca. Ela se lembrou do dia em que Jeremy tinha conseguido a Vespa. Ele tinha 14 anos, não tecnicamente uma idade suficiente para montar em uma, e ele tinha comprado de segunda mão de alguém pelo site Craigslist. A coisa tinha trinta anos e não corria, mas ele tinha levado a lambreta para a garagem de seus pais, tinha feito download de um manual antigo e feito perguntas em um monte de fóruns de discussão. Ele tinha conseguido que a lambreta corresse em poucos meses.

*Essas coisas são para bichas*, Josh tinha dito. *É a porra de uma lambreta*. E Caitlin tinha rido também. O rosto de Jeremy havia entristecido. Isso foi na época em que a opinião de Josh importava para ele.

Agora, quando ela olhou para a moto, ela plenamente percebia o esforço que ele tinha tido ao restaurá-la à sua antiga glória... e o quão *legal* ela parecia. Ela poderia fazer algo tão incrível? Josh poderia? Talvez fosse por isso que ele fazia piadas: porque, lá no fundo, ele tinha tido ciúmes.

Caitlin tinha rido junto com as piadas de Josh à custa de Jeremy porque parecia infiel ficar do lado do irmão mais novo do seu namorado. Mas agora ela percebeu o quão imaturo tinha sido. Jeremy era uma pessoa — aparentemente uma pessoa interessante. Ela o conhecia há anos, e ela só estava percebendo isso agora. Isso a atingiu com a mesma surpresa de como ela tinha lidado com Taylor — não realmente o vendo, compreendendo, até que fosse tarde demais.

— Posso usar o seu capacete? — ela perguntou.

– Eu insisto. – Os olhos de Jeremy brilharam quando ele entregou a ela. Estava quente por ele ter usado momentos antes. Ele cheirava a algum tipo de produto de cabelo.

Jeremy enfiou seu equipamento em um alforje de lona, em seguida, montou na lambreta. Caitlin subiu atrás dele, seu torso quente contra o dela quando ela deslizou seus braços ao redor da cintura dele. Sua camisa cheirava a fumaça de lenha e cipreste, como se ele tivesse dado um longo passeio pela natureza. Ela nunca tinha notado isso nele.

– Se segura – Jeremy instruiu.

Eles voaram para fora da subdivisão da casa de Caitlin e em uma estrada arborizada subdesenvolvida. A luz do sol filtrava através das copas das árvores, tornando tudo esverdeado e dourado abaixo. Caitlin sentiu como se estivessem voando.

– Isso é incrível – ela admitiu, quando eles pararam em um semáforo.

– Não é? – Jeremy olhou para ela e sorriu. – Dirigir isso é a coisa que eu mais gosto no mundo. Sabe o que eu adoraria fazer um dia? Uma viagem por todo o país. Como Jack Kerouac em *On the Road*. Conhecer todos os tipos de pessoas loucas. Ter aventuras.

– Eu também li – Caitlin disse em apreciação. – Mas, hum, Kerouac não foi em um carro?

– É, tanto faz. – Jeremy encolheu os ombros. – Você não acha que seria divertido?

– Na verdade, eu acho – Caitlin disse fracamente. Ela teve os mesmos sonhos de viajar depois que terminou o livro. *Talvez eu pudesse viajar antes da faculdade*, ela pensava.

Mas quando ela expressou a ideia a Josh, ele olhou para ela loucamente. – E os All-Stars? – ele perguntou a ela. – Eles vão precisar de você em julho na Universidade de Washington para o treinamento.

O Lago Washington estava diante deles, azul e cintilante. Jeremy levou-os por um caminho tranquilo pelo Parque da Baía Kikisoblu, o

qual possuía uma praia rochosa irregular. Caitlin adorava ir por esse caminho para treinar. Demorava um pouco mais, mas era tão bonito. Ela desejou que, de repente, ela pudesse fazer isso o dia todo: descer as estradas na traseira dessa lambreta com os cabelos voando atrás dela, o vento chicoteando através dela, os sons passando por ela tão altos que ela não tinha tempo para pensar em qualquer um dos seus problemas. E, oh, sim, seus braços apertados em torno de um menino, seu corpo pressionado perto do dela, também, impedindo-a de cair.

Jeremy falou quando eles diminuíram a velocidade. — Por acaso você se lembra de mim no primeiro ano?

Ela bufou. — Hum, é claro que eu lembro.

— Eu era um nerd magro naquela época. Tinha três aulas avançada de nível baixo, fazia debate e Modelo de Organizações Internacionais. Sabe, todas as coisas que pequenos nerds magricelos fazem. Mas nós estávamos juntos na sala de estudo. Você e eu.

Caitlin o olhou. — Sim — ela disse lentamente. — Eu me lembro disso.

— E uma vez, você me emprestou uma caneta porque eu não tinha uma. E quando eu olhei para ela, eu fiquei surpreso, era uma do Dungeons & Dragons. A coisa mais legal que eu já vi.

Caitlin riu. — Provavelmente era de Taylor.

— Sim, mas você esteve usando antes de dar para mim — Jeremy apontou. — Nem sequer lhe ocorreu que era, eu não sei, estranho.

Caitlin deu de ombros. — Ok.

— Eu só... me lembro disso sobre você — Jeremy disse. — Eu gostava disso. Você era diferente. Quero dizer, boa no futebol, com certeza, mas você era profunda, também.

Caitlin pensou sobre isso por um tempo. Ela tentou lutar contra o elogio, mas era uma coisa boa para se dizer sobre alguém. Josh nunca tinha falado sobre ela ser profunda ou diferente? Claro que sim, certo? Porém, ela não conseguia pensar em uma única vez.

– Obrigada – ela disse, sorrindo.

Jeremy virou para dentro da escola e pisou no freio por um momento. Ele olhou para trás e sorriu para ela. – Sabe, é bom vê-la sorrindo. Você tem essa atitude de garota agressiva desde que Taylor morreu – ele disse suavemente. Em seguida, moveu-se ainda mais perto.

Quase como se fosse beijá-la.

Caitlin disse a si mesma para se mover, mas seus membros não cooperavam. Ela apenas olhou para os olhos grandes e curiosos de Jeremy, imaginando o que poderia acontecer em seguida.

– Aí está você!

A cabeça de Caitlin se virou.

Vanessa, com seu cabelo vermelho brilhando à luz do sol, correu em direção a eles em frente ao estacionamento, suas chuteiras batendo na calçada. – A treinadora Leah estava prestes a enviar uma equipe de busca! – Então ela olhou para quem estava andando com Caitlin e ficou boquiaberta. – Oh, oi, Jeremy.

– Desculpe. Apenas alguns problemas com o carro. – Caitlin pulou da Vespa com o rosto quente. Ela se sentia culpada, como se tivesse feito algo de errado de alguma forma.

Vanessa se virou. – Bem, vamos nos apressar. A treinador está de mau humor.

Caitlin correu atrás de sua amiga. Não foi até que ela chegou no campo de treino que ela percebeu que não tinha agradecido a Jeremy – ou permitido, talvez, o que ele estava prestes a fazer. Mas é claro que ela não permitiria isso. Ele era o *irmão* de Josh. Nada mais.

Ainda assim, ela olhou para trás para o meio-fio. Jeremy ainda estava em marcha lenta lá com o capacete na mão. Ele deu a Caitlin uma olhar persistente e longo. Ela congelou quando seus olhos castanhos encontraram os dela. De alguma forma, era como se ele estivesse olhando diretamente em sua alma.

E como se ele soubesse que ela quase o deixou beijá-la.

## Capítulo 9

Na segunda-feira, Ava e Alex estavam encolhidos no sofá gigante em forma de L na sala de Ava. Estava passando uma maratona de filmes de Harry Potter, mas os dois estavam prestando mais atenção um no outro. Ava preferia levá-lo para seu quarto, é claro; mas seu pai e sua madrasta estavam em casa, e havia regras estritas na casa de Ava sobre o contato de namorado e namorada em espaços sem supervisão.

– Eu já te disse recentemente o quanto você é linda? – Alex murmurou, puxando-a para perto. Ele cheirava a suéter de caxemira limpo e desodorante Old Spice.

Ava cutucou-o de brincadeira. – Bajulação não vai te levar a nada, meu amigo.

– Não há segundas intenções. – Alex balançou a cabeça castanha encaracolada enfaticamente. – É apenas a verdade. Você, Ava Jalali, é impressionante. Só não deixe isso subir a sua cabeça.

– Não se preocupe – Ava brincou, tocando a ponta do seu nariz. – Com você por perto para manter o meu ego sob controle, não há nenhuma chance de que isso aconteça.

Alex inclinou-se e beijou-a. Ava fechou os olhos e estendeu os braços ao redor de seus ombros para puxá-lo para mais perto. Ela e Alex estavam namorando há um ano, mas os beijos nunca, nunca ficavam velhos.

Nem os elogios. Era estranho: Por toda sua vida, Ava soube que era linda. Muita gente dizia isso a ela: fotógrafos, gestores de modelagem, até mesmo um cara que uma vez quis fazer um avatar dela para um jogo que estava criando. Mas só quando Alex dizia que fazia isso realmente parecer real, porque, ao contrário de todos os outros, ele realmente se importava com *ela*, Ava, e não apenas como ela aparentava. Alex a fazia se sentir especial o tempo todo, e ele

tinha a capacidade única de mantê-la sã e racional no mundo excessivamente competitivo da Beacon Heights.

O celular de Alex tocou no bolso, e ele se afastou para olhar para a tela. — Merda — ele disse. — Eu não percebi que era tão tarde. Meus pais vão me matar se eu perder o toque de recolher.

— Fique — ela disse. — Você sabe que seus pais te amam. — *Muito mais do que o meu agora.* A verdade era que ela odiava ficar sozinha agora. Sempre que ela estava, o pânico por causa de Nolan — e por causa de suas notas — começavam a alcançá-la. Graças à sua madrasta má, seu relacionamento com o pai dela era muito tênue. Se ele soubesse os rumores de Nolan, seria o fim.

— Você ainda está chateada por causa do trabalho? — ele perguntou, como se estivesse lendo sua mente, seus olhos castanhos quentes com preocupação. — O Sr. Granger foi realmente duro.

Ava de repente voltou para aquele dia na sala de aula, quando ela e as outras meninas no grupo haviam discutido a vingança e acabaram falando de Nolan. *Que tal Oxy?* Ela ouviu suas vozes dizerem. *Não muito, apenas o suficiente para derrubá-lo. Apenas o suficiente para tirar algumas fotos incriminadoras.*

Ela rangeu os dentes. *Pare de pensar nisso.*

— Sim, foi uma droga — ela disse em voz alta. — Eu me pergunto se eu deveria falar com ele. Ver se eu posso refazê-lo?

O olhar de Alex correu para a esquerda. — Você tem certeza que é uma boa ideia?

Ava olhou para ele bruscamente. — Por que você diz isso? — Imediatamente ela pensou nos rumores sobre ela. Mas Alex não acreditava neles. — Foi ideia sua — ela acrescentou.

Alex deu de ombros. — Não importa. Você está certa. Você deve tentar mudar sua nota.

— Ok. — Ava deu a mão de Alex um aperto. Ela se sentiu um pouco incerta depois do comentário de Alex, mas talvez Granger irritasse os caras pelo mesmo motivo que todas as meninas gostavam dele. — Eu vou perguntar a ele.

Eles desceram a escadaria para o primeiro andar. Instantaneamente, o cheiro inebriante do spray de quarto que a madrastra de Ava usava agrediu suas narinas. Mesmo que seu pai esteja casado com Leslie há vários anos, Ava ainda achava o cheiro ofensivo. Deus me livre a casa cheirar como as especiarias iranianas que seu pai utilizava em sua cozinha. Isso seria muito estranho e esquisito.

É claro que o resto do lugar tinha mudado também. Lá se foram os tapetes persas que seu pai e sua mãe tinham comprado no Teerã durante sua última visita, substituídos por dois sofás beges e uma poltrona de couro que Leslie tinha escolhido. Foram-se a mesa de café com pés dourados e as cortinas de seda nas janelas que Ava costumava se esconder quando era pequena; em seu lugar estava uma mesa de vidro e persianas de madeira modernas. Ava não tinha certeza do que Leslie estava tentando apagar — a herança do marido ou o legado de sua ex-esposa.

Eles chegaram à porta da frente, e Ava subiu na ponta dos pés para dar a Alex mais um beijo de despedida. Ava era alta, mas ele ainda tinha uns bons seis centímetros a mais que ela. — Me ligue quando chegar em casa — ela disse.

Ele acenou com a cabeça. — Te amo — ele disse, beijando-a levemente na testa antes de pisar do lado de fora.

— Ava? — Ela ouviu do andar de cima quando fechou a porta atrás de si. — É você?

Seu pai apareceu no topo da escada usando um roupão felpudo que ele nunca teria comprado para si — claramente uma compra de Leslie. Seu cabelo grisalho estava despenteado, do jeito que sempre parecia quando ele estava trabalhando até tarde, e seus óculos de armação de arame estava baixo em seu nariz. — Como está a minha garota? — ele perguntou, apenas um pequeno sotaque aparecendo em sua voz.

— Tudo está *ótimo!* — Ava fez uma careta, percebendo que ela tinha colocado entusiasmo demais na mentira. Mas, para sua surpresa, o pai dela não percebeu.

– Estou feliz. Boa noite, *jigar* – ele disse, usando seu antigo termo carinhoso iraniano. Ava sentiu uma súbita onda de afeto por seu pai. Com todo o seu estresse sobre as coisas com Nolan, ela não tinha passado tempo suficiente com ele recentemente. Ela resolveu mudar isso.

– Boa noite – ela respondeu, observando quando ele voltou para seu quarto. Ela começou a subir as escadas, em seguida, mudou de ideia e foi para a cozinha pegar um copo de água, procurando pelo interruptor de luz na parede.

– Oi, Ava – veio uma voz da escuridão.

– Leslie! – Ava saltou pelo menos trinta centímetros no ar. *Por que você está sentada na escuridão como uma louca?* ela queria perguntar. Seus dedos encontraram o interruptor, e a cozinha foi subitamente inundada de luz, revelando outro cômodo que ela mal reconhecia, com as suas bancadas em granito e armários novos brilhantes. Leslie estava sentada em um dos bancos, suas longas pernas bronzeadas cruzadas, seus cabelos loiros soltos ao redor do rosto e uma garrafa vazia de vinho Chardonnay ao lado dela na mesa.

Apenas olhar para Leslie encheu Ava de frustração. Sua mãe tinha sido baixa e desmazelada, com cabelo avermelhado crespo que ela mantinha em um coque. Nada parecida com essa mulher frágil e severa. E seu pai tinha amado a sua mãe por sua mente: Ela tinha sido a chefe do departamento de matemática da Universidade de Washington, brilhante, atrapalhada e engraçada. Ava ainda não tinha certeza se Leslie ao menos tinha uma mente. E a inteligência que ela tinha, ela parecia com a intenção de beber para afastá-la.

– Eu acho que a questão é, o que você estava fazendo, se esgueirando com o seu namorado até tarde da noite? – Leslie desafiou.

– São nove horas, e nós estávamos assistindo a um filme na sala. Da última vez que eu chequei, isso ainda era permitido. – Ava cruzou os braços sobre o peito defensivamente.

– Eu acho que você está gastando muito tempo com ele. Eu

gostaria que ele não viesse mais aqui – Leslie disse lentamente.

– Ah, é? – Ava rebateu. – Bem, que bom que quem decide isso não é você.

Leslie mal se encolheu. – Eu estou preocupada com você, Ava. – Sua voz soava com falsa preocupação. – Eu ouvi algumas coisas preocupantes sobre você recentemente, sobre a súbita... mudança nas suas notas. Eu odiaria ter que compartilhar isso com o seu pai.

Ava engasgou. Como Leslie tinha ouvido esses rumores? De outra mãe? Será que muitos pais sabiam? – I-isso são apenas rumores desagradáveis que um ex-namorado começou – ela gaguejou.

– Está vendo? – Leslie sorriu, mostrando seus dentes muito brancos. – É sempre por causa de meninos com você, Ava. O que eu devo fazer, exceto pedir-lhe para parar de ver esse Alex?

As mãos de Ava apertaram em punhos em seus lados, e ela lutou para controlar sua respiração. Mesmo morto, Nolan Hotchkiss ainda estava conseguindo arruinar sua vida.

Na primavera do segundo ano, Ava e Nolan tinham namorado por vários meses – Ava normalmente não andava com seus amigos, mas Nolan a tinha procurado e tinha sido tão persistente que Ava não pôde dizer não. E enquanto certas coisas em Nolan a incomodava, ela tinha que admitir que tinha sido, bem, divertido ser a namorada de Nolan Hotchkiss. As calouras se separavam para ela passar no corredor, do jeito que normalmente faziam para Julie Redding, Parker Duvall e suas subordinadas. Todo mundo ficava oferecendo suas coisas, guias de estudo, passes de corredor e convites para clubes e casas no lago. Quando ela soube que Nolan estava se vangloriando que ele iria dormir com ela depois do baile, ela não tinha ficado nem tão incomodada quanto ela deveria ter ficado – e ela odiava isso agora, odiava que ela não tenha tido o auto respeito para ver que canalha ele era. Ela estava muito envolvida com seu deslumbrante sorriso e suas palavras mentirosas, e ela foi em frente e fez tudo o que ele queria.

Foi depois, enquanto Nolan estava no chuveiro, que ela pegou seu iPhone para colocar uma música – e viu suas mensagens. Havia

fotos nuas de dezenas de meninas de sua classe, incluindo uma de Delia Marks apenas uma hora mais cedo. *Eu quero ver você*, ela tinha mandado. *Amanhã à noite*, Nolan tinha respondido – enquanto estava com Ava. *Mal posso esperar para ver você. Cada centímetro de você.*

Muito mais calma do que se sentia, Ava se levantou, vestiu o vestido amarrotado Zac Posen e bateu a porta ao sair.

Mas Ava tinha aprendido da maneira mais difícil que ninguém rompia com Nolan Hotchkiss sem sofrer as consequências. Em retaliação, ele disse a todos que ela estava dormindo com os professores da Beacon Heights High – e talvez uma ou duas das professoras também. Todo mundo sabia que Ava estava tirando notas melhores durante o ano passado, e eles estavam mais do que felizes em acreditar na explicação de Nolan. – As meninas bonitas não precisam de cérebros – Nolan dizia em voz alta no corredor sempre que Ava estava por perto. – Elas têm outras formas de conseguirem o que querem.

Foi horrível no começo – pessoas escreviam *vagabunda* em seu armário todos os dias por uma semana. Caras a seguiam pedindo detalhes de suas façanhas. As meninas paravam de falar quando ela entrava em uma sala. Ela tinha mandado uma mensagem para Nolan com uma raiva cega: *Se você continuar dizendo mentiras sobre mim, eu vou te matar*. Mas essa era Beacon Heights, e os danos já haviam sido feitos.

A maior parte dos rumores tinha desaparecido no início do fundamental – todo mundo tinha mudado para outros escândalos, e os amigos de Ava sabiam que Nolan era um babaca mentiroso de qualquer maneira. E então ela começou a namorar Alex, que a amava por quem ela era, e não como ela aparentava. Mas Ava sabia que os rumores nunca haviam realmente desaparecido. Toda vez que ela pegava um grupo de meninas cochichando e lançando olhares em sua direção, ou via um menino dando-lhe uma olhada de cima a baixo por um longo tempo, ela se perguntava se era por causa do que Nolan tinha inventado a respeito dela.

Ela voltou a pensar naquela noite, na festa de Nolan, quando Caitlin a convencera a levá-lo para cima. *Tem que ser você, Ava. Diga que você quer voltar com ele. Ele vai adorar. Ele acha que é um presente de Deus para as mulheres.*

E Caitlin tinha razão.

Um caroço frio e duro estava se formado em seu estômago como sempre fazia quando ela pensava na brincadeira. Nolan tinha estado tão disposto a ir lá para cima com ela, como se ele realmente acreditasse que ela o queria de volta. Ava não se atreveu a dizer a Alex o que ela tinha feito; ela tinha certeza de que ele ia ficar um pouco ciumento por ela seduzir seu ex. Mas mais do que isso, ele ficaria com medo do quanto isso agora estaria ligado à morte de Nolan. Ava certamente estava com medo. As outras continuaram insistindo que a morte dele foi uma coincidência, mas ela se sentia assombrada. Havia sido *ela* que tinha levado Nolan para o andar de cima. *Ela* tinha embebedado ele. Mas ela sabia exatamente o quanto de Oxy que Caitlin tinha colocado lá: um miserável comprimido. Apenas o suficiente para fazer Nolan ficar maluco. Não para matá-lo.

Então, como ele tinha morrido?

— Tudo bem. — Ava virou-se para Leslie e suspirou. — Você venceu. Eu não vou mais trazer Alex. Só não diga a meu pai sobre esses rumores estúpidos.

Leslie sorriu, parecendo satisfeita e divertida. — Estou tão feliz que nós concordamos, Ava. Eu só quero o que é melhor para você. Você sabe disso. — Ela se virou e subiu as escadas sem dizer uma palavra.

Ava estava com tanta raiva que estava tremendo. *Isso realmente não deveria ser uma surpresa*, ela pensou. Os rumores de Nolan vinham atormentando-a por mais de um ano. Por que o tormento iria parar só porque ele estava morto?

## Capítulo 10

Depois da escola na terça-feira, Julie estava sentada em seu quarto elegante e impecável, presa entre duas almofadas macias com um cobertor de pele de animal falsa enrolada em torno de suas pernas. Luz iluminava através da janela, fazendo com que o quarto parecesse limpo e alegre e, acima de tudo, normal. Como o quarto agradável e normal de uma garota normal, que tinha uma mãe normal e uma casa normal. Uma menina normal, que não tinha, possivelmente, matado acidentalmente um colega de classe em uma brincadeira que deu terrivelmente errado.

*Não pense nisso*, ela ordenou a si mesma. Foi uma coincidência. Uma coincidência terrível e horrível que elas tinham escrito algo nele antes de morrer. Mas ninguém iria acreditar nisso se ela mesma não acreditasse.

Os agentes da polícia tinham entrado nas salas de aula ontem, fazendo perguntas. Alguns alunos disseram que já tinham sido interrogados sobre a noite da festa, embora Julie não tivesse sido chamada. Alguém tinha visto ela ir lá em cima? E se alguém tivesse ouvido a conversa na aula de filmografia? Alguém *deve* ter ouvido, certo?

Mas... quem?

Agora, tudo o que Julie queria fazer era deitar em sua cama com a cabeça debaixo das cobertas, mas ela tinha que ser normal, a perfeita Julie. E a normal e perfeita Julie era feliz e popular. Então ela estava em uma ligação com Nyssa e com sua amiga Colette em espera. Natalie lhe havia mandado uma mensagem instantânea em seu MacBook Air, ela tinha quinze mensagens no Facebook para ler e tinha trezentas “curtidas” em uma selfie que ela postou no Instagram na noite passada.

– E alguém me disse que eles estavam se pegando na câmara escura de fotografia – Nyssa estava dizendo no ouvido de Julie,

interrompendo a fofoca com uma risadinha. Ela estava falando sobre Rebecca Hallswell e Corey Grier, o mais novo casal da Beacon, e era escandaloso porque eles dois tinham traído seus ex-namorados. — Quero dizer, seja um pouco criativo, Corey! O cabelo da pobre menina cheirou a fixador pelo resto do dia!

— Fala sério — Julie disse, revirando os olhos. — Embora haja algo romântico na câmara escura, sabe? Pouca iluminação. E todas aquelas fotos em preto e branco penduradas em prendedores de roupa...

— Julie! — uma voz chamou.

— Estranha — Nyssa brincou. — Embora eu fosse para qualquer câmara escura com o Sr. Granger. Fotografia é de longe o melhor clube.

— *Julie!* — uma voz disse novamente. Em seguida, ela ouviu uma tosse seca.

— Quem é essa? — Nyssa perguntou, soando um pouco assustada.

— Hum, é a nossa empregada — Julie disse, seu coração batendo forte.

— Você deveria mandá-la para casa. Ela parece doente — Nyssa disse. Em seguida, ela gemeu. — Minha mãe está me chamando. O que você vai fazer hoje à tarde?

— Julie!

— Hum... — Julie precisava desligar o telefone rápido. — Na verdade, eu tenho que ir também. Te ligo mais tarde.

Ela desligou o telefone. Em seguida, ela se levantou de sua mesa com seu coração batendo mais rápido. Sua mãe a chamou mais uma vez, sua voz aumentando com urgência. — Estou indo — Julie disse, com a voz embargada pelo soluço.

E então ela abriu a porta.

Cada metro quadrado de tapete estava cheio de caixas, móveis ou caixotes cheios de coleções aleatórias. Ela se espremeu pelo corredor,

empurrando seu caminho através de um labirinto de caixas. Sacos de lixo de plástico estavam empilhados tão alto que bloqueava as luminárias. Seu coração batia contra seu esterno, uma náusea familiarizar florescendo em seu estômago.

Cada passo que dava ela sentia gatos roçando em suas canelas, pulando em torno de seus tornozelos. Na cozinha, eletrodomésticos quebrados estavam desordenados no chão, uma velha batedeira e a máquina de sorvete estavam situados entre sacos de papel cheios de pedaços de pratos quebrados. Um fogão inutilizável vintage que a mãe de Julie tinha pego de algum lugar estava sob a janela repleto de livros de receitas manchados e amassados. As pilhas de jornais velhos e revistas amarradas com barbante tinham quase cinco metros de altura e estavam encostadas nas paredes. Um gato branco sujo estava enrolado e dormindo em cima de uma pilha, enquanto outro arranhava suas garras em outra, deixando pedaços de papel de jornal espalhados pelo chão. O pêlo de gato pairava no ar em torno deles, girando em remoinhos cada vez que Julie se movia.

*Acalme-se*, Julie disse a si mesma. Ela começou a contar. *Um, dois, três...*

A cauda de um gato roçou a perna nua de Julie. Ela pensou que iria enlouquecer. *Quatro, cinco, seis...*

– Julie? Você vem?

Pequena em relação as pilhas oscilantes, sua mãe se sentou à mesa, colocando um pequeno gato cinza malhado em seu colo e deixando-o tomar o leite de sua tigela de cereais. Mais quatro gatos rodearam os tornozelos rechonchudos da mulher, choramingando por comida. A Sra. Redding usava um vestido caseiro rosa, cinza na bainha e sujo de comida. Seu rosto era suave e pastoso, sua pele sem brilho. Julie lutou contra o impulso de atravessar a cozinha e escovar a pele de sua mãe, para raspar a camada exterior de sujeira e abandono. E em seguida, dar atenção para o resto da casa. Jogar tudo fora. Queimar o lugar. *Sete, oito...*

– Eu estou aqui – Julie disse, entrando na cozinha. Julie pegou a tigela e trouxe-a para a pia, sabendo que se ela não lavasse, ficaria lá

por semanas, ou talvez até meses.

— Eu não terminei! — Sua mãe gemeu. Então seus olhos se surpreenderam. — E não jogue fora!

Ela apontou para a mão de Julie, que segurava um pedaço amassado de jornal sobre a pia, bem como um jornal circulado com as promoções que terminaram semanas atrás. O motivo de sua mãe precisar desses dois itens, ela não tinha ideia. Mas, desanimada, ela colocou-os de volta no balcão. Em cima de alguns pratos sujos empilhados e uma pilha de outros jornais circulados que provavelmente eram igualmente antigos.

*Nove. Dez. Onze. Não fique brava. Você vai fazê-la chorar, e isso é pior. Doze. Treze.*

Julie apertou a esponja com força, vendo a espuma escorrer pelos buracos da esponja.

— Eu só estava tentando ajudar, mamãe — ela disse com a voz firme. Ela lavou o resto das panelas do café da manhã e abriu o ralo. É claro que não havia lugar para empilhar os pratos limpos, com exceção de em cima dos outros pratos. Ela enxugou-os com um pano de prato, e então, cuidadosamente empilhou-os na pilha oscilante. — Então, hum, você estava me chamando?

— Sim. Você pode depositar o cheque hoje? — sua mãe disse. — E comprar alguma areia da loja para gatos?

*Quatorze. Quinze. Dezesesseis.* Claro que sua mãe precisava de areia para os gatos. E Deus me livre se ela mesma saísse de casa sozinha. Mas por outro lado, Julie era grata por isso: Sua mãe poderia contar que Julie era sua filha para alguém, e essa pessoa espalhar para o pessoal da escola. E então ela estaria acabada. — Hum, com certeza.

— E você pode me conseguir uma revista *Entertainment Weekly* enquanto você estiver fora?

A necessidade histórica e repentina de rir borbulhou na garganta de Julie enquanto seus olhos deslizaram sobre as torres de papel ao redor da cozinha. — Eu não sei, mamãe — ela retrucou, incapaz de resistir. — Talvez você queira recuperar o atraso em suas edições

anteriores primeiro?

Ela teve um vislumbre fugaz de dor no rosto de sua mãe antes de conseguiu passar por uma caixa de papelão de enfeites de Natal até o corredor. Culpa a atingiu. Ela sabia que sua mãe estava doente, que isso era uma doença, como o Dr. Fielder tinha dito, mas Julie não podia deixar de sentir raiva dela.

Ela foi para o banheiro, que cheirava a água sanitária, e vasculhou o lugar pequeno que estava recheado de caixas de massa de macarrão e queijo, sacos de areia para gatos abertos, escovas de dentes usadas, frascos de shampoos vazios e Deus sabe o que mais.

Ela respirou fundo e olhou-se no espelho. Seu cabelo ruivo brilhante era suave e liso. Sua blusa verde clara era jovial e livre de rugas.

– Você não é a sua mãe. Você não vai se tornar ela – Julie repetiu para si mesma. Ela se acalmou um pouco, mas ela sabia que tinha que sair de casa para não enlouquecer. Pegando seu celular, ela discou para Parker. – Eu preciso de terapia de compras, imediatamente. Você topa? – Julie disse quando Parker atendeu.

– Claro. Você vem me buscar? – Parker disse com a voz rouca.  
– Mas tem que ser até às seis. Eu vou ver o Dr. Fielder.

Julie fechou os olhos e disse *graças a Deus* em silêncio. – Certo. Estou saindo agora.

\* \* \*

Vinte minutos mais tarde, Julie e Parker estavam passeando pelos corredores da Tara's Consignment, uma boutique de segunda mão em Beacon cujo dono era obcecado por *E o Vento Levou* – havia cartazes do filme em todas as paredes, citações famosas nos provadores e uma boneca de Scarlett O'Hara atrás do balcão. Era a loja favorita de Julie, em parte porque era em uma rua lateral indefinível bem longe das lojas principais – o que significava que ela poderia ir sem que suas amigas a vissem e fizesse as perguntas

óbvias do motivo de alguém como ela ir fazer compras nessa loja – e também porque era onde os moradores ricos traziam as últimas roupas usadas para dar espaço para a linha desta temporada. Na loja Tara era como Julie, que basicamente vivia de seu salário de salvavidas, podia pagar os jeans Joe, vestidos de Diane von Furstenberg, as blusas Joie e os acessórios Elizabeth and James.

– Que tal esse? – Julie perguntou, segurando um vestido amarelo canário na frente do corpo magro de Parker.

Parker fez uma careta. – Eu já usei amarelo alguma vez?

– Não há algum tempo – Julie disse em voz baixa. – Estou feliz que você vá ver o Dr. Fielder hoje. Você está nervosa? – Parker deu de ombros e caminhou em direção as sapateiras na parte de trás da loja. Julie a seguiu, sabendo que ela não deveria pressioná-la.

Ela pensou em sua própria sessão com Elliot Fielder. Ao contrário de um monte de coisas que eram um estigma em Beacon Heights, um psiquiatra não era uma delas. Nyssa, que tinha tido problemas alimentares, falava sobre o dela o tempo todo. Havia até um boato de que Nolan tinha um psiquiatra, embora Julie duvidava que fosse verdade. O cara não era humano o suficiente para precisar de aconselhamento.

*Pode me chamar de Elliot*, o Dr. Fielder havia dito, seus olhos enrugando quando ele sorriu. Julie tinha ficado surpresa com o quão jovem ele era quando ela abriu a porta de seu escritório pequeno, mas aconchegante.

Elliot tinha feito Julie se sentir tão confortável quando ela explicou sua história familiar para ele. Todas as suas preocupações com a mãe dela. *Estou com medo de ser como ela*, ela havia dito. *Ela costumava ser tão linda, bem-sucedida, perfeita. Mas então... algo mudou.*

Há muito tempo atrás, sua mãe se parecia com ela. Agia como ela, também, se preocupava com sua aparência e sua casa. Preocupava-se com o que as pessoas pensavam. Julie não tinha certeza de quando ela tinha começado a mudar, só que isso tinha acontecido pouco a pouco. Se alguém lhe houvesse dito há dez anos que elas seriam expulsas pelo conselho de saúde da Califórnia, porque a casa delas

não era segura para se viver — por causa dos gatos da mãe dela — Julie teria dito que eles eram grandes mentirosos. Ela não tinha esperado pela condição que sua mãe chegou. E agora, ela não tinha nenhuma forma de lidar com isso, exceto respirando... e contando... e se escondendo.

— Você já falou com alguém sobre isso? — Elliot perguntou a ela.

Julie baixou os olhos. Seu segredo era horrível. As pessoas a tinham deixado na Califórnia, feito piadas com ela incansavelmente, atormentando-a no intervalo, escrevendo fofocas sobre ela no quadro-negro quando a classe saía para o almoço. Todos eles assumiram que ela era tão suja como a casa em que vivia. O ano passado parecia uma prisão — ela não tinha amigos. Sua mãe era uma estranha agora. Ela literalmente não tinha ninguém.

— Só minha amiga Parker. E agora eu só preciso saber se o que aconteceu com a minha mãe vai acontecer comigo — ela disse baixinho, reunindo coragem.

Elliot tinha sido compreensivo e reconfortante. — Sabe, a partir de uma perspectiva clínica, você não se encaixa no molde de alguém pronto para uma pausa mental — ele disse. — Você parece uma adolescente extremamente inteligente e em alto funcionamento, que está equilibrando um monte de problemas realmente pesados. — Em outras palavras: *Você não é sua mãe.*

Julie parou em frente a uma fotografia de Vivien Leigh em pé na porta da Tara com uma expressão melancólica em seu rosto. Se ela pudesse adotar a ideia de *E o Vento Levou*, que amanhã era outro dia. Mais um dia sem preocupações por causa de Nolan ou seu segredinho sujo.

Julie pigarreou e pegou um bracelete cravejado de uma bandeja de joias em uma mesa. — O que você acha desse?

Parker franziu a testa. — Isso combina mais comigo do que com você, você não acha?

— Bem, então, eu vou comprá-lo para você — Julie disse, marchando até o balcão. Ela deslizou sobre o balcão para a mesma

garota com idade universitária com mechas verdes no cabelo que sempre trabalhava lá. – Eu gostaria de comprar isso para a minha amiga – ela disse, apontando para Parker atrás dela.

Algo mudou no rosto da caixa quando ela olhou para trás de Julie para sua amiga. As pessoas podiam ser tão superficiais. Julie cerrou o punho.

Depois disso, elas saíram para a calçada, desceram o quarteirão e viraram para a rua principal de compras. Havia uma loja de joias de produtos caros, uma loja de decoração com lustres de gaiola e cobertores de cashmere de mil dólares, havia lojas de roupas como Madewell, Coach e Williams-Sonoma, assim como vários restaurantes.

– Julie?

– Oh, merda – Parker resmungou.

Julie se virou. Nyssa estava no canto, várias sacolas de compras penduradas em torno de seu pulso. Natalie Houma estava com ela, com o celular na mão.

– É você! – Nyssa gritou. Ela pulou para ela alegremente e pegou a mão de Julie. – Você desligou o celular rápido demais e não deu tempo de eu te chamar, mas estamos prestes a conhecer algumas pessoas na casa de Judy Diner. Você tem que vir. Carson está lá. Ele está perguntando por você. – Ela piscou.

Julie corou. Ela olhou para Parker, perguntando se ela viria, também. Mas sua amiga já tinha ido embora. *Típico.*

– Claro – ela disse, abaixando os ombros. Podia parecer que ela estava abandonando Parker, mas ela sabia que Parker não queria ir. Julie resolveu ir atrás dela depois da consulta. Talvez fosse ajudar. Talvez com o tempo Parker se abrisse de novo para o mundo e deixasse todo mundo ver a menina que agora apenas Julie conhecia.

## Capítulo 11

Às seis da noite, Parker abriu a porta de um prédio de escritórios no centro de Beacon Heights. A sala de espera estava vazia, exceto por algumas cadeiras, um vaso de flores e algumas revistas surradas. Ela olhou para a segunda porta que dava para outro corredor. ELLIOT FIELDER, ASSISTENTE SOCIAL, estava escrito em letras grandes na parte superior.

O psiquiatra. Ela, no entanto, não estava ansiosa para isso, mas ela havia prometido a Julie. E agora que a morte de Nolan estava sendo investigada, era mais importante do que nunca ela aprender a se manter sã.

A porta se abriu, e um homem apareceu. Ele tinha um cabelo escuro despenteado e seus olhos estavam ligeiramente apertados de uma forma séria e pensativa. Ele tinha o corpo magro e musculoso. Ele piscou para ela.

— Hum... — ele disse.

Parker ficou ereta, envergonhada por todos os pensamentos que tinham acabado de passar por sua mente. — Eu sou Parker — ela disse. — Parker Duvall. Amiga de Julie.

Seu olhar permaneceu sobre ela. Não era um olhar de espanto, porém, apenas um pequeno semicerrado de olhos, como se ele estivesse tentando descobrir algo sobre ela. Em seguida, ele limpou a garganta e pegou sua prancheta. — Ah, certo. Julie mencionou que você viria. Entre e sente-se.

Ela passou por ele e entrou no escritório. A luz fluorescente do teto estava apagada, mas algumas luminárias de chão davam um brilho suave aos cantos da sala. Do lado de fora da janela, o céu estava tão desanimado e cinza quanto o seu humor.

Ela deixou-se cair no sofá, jogando as pernas em cima de um dos braços.

Fielder fechou a porta e sentou-se numa cadeira, puxando-a para o meio da sala. Por alguns momentos, ele olhou para ela com uma expressão que ela não pôde ler. O relógio da parede contou os minutos de silêncio.

— Por que você fica olhando para mim? — Ela finalmente falou com raiva. — Eu sei que eu tenho cicatrizes. Você não tem que fazer eu me sentir como uma aberração mais do que eu já me sinto.

Fielder franziu a testa. — Cicatrizes?

Parker zombou. — Bom truque, doutor. Mas elas estão aqui. — Ela apontou para seu rosto, meio escondido debaixo de seu capuz. — Eu sei que meu rosto parece que passou por um processador de carne, ok?

— Eu não vejo nenhuma cicatriz — Fielder disse desafiadoramente. Ele lambeu os lábios. — Sinto muito, Parker. É só que Julie me contou um pouco sobre você, e eu tenho que admitir que estou um pouco surpreso que você tenha vindo hoje.

O que Julie disse? Provavelmente a mesma porcaria que ela dizia a Parker todos os dias — *é como se você tivesse desistindo. Se você apenas fizer um esforço. Blá, blá, blá.* — Julie é minha melhor amiga, e ela acha que sabe de tudo. Mas, às vezes, ela está errada.

Ele sorriu um pouco. — Julie está preocupada com você, Parker.

Ela bufou. — Julie se preocupa com tudo. Eu posso cuidar de mim mesma. Quero dizer, eu já passei por um inferno, e eu ainda estou de pé. Isso tem que servir para alguma coisa, Dr. Fielder.

Ele balançou a cabeça lentamente, coçando o queixo. — Por favor, me chame de Elliot. E eu não sou realmente um médico. Eu sou um conselheiro, o que significa que eu estou mais interessado em ouvir você do que consertar você. Ok?

Parker franziu a testa com cautela. *Pode me chamar de Elliot. Estou interessado em ouvir. Eu não vejo nenhuma cicatriz.* Este cara estava repleto de táticas.

— E você está certa — ele continuou. — Você é, obviamente, uma garota durona, Parker. Uma lutadora. Mas isso não significa que

você tenha que lidar com tudo isso sozinha.

Ela desviou o olhar para suas próprias pernas longas e finas em suas botas de motociclista gastas. — Você quer falar sobre o que aconteceu? — A voz de Elliot era suave e gentil.

Ela deu de ombros desdenhosamente. — Não é grande coisa.

— Você tem certeza disso?

Ela olhou para ele novamente. Uma dor oca pulsou em seu esterno. Fazia muito tempo que alguém, além de Julie a tinha tratado como um ser humano.

Ela limpou a garganta. — Então o meu pai costumava me bater. Nada demais.

Os olhos de Elliot se arregalaram. — Parece grande coisa para mim.

Uma gargalhada lutou para fora de sua garganta. — Eu merecia. Era o que minha mãe sempre me dizia, que eu contrariava ele. Eu estava sempre estragando tudo. Se ele me ouvia falar de alguma festa ao telefone, ou se ele me pegava saindo da escola com uma saia mais curta do que era permitido. Havia sempre um motivo ou outro. — Ela manteve os olhos para baixo, longe do terapeuta, girando uma mecha de cabelo em torno de um dedo.

Elliot cruzou os braços sobre o peito. — Nunca é certo alguém machucar você. Não importa o que você faça. Você sabe disso, certo?

Parker zombou. — Bem, aparentemente, os policiais pensaram a mesma coisa. Porque ele está na prisão agora. Problema resolvido, certo?

Elliot coçou o nariz. — Julie mencionou um ataque.

Claro que Julie iria traí-la desse jeito. — É. Foi quando tudo mudou. A noite que os policiais apareceram e prenderam ele.

— Você pode descrever essa noite?

Ela encolheu os ombros. — Ele enlouqueceu. Ficou furioso. E isso aconteceu. — Ela apontou para seu rosto e, em seguida, tentou rir, como se isso não importasse, mas é claro que importava. Claro que

importava que o rosto dela, uma vez perfeito, agora estava *assim*.

Ela lembrou-se da festa, lembrou de Julie encontrando-a no quarto de Nolan, fora de si. Essa foi a noite que ele deu a ela um Oxy – ela nunca tinha usado essa droga antes. – Venha, eu vou te levar para casa – Julie disse.

Parker pedira-lhe que não. – E se o meu pai estiver acordado? Não posso simplesmente ficar na sua casa?

Julie tinha apertado o lábio; isso foi antes de ela dizer a Parker seu segredo. – Ele não vai estar acordado. Você já entrou escondida antes. Apenas entre sem fazer barulho e vá dormir.

Ela lembrou-se de sair do carro de Julie e caminhar tremulamente em direção a casa. Mas ela realmente não lembrava muito do que tinha acontecido quando ela entrou. Ainda assim, ela tinha visto seu pai com raiva vezes suficientes para preencher os espaços em branco.

– Foi horrível, não foi? – Elliot disse gentilmente. Parker olhou para suas mãos em seu colo.

– E o que aconteceu depois disso? Você foi ao hospital, certo? Deus, Julie tinha contado tudo?

– E então o seu pai foi para a prisão, estou certo? Como você se sente sobre isso?

Parker bufou. – Como você acha? – Então seu olhar se desviou para a janela. – Minha mãe me odeia por isso. Ela acha que aquela noite foi minha culpa. Talvez tenha sido. Mas também foi culpa dele.

– Do seu pai?

– Não. – Sua voz falhou. – M-meu amigo.

– O que você quer dizer?

Parker fechou os olhos. O rosto de Nolan apareceu em sua mente. Ela considerou não dizer nada, mas ela já tinha ido muito longe. – Eu tinha outro melhor amigo além de Julie. Naquela noite, a noite do ataque, ele me deu Oxy, mesmo sabendo que o meu pai me mataria

se ele me pegasse drogada.

Elliot franziu a testa. — Por que o seu amigo faria isso?

Os ombros de Parker subiram depois desceram. — Porque Nolan é assim. Às vezes, ele brinca de Deus só porque ele pode.

Elliot apertou os olhos. — Nolan... Hotchkiss?

Parker olhou para ele, sua frequência cardíaca acelerando. — Você o conhece?

Elliot balançou a cabeça. — Só pelo que eu li nos jornais. Como você tem lidado com isso?

Parker se recostou na cadeira e abraçou uma das almofadas de jacquard em seu peito. — Eu não amava exatamente o cara.

Elliot franziu a testa ligeiramente. — Então vocês não eram amigos quando aconteceu?

— De jeito nenhum. Ele nem sequer olhava para mim depois que tudo aconteceu.

— Você foi ao funeral?

Parker deu de ombros. — Sim. Quero dizer, não é como se eu quisesse que ele se machucasse. Mas se eu estou pronta para, tipo, fazer uma vigília à luz de velas? Não mesmo. — Um arrepio percorreu-lhe pela espinha. — Todo o choro e dramatismo. Tem... me trazido de volta lembranças ruins.

Elliot balançou a cabeça lentamente. — Isso não é incomum.

— Não?

Elliot olhou para o seu bloco de notas. — Julie mencionou uma vez que você tem ataques. Dores de cabeça. Ataques de pânico. Quantas vezes você está tendo isso?

Ela encolheu os ombros. — Algumas vezes por semana. As dores de cabeça vêm e vão. Os ataques de pânico... eles acontecem quando algo me assusta. Barulhos, movimentos bruscos. Carros fazendo barulho. Esse tipo de coisa. E às vezes é difícil para mim lembrar das coisas. Há enormes lacunas...

— Isso parece muito com transtorno de estresse pós-traumático — ele disse, inclinando-se para trás na cadeira. — O que não deveria ser surpresa, devido a tudo o que você passou.

Ela olhou para ele. — Não é isso que os médicos têm quando eles voltam da guerra?

— É aí que mais vemos isso, isso é verdade. Mas TEPT pode acontecer a qualquer um que já tenha passado por um trauma grave. Seu corpo fica preso a reagir ao que ele percebe como uma ameaça, mesmo que essas ameaças não sejam válidas. Mas a boa notícia é que é totalmente tratável.

Parker sentou-se, colocando os pés no chão e virando-se para encará-lo. Sua cabeça estava girando. Ela tinha vindo aqui para tranquilizar Julie, para ter certeza de que nada — ninguém — pudesse trazê-la de volta. Mas pela forma que Elliot estava falando, talvez ele pudesse ajudá-la. Talvez ela não fosse uma causa perdida.

Fazia um longo tempo desde que ela se sentiu daquela forma.

— Aqui está o problema, Parker. — A voz de Elliot era gentil. Ela enxugou os olhos e olhou para ele. — Isso não significa que você está danificada. Significa apenas que a sua mente se adaptou a sentimentos de insegurança. É um mecanismo de defesa.

— Isso soa como danos para mim — ela disse, dando uma respiração profunda e estremecendo. — Ótimo. Estou duplamente danificada. Rosto e mente.

Ele estalou a língua. — Parker, todos nós somos danificados em nossos próprios caminhos. É que a maioria das pessoas chamam de “experiências”. E você teve um monte de experiências. Com o seu pai. Com a sua mãe. E com Nolan.

Ela assentiu com a cabeça.

De repente, ela sentiu a mão dele sobre a dela. Estava quente e ligeiramente calejada perto das pontas, como se ele tocasse um instrumento em seu tempo livre. Ele deu-lhe um aperto de mão rápido, e, em seguida, a soltou.

— Parker, você tem todos os motivos do mundo para não confiar

em ninguém – ele murmurou. – Ninguém pode culpá-la por ser cautelosa. Mas você não tem nada a temer. Eu prometo a você, se você me der um pouco de confiança... se você tiver um pouco de fé... eu farei de tudo para ajudá-la.

– Como? – Parker deixou escapar, com certeza suas bochechas estavam vermelhas.

– Podemos trabalhar com as coisas juntos. O primeiro passo de qualquer terapia é um pouco de autoconhecimento. Eu quero que você pense nas maneiras que os seus hábitos, suas convicções, suas peculiaridades de personalidade foram desenvolvidas para ajudá-la e protegê-la. Então pergunte a si mesma se elas estão realmente funcionando ou se elas estão machucando você. Por exemplo, quando você sentir uma dor de cabeça vindo, se concentre em algo na frente de você. Algo real, como sua mão, para mantê-la no momento. Parece simples, mas ajuda, eu prometo.

Ela procurou seu rosto. Ele parecia tão sincero. Ela queria mais do que tudo acreditar nele. Acreditar que as coisas nem sempre tinham que ser tão desesperadas, tão dolorosas. Acreditar que ela nem sempre tinha que estar sozinha. Acreditar que talvez, apenas talvez, um dia, tudo ficaria bem.

## Capítulo 12

Naquela mesma noite, depois de algumas horas praticando o material da audição de Juilliard, Mac estacionou no meio-fio na casa de Blake. Ele morava em um bairro de antigas casas vitorianas perto da biblioteca de Beacon Heights; ela costumava vir aqui o tempo todo e brincar em sua cama elástica no quintal. Eles faziam competições para ver quem poderia saltar mais alto e quem conseguia dar a melhor cambalhota. Claire já tinha brincado com eles? Mac perguntou. Ela não conseguia se lembrar.

Ela bateu a porta de seu carro e deu uma respiração profunda e decidida. *Ok. É só um ensaio da banda. E aquele beijo? Nunca aconteceu. E isso nunca vai acontecer de novo.* Além disso, toda a banda estaria aqui neste momento. Blake não iria beijá-la na frente de todas essas pessoas.

Ela agarrou a case do violoncelo do porta-malas e caminhou rapidamente até o caminho da frente da porta. A campainha de Blake era a mesma de sempre, sinos tocando profundamente as primeiras notas da Quinta Sinfonia de Beethoven. A porta se abriu, e Blake estava usando meias, um par de jeans escuros e uma camiseta verde floresta. Seu sorriso era cauteloso e tímido.

– Oi – Mac disse friamente.

– Oi. – Blake estava tão alegre e espontâneo. Ele abriu mais a porta. – Venha.

*Viu?* Mac pensou quando ela o seguiu, a case do seu violoncelo colidindo contra seus joelhos. Blake *queria* esquecer. Isso iria ser mais fácil do que ela pensava. E quando ela passou por uma fila de fotos no corredor, ela espiou uma foto de Blake e Claire da viagem que a orquestra fez para a Disneylândia no ano passado – Blake já tinha saído da orquestra nesse momento, mas ele pediu que seus pais comprassem um bilhete de qualquer maneira. Ele usava orelhas de Mickey Mouse e estava fazendo um sinal do diabo para a câmera.

Claire estava beijando a bochecha dele, seu rosto estava vermelho.

*Eles* têm que ficar juntos, Mac disse a si mesma com determinação. E ela era apenas a amiga.

Blake levou-a através da antiga cozinha e abriu a porta para o porão restaurado. Enquanto Mac descia as escadas atrás dele, ela se deu conta do quanto a casa estava silenciosa. Ela entrou no grande porão, que cheirava um pouco a mofo e tinha um desumidificador chiando no canto. Vários estandes de música e amplificadores estavam montados perto da TV, mas o porão estava vazio.

– Os outros não chegaram ainda? – ela perguntou.

Blake parou no último degrau, virou-se e olhou para ela. – Eles cancelaram de novo. Coisas para fazer, eu acho.

Mac piscou. Blake não parecia tão chateado sobre isso como ele tinha estado da última vez. Ele tinha dito para eles não virem?

Ela apertou a alça de sua case de violoncelo com força. – Oh. Bom, nesse caso, eu provavelmente deveria ir praticar para a minha audição.

Ele acenou com a cabeça, mas Mac achou ter detectado um flash de decepção em seu rosto. – Sim, eu aposto que você está tensa. O que você está praticando?

Mackenzie mordeu o lábio. – Eu estou debatendo entre o primeiro e o quarto movimento do *Concerto em Mi Menor* de Elgar. E eu acho que eu vou fazer *Pezzo Capriccioso* de Tchaikovsky no grande final. Eu não sei, no entanto. Eu estava pensando em mudar. Eu toquei *Spinning Song* de Popper na competição estadual de solo do ano passado, e eu ainda estou tocando bem. Talvez eu toque isso, ao invés. – Ela beliscou a ponta de seu nariz. – Minha mãe tem uma amiga, Darlene, que trabalha em Juilliard e tem influência com as admissões. Se eu quisesse, eu suponho que eu poderia perguntar o que ela acha. Mas isso parece trapacear. – A única coisa pior do que não entrar em Juilliard, ela pensou, era entrar desonestamente.

– Bem, Claire vai tocar Popper – ele aconselhou. – Você deveria ficar com Tchaikovsky. Você vai se destacar mais.

Ele fez uma leve careta, como se ele tivesse percebido que tinha dito o nome de Claire. — Sim, hum, tudo bem — Mac disse sem jeito, pronta para caminhar de volta até as escadas. Blake agarrou seu braço. — Mac, espere. Fique. Por favor. Mesmo que seja só para uma música.

Ela se surpreendeu com a ênfase em sua voz. Seu coração batia contra seu peito. Mas ela limpou sua garganta. — Eu não acho que isso seja uma boa ideia — ela disse. — Não depois de... você sabe. Da semana passada. — Ela definitivamente não ia dizer *beijo* em voz alta.

O olhar de Blake caiu no chão. — Eu estava com medo de que você fosse dizer isso. Eu não deveria ter beijado você, ok? Você não está... a fim de mim.

— Não, quero dizer, sim. Eu estou. — Mac deu um tapa na testa. — Espere. Quero dizer, não. Você não deveria ter me beijado, no entanto. Claire é minha melhor amiga, Blake. Eu não posso fazer isso com ela.

Ele colocou as mãos nos quadris. — Espera, voltando para a primeira parte. Você está a fim de mim? — Mac levantou um ombro. Ela achou que era extremamente óbvio.

— E se Claire não existisse, você não estaria dizendo isso agora?

Mac olhou para suas sapatilhas bordadas. Ela não podia se meter nisso. Ela precisava se concentrar em Juilliard. Já era ruim o suficiente que ela provavelmente seria interrogada pela polícia em breve. Já era ruim o suficiente, provavelmente, alguém ter visto ela subindo as escadas pouco antes de Nolan. E depois havia as fotos que ela enviou... Ela seria interrogada, ela sabia disso. Muita coisa já estava acontecendo — ela não queria acrescentar Blake, também.

Mas quando ela sentiu Blake pegar a mão dela, ela não se afastou. Seu toque parecia enfraquecê-la, seus membros de repente parecendo com macarrão. Ele puxou-a para o sofá, que era macio e de pelúcia e tinha uma manta de crochê que Mac sempre amou. Ele segurou seu rosto entre as mãos e lhe deu um sorriso terno. — Você é tão linda — ele falou entusiasmado. — Eu não consigo parar de

pensar em você e eu na loja de cupcake.

Sua respiração fez cócegas no lóbulo da orelha dela. Ele cheirava a sabonete Ivory e a um pouco de açúcar — o cheiro de cupcake permanecia mesmo quando ele não estava trabalhando. Ela sentiu-se tonta.

— Eu também — ela ouviu-se admitindo. Mas, então, ela virou a cabeça. — O que estamos fazendo, no entanto? Você tem uma namorada, Blake. Isso não está certo.

Blake sacudiu a cabeça. — Eu estou tentando terminar as coisas. Eu quero ficar com você.

Mac piscou com força. — Você quer? Por quê?

— Porque você é tão... você. — Ele acenou com a cabeça.

Mac sorriu ironicamente. — Infelizmente.

— Isso é uma coisa boa. — Blake se sentou e pegou as mãos dela. — Eu *sempre* quis você.

— Então por que você beijou Claire na Disney? — ela falou sem pensar.

Por um momento, Blake parecia genuinamente confuso. — Do que você está falando? Claire me beijou.

— O quê? — Mackenzie disse, olhando para ele através de seus óculos. — Claire disse que você beijou ela em um cavalo, mas que ela o impediu porque ela tinha que falar comigo primeiro.

Blake balançou a cabeça lentamente. — Hum, não. Nós estávamos no Piratas do Caribe. E eu perguntei a ela se, você sabe, se ela achava que você sairia comigo. — As bochechas de Blake ficaram vermelhas. — Ela disse que você estava interessada em outra pessoa, mas que ela gostava de mim, e ela me beijou ali mesmo. — Ele olhou para Mackenzie sinceramente, levantando o queixo. — Eu nunca teria ficado com ela se eu achasse que tinha uma chance com você.

A boca de Mac caiu. Não tinha sido isso o que Claire disse a ela. Na verdade, tinha sido exatamente o oposto. E todo esse tempo, ela tinha se escondido, deixando que eles tivessem espaço. Seu sangue

começou a ferver.

Ele deslizou seus braços ao redor da cintura dela e puxou-a de repente para seu colo. — Não vamos falar sobre Claire agora, ok?

Em seguida, eles estavam se beijando novamente. E Mac fez o que lhe foi dito: Sua mente ficou em branco. Pela primeira vez, ela não estava preocupada em como ela aparentava ou como ela soava — ou sobre o que ela estava fazendo com Claire. Ela não estava pensando em nada além dos lábios de Blake, as mãos de Blake e o corpo de Blake. Naquele momento, nada e ninguém existia, exceto ela e o menino que a tinha amado a distância por tantos anos.

## Capítulo 13

Na quarta-feira, Ava apareceu na aula de filmografia mais cedo, na esperança de falar com o Sr. Granger, mas ele não veio para a sala de aula até que o sino final tocou.

– Ok, pessoal – ele disse, e se virou para escrever no quadro-negro. – Hoje nós vamos começar um novo filme. Este é chamado *A Tara Maldita*. Alguém já ouviu falar dele?

Um monte de mãos ansiosas levantou, assim como a de Ava. Ele se virou e seus olhos pousaram sobre ela. – É aquele sobre a menina que comete um assassinato – ela disse, encorajada.

Granger concordou. – Uma criança de perfeita aparência. Filha de uma família perfeita. Como ela pôde ser capaz de fazer algo tão horrível?

O estômago de Ava apertou. Era uma escolha estranha de filme depois de um de seus alunos ter sido assassinado. Ela olhou para as outras. Mac se mexeu. Julie bateu seu dedo do pé incessantemente.

Granger foi até a televisão e ligou. – Aqueles que assistiram, quais vocês diriam que são os principais temas?

A mão de Ava levantou novamente. Ela estava determinada a se redimir depois do grande e vermelho C. – Natureza versus criação – ela ofereceu. – Uma família perfeita deve, em teoria, criar uma garota perfeita. O que deu errado?

– De fato. – O sorriso de Granger resplandeceu. – Então, o que *poderia* dar errado, Ava? Alguma ideia?

– Bem. – Ava podia sentir todo mundo olhando para ela. – Talvez algumas pessoas já nascem ruins. Elas não podem evitar.

Granger estalou os dedos. – Esse é um dos argumentos centrais neste filme: *As pessoas nascem más ou boas?* Muito inteligente, Ava.

Ela se recostou e sorriu. Alex lhe chamou a atenção e levantou a

sobrancelha. *Exibida*, ele gesticulou com a boca.

– Podemos até pensar em exemplos na nossa própria vida – Granger continuou. – Pode haver pessoas que conhecemos sobre quem vamos fazer essa mesma pergunta.

Granger desligou as luzes, e todo mundo se acalmou quando o filme apareceu na tela. Era tão assustador quanto Ava tinha lembrado, e a garotinha no filme fazia ela se lembrar muito de Nolan. Quando o sino final tocou, ela começou a arrumar seus livros, puxando nervosamente a bainha do vestido cinza Theory que ela estava usando porque ela sabia que ele a fazia parecer séria.

– Ei – Alex disse, virando-se com um sorriso. – Quer sair do campus para o almoço hoje?

Ela sorriu para ele. – Obrigada. Mas eu preciso falar com o Sr. Granger.

– Ah, certo. Boa sorte. – Ele deu-lhe um aperto de mão reconfortante.

Ava esperou até que todos os outros tinham deixado a sala de aula antes de se levantar e caminhar lentamente até a frente da sala. O Sr. Granger estava apagando o quadro, de costas para ela. Fora da sala de aula, ela ouviu o corredor encher-se com o caos dos estudantes liberados, os armários batendo e adolescentes gritando. Quando o Sr. Granger finalmente se virou, ele pareceu surpreso ao vê-la ali.

– Ava. O que eu posso fazer por você?

O trabalho tremeu em suas mãos, o grande C vermelho no topo capturando seu olhar. Ela mordeu o lábio e tentou soar tão confiante quanto possível. – Eu queria falar com você sobre essa nota, Sr. Granger.

Ele sentou-se na borda da mesa. – Entendo. Os meus comentários fazem sentido para você?

Ela deu de ombros, ainda olhando para o papel. – Eu acho que sim. Você achou idiota.

– Não idiota. – Ele levantou-se da mesa rapidamente, e de repente eles estavam tão próximos que ela tinha que olhar para cima para encontrar seu olhar. Um cheiro quente e cítrico saía dele, como tangerinas na luz do sol. Ela engoliu em seco.

– O trabalho foi muito bem escrito, Ava. Sua narração está entre as mais elaboradas da classe. Mas os argumentos estavam fora de foco, nada como os seus trabalhos anteriores.

Ava assentiu. – Sim. Eu estava meio distraída quando escrevi.

– Foi um tema difícil, e foi uma semana difícil – Granger disse, seus olhos verdes firmes nela. – É difícil perder um colega de classe ou, no meu caso, um estudante.

Ava mordeu o lábio, lançando os olhos para baixo.

Granger encostou-se na mesa. – Talvez você estivesse em desvantagem por causa do seu grupo.

– Hum... certo. – Ava tentou avaliar sua expressão. O que ele quis dizer com isso?

Ele olhou para ela com expectativa, e ela tentou não parecer instável quando continuou. – O que eu vim pedir era que eu gostaria de reescrever o trabalho para ganhar uma nova nota.

O Sr. Granger parou por um segundo, depois assentiu. – Isso parece justo – ele disse. – Por que não nos encontramos e conversamos sobre isso. Como está a sua agenda esta semana?

– Estou livre na hora que você estiver – Ava disse agradavelmente.

Granger pegou seu iPhone para verificar sua agenda, então franziu a testa. – Na verdade, esta semana está muito lotada para mim, especialmente logo após as aulas. Pode ser sexta-feira, talvez em torno das sete? – Ele sorriu encorajadoramente.

Os ombros de Ava relaxaram, a tensão deslizando para fora dela. – Oh, sim. Claro. Muito obrigada, Sr. Granger. Eu lhe encontro aqui?

Ele olhou para a parede, dando-lhe um sorriso irônico. –

Infelizmente para mim, o clube de teatro está em ensaios gerais para *Garotos e Garotas*, e o auditório fica do outro lado dessa parede. Vai estar muito barulhento por aqui. — Ele pensou por um momento. — Que tal na minha casa? Eu moro a poucos quarteirões daqui. Além disso, eu tenho um livro sobre vilões de Chuck Klosterman que eu realmente gostaria de lhe emprestar.

Ava piscou. Ela nunca tinha ido à casa de um professor antes. Mas ele estava fazendo isso para ajudá-la com o seu trabalho, o mínimo que ela podia fazer era ir até ele.

— Tudo bem — ela disse. — Eu estarei lá.

— Ótimo. — Ele colocou o telefone de volta no bolso e rapidamente anotou o endereço dele para ela. — Eu acho que você é muito talentosa, Ava. Você tem um grande potencial.

— Obrigada, Sr. Granger. — Ela endireitou os ombros e virou-se para sair da sala de aula assim que a porta do corredor se abriu.

— Com licença? — um homem disse, entrando na sala.

— Pois não? — Granger se levantou rápido, endireitando seus papéis.

O homem atravessou a sala. — Eu sou o detetive Peters. Eu estou querendo saber se eu poderia falar com a Srta. Jalali.

Seu olhar se voltou para Ava. Ava recuou, se perguntando como ele sabia o nome dela — mas então, talvez seja o trabalho de um policial saber. Ela sentiu a cabeça fraca. O que mais ele sabia?

— Eu só tenho algumas perguntas para fazer, Srta. Jalali — Peters disse, talvez percebendo o olhar nervoso no rosto de Ava.

— Tudo bem por mim — Granger disse, seu sorriso suave. — Nós terminamos aqui. Você pode usar a sala de aula.

— Na verdade, eu preciso levá-la até a delegacia — Peters disse.

O coração de Ava afundou. — D-delegacia. — Ela podia sentir Granger olhando para ela.

— Não podemos tecnicamente interrogar no terreno da escola, mas eu tenho a permissão da direção para entrar na escola.

– V-você vai dizer aos meus pais? – Ava desabafou.

A expressão suave de Peters não se alterou. – Que você está sendo interrogada, sim. Mas todo mundo está sendo interrogado, senhorita Jalali. Tem mais alguma coisa que devo dizer a eles?

Ava balançou a cabeça levemente. – Claro que não. – Então ela virou-se para acompanhar o policial para fora da sala. Alex estava esperando do lado de fora da porta. Quando ele a viu com o policial, sua boca se abriu.

– Eles vão apenas me fazer algumas perguntas – ela disse rapidamente, tentando apagar a preocupação de seus olhos.

– Hum, tudo bem. – Alex tocou gentilmente seu braço. – Você quer que eu vá com você?

Ela piscou, considerando. Em seguida, ela mudou sua expressão para algo muito mais confiante e corajoso. Ela tinha que ficar calma. Ela não podia se dar ao luxo de parecer culpada. Ela não tinha feito nada de errado.

– Está tudo bem – ela disse alegremente, dando a Alex um beijinho na bochecha. – Tenho certeza de que tudo é apenas uma formalidade. Estarei de volta em breve.

E então ela deu um sorriso para o detetive e seguiu-o para fora, para onde o seu carro de polícia estava estacionado no meio-fio. Ela fez uma pausa no banco de trás, e o detetive riu levemente. – Você pode sentar-se na frente comigo. A menos que você seja uma criminosa?

As bochechas de Ava ficaram avermelhadas, e ela conseguiu rir enquanto entrava pela porta do passageiro. – Claro que não – ela murmurou enquanto entrava.

*Ainda não, de qualquer maneira.*

\* \* \*

Ava nunca tinha ido a uma delegacia de polícia antes, mas não era muito diferente do que ela tinha imaginado: paredes azuis

monótonas, pessoas por trás de escrivatinhas, cartazes de PROCURADOS, linóleo. O detetive levou Ava para uma pequena sala nos fundos e perguntou se ela queria café. Ela recusou, com medo de que isso fizesse as mãos dela tremerem ainda mais do que já estavam. Havia um espelho longo de um lado da sala; seus olhos arregalados, cabelos escuros e rosto bonito olharam de volta para ela. Ela se perguntava se o espelho era realmente translúcido do outro lado da parede. Os policiais estavam ali, prontos para vê-la?

Seu celular tocou. *Você está bem?* Alex havia mandado.

Ava virou o celular para baixo, muito assustada para escrever de volta. Ela olhou para sua expressão no espelho novamente. Ela precisava se concentrar.

Peters voltou com o café e fechou a porta. — Então. Ava Jalali. J-A-L-A-L-I, não é mesmo?

Ava assentiu. — Uhum.

Peters se inclinou para frente. — Ok. Chegou ao nosso conhecimento que você foi a última pessoa que alguém se lembra de estar com Nolan Hotchkiss na noite que ele morreu.

Ava franziu a testa, sua pulsação acelerando em dobro. — Eu duvido disso.

Peters não piscou. — Uma testemunha disse que viu você na pista de dança com ele. Você estava “completamente sobre ele” como ele descreveu.

Graças a Deus Alex não tinha vindo aqui com ela. De repente, a memória de estar perto de Nolan, seu corpo quente pressionado contra o dela na pista de dança brilhou em sua mente. *O seu namorado sabe que você está flertando comigo?* ele disse, sua respiração cheirando a bebida. Tinha custado toda a força de Ava para continuar equilibrada. *O que ele não sabe não vai machucá-lo.* Ela se lembrou do quão forte seu coração estava batendo. O quanto ela ficou espiando por cima do ombro, com medo de que Alex entrasse no lugar e visse o que ela estava fazendo — ela tinha enviado ele em uma busca inútil pelo celular dela, que ela disse que tinha deixado

em seu carro que estava estacionado na extremidade da rua. Quando Ava levou Nolan para o andar de cima, Alex ainda estava provavelmente procurando o celular que não estava lá.

– Quem lhe disse isso? – ela deixou escapar.

– É verdade? – Peters respondeu.

Ava torceu uma mecha de cabelo em torno de seu dedo. – Eu tinha bebido muito naquela noite. Mas eu tenho um namorado, e ele sabe que Nolan e eu estivemos juntos alguns anos atrás. Ele ainda é ciumento. Eu prefiro que ele não sabia.

– Ele não vai saber nada disso – Peters assegurou. – Então, você estava flertando com Nolan?

Ava pesou suas opções. Se as pessoas na pista de dança a viram, não seria inteligente mentir. – Eu flerto muito – ela disse com naturalidade. – Especialmente depois de algumas cervejas.

– Você subiu as escadas com ele?

Ela recuou e fez uma careta. – Eu não estava *tão* bêbada assim.

– Alguém disse que viu vocês.

Lá no fundo de sua bravura e força, Ava encontrou a coragem de olhar o detetive nos olhos. – Algum dos amigos de Nolan lhe disse isso? – Ela se inclinou para frente, batendo os cílios. – Nem toda menina sobe com os caras em festas. Algumas de nós temos um pouco de dignidade.

– Ok, ok. – O detetive virou algumas páginas do seu caderno, encarando o rabisco. – Mas alguém subiu com Nolan nessa noite, e várias testemunhas oculares disseram que tinham certeza de que o viu subindo com uma garota. Alguma ideia de quem pode ter sido?

Ava balançou a cabeça, seu longo cabelo balançando de um lado para o outro. Seu coração batia forte. – Não.

– E você não estava... com raiva de Nolan por algum motivo? Porque eu soube que vocês dois tiveram uma separação ruim. Nolan até começou alguns rumores sobre você, se eu não estou enganado? Rumores de que você era... mais do que um “flerte”, como você diz.

E talvez Nolan te dispensou na festa, não estava a fim do que você queria. Talvez você ficou com raiva.

– Eu lhe asseguro, não foi Nolan que deu o fora. – Ava fez uma pausa, se perguntando se ela tinha sido muito sarcástica. – Sinto muito, detetive. Mas isso é tudo que eu sei.

– Você pode me dizer para onde você foi depois que você dançou com Nolan?

– De volta para o meu namorado. Onde eu pertencço.

– E ele pode confirmar isso?

– É claro – Ava disse, olhando Peters diretamente nos olhos. Alex tinha retornado pouco depois de ter descido; ela o encontrou na cozinha após a brincadeira. Era, em maior parte, a verdade.

O detetive olhou para ela durante o que pareceu anos. Ava olhou de volta, forçando-se a não piscar. *Eles não sabem de nada*, ela repetia para si mesma. *Tudo o que sabem é que ele subiu com uma menina. E eles nem sequer sabem, não de verdade.*

Finalmente, Peters se afastou. – Ok, então – ele disse. Ele jogou o copo de café vazio em uma pequena lata de lixo no canto. – Vou levá-la de volta para a escola. Obrigado pelo seu tempo.

As pernas de Ava pareciam como gelatina enquanto ela o seguia pelo longo corredor e subia de volta em seu carro de polícia mais uma vez. Após Peters bater a porta atrás dele e ligar o motor, ele passou o braço sobre as costas dos assentos e sorriu para ela. – Mas você vai me dizer se você se lembrar de qualquer outra coisa, certo? Qualquer coisa mesmo?

– É claro – Ava disse, dando-lhe o sorriso mais brilhante e prestativo de volta para ele

Mas o que ela realmente queria dizer era, *Uma droga que eu vou.*

## Capítulo 14

– Então, era o septuagésimo sexto minuto do jogo, e estávamos empatadas com Kirkland. E todos nós estávamos no limite, porque este era o jogo que decidia quem ia para a estadual. Eu estava atrás no meio-campo, e eles vinham adiante.

Caitlin cutucou o salmão com a borda de seu garfo, apenas meio escutando enquanto Josh contava uma de suas vitórias de futebol para as pessoas da mesa. Próximo a ela, sua mãe, Sibyl, riu.

– Eu me lembro de um garoto – ela disse. – Ele era enorme. Eu não acreditava que ele pudesse se mover tão rápido.

– Sim, ele está em Indiana este ano. Bolsa integral – Josh disse. Ele deu outra mordida enorme em seu bolinho de caranguejo Dungeness. – De qualquer forma, enquanto o relógio corria, esse cara enorme e rápido ia em direção ao gol. Ninguém mais estava perto dele. – Ele fez uma pausa dramática. – Eu era o único que tinha uma chance de pará-lo.

Do outro lado da mesa de Caitlin, o pai de Josh, Ted, bebeu uma taça de vinho tinto, seu rosto corado e agradável. Ao lado dele, a mãe de Josh, Michelle, observava seu filho com uma expressão extasiada. As mães de Caitlin estavam em seu lado da mesa – Sibyl ao lado dela, e Mary Ann do outro lado de Sibyl. Eles estavam reunidos na casa dos Martell-Lewises para o jantar semanal de quarta-feira. Jeremy não estava lá, e Caitlin não conseguia deixar de se perguntar onde ele estava.

Apenas dois dias atrás, eles tinham quase se beijado. Ou... *não tinham?* Talvez ela tivesse interpretado mal. Talvez ele fosse se inclinar para a frente, só para dar-lhe um abraço amigável e platônico. *Tinha* que ser isso.

– O que aconteceu então? – Michelle sussurrou, olhando para Josh.

Caitlin lutou contra a vontade de revirar os olhos. Ela também estava orgulhosa de Josh, mas esse jogo tinha sido há quase um ano, e todos tinham estado lá. Todos tínhamos visto o que aconteceu depois.

Josh largou o garfo e inclinou-se para a mesa. — De jeito nenhum eu conseguiria ultrapassá-lo, eu sabia disso. Ele era muito rápido, e eu estava, tipo, a trinta metros de distância. Mas, de repente, do nada, algo me atingiu como um raio do céu. Eu podia ver o caminho se estender aos meus pés, como se alguém tivesse o colocado lá só para mim. Era quase brilhante, era tão vívido. E eu sabia que, se eu pudesse seguir esse caminho, eu iria detê-lo bem na hora certa.

Caitlin tentou se agarrar as palavras de Josh, mas ela encontrou sua mente à deriva. Ao invés, ela pensou no que Ava tinha dito a ela quando ela ligou uma hora atrás. Todas as coisas que Ava tinha dito sobre ser chamada para a delegacia de polícia. Sobre as pessoas vendo Ava subindo com Nolan. E se a polícia estava atrás de Ava, quanto tempo levaria antes de ela mencionar com quem ela estava e o que elas tinham feito? Então o que suas mães fariam? Caitlin era tudo o que elas tinham agora. Isso iria destruí-las.

De repente, ela ouviu Josh limpando a garganta. Ela teve um sobressalto quando percebeu que todos na mesa tinham ficado calados. Olhando para cima, ela viu que Josh tinha puxado uma caixinha de veludo preta do bolso. Sorrindo com confiança, ele deslizou por cima da mesa para ela.

A boca de Caitlin ficou seca. Seus olhos corriam ao redor da mesa. Ted tinha um sorriso acima de sua barba cheia branca e preta, mas ao lado dele, as mãos de Michelle tinham voado para seus lábios. Mary Ann agarrou a mão de Sibyl enquanto ambas observavam de olhos arregalados. Na frente dela, Josh deu-lhe um aceno de *vamos lá, abra*.

Porém, Caitlin não queria abri-lo. Ela estava com medo de ver o que era. Todo mundo estava olhando para ela, porém, e cada segundo que passava fazia o momento parecer ainda mais estranho. Ela respirou fundo e abriu a tampa.

Dentro havia um pingente, pendurado em uma corrente fina de ouro. Tinha a forma de uma pequena bola de vidro — dentro havia um pequeno pedaço de algo verde. O ar inundou de volta aos seus pulmões, e a tensão na mesa foi quebrada.

— É um pedaço de grama — Josh disse, dando-lhe o seu sorriso torto. — Do Estádio Husky.

— É lindo — Mary Ann exclamou, inclinando-se sobre Sibyl para espreitar dentro da caixa. Caitlin achou que ela parecia um pouco desapontada. As mães dela realmente queriam que ela ficasse *noiva*... enquanto ainda estava no colégio? Mas por outro lado, dessa forma, ela e Josh seriam o perfeito casal de futebol para sempre.

Caitlin nem sequer queria pensar nisso, porém. E a assustou um pouco quando ela percebeu o quanto ela não queria pensar nisso. Ela deveria estar pensando nisso?

— Obrigada — ela disse, finalmente encontrando sua voz. Ela fechou a caixa. — Isso é realmente... legal.

Josh sorriu. — Você vai dominar a semifinal — ele disse. — Eu mal posso esperar.

Caitlin olhou para seu prato, um borrão de verde e vermelho. Ela sabia que esse era um gesto simpático. Ela sabia que deveria fazê-la feliz. Mas por alguma razão, isso só a fez se sentir... presa. Talvez a forma que suas mães estavam olhando para ela — como se ela fosse sua última esperança, como se elas precisassem que ela fosse feliz — e a forma que Josh estava olhando para ela, tão doce, mas tão inconsciente de tudo o que ela estava passando, arrepiou-a de maneiras que ela não conseguia nem explicar. Ela precisava sair daqui antes que começasse a chorar na mesa.

— Hum, vocês podem me dar licença por um minuto? — ela murmurou, se levantando. — Eu não estou me sentindo bem.

Ela virou-se, saiu da cozinha e subiu correndo as escadas. Mas em vez de ir para o quarto dela, ela foi para o de Taylor. Ela e suas mães não tinham mudado o quarto dele; ainda havia livros no chão onde ele havia deixado, e o calendário ainda estava virado no mês que ele

morreu. Elas continuavam dizendo que iriam limpá-lo e transformá-lo em um quarto de hóspedes, mas de alguma forma elas nunca pareceram conseguir.

Imagens de Taylor voltaram para ela quando ela caiu sobre sua cama de solteiro. O pequeno hábito de seu irmão de carregar todos os seus livros de uma só vez em sua mochila em vez de usar seu armário como uma pessoa normal, de modo que ele parecia uma tartaruga sob a corcunda gigante que era sua bolsa. A maneira que ele parecia curvado sobre uma miniatura de *Dungeons & Dragons* enquanto limpava a armadura com uma pequena escova delicada, sua língua entre os lábios em concentração. A maneira que ele gritava com a voz aguda e feminina se alguém o assustasse. Caitlin amava se esconder e cutucá-lo nas costelas apenas para vê-lo pular.

Então ela pensou em Nolan trancando-o em um armário por três horas, assim como ele tinha documentado em *Razões Para a Morte Ser Melhor Do Que a Escola*. Quando Nolan o tinha feito tropeçar no salão, fazendo-o deslizar no linóleo imundo. Quando Nolan tinha pisado no iPhone de Taylor até quebrá-lo, ou rasgado as páginas de seu livro de Robert Jordan bem na frente dele. Caitlin não tinha visto a maioria dessas coisas acontecer, ela tinha apenas lido no diário de Taylor após o fato. Taylor tinha engolido tudo isso tão bravamente. Ele guardou para si mesmo, suas últimas anotações tanto desesperadas quanto resolutas. Para ele, a morte era uma opção melhor do que o ensino médio. Ele escaparia de Nolan.

Não era à toa que ela tinha estado tão a fim de fazer a brincadeira na festa. Não era à toa que ela tinha pego Julie pelo braço quando elas subiram com Nolan pelas escadas, seu corpo vibrando com adrenalina. Mesmo agora, mesmo sabendo que ela poderia ser culpada por sua morte, ela não se arrependeu de dar a Nolan o gosto de seu próprio remédio.

– Caitlin.

Assustada com seus pensamentos, ela se sentou. Mary Ann estava na porta.

Ela achou que a linguagem corporal dela levaria sua mãe para

longe, mas Mary Ann entrou e parou ao lado da cama. Ela podia sentir seu olhar sobre ela. Seus olhos eram do mesmo tom marrom escuro que o de Caitlin. Sempre que estranhos a viam com Mary Ann e perguntavam se Caitlin era adotada, Mary Ann sempre dizia: – Não, ela é minha. Não viu nossos olhos?

Mary Ann sentou-se ao lado de Caitlin na cama e cruzou as mãos. – Está tudo bem, querida? – ela perguntou em voz baixa. – Você sente falta de Taylor?

– Não – ela disse de mau humor. – Quero dizer, sim, eu sempre sinto falta dele. Mas não mais do que o habitual hoje à noite.

– É algo a ver com Josh? – Mary Ann suspirou. – Vocês dois não deveriam brigar. Vocês ficam tão bem juntos.

Caitlin olhou para sua mãe, a frustração crescendo dentro dela. Por que suas mães eram tão obcecadas com a vida amorosa dela e de Josh? – Eu não briguei com Josh. Por que você acha isso?

Mary Ann sorriu tristemente. – Não é do seu feitio se afastar da mesa. E você tem agido estranho ultimamente, querida. Eu só estou preocupada com você. – Ela hesitou. – Você já tomou algum dos OxyContin que o Dr. Magnuson prescreveu?

Caitlin ficou estupefata. – O quê? Por quê?

– Eu estou apenas... curiosa. – Sua mãe não encontrou o seu olhar.

Caitlin enrolou uma mecha de cabelo escuro em torno de seu dedo, sua pulsação de repente acelerada. – Alguns – ela disse com cuidado.

– Quando?

– Eu não sei. – Caitlin levantou as mãos.

Sua mãe exalou alto. – Bem, eu esperava que você não tivesse. Se você ainda não tivesse tomado, você estaria livre disso.

Seu coração acelerou. – Do que você está falando?

Algo em sua expressão era estranho, quase suspeito. – Bem, a polícia ligou mais cedo. Eles estão chamando todos da sua escola

que tem uma receita de Oxy. Eles intimaram os registros de todas as farmácias locais. Obviamente, o seu nome está lá.

O coração de Caitlin estava batendo rápido. — Nolan era um viciado em comprimidos. Ele tinha seu próprio estoque.

— Talvez. — Mary Ann assentiu como se quisesse acreditar nisso. Mas a expressão em seu rosto parecia receosa, como se ela estivesse prestes a cair em lágrimas. — É só que... você pode fazer algo por mim?

— Claro. O quê?

— Trazer para mim o resto do seu frasco de OxyContin?

Caitlin olhou para ela. — Por quê?

— Só me obedeça, querida. — Mary Ann parecia desconfortável. — Você não precisa mais dele, certo? Eu vou jogá-lo para você.

Caitlin piscou. — Você acha que eu tive algo a ver com o que aconteceu com Nolan?

— Não! — Mary Ann disse rapidamente, arregalando os olhos. — Querida, eu não estou lhe acusando de nada. Eu só... bem, você não tem sido você mesma recentemente. E a treinador Leah ligou para dizer que ela teve que expulsá-la da prática um dia desses. Às vezes a medicação provoca mudanças nas pessoas. Eu só prefiro que a gente fique com os comprimidos, ok? Apenas no caso de...

*Apenas no caso de o quê?* Caitlin queria perguntar, com medo de que sua mãe tivesse imaginando coisa.

Em vez disso, ela se levantou roboticamente, caminhou até o banheiro que ela costumava compartilhar com Taylor, e agarrou os comprimidos, analisando cuidadosamente o frasco. Todos os tipos de pensamentos paranoicos entraram em sua mente: E se houvesse um dispositivo de rastreamento na coisa? E se o frasco pudesse dizer a eles, de alguma forma, onde ele tinha estado — e o que ele havia presenciado em seu tempo na casa dos Hotchkiss? Ela fechou os olhos e viu-se sacudindo um único comprimido na palma da mão. Esmagando-o e colocando-o em um copo. Todo Oxy era o mesmo, ou cada comprimido era único, como um floco de neve? E se

houvesse uma forma de descobrir que a pílula no estômago de Nolan tinha vindo dela?

Mas se ela não entregasse agora, suas mães certamente suspeitariam que algo estava acontecendo. Engolindo em seco, Caitlin levou o frasco até Mary Ann.

– Aqui está – ela disse desanimada. – Espero que isso a deixe tranquila.

– Oh, querida, você sabe que eu só quero o que é melhor para você – Mary Ann disse, e tentou agarrar Caitlin para um abraço. Caitlin se afastou, passando por debaixo de seu braço, correndo para seu próprio quarto e fechando a porta rapidamente atrás dela. Ela caiu em sua cama e empurrou um travesseiro contra o rosto, seu corpo todo tremendo. A polícia já havia conversado com Ava. Era só uma questão de tempo antes que a chamassem, também. E se sua mãe achava que ela tinha matado Nolan, quem mais acharia que ela era inocente?

## Capítulo 15

Quarta-feira, Parker estava sentada em sua varanda no sul de Kenwood, uma cidade fora do limite de Beacon Heights, fumando um cigarro e observando a chuva. Parecia estranho estar sentada aqui; ela odiava tanto voltar para casa que ela raramente vinha aqui. Este bairro era muito longe de seu antigo bairro em Beacon. Depois que seu pai foi preso, sua mãe havia vendido a casa enorme de cinco quartos deles e mudou-se para este bangalô. A pintura estava descascando em listras longas. Uma begônia abandonada em um pote estava sobre a grade. Todas as casas da rua eram pequenas e em ruínas, com gramados pequenos crescidos e cercados por cercas. Latas de cerveja vazias rolavam nas calçadas, e mais de um quintal tinha um carro sendo segurado por tijolos.

Ela deu uma tragada rápida e nervosa, exalando uma forte rajada de fumaça. Uma sombra passou pela porta da casa do outro lado da rua, e ela ficou tensa. *Pare com todo o ato paranoico*, ela repreendeu-se. *Ninguém está atrás de você.*

Mas era mais fácil falar do que fazer. Nos últimos dias ela esteve uma bagunça completa. Em todos os lugares que ela ia, ela podia sentir olhos nela. *O motivo*, ela não tinha certeza... mas ela simplesmente se sentia vigiada. Os policiais estavam andando por toda a escola, e os alunos estavam sendo chamados de um lado a outro para confessar tudo o que sabiam sobre a festa. Isso estava se transformando em uma caça às bruxas – os alunos estavam dizendo nomes de seus rivais e inimigos para tentar mandá-los para interrogatórios, alegando que tinham visto fulano conversando com Nolan sexta à noite.

Ava tinha ligado para todas nesta tarde para dizer a elas que alguém a tinha visto levando Nolan para o andar de cima. – Eu neguei – ela disse, sem rodeios. – Mas temos que ter cuidado. As pessoas podem ter visto mais do que pensamos.

Até agora, ninguém havia feito perguntas a Parker — e ela torcia para que continuasse desse jeito. Mas e todas as fotos que as pessoas tiraram naquela noite? E se alguém tivesse capturado seu capuz preto no fundo? Alguém poderia falar para os policiais sobre o quão mal-humorada e reservada ela se tornou depois de seu ataque. Os rumores sobre Nolan ter drogado ela na noite que ela foi atacada poderia girar por aí. *Parker Duvall tinha um motivo*, as pessoas poderiam dizer.

E então veio um pensamento ainda mais horrível: Embora Parker quisesse confiar em suas novas amigas, ela poderia? Quem garantia que uma delas não iria fraquejar e entregá-la? Ela não achava que Caitlin seria um problema — Caitlin ainda odiava Nolan até as tripas para arriscar em ajudar a polícia. E, claro, Parker podia contar com Julie. Mas Mackenzie? Ela parecia prestes a vomitar no funeral. E Ava... bem, os policiais já estavam atrás dela — Parker duvidava que a princesinha iria aguentar na cadeia. Não era como se Parker contribuísse muito para o círculo de amigas. Talvez elas a vissem como dispensável. Um bode expiatório fácil. Uma menina já danificada com mais nada a perder.

Seus pensamentos foram interrompidos quando um Lexus — de cinco anos, mas ainda muito melhor do que qualquer um dos outros carros deste bairro — parou na calçada. Sua mãe saiu, bateu a porta atrás dela e olhou para Parker.

— O que você está fazendo aqui? — ela falou irritada, com as mãos nos quadris.

Parker fez uma careta. — É bom ver você também.

A Sra. Duvall abriu a porta traseira do carro e começou a tirar as sacolas de compras. Parker observou a mãe friamente, não se oferecendo para ajudar.

Assim como a casa, a roupa de sua mãe era totalmente sem graça. Desde o julgamento, a Sra. Duvall tinha usado as mesmas blusas de mangas compridas e calças de ioga quase todos os dias, embora elas estivessem ficando continuamente grandes em sua estrutura óssea enquanto ela emagrecia. Seu cabelo, que já fora perfeitamente

pintado tinha crescido em uma cor grisalha e marrom sem graça e estava pendurado em torno de seu rosto. E mais do que isso, ela parecia... *cansada*. Como se ela tivesse lutado contra o mundo e o mundo tivesse ganhado. Ela nunca sorria mais. Nunca gargalhava. Tudo era forçado.

A Sra. Duvall segurou suas sacolas pelo braço e subiu as escadas com elas. — Você vai ficar aqui sentada na varanda o dia todo? — ela retrucou.

Era surpreendente o quanto isso ainda doía. Ela se levantou. — *Você* que estragou tudo — ela gaguejou, não sabendo o que tinha dado nela. Talvez tenha sido sua conversa com Elliot, mas ela se sentia mais ousada do que o habitual. — É o trabalho de uma mãe proteger sua família. Mas você apenas *deixou que aquilo acontecesse*.

A cor sumiu do rosto da Sra. Duvall. Por um momento, parecia como se Parker a tivesse esbofeteado. Em seguida, ela apertou os lábios e abriu a porta. — Jesus Cristo — ela rosnou. — Já não foi suficiente o que você fez?

Ela abriu caminho para a porta e arrastou as sacolas de supermercado atrás dela. Antes que Parker pudesse segui-la, ela fechou a porta. Parker ouviu o *clique* da fechadura do outro lado.

Parker ficou lá por um momento, olhando para o tapete de boas-vindas desaparecer. *Ok. Tanto faz*. Ela se virou e chutou a begônia com a ponta de suas botas de bico de aço. Isso fez um som satisfatório de quebrado quando se chocou com o caminho de ardósia.

Pois então, ela iria para a casa de Julie. Ela se dirigiu até a rua em direção a parada de ônibus, passando pelas casas em ruínas e a loja de conveniência. Mas, em seguida, suas mãos começaram a tremer. O que ela tinha feito de tão ruim para merecer esse tratamento tão horrível? Por que ambos seus pais a odiavam tanto?

Ela lembrou-se de uma noite, quando ela estava sentada na mesa da cozinha, não muito tempo antes da noite que tudo mudou. Ela tinha estado ao telefone com Julie, rindo de alguma coisa que Nolan tinha feito na escola naquele dia. Em seguida, ela ouviu a porta bater

com força — o pai dela estava em casa. Seus passos eram pesados, sua respiração forte. Parker conhecia os sinais, mas em vez de levantar-se e correr para o quarto dela como ela sempre fazia, ela tinha ficado na mesa com o celular pressionado em sua orelha. *É a minha casa, também*, ela pensou desafiadoramente. *Eu não deveria ter que me esconder.*

Ela nem sequer teve tempo para desligar o telefone antes que ele batesse nela. Depois que seu pai tinha terminado com ela, sua mãe tinha se agachado ao lado dela no chão, colocando um saco de ervilhas congeladas em suas costelas — o pai dela tinha aprendido a machucá-la onde as outras pessoas não poderiam ver. — Você precisa aprender a ficar fora do caminho do seu pai — a mãe dela tinha advertido. — Você está piorando as coisas.

*Estalo.*

Parker não tinha certeza de onde o som tinha vindo. Ela girou e olhou para a rua, os cabelos na parte de trás do seu pescoço ficaram em pé. Alguém a estava seguindo? Tirando fotos? *Observando-a?* Três adolescentes saíram da loja de conveniência segurando raspadinhas e falando alto em espanhol. A um quarteirão de distância, uma mulher velha saiu mancando até sua caixa postal. Três pássaros voaram do fio de telefone ao mesmo tempo.

*Ninguém está te observando*, ela disse a si mesma com raiva. *Você realmente acha que alguém se importa com você?*

O ônibus zumbiu no próximo quarteirão. Parker começou a correr para chegar na parada a tempo. De repente, tudo o que ela queria era estar no ônibus em uma multidão anônima de viajantes com o capuz puxado em torno de seu rosto, fones em seus ouvidos com a música no volume mais alto. O ônibus passou zunindo pela parada assim que ela virou a esquina. — Ei! — Parker gritou, acenando com as mãos para o motorista enquanto ela corria para alcançá-lo. O motorista continuou andando.

— Não! — Parker gritou, soltando os braços em seus lados. Agora ela teria que esperar vinte minutos para o próximo ônibus.

*Estalo.*

A pele de Parker se arrepiou novamente. Ela olhou em volta, observando enquanto um Nissan Maxima saía da calçada. Quando ele passou, ela teve um vislumbre do condutor através dos vidros escuros, mas ela não conseguiu distinguir o rosto. Parecia um homem. Quase como o seu pai.

Ela podia sentir a sensação esmagadora e sufocante de outra dor de cabeça vindo, mas ela tentou lutar contra ela. O que Elliot tinha dito para ela fazer como um mecanismo de enfrentamento durante a sessão deles? Ela não conseguia se lembrar de nada. Sua visão parecia distorcida. Vertiginosamente, ela se atrapalhou com o celular dela, encontrando a si mesma discando um número.

– Alô? – veio a voz de Elliot.

– Hum, Dr. Fielder... Elliot? – Sua voz estava alta e fina, nada como a dela mesma.

– Julie? – Elliot disse, incerto.

– N-não, é Parker. Parker Duvall.

– Ah. Parker. É claro. – Houve um som sibilante do lado dele, como se ele estivesse no trânsito, talvez, enquanto falava no celular. Parker se perguntou se era uma péssima hora para ligar. Ele tinha uma vida saudável. Uma vida normal. Ele não queria ser incomodado por ela.

– Você está ocupado – ela disse. – Eu vou desligar.

– Espere, Parker – Elliot disse. – Eu sempre vou atender suas ligações. Você está bem? O que está acontecendo?

– É... – Parker engoliu em seco. – *Tudo*. Minha mãe... este bairro em que eu estou... eu sinto como se alguém estivesse me seguindo... eu estou sentindo dificuldade de lidar com isso. Eu posso sentir que estou perdendo o controle, e você disse que eu podia ligar, então...

– E eu estou feliz que você tenha ligado. – A voz de Elliot soou mais perto agora, não tão abafada. – Você tem que se manter firme, Parker. Tente ficar no aqui e agora. Concentre-se em algo real, em sua mão, em seu pé, e diga a si mesma que vai ficar tudo bem.

Ela estava sentada no banco no ponto de ônibus agora com a cabeça entre os joelhos. — Mas eu não me sinto bem — ela admitiu. — Eu me sinto como se ninguém me visse.

— Você sabe que isso não é verdade. — Sua voz era firme e confiável. — Eu vejo você, Parker.

Parker olhava tremulamente para a estrada, olhando para a divisória do meio até que ela voltou para si mesma. Carros passavam constantemente agora, nenhum deles pareciam suspeitos. Sua frequência cardíaca começou a desacelerar. Sua respiração também não estava mais tão superficial. Era incrível: Só de ouvir a voz de Elliot a tinha trazido de volta à Terra.

Alguns momentos se passaram. — Como você está se sentindo agora? — Elliot perguntou.

— Muito melhor — Parker admitiu. — Menos... sufocada. Eu posso ver tudo de novo. Eu me sinto focada.

— Ótimo — Elliot disse. — Escute, Parker, vamos marcar a sua próxima consulta. Você acha que pode arranjar algum tempo?

A garganta de Parker estava seca. — Eu... eu acho que sim — ela disse.

— Ótimo — Elliot disse. — E escute. Se você sentir que mais ataques estão vindo, se você precisar de mim, por qualquer razão, eu vou sempre estar aqui. Por favor, me ligue. Eu sempre vou querer conversar.

— O-ok — Parker disse. Ela desligou e abraçou-se com força no peito. Os sentimentos paranoicos desapareceram completamente, e em seu lugar estavam as visões da sala de terapia de Elliot. Do sofá confortável. Da iluminação suave. E do rosto confiável e franco de Elliot, sorrindo para ela, ajudando-a, salvando-a.

Mas, em seguida, um carro da polícia passou. O policial olhou para fora da janela para ela, dando-lhe um olhar longo. Parker puxou o capuz sobre seu rosto, prendendo a respiração até o carro ter passado. Ela exalou pesadamente, olhando para seu celular. Elliot pode querer salvá-la, mas se a polícia descobrisse o que ela e suas

amigas tinham feito com Nolan, ele poderia não ter tempo.

## Capítulo 16

Estava chovendo na sexta-feira enquanto Ava dirigia para a casa do Sr. Granger. No final do quarteirão, ela virou na Shadywood Road, uma rua familiar com pequenas casas pitorescas. Quando ela passou pela casa de Alex, ela deu-lhe um pequeno aceno, mesmo sabendo que Alex estava no shopping, comprando um novo par de Vans. Em seguida, ela parou na calçada a apenas duas casas a baixo. Era engraçado: Alex havia mencionado uma vez que ele tinha visto o Sr. Granger correndo em seu bairro, mas Ava não tinha percebido o quão perto as suas casas eram, até ter entrado na rua.

A casa de Granger tinha persianas azuis e a porta da frente era vermelha. Erguendo os ombros, Ava foi até a varanda da frente e tocou a campainha enquanto ajustava a alça de sua bolsa, que estava cheia de cadernos espirais, seu laptop e até mesmo cartões de anotações, já que ela não tinha certeza do que precisaria.

Ela ouviu passos, e a porta se abriu. — Senhorita Jalali — Granger disse com um sorriso. — Por favor, entre. — Ava o seguiu para dentro, olhando com curiosidade ao redor. Sua sala era aconchegante, com dois sofás de couro baixo em torno de um centro quadrado de teca. Havia pôsteres de filmes em preto e branco nas paredes, um monte de câmeras de aparência antiga e um projetor de filmes antigo em uma mesinha lateral.

— Isso realmente reproduz filmes? — Ava perguntou, apontando para ele.

— Sim. Já pensei em levá-lo para a aula, na verdade. Talvez na próxima atividade.

— Eu adoraria ver algo nele — ela disse, em seguida, se perguntou se isso soou como se ela estivesse se convidando mais uma vez. — Quero dizer, eu aposto que é a melhor forma de ver os filmes antigos, do jeito que eles foram feitos.

– Exatamente. – Por uma fração de segundo, seu olhar pareceu viajar por todo seu corpo, observando sua pele lisa. Seu decote amplo. Ava sentiu suas bochechas se aquecerem – mas um momento depois, ela tinha certeza de que ela tinha imaginado. O rumor estúpido de Nolan estava deixando-a paranoica.

– Obrigada por me deixar reescrever o trabalho – ela disse. Quanto mais cedo eles começarem, mais cedo ela poderia ligar para Alex.

– Eu acho que você é uma escritora maravilhosa. Eu adoraria ver você fazer mais que isso.

Ela franziu a testa, olhando para o chão. – Obrigada. Mas eu não acho que bons escritores tiram Cs.

– Ava – Granger parecia subitamente sério. – Eu não quis lhe dar um C porque seu trabalho foi ruim. Eu dei a você porque eu sei que você pode fazer melhor. Você é especial, eu esperava mais de você do que eu espero dos outros alunos na sala de aula. – Ele inclinou a cabeça. – Você não escreve nada além das coisas da escola?

– Eu escrevi algumas coisas, hum, tipo dissertações – Ava admitiu. – Sobre as coisas que aconteceram comigo. Você sabe, coisas sobre a minha mãe. Coisas sobre a minha família. – Ela deu de ombros, sem jeito. – Não que alguém tenha lido.

Granger concordou. – Se algo está oprimindo você, escrever é uma ótima maneira de aliviar a tensão. Então você gosta de narrativa baseada em fatos reais?

– Acho que sim – ela disse. – Mas eu acho que eu vejo isso mais como um diário. É realmente apenas para mim, ninguém jamais leu.

– Nem mesmo seu namorado?

– Ainda não – Ava disse. Isso foi estranho, por que Granger estava falando de Alex? Ela tentou não deixar que isso a incomodasse. Talvez ele só estava tentando ser legal, mostrar que ele sabia de algumas das fofocas da escola.

– Bem, eu realmente gostaria de lê-las. – Granger cruzou os braços sobre o peito. – Você tem uma mente fascinante, Ava. Você é linda e brilhante.

– Obrigada? – Ava disse, incerta. Um professor não deveria dizer que ela era linda. Um professor não deveria nem perceber como ela aparentava. Mas do jeito que ele estava olhando para ela, o Sr. Granger definitivamente havia notado.

– Então, hum, o meu trabalho? – ela proferiu com sua voz chiando.

– É claro. – Granger piscou como se estivesse saindo de um transe. – Vamos começar a trabalhar nisso. – Mas então ele se inclinou para frente. – Ouça. Se você não se importar de eu estar perguntando, foi tudo bem com a polícia naquele dia? Eu fiquei preocupado com você.

Um gosto amargo encheu a boca de Ava. – Hum, está tudo bem – ela disse em voz baixa. – Apenas perguntas de rotina.

Granger bufou. – Os policiais não deveriam ficar interrogando crianças. É assustador e intimidante, e eles nunca vão conseguir que ninguém fale desse jeito. – Ele deu um pequeno sorriso, mas Ava podia sentir outro sentimento por baixo dele. – Mas chega disso. Eu acabei de fazer um pouco de café *Caffé Vita*. O melhor de Seattle inteira. Posso lhe oferecer uma xícara?

Ava ainda estava inquieta por causa do café que já tinha tomado, mas ela sentia-se como se fosse rude dizer não. – Hum, com certeza.

Ela o seguiu até uma cozinha com bancada de cerâmica branca e uma mesa longa e áspera de madeira coberta de peças de uma câmara fotográfica e equipamentos de fotografia. Tirando a cafeteira de seu aquecedor, Granger serviu duas canecas e trouxe uma para Ava. – Me desculpe pela bagunça.

– O que é isso? – ela perguntou.

– Oh, são meus hobbies. Deixe-me apenas tirar tudo isso, ok? Preciso lembrar de levar essas coisas para a escola para o clube de fotografia de qualquer forma. – Ele pegou as caixas etiquetadas com

EQUIPAMENTOS DE FOTOGRAFIA B & H em seus braços. — Então nós vamos dar uma olhada no seu trabalho.

— Claro. — Ava sentou-se na borda de uma cadeira quando Granger saiu da cozinha. Ela olhou ao redor de sua cozinha limpa e eficiente, observando a fila de vasilhas na pia, o pano de prato vermelho-e-amarelo listrado pendurado na porta do forno, e uma foto de Marlene Dietrich parecendo particularmente misteriosa.

*Bip.*

O iPhone de Granger, que ele havia deixado sobre a mesa, acendeu-se. Ava olhou para ele e congelou. Por que era uma mensagem de imagem... dos peitos de alguém.

Ela olhou na direção da porta da frente, então deslizou lentamente o celular na direção dela e olhou novamente para a foto. Era uma foto de peitos, tudo bem... e havia um cartaz familiar de *Casablanca* na parede. Ava sentiu seu estômago revirar.

Essa foto foi tirada em sua sala de aula de filmografia.

Ela desbloqueou a tela e os ícones inundaram o celular. Com as mãos trêmulas, Ava clicou no ícone *Mensagens*. Dezenas de mensagens, a maioria delas fotos de garotas de topless, encheram a tela. Ava olhou uma após outra, horrorizada. Os números não tinham sido salvos como contatos, e as meninas nunca mostraram seus rostos, mas Beacon era pequena. Ela reconheceu a fivela do cinto do Texas de Jenny Thiel em uma delas. Havia a querida bolsa Chanel de Mimi Colt na mesa atrás dela em outra foto. Havia a tatuagem de hena nas mãos de Polly Kramer, a qual ela havia meticulosamente refeito há poucas semanas. Ela reconheceu as veteranas do ano passado, quando Granger tinha começado a ensinar na Beacon High.

A boca de Ava escancarou. Ele tinha conseguido que todas essas garotas enviassem para ele estas fotos? O que mais elas tinham feito por ele?

Houve um pequeno som de clique, e a cabeça de Ava levantou rapidamente. A porta da frente de Granger ainda estava fechada,

mas ele iria aparecer a qualquer momento. Ela estava prestes a colocar o celular de volta e sair quando algo chamou sua atenção – um número que ela reconhecia.

O que *Nolan Hotchkiss* tinha mandado para o Sr. Granger?

Ava abriu a mensagem e viu que tinha apenas uma coisa – um vídeo. Ela apertou o play.

O vídeo começou na sala de aula de Granger. Justine Williams, uma morena veterana com grandes lábios, sentou-se na borda da mesa. Granger ficou na frente dela, entre suas pernas entreabertas, e acariciou sua bochecha. – Você já viu *A Doce Vida*?

– Não – Justine disse em uma voz inocente e um pouco vacilante.

Ele pegou as mãos dela. – Tem uma cena em que um casal atravessa a Fonte de Trevos em Roma. É tão romântico. Eu consigo nos ver fazendo a mesma coisa.

– M-mesmo? – Justine disse, nervosa, dando uma risada estridente. Então ele a beijou nos lábios.

Foi a expressão no rosto de Justine que fez Ava quase vomitar. Justine parecia desconfortável e animada ao mesmo tempo. Ela também parecia esperançosa. Mesmo que ela soubesse que era errado, ela estava tão extasiada que ela não se importava.

A câmera começou a tremer. Ela saiu de foco por um momento, e então se virou para o cineasta. Era Nolan, do lado de fora da sala de aula de Granger no corredor. Um sorriso hostil e lento se espalhou por seu rosto.

– Oooh, professor – ele murmurou para a câmera. – Você dá boas atribuições de créditos extras. – Seu tom mudou abruptamente. – Falando de atribuições, eu tenho uma ou duas para você. E se você não quiser que isso vire público, é melhor você prestar atenção.

*Rangido.*

Ava se levantou desta vez no momento que a porta de Granger

abriu. Ela rapidamente colocou seu iPhone exatamente onde ele deixou, em seguida, voltou para seu assento.

Granger se sentou na cadeira ao lado dela e deslizou para a frente até que seu rosto estava a apenas alguns centímetros do dela. — Ok, vamos começar — ele disse. Então, ele olhou mais de perto o rosto de Ava e franziu a testa. — Você está bem?

De jeito algum Ava conseguiria estar neste lugar por mais um minuto. — Hum, na verdade, eu tenho que ir ao banheiro — ela falou sem pensar, suas palavras saindo rapidamente. Ela pegou sua bolsa, quase derrubando-a, e a agarrando com muita força.

Ele apontou para uma porta no final do corredor, e ela caminhou rapidamente em direção a ela, fechando a porta atrás de si. Ela caiu contra ela, tentando processar o que ela tinha acabado de ver. Todas as fotos de beijos. Todas aquelas meninas que ele tinha se aproveitado. A expressão de Justine. E Nolan. Nolan tinha estado chantageando Granger?

A janela estava aberta e uma brisa fresca interrompeu-a de seu transe. Em um momento de loucura, ela abriu o armário de remédios espelhado de Granger. E ali, na prateleira do meio, havia um frasco laranja claramente identificado. LUCAS GRANGER. OXYCONTIN, 20 MGS. TOMAR PARA DOR COMO ORDENADO.

*Oh. Meu. Deus.* Com as mãos trêmulas, Ava agarrou seu celular de sua bolsa e tirou uma foto do frasco. Em seguida, com o coração acelerado, deu descarga na privada, abriu a torneira, em seguida, saiu do banheiro.

O Sr. Granger estava sentado à mesa, esperando por ela.

Ela forçou um sorriso de desculpas em seu rosto. — Eu sinto muito ter que fazer isso, mas eu acabei de receber uma mensagem do meu pai. Eu tenho que ir.

Granger se levantou e deu alguns passos na frente dela, bloqueando seu caminho. — Mas já? — A respiração de Ava falhou.

— Podemos fazer o trabalho outra hora, certo?

O sorriso de Granger estava nervoso. — Mas eu tirei um tempo

por causa de *você*, Ava. Você está sendo rude.

Ava se atreveu a olhar em seus olhos, registrando o tom não muito típico de um professor. Ele parecia totalmente seguro de si. Nem culpado. Nem envergonhado. Ele não achava que estava fazendo nada de errado.

– M-meu pai precisa de mim – ela parou, tentando lembrar-lhe que ela ainda era uma *criança*. Com pais. E um pai que iria *matá-lo*.

– Tem certeza de que você não quer, pelo menos, ganhar algum crédito extra antes de ir? – ele disse sugestivamente, colocando uma mão no pescoço de Ava.

Ela afastou-se com horror. – Eu... eu tenho um namorado – ela repetiu com a voz embargada. Os olhos de Granger arregalaram comicadamente. – Por que, senhorita Jalali?! O que você acha que eu estou sugerindo?

O que confundiu Ava ainda mais. Ela não queria, mas seu olhar caiu em seu celular. Ela tinha visto as fotos. Ela não estava sugerindo nada que já não estivesse implícito.

Granger também olhou, em seguida, olhou para ela, parecendo somar dois mais dois. Seus olhos escureceram.

Ava tentou dar um passo para trás. – Eu realmente preciso ir.

Granger apertou os dedos com força. – Eu sei que os rumores sobre você são verdadeiros, Ava – ele disse, todos os traços de cordialidade desaparecendo de seu tom. – E eu tenho que dizer que estou desapontado que você faria isso com os outros professores, mas não comigo.

O tempo pareceu parar. *Você faria isso com os outros professores, mas não comigo*. As palavras pairaram no ar, dando voz às histórias horríveis que Nolan havia inventado há muito tempo. Ela sabia que os outros alunos tinham ouvido, mas os professores? A quem Nolan não tinha dito?

Foi por isso que ela conseguiu todos aqueles As de Granger, porque era tudo parte do seu plano para trazê-la aqui? Por um momento horrível, ela se perguntou por que diabos ela se

preocupava em se esforçar tanto. Se todos pensavam o pior dela de qualquer maneira, o que um beijo custaria para ela de qualquer forma, se isso significava que ela conseguiria um A?

O sangue de Ava gelou. — São apenas rumores — ela sussurrou. — Eu não iria... Eu não fiz...

Granger deu-lhe um olhar condescendente. — Ava, você sabia exatamente o que estava fazendo. Então, pare a atuação de inocente, ok?

E então ele a puxou para ele, seu aperto forte. Ava conseguiu se libertar e correr até a porta, saindo sem ele pegá-la. Ela correu para seu carro, bateu a porta e acelerou o motor. Só quando ela fez algumas voltas que ela finalmente parou, se inclinou para a frente para descansar a testa no volante e desatou a chorar.

## Capítulo 17

Às oito horas da sexta-feira à noite, Julie correu para seu quarto. Parker estava sentada na segunda cama de solteiro de Julie, pintando as unhas de preto. Adele cantarolava da base para iPod, e o som da chuva batia na janela do lado de fora.

– Estou tão feliz por você estar aqui. Você não vai acreditar no que aconteceu – Julie disse, mostrando seu celular para Parker.

No celular havia uma mensagem de Carson. *Vc gosta de sushi? Eu estava pensando em dar uma conferida no Maru's. Que tal amanhã?*

Parker examinou o celular e entregou-o de volta. – Você vai aceitar?

– Você sabe da minha regra. Sem namorados.

Parker deu de ombros. – Viva um pouco. Um encontro não é o mesmo que namorar.

– Eu sei. – Julie se balançou em seu colchão. Arrepios correram ao longo de seus braços de frio, mas ela mal notou. – Mas Deus, você consegue imaginar o que aconteceria se Carson descobrisse sobre a minha mãe?

Parker deu de ombros. – Não é nada que um pouco de controle de danos não resolva. Você apenas tem que manipular a história.

Julie balançou a cabeça. – É mais fácil dizer do que fazer. Olha o que aconteceu com a Ava. – Mesmo que Ava fosse inteligente, bonita e popular, tinha sido fácil para Nolan manchar a reputação dela, mesmo todos sabendo no fundo que ele estava mentindo.

– Ou até mesmo você – Julie acrescentou, olhando para a amiga. Parker tinha sido a garota mais admirada da escola antes de seu pai a atacar. Mesmo como uma caloura, ela tinha estado em quase todas as páginas do anuário. Mas agora, só porque seu pai tinha ido para a prisão, apenas porque havia cicatrizes em seu rosto, ela era uma

pessoa indesejada.

A reputação delas tinha sido tão fácil de estragar, Julie não tinha a menor chance.

De repente, “Firework” da Katy Perry tocou em seu celular. Ela pulou, então o pegou e franziu a testa para o identificador de chamadas. Falando no diabo. Ava estava ligando. Assim que Julie atendeu, ela podia ouvir a voz de Ava dizendo “Oh meu Deus, oh meu Deus” continuamente. Ela olhou nervosamente para Parker.

– Ei, o que está acontecendo? – Julie disse timidamente.

Ava parou de falar oh meu Deus. – Eu acho que Granger matou Nolan.

Julie congelou, seus dedos apertando o celular. – Nosso professor Granger?

– Tenho quase certeza disso. – A voz de Ava estava abafada e trêmula. Julie fez sinal para Parker se aproximar, em seguida, colocou o celular no viva-voz.

– Eu estava na casa de Granger – Ava continuou. – Ele se ofereceu para me ajudar com um trabalho, embora ele estivesse fingindo, ele é um pervertido. Eu não deveria ter ido, mas isso é outra história. De qualquer forma, eu encontrei... fotos no celular dele... – ela parou. Parecia que ela estava chorando.

Lentamente, Julie foi capaz de tirar de Ava o que tinha nas fotos. Então Ava disse a ela sobre o vídeo que Nolan tinha ameaçado Granger. O coração de Julie deu uma guinada em seu peito. – Esse é um provável motivo – ela disse lentamente. – Mas você realmente acha que ele poderia ter feito isso?

– Ele quis me beijar quando eu saí hoje – Ava explicou. – E quando eu disse não, o rosto dele... – ela parou e chorou. – Foi *horrível*. E ele tem uma receita de Oxy. Eu vi no banheiro dele.

– Eu não acredito que você foi na casa dele – Parker falou sem pensar.

– Eu sei o que parece – Ava lamentou. – Mas eu estava apenas

tentando conseguir ajuda com o meu trabalho. Honestamente.

– Nós acreditamos em você – Julie insistiu. Ela se levantou de sua cama e começou a andar. Granger parecia tão *legal*. Tão... solidário. Era chocante ele ser um idiota. Ela voltou a pensar no dia da aula mais uma vez. Ele poderia ter ouvido?

Caitlin tinha se inclinado sobre a mesa animadamente. – Oxy. Todo mundo sabe que ele é viciado – Caitlin tinha dito. – Ou cianeto. Ele estaria morto em poucos minutos.

Julie tinha limpado a garganta, seu olhar desviando para Nolan do outro lado da sala. Ele estava em um grupo com Ursula; o namorado de Ava, Alex; e uma menina dócil chamada Renee Foley, e todos eles pareciam miserável. – Estamos apenas brincando, certo? – ela perguntou, nervosa.

– É claro – Mackenzie disse rapidamente com uma risada estridente.

Então Parker se inclinou para frente, prendendo as pontas dos dedos juntas, pensativa. – Mas não temos que matá-lo para acabar com ele.

– O que você quer dizer? – Ava perguntou lentamente.

Parker pensou por um momento. – Bem, na próxima vez que ele organizar uma festa, podemos fazer uma brincadeira com ele. É óbvio que não vamos usar cianeto, mas que tal Oxy? Ele ama Oxy de qualquer maneira. Não muito, apenas o suficiente para apagá-lo. Apenas o suficiente para tirar algumas fotos incriminadoras.

Um brilho de emoção ocorreu nos olhos de Caitlin. – Nós poderíamos tirar fotos dele com as calças abaixadas. Ou riscar o rosto dele com caneta hidrocor.

Mackenzie se mexeu. – Todo mundo odeia ele. Todos eles apenas têm muito medo de admitir. Nós seríamos heroínas se fizéssemos uma brincadeira com ele.

Ava endireitou as costas e ergueu o queixo. – Deveríamos fazer isso?

– Eu topo – Mackenzie sussurrou.

– Eu também. – Caitlin assentiu.

As meninas tinham olhado para Julie. Por mais que ela quisesse fazer parte, ela não era assim. Mas ela respirou fundo. – Onde é que vamos conseguir o Oxy?

Naquele momento, uma sombra caiu sobre ela. Parker disparou a sua amiga um olhar de advertência, e Julie se virou de seu assento para olhar para o Sr. Granger. Por um momento, Julie tinha certeza de que o professor delas tinha ouvido tudo. Às vezes, ele tinha um jeito de participar das conversas como se ele fosse uma mosca na parede. Julie, como todas as outras meninas, ficavam lisonjeadas e um pouco nervosas pela atenção dele – ele era *tão* bonito e charmoso, e ele tinha um vasto e impressionante conhecimento incrível de filmes. Mas, naquele dia, ele olhou para ela com uma expressão indecifrável no rosto.

Mas então ele disse: – Então, como está indo a discussão aqui, senhoritas? – E lhes deu um grande sorriso.

Agora, Julie engoliu em seco. – Ele veio para perto da gente logo no final da nossa conversa – ela disse com preocupação para Ava.

– Talvez ele tenha ouvido tudo – Ava disse.

– Então, como você acha que ele fez aquilo? – Julie pensou em voz alta. – Granger subiu as escadas e deu a Nolan mais Oxy depois que saímos? Mas como? Empurrou pela garganta dele e o fez engolir?

– Talvez Nolan tenha acordado depois que saímos – Ava sugeriu.

– E você acha que Granger estava nos observando o tempo todo? Tipo, ele ouviu a nossa conversa na sala de aula e decidiu prosseguir com o nosso plano?

– Por que ele iria nos culpar? – Parker perguntou. – Quero dizer, ele não parece um cara tão ruim assim.

– Hum, alôô? – Ava interrompeu. – Você acabou de ouvir a

minha história?

– Verdade – Julie disse. – Mas o que *nós* fizemos? Por que Granger iria nos culpar? Foi simplesmente por conveniência? Ele é um psicopata?

– Você deveria dizer a polícia – Parker disse com firmeza.

– Eu não posso ir sozinha! – Ava gritou. – Vocês têm que ir comigo. Eu já falei com Caitlin e Mackenzie, elas disseram que vão também. Eu mesma vou buscar vocês.

– Não! – Julie quase gritou. Parker olhou para ela em advertência. – Quero dizer, eu não estou em casa. Eu te encontro na delegacia.

\* \* \*

Vinte minutos depois, ela e Parker pararam no estacionamento da delegacia. O asfalto era rachado e irregular, e ela pisou em uma poça profunda quando saiu de seu carro, sujando seus tênis. Elas correram para o toldo de fora das portas duplas de vidro, onde Mackenzie, Ava e Caitlin já estavam amontoadas.

O rosto de Ava estava inchado de tanto chorar e sua maquiagem borrada. Caitlin tinha um braço em torno de seu ombro e parecia nervosa, mas determinada. As mãos de Julie cerraram um pouco enquanto uma agitação de raiva do Sr. Granger a atravessava.

– Você está bem? – ela perguntou a Ava ferozmente.

– Estou bem. – Ava parecia miserável. – Eu estou apenas... irritada. E com medo. – Ela olhou para as outras. – Eu acho que ele percebeu que eu vi o celular dele.

Julie olhou ao redor, meio esperando que Granger estivesse sentado no estacionamento, olhando para elas. Mas só havia filas e filas de carros da polícia.

Ela virou-se para a porta. – Vamos – ela disse. – Precisamos denunciar esse imbecil, Ava.

Ela as levou para a delegacia. Eram quase nove horas, e a área de espera estava quase vazia. Um jovem policial com um bigode cheio e bem desenhado estava sentado sozinho na mesa, rindo de alguma coisa da tela de seu computador. Ao vê-las, ele levantou uma sobrancelha.

— O que posso fazer por vocês, senhoritas? — Ele se inclinou sobre a mesa, olhando todas de cima a baixo. Julie cravou as unhas nas palmas das mãos. A última coisa que Parker precisava era de algum idiota de uniforme olhando para ela.

Julie apontou um dedo na direção de Ava. — Ela precisa falar com alguém sobre o assassinato de Nolan Hotchkiss — ela disse com a voz soando claramente através da sala.

O policial olhou de uma para a outra, engolindo como um peixe fora d'água. Mas antes que ele pudesse se recuperar, uma voz barítônica e profunda falou de trás do balcão. — Mande elas para cá, Substituto.

Era o detetive Peters — o detetive que tinha ido às salas de aula interrogando os alunos. Ele tinha ido à aula de cálculo de Julie, e ela mudou a letra dela o melhor que pôde, esperando que não parecesse em nada com as letras alegres que ela escreveu no rosto de Nolan.

Silenciosamente, o policial substituto abriu uma pequena porta no balcão para deixá-las passar. Ele os levou para uma grande sala de interrogatório com venezianas e com um grande espelho unidirecional. Julie sentiu Parker endurecer — quanto mais elas andavam, mais tensa ela ficava. Julie tocou o braço de Parker para confortá-la, motivando-a a relaxar.

Elas se sentaram em cadeiras dobráveis desconfortáveis ao lado de uma mesa retangular. O detetive se sentou de frente para elas. A sala cheirava levemente a mofado, como se algo úmido tivesse entrado no aquecedor. Um grande cartaz mostrando o Monte St. Helens estava pendurado em uma parede.

— Desculpe fazer vocês se sentarem na sala de interrogatórios. Meu escritório não é suficientemente grande para todos nós. — O detetive Peters sorriu e inclinou-se ligeiramente para trás em sua

cadeira. — Agora, o que vocês querem me contar?

Julie trocou seu peso, inquieta. Ela conversou com policiais suficientes após a hospitalização de Parker para saber que Peters estava tentando persuadi-las a dizer mais do que elas tinham planejado.

Julie trocou olhares com as outras. Mackenzie pressionava as pontas dos dedos rápido e nervosamente, seu cabelo loiro-castanho em uma trança lateral bagunçada. Os lábios de Caitlin estavam em uma linha fina em seu rosto. Ela parecia ainda menor do que o habitual em uma camiseta de futebol supergrande dos EUA. Parker agarrou a borda da mesa como se ela estivesse à beira de um penhasco e isso fosse a única coisa que ela pudesse se segurar.

Ava finalmente falou. — Eu acho que sei quem matou Nolan Hotchkiss. — Sua voz era tão suave que Julie mal podia ouvir.

As sobrelhas do detetive Peters levantaram.

— Eu acho que foi o Sr. Granger — Julie acrescentou. — Nosso professor de estudos avançados de filmografia.

O detetive lambeu os lábios, apertando as mãos em cima da mesa na frente dele. — Essa é uma acusação muito grave, senhorita Jalali — ele finalmente disse. — Por que você está dizendo uma coisa dessas?

— Ele tem estado... *íntimo* com um monte de meninas da nossa classe — Ava disse. — E Nolan sabia. Ele estava chantageando ele.

— Entendo — o detetive Peters disse sobriamente. — Você tem alguma prova disso?

— Ele deu em cima de mim — Ava disse miseravelmente. — Hoje.

— Eu soube que isso também aconteceu com outras meninas — Julie apontou, ainda que isso tudo fosse novidade para ela.

— E como vocês sabem que Nolan sabia?

Desta vez, Parker limpou a garganta. — Porque eu costumava ser amiga dele. Ele me disse que sabia. Ele me disse que Granger

mantinha fotos de meninas no iPhone.

Julie olhou para Parker, surpreendida por seu raciocínio rápido. Elas não tinham ensaiado isso. As outras meninas também pareceram surpresas e satisfeitas.

O detetive coçou a cabeça. Ele olhou para Parker, em seguida, rapidamente desviou o olhar, talvez desconcertado por causa de seu rosto. — Entendo.

— Você tem que pegar o celular dele — Ava interrompeu. — E-e você tem que olhar pela casa dele. Em busca de provas de Oxy.

— E você tem, pelo menos, que prendê-lo por estar ficando com as alunas — Julie acrescentou. — É errado.

O detetive Peters bateu no topo de sua mesa. Finalmente, ele sacudiu a cabeça. — Talvez Granger tenha algumas coisas a responder, mas, tanto quanto nós sabemos, a morte de Nolan não é uma delas. — Então ele se inclinou para trás em sua cadeira novamente e deu-lhes um longo olhar que era difícil de decifrar. — Mas nós temos algumas perguntas para todas vocês.

## Capítulo 18

*Nós temos algumas perguntas para todas vocês.* As palavras ecoaram através da mente de Mackenzie, mas antes que ela tivesse a chance de perguntar o que ele estava falando – que tipo de perguntas ele poderia ter – Peters continuou.

– Nós olhamos o celular de Nolan logo após a morte dele. Encontramos algumas fotos bastante picantes de você lá, senhorita Wright – ele disse, olhando diretamente para Mackenzie.

Seu estômago revirou. Ela abaixou a cabeça, muito humilhada para fazer contato visual com as outras. Pelos seus suspiros, ficou claro que elas não sabiam do que ele estava falando. – Nolan faz isso com todo mundo – ela murmurou.

Peters não parecia impressionado. – Nós também rastreamos o endereço de IP da pessoa que enviou as fotos do Sr. Hotchkiss... desmaiado... naquela festa, de um cybercafé. Várias pessoas dizem que uma menina loira com a sua altura e características foi vista no momento em questão.

Mac sentiu o rosto ficar vermelho. – Não fui eu.

Em seguida, o detetive se virou para Ava. – Encontramos também uma ameaça de morte vinda de você.

Ava piscou. – Do que você está falando?

Ele abriu o arquivo em papel pardo sobre a mesa na frente dele e tirou uma pasta grossa. Quando ele a abriu, a primeira página mostrava uma impressão de uma mensagem de celular.

– Se você continuar dizendo mentiras sobre mim, eu vou te matar – ele leu em voz alta.

Os lábios de Ava viraram para baixo. – Ele estava espalhando boatos sobre mim. Eu só queria que ele parasse.

– Vinte crianças diferentes me disseram que viram você subir

com ele na noite da festa, Srta. Jalali. — Ele deu um sorriso de falsa confusão. — Eu acho que você estava um pouco confusa da última vez que nos falamos, hein?

Em seguida, o detetive olhou para Caitlin. — Não é nenhum segredo que você quer vê-lo morto, Srta. Martell-Lewis. Mas matar um valentão não é a maneira de lidar com um problema.

Caitlin ficou pálida. — Você não sabe de nada sobre mim — ela grunhiu.

— E eu guardei o melhor para o final. — O detetive então ergueu uma foto. Era um close que mostrava a palavra *Monstro* em seu rosto. Julie engasgou. — Nós ainda estamos à espera de um relatório final da análise forense, mas vocês veem essa aparência engraçada do M, com uma curvinha no meio? Familiar, não?

Em seguida, o detetive se levantou. — Olha. Eu não sei o que tudo isso significa, mas eu sei que vocês estão mentindo. Eu não sei por que, mas eu vou dar a vocês uma trégua: Me digam a verdade agora, e podemos resolver algo. É melhor vocês dizerem antes que as coisas fiquem realmente loucas.

A sala ficou em um silêncio mortal. No fundo do corredor, elas ouviram um telefone tocar. As mãos de Mac se contraíram em seu colo. Ela considerou confessar que ajudou a colocar Oxy na bebida. Era uma brincadeira simples, afinal de contas, nada mais que isso. Elas não eram assassinas.

Julie falou. — Nós só viemos aqui porque você prometeu que não iríamos nos meter em nenhum problema se tivéssemos informações sobre o assassinato. Sabemos que foi o Sr. Granger. Ele tinha as drogas usadas e o motivo. Tudo que você tem que fazer é provar isso.

O detetive Peters sorriu novamente. Desta vez não foi o sorriso afável e descontraído, mas um sorriso frio e severo. — Eu lhe asseguro que vou investigar o Sr. Granger ter abusado sexualmente de estudantes, senhoritas, e nós vamos falar com ele sobre isso. Mas eu quero falar com vocês sobre Nolan. Nolan não morreu de OxyContin. Nolan foi assassinado com envenenamento por cianeto.

– Envenenamento por cianeto? – Mac deixou escapar, embora ela não quisesse. Ava chutou-a suavemente por baixo da mesa.

– Isso mesmo. – Peters fechou a pasta de papel pardo novamente, seu olhar movendo-se lentamente e atentamente sobre cada uma delas. – Agora, se surgirem quaisquer outras teorias, não se esqueçam de vir me ver imediatamente. Ou talvez eu retribua uma visita antes de vocês terem a chance.

Ele olhou para elas como se ele soubesse de tudo. Por alguns segundos, ninguém se moveu. O cérebro de Mac repetia em torno da mesma palavra repetidamente. *Cianeto. Cianeto.*

Então Caitlin levantou-se violentamente da mesa, empurrando a cadeira para trás. Ela caminhou pesadamente em direção à porta. Mackenzie pulou e correu atrás dela, e, em seguida, as outras seguiram.

Lá fora, elas se juntaram perto do Ford Escape de Mackenzie. Caitlin enxugou as lágrimas de raiva dos cantos de seus olhos, em seguida, virou-se e chutou o meio-fio.

– O que diabos vamos fazer? – Os olhos de Mackenzie estavam arregalados. – Devemos confessar a brincadeira? Nós não batizamos a bebida com cianeto. Eu não sei nem mesmo como é cianeto, e muito menos como consegui-lo.

– Não – Julie insistiu. – Você o viu lá. Ele não vai acreditar na gente.

– Gente, quais são as chances de alguém ter matado Nolan *do jeito que planejamos?* – Caitlin disse. Seu rosto estava vermelho e sua respiração estava muito rápida, como se ela estivesse à beira de hiperventilar. – Isso não foi uma coincidência. Não mesmo.

– Definitivamente não. Granger deve ter nos ouvido – Ava interrompeu. – Tem que ser ele. Agora só precisamos de provas. – Seus olhos corriam de um lado para o outro. – E eu acho que sei onde tem.

\* \* \*

Era fácil entrar em Beacon Heights High, até mesmo tarde da noite — tantos alunos entravam para reuniões e ensaios que os guardas de segurança mantinham as portas abertas até depois das dez na maioria das noites. Quando Mac e Ava analisaram o lobby, ninguém estava nem mesmo sentado no estande da frente para deixá-las entrar. Os corredores estavam silenciosos e escuros, seus passos ecoando pelos corredores vazios. As meninas tinham decidido que era melhor que apenas duas delas fossem, e Mackenzie e Ava prometeram ligar para as outras quando elas terminassem.

— Você acha que vamos encontrar algo? — Mackenzie perguntou quando elas chegaram na frente da porta de Granger. Elas conversaram sobre invadir a casa dele, mas decidiram começar pela escola. Parecia menos extremo de alguma forma.

— Só há uma forma de descobrir. — Mas antes que ela tentasse fazê-lo, ela olhou com curiosidade para Mac. — Essas fotos no celular de Nolan que os policiais falaram. Ele estava chantageando você, certo?

Mac baixou os olhos. — Não exatamente. Foi uma aposta idiota com os amigos dele. E eu fui uma idiota em cair.

— Somos todas idiotas quando se trata dele — Ava disse, agarrando-lhe a mão e apertando forte. — Você não deve se sentir constrangida. Ele fez isso com todas. Ouvi dizer que ele tinha o mesmo tipo de fotos da sua amiga Claire.

— Claire? — Mac piscou. Claire nunca tinha dito isso a ela. — Quando?

Ava deu de ombros. — Foi quando Nolan e eu estávamos namorando. Mas quem sabe? Ele poderia ter mentido. Ele disse que tinha fotos de várias meninas.

Mac virou-se e testou a maçaneta. Trancada. Mas ela tinha um plano para isso também. Uma vez, durante uma viagem de recital, um tocador de fagote de Oregon havia lhe ensinado como abrir uma fechadura com uma palheta de instrumento de sopro. Ela olhou de um lado para o outro no corredor, em seguida, puxou a palheta de madeira rígida de sua bolsa de retalhos. Ela se inclinou sobre a

maçaneta da porta e a cutucou. Um momento depois, Mackenzie ouviu um *clique* suave. Ela se abriu.

– Como você sabe fazer isso? – Ava arfou, atônita.

Mac sorriu. – Eu sou cheia de surpresas. – Ela deslizou a palheta de volta em sua bolsa, e elas fecharam a porta cuidadosamente atrás de si.

Os contornos fantasmagóricos de palavras não apagadas completamente permaneciam no quadro-negro. Ava caminhou para o escritório de Granger, que estava trancado também. Mas Mac também foi capaz de abrir essa fechadura, então elas abriram a porta e entraram.

Estava mais escuro aqui, e o escritório era mais empoeirado do que a sala de aula. O ar cheirava levemente ao sabonete de pepino Aveda que Granger usava, e as prateleiras estavam cheias de livros e equipamentos de fotografia antigos.

Mac abriu a gaveta de cima. Estava cheia de papeladas – pilhas de lições de casa, um pacote de documentos de permissão para a próxima viagem de campo para o Teatro Majestic de Beacon, canetas e papéis. Em uma gaveta, elas encontraram um maço de cigarros e uma maçã madura.

– Nada – Ava murmurou.

Mackenzie puxou uma gaveta e descobriu que ela estava trancada. Ela se agachou na frente dela, movendo a palheta na fechadura.

– Essa é complicada – ela murmurou, sacudindo a palheta em frustração.

Fora da porta, alguém assobiou a melodia de “Low Rider”. As meninas congelaram. Um conjunto de chaves tilintou musicalmente, e algo raspou no buraco da fechadura.

Os olhos de Ava ampliaram no escuro. – Nós temos que sair daqui.

– Eu estou quase conseguindo! – Mac sacudiu a fechadura mais

uma vez, e a gaveta se abriu.

A maçaneta da porta empurrou de volta para o lugar sem virar. As chaves tilintaram novamente quando alguém encaixou outra chave. Ava cravou as unhas no braço de Mac. – Venha!

– Olha – Mac murmurou.

A gaveta tinha várias coisas proibidas no interior. Um Nintendo DS estava em cima de uma história em quadrinhos. Um canivete de cabo de madrepérola, um isqueiro e um frasco de bebida prata estava ao lado dele. Ava procurou pela gaveta, uma expressão angustiada em seu rosto.

– Não tem nada aqui – ela murmurou. – Nada nem remotamente suspeito.

Houve outro som raspando o buraco da fechadura. Mackenzie puxou Ava pela parte de trás de sua blusa e abaixou-se sob a mesa do escritório assim que a porta se abriu.

Randy, o zelador hippie da escola, estava na porta. Sua cabeça estava inclinada, e ele olhou em volta, como se ele pudesse sentir que alguém estava lá.

Mac apertou os lábios, tentando não respirar. Seu coração batia rápido em seu peito. O que ele estava fazendo aqui tão tarde da noite? Se Randy pegasse elas aqui, mexendo ao redor do escritório de Granger, ele iria dizer a Granger, com certeza. E então Granger iria contar aos policiais.

Lentamente, Randy caminhou em direção ao escritório. Seus passos batiam contra o chão. Seu assobio tinha parado. Mac não podia vê-lo, mas ela sentiu que ele estava de pé na porta. Ela fechou os olhos e tentou não se mexer. Ava apertou sua mão com força. Mac tinha quase certeza de que ela podia ouvir Randy prendendo a respiração, avaliando a situação.

Mas então ele suspirou. Ela sentiu-o se virar, e os passos recomeçaram. Houve o som metálico de um lixo batendo contra a grande lixeira que ele empurrava pela escola. Momentos depois, houveram mais passos e a porta se fechou.

Lentamente, Mac levantou-se e olhou para a sala de aula vazia diante delas. Assim que elas souberam que era seguro, elas correram em direção à porta, ansiosas para dar o fora de lá. Tinha sido perto – muito perto. Com os policiais já atrás delas, um movimento errado poderia ser o fim de tudo o que elas tinham se esforçado tanto para conseguir – graduação, faculdade, *Juilliard*. Um movimento errado e suas vidas perfeitas estariam acabadas.

## Capítulo 19

Na manhã de sábado, Parker estava sentada no escritório de Elliot com as mãos segurando os joelhos. O lugar cheirava vagamente a vela de canela, e uma música da Nova Era com sons intensos de sinos de vento e didjeridu tilintava levemente dos alto-falantes escondidos. O terapeuta ofereceu a Parker um sorriso gentil do outro lado da sala.

– Então – ele disse, – como você tem estado esta semana?

– Tentando – Parker admitiu.

– Você pode me dizer o motivo?

Parker fechou os olhos. – Tem muitos policiais na escola. É horrível.

– Algum deles falou com você?

Ela ficou tensa. – Por que eles iriam falar comigo?

Elliot ergueu as duas palmas. – Eu achei que os policiais falavam com todos em um caso como este.

Parker deixou cair o cabelo em volta de seu rosto danificado e torceu a boca. *Bravo, idiota*, ela pensou. *Ótima forma de parecer culpada. Por que você não confessa logo o que você fez?*

Ela limpou a garganta. Elliot estava sentado de frente para ela pacientemente. Ela quase se sentia como se pudesse contar tudo a ele. Ela precisava de alguém para ouvi-la, e ela queria que fosse ele. Mas então ela pensou nas outras meninas. Elas prometeram manter o segredo.

– A polícia falou comigo, sim – ela murmurou.

Elliot juntou seus dedos. – Eles lhe perguntaram sobre a sua relação com Nolan?

Parker levantou um ombro. – Na verdade, não. – O detetive tinha perguntado os motivos de cada menina, uma por uma, mas ele

mal tinha olhado para Parker. — Talvez ele tenha sentido pena de mim — ela murmurou. Pelo que ela saiba, ele se lembrou dela de quando seu pai foi preso.

Elliot cruzou as pernas e se inclinou para a frente. — Você queria que ele te perguntasse sobre Nolan?

— Não — Parker disse rapidamente. Mas então ela olhou para o teto. — Talvez.

— Isso porque você queria que eles soubessem o que ele fez? Que ele meio que foi o responsável?

Parker olhou para ele. Lágrimas começaram a encher seus olhos, lembrando que Nolan nem sequer olhou para ela quando ela voltou para a escola depois que ela passou um tempo no hospital.

— Eu só queria que ele tivesse dito que estava arrependido — ela disse. — Nós não teríamos ficado amigos depois disso, mas eu poderia superar isso.

Elliot balançou a cabeça, pensativo. — Você já pensou em perdoar Nolan?

Parker fez uma careta. — Eu nunca poderia.

— Escute, Parker. O que aconteceu, aconteceu; você não pode voltar atrás. Seu pai foi embora, Nolan está morto. Agora você precisa encontrar uma maneira de seguir em frente.

Parker inclinou a cabeça. — Como eu faço isso?

Elliot se levantou e estendeu a mão. — Que tal fazermos uma terapia de campo?

— Você não tem outra sessão?

Elliot balançou a cabeça. — Eu só tenho você hoje, Parker Duvall. Então você está presa a mim.

Ele a levou para o corredor de carpete cinza e até uma porta pesada do estacionamento. A bicicleta de Parker estava acorrentada, mas Elliot contornou ela, dirigindo-se em direção a um carro prata com dois adesivos de empresas de corrida de carros na parte de trás.

— Vamos dar uma volta — Elliot disse, abrindo a porta do

passageiro para Parker.

– O-ok – ela disse, mas seu coração estava acelerado. Ela conhecia Elliot no contexto de uma sala segura. Aventurar-se do lado de fora parecia diferente e estranho de alguma forma. Mas ela confiava nele.

Elliot deslizou atrás do volante e ligou o motor. Em instantes, uma canção de hard rock em ritmo acelerado de uma banda que Parker nunca tinha ouvido soou através do estéreo. Elliot abaixou o volume, lançando a Parker um sorriso encabulado. – Desculpe.

– É legal – Parker disse, empurrando seu cabelo para longe de seu rosto por um momento. Ela teve um vislumbre de si mesma no espelho lateral e quase engasgou. Pela forma que as sombras angulavam, ela quase parecia... normal. Ela quase não podia ver suas cicatrizes.

Elliot saiu para a estrada principal e dirigiu alguns quilômetros sobre o terreno montanhoso. Eles passaram pela praça principal e todas as lojas, vários condomínios, a escola e depois a rua que Nolan tinha morado, uma rua que Parker conhecia bem. Ela olhou para o caminho, então de volta para Elliot.

– Hum, para onde nós vamos, afinal? – Ela achou que eles iriam estacionar do lado de fora da casa de Nolan, e talvez Elliot fosse pedir a ela para dizer adeus a Nolan em seu gramado da frente ou algo assim.

– Você vai ver – Elliot anunciou, apertando o acelerador.

Parker deu de ombros. Talvez eles fossem continuar dirigindo por todo o caminho até o mar. Todo o caminho de sua *vida*.

Mas Elliot estava desacelerando até parar. Parker franziu a testa para as colinas verdes na frente dela, em seguida, para os portões forjados de ferro à esquerda. Em escrita espiral no topo dos portões lia-se CEMITÉRIO MCALLISTER.

Seu coração parou.

Elliot parou no estacionamento e desligou o motor. Ele saiu do carro, em seguida, contornou-o e abriu a porta de Parker.

Ela olhou para ele. — O que você está fazendo? — Sua voz estava dura e rígida. Parker balançou a cabeça violentamente. — Não. De jeito nenhum.

Elliot franziu a testa. — O que você quer dizer?

— Eu quero dizer que eu não vou entrar lá. — Parker saiu do carro e deu alguns grandes passos para longe dele.

— Por quê? — Elliot inclinou a cabeça. — O que está acontecendo em sua mente agora?

Parker não tinha certeza do que estava acontecendo — tudo o que ela sabia era que os sinos de alerta estavam tocando como loucos. Ela viu flashes de luz, então sentiu uma pontada dolorosa de uma enxaqueca que se aproximava. O rosto de Nolan apareceu em sua mente com seus olhos se estreitando. Então ela viu o rosto de seu pai em cima dela. A mão dele atingindo-a continuamente. Ela ouviu alguém gritando e percebeu depois que era ela. Ela estava lá, flácida, sem vida, no chão.

Quando ela olhou para Elliot, tudo o que ela pôde fazer foi sacudir a cabeça. Dor queimava sua têmpora. — Eu não posso ir lá — ela sussurrou com os olhos fechados com força. — Eu simplesmente não posso.

Um corvo voou acima deles. A garganta de Elliot balançou quando ele engoliu. — Ok — ele disse baixinho. — É só que...

— Parker?

Parker se virou. Julie estava atrás dela, parecendo angelical com uma blusa transparente branca e com os cabelos espalhados sobre os ombros. Seus olhos estavam grandes com preocupação. — Eu estava indo para a cidade para comprar algo para a minha mãe e vi você aqui. O que está acontecendo?

— Graças a Deus você está aqui — Parker disse, caindo contra Julie.

— Vamos lá — Julie disse, estendendo-lhe a mão. Ela olhou para Elliot. — Vou levá-la para casa. Nós vamos pegar o próximo ônibus.

Elliot piscou. — Hum, com certeza — ele disse, dando um passo para o lado. — Eu só estava tentando ajudar.

— Você tem que ter cuidado com ela — Julie disse protetoramente, tomando cuidado com o braço de Parker. A dor de cabeça havia chegado em pleno vigor, impedindo a visão de Parker, revirando seu estômago, enviando ondas de dor em suas costas. — Está tudo bem — ela podia ouvir a voz de Julie acima dela. — Você vai ficar bem.

— Eu não conseguiria fazer isso — Parker gemeu, embora cada palavra que ela falava, doía. — Eu simplesmente não conseguiria.

— Eu sei — Julie disse, aparentemente entendendo mesmo que a própria Parker não tivesse entendendo sozinha. Talvez fosse outro buraco em sua memória: talvez a antiga Parker tenha odiado cemitérios. Talvez alguma coisa ruim tenha acontecido com ela em um.

Mas ela não se importava com a razão naquele momento. Tudo o que ela queria fazer era sentar-se no banco de ônibus com os olhos fechados. Tudo o que ela queria era nunca mais pensar novamente.

## Capítulo 20

Naquela tarde, Caitlin estava sentada na beira da cama na clínica ortopédica, empurrando o pé na palma da mão de seu fisioterapeuta em seu encontro semanal. — Ok, agora flexione — o terapeuta, um russo alto e forte cujo nome era Igor, disse, observando o rosto dela enquanto ela movia o tornozelo.

— É uma sensação muito boa — Caitlin disse.

— Ótimo. — Igor continuou rolando o pé dela em direções diferentes com as mãos calmas e cuidadosas.

No canto, passava uma estação de notícias local no silencioso, mas com legendas. Uma legenda de notícias rolou na parte inferior da tela. MENINO LOCAL MORTO COM CIANETO.

Ela se encolheu. Igor olhou para ela bruscamente. — Está doendo?

— Não. — Ela engoliu em seco, a boca subitamente seca. Igor gentilmente soltou seu pé. — Hum, você pode aumentar? — ela perguntou. Igor parecia confuso por um segundo, em seguida, pegou o controle remoto de uma mesa próxima e entregou-o a Caitlin. O som veio instantaneamente.

— Vamos falar um pouco mais sobre o cianeto — a repórter estava dizendo, sua voz estranhamente animada. — E para isso, eu gostaria de apresentar o Dr. John Newlin, perito forense. Dr. Newlin?

O doutor limpou a garganta. — A intoxicação por cianeto é um método clássico de muitos assassinatos e suicídios, principalmente porque a droga age rapidamente e parece com um evento cardíaco. O veneno impede a capacidade da vítima de usar o oxigênio, fazendo com que a vítima sinta como se estivesse sufocando.

— E o cianeto não é uma substância comum, certo? — a repórter interrompeu. — No caso de Hotchkiss, como o assassino pode ter conseguido?

– Bem – o doutor disse, – existem várias profissões que permitem o acesso ao cianeto de uma forma ou de outra: químicos, fotógrafos, controle de pragas, refino mineral, tingimento e estampagem... Os investigadores são propensos a procurar pelas pessoas que têm conexões com as indústrias.

Caitlin ficou tensa. Ela assumiu que era difícil conseguir cianeto por aqui, mas parecia que havia um milhão de maneiras de fazer isso. E se ela ou as outras meninas o tivessem em suas garagens ou porões, mesmo sem saber? O que aconteceria, então?

– E o laboratório de química da escola? – a repórter perguntou.

John Newlin parou por um instante. – Um professor de química saberia como obter o cianeto de potássio; ele de fato está entre os antigos produtos químicos que costumavam ser utilizados. Mas é difícil imaginar um professor introduzindo um material químico tão perigoso na sala de aula.

– Obrigada por se juntar a nós, John. Continua a ter novas pistas na investigação de Hotchkiss. Agora, na hora seguinte...

Caitlin desligou a TV e recostou-se na cama. Seu coração estava disparado.

– Você era amiga dele? – Igor perguntou, com um olhar de simpatia em seus olhos.

Caitlin mordeu o canto do lábio. – Na verdade, eu não o conhecia muito bem.

Igor concordou. – Bem, um crime como este afeta todo mundo, mesmo que vocês não fossem amigos. É terrível. Espero que quem fez isso apodreça na cadeia.

*Apodreça na cadeia.* Seu coração acelerou com as palavras. Esse poderia ser o futuro dela. Caitlin voltou seus pensamentos ao interrogatório policial e o rosto sorridente do detetive quando ele disse que ela claramente tinha um motivo. Ela estremeceu com a ideia de que os policiais estivessem sentados reunidos e falando sobre ela.

Sobre *elas*.

Ela olhou para seu celular. Ava tinha enviado uma mensagem ontem à noite: *Acabei de olhar as merdas de Bogie no farol. Nada.* Isso era um código: *Bogie* era um pseudônimo para Granger, de Humphrey Bogart, de quem ele falava constantemente, e *farol* era Beacon Heights High. O que elas poderiam fazer? Como elas poderiam provar que foi Granger? Ele tinha acesso ao cianeto? A repórter tinha dito que fotógrafos usavam, e Granger dirigia um clube de fotografia.

Ela rapidamente enviou uma mensagem de grupo. *Fotógrafos usam cianeto.*

Seu celular tocou quase que instantaneamente. Ela esperava que fosse de uma das meninas, mas em vez disso era de... *Jeremy.*

*Passando maratona de Dragon Ball. Achei que você gostaria de saber...*

Isso trouxe um sorriso inesperado ao seu rosto. Ela não tinha falado com ele desde que ele tinha levado ela para o treino na semana passada, mas eles tinham visto um ao outro nos corredores da escola, e sorrindo timidamente um para o outro.

*Nerd.* ☺, ela escreveu de volta.

*Apenas um nerd reconhece outro.* ☺, ele mandou.

— Bom, você está se curando muito bem — Igor disse, pegando uma caneta do bolso. — A boa notícia é que você provavelmente só precisa me ver mais algumas vezes.

— Que ótimo. — Caitlin assentiu.

— E Caitlin? — ele disse jovialmente.

Ela olhou para ele. — Sim?

— Chute alguns traseiros no seu grande jogo, ok? — Ele deu-lhe uma piscadela cúmplice.

— Obrigada — ela disse, de repente consciente de que ela mal havia pensado na próxima semifinal que era na quarta-feira. Com tudo que estava acontecendo, isso parecia quase... trivial. Ela pegou sua bolsa e saiu. Quando ela ouviu uma buzina no meio-fio, ela olhou para cima. Josh estava sentado em seu Jeep Cherokee.

– Como foi com Igor? – ele disse.

Caitlin se endireitou. Ela tinha esquecido que ele estava esperando por ela. – Russo, como de costume.

Ela entrou no carro e afivelou o cinto de segurança. Josh se inclinou para dar um beijo de olá. Mas quando ela fechou os olhos e beijou-o de volta, ela se imaginou sentada na parte de trás da Vespa de Jeremy com os braços em volta dele. Ela se encolheu, horrorizada.

– Então, para onde? Para o Dirk? – Era o lugar favorito de hambúrguer deles, famoso por suas batatas-fritas.

Caitlin fez uma careta. – Eu acabei de comer.

Josh acenou com a mão. – Bem, *eu* estou morrendo de fome, você se importa? – Ele ligou o carro, sem esperar pela resposta. – Assim que você sentir o gosto das batatas-fritas, você vai querer alguma coisa.

*Eu disse que não estou com fome*, Caitlin pensou enquanto eles se afastavam do meio-fio.

*Empire State of Mind* de Jay Z explodiu dos alto-falantes. Caitlin pulou com o barulho repentino, batendo a palma da mão contra o painel para se apoiar. Josh aumentou ainda mais. – Essa música sempre me faz pensar na viagem para *Cape Disappointment* – ele gritou. – Lembra? Ouvimos essa música no caminho até lá, tipo, umas quinhentas vezes?

Os instrumentos tocavam com tanta força que parecia um batimento cardíaco adicional vibrando através de seu corpo. A viagem para *Cape Disappointment* tinha sido logo após o segundo ano. Josh tinha acabado de ganhar sua carteira de motorista e eles tinham ido para a costa por uma semana com um grupo de outros jogadores de futebol. Ela ainda lembrava das árvores banhadas pelo sol por fora da janela do carro, eles cantando com todas suas forças sem uma preocupação no mundo. Ela lembrou-se da mão de Josh em seu joelho, e pequenas cargas de atração elétrica atingindo-os. Isso foi quando Taylor ainda estava vivo, quando Caitlin ainda era feliz e inocente. Isso foi antes que ela soubesse o quanto o mundo poderia

machucar uma pessoa.

Parecia tanto tempo atrás.

Ela sentiu um peso sobre seu joelho, e ela olhou para baixo e viu a mão de Josh repousando sobre sua perna da calça. Ela ficou chocada com o quão estranho e desajeitado a mão dele parecia ali. Quase *irritante*, na verdade.

Ela olhou pela janela, pensando no que ela e Jeremy tinham falado na outra noite — vagar pelo mundo como Jack Kerouac, ter aventuras loucas, inesperadas e imprevisíveis. Ela não conseguia parar de pensar nisso.

Ela olhou para Josh. — Você já pensou sobre o que você faria se você não pudesse mais jogar futebol? — A pergunta saiu rapidamente.

— Hã? — Josh lançou-lhe um olhar confuso.

O cinto de segurança estava apertado na garganta e ela puxou-o. — Se você se machucasse ou algo assim. Ou se cansasse.

Josh fez uma careta. — Por que você ainda se preocupa com uma coisa dessas? Seu tornozelo está bom, Cate. Você definitivamente pode jogar futebol.

— Sim, mas... — Ela deu um pequeno gemido de frustração. — Quero dizer, que se você se machucasse muito ou algo assim. Ou se você não gostasse mais? O que você faria então?

Josh quase atravessou um semáforo ao virar para olhar para ela. — Você quer parar?

— Não. — Ela se virou para olhar para fora da janela. — Eu só estava interpretando o advogado do diabo.

Ele lhe deu um olhar vazio, quase nervoso, balançando a cabeça. — Eu só não vejo motivo de pensar em algo que não vai acontecer. Futebol é vida. — Ele sorriu. Era um slogan de um dos adesivos na parte de trás de seu carro.

— Mas, na verdade, Josh, isso *vai* acontecer. — O coração de Caitlin começou a bater mais rápido. — Nós não vamos jogar futebol

para sempre. Depois da Universidade de Washington, *se* nós dois entrarmos... bem, ser jogador profissional é um tiro no escuro, mesmo que você seja um dos melhores. Nós temos que ter algum tipo de plano.

Josh pareceu magoado. — Você acha que eu não consigo ser um jogador profissional?

— Não foi isso que eu disse! — ela insistiu. — E esse não é o ponto. Você não acha que é uma boa ideia... Eu não sei. Desacelerar algumas vezes? Olhar ao redor e ver o que você quer da vida?

Ele bufou. Caitlin observou-o por um momento, mas ele não parecia nem ao menos considerar a pergunta. — O que deu em você ultimamente, afinal? — ele perguntou. — Você está agindo estranho.

Ela encolheu os ombros, em seguida, decidiu dizer o nome que ela estava segurando. — Eu acho que eu estive pensando muito em Taylor. Na coisa de Nolan... isso me trouxe um monte de lembranças. E como... a vida é tão curta. A única coisa que a gente faz é correr para cima e para baixo em um campo de futebol.

Josh sacudiu a cabeça. — Eu honestamente não vejo o que Taylor ou Nolan tem a ver com o futebol.

Ela virou a cabeça para olhar para ele. — Eles têm tudo a ver com o futebol. Se eu não estivesse tão envolvida no futebol, eu poderia ter visto o que estava acontecendo com Taylor. E agora eu não consigo parar de pensar nisso.

Josh ainda estava desinteressado. — Bem, talvez você devesse. Porque isso vai estragar o seu jogo. Estragar suas chances de entrar na Universidade de Washington.

Sua boca abriu. — E aí o quê? Você não gostaria mais de mim se eu não ganhasse o grande jogo? Você não gostaria mais de mim se eu realmente pensasse sobre o que aconteceu em vez de empurrá-lo para debaixo do tapete?

Josh parou em um semáforo. — Deus, Caitlin. Você esteve pegando no meu pé nas duas últimas semanas. E eu nem sequer fiz nada.

Mil palavras congelaram na garganta de Caitlin. *Eu só quero que você me escute*, ela queria gritar. *Eu quero ser capaz de falar sobre Taylor sem você ficar todo estranho. Eu quero que você jogue seus braços em volta de mim e diga que você vai ouvir, não importa o tempo que levar. Eu quero que você entenda, mesmo que você não entenda. E isso é o que mais dói.*

Mas por alguma razão, ela não podia realmente dizer isso. Talvez fosse porque eles tinham estado juntos por muito tempo; eles tinham desenvolvido um padrão de não dizer tantas coisas que pareciam estranhas, para ser honesta. Ou talvez fosse porque era tudo muito verdadeiro, e dizer isso iria provar o quão desconectados eles realmente eram. Era uma coisa dura de descobrir, mas, de repente, Caitlin se deu conta. Além do futebol, ela e Josh não tinham *nada em comum*. Absolutamente nada.

Ela arrancou o cinto de segurança e abriu a porta do carro.

– O que diabos é isso? – ele perguntou com o rosto chocado voltando-se para ela. Ela saiu do carro e ergueu uma das mãos.

– Amor, volte para o carro – Josh exigiu.

Caitlin balançou a cabeça, batendo a porta. – Eu preciso de um tempo sozinha – ela retrucou através da janela aberta.

– Caitlin, o que diabos eu fiz?

Por um momento, Josh parecia incerto, e ela estava quase com medo que ele saísse e a seguisse. Mas, então, o semáforo mudou. Atrás dele, os carros começaram a buzinar. Ele olhou para ela por um longo momento de confusão. Em seguida, ele balançou a cabeça, ergueu a mão em um gesto de “tanto faz”, e desceu a rua.

Ela ficou ali por um momento, respirando o cheiro da fumaça do cano de escape e folhas um pouco podres. Seu coração batia alto em seus ouvidos. Ela nunca tinha feito nada parecido antes – ela e Josh mal brigavam. Parecia assustador fazer algo tão diferente de si mesma. Mas também era meio libertador.

Ela pegou o celular, a ponto de ligar para alguém buscá-la – suas mães? *Jeremy*? – quando ela percebeu que alguém estava se aproximando. Ela ficou estupefata. *Granger*.

Ele estava usando shorts e uma camisa de mangas compridas, mas seu ritmo era lento, quase sem pressa. Ele encontrou os olhos com os dela quando passou. Um pequeno sorriso estranho puxou os cantos de seus lábios. Ele deu uma pequena saudação irônica, e então foi embora.

A mão de Caitlin tremeu. Ela conhecia aquele olhar. Ela tinha dado a Nolan mil vezes depois que Taylor morreu. Sua mensagem era alta e clara: *Eu vou acabar com você – e não há nada que você possa fazer sobre isso.*

## Capítulo 21

Sábado à noite, Julie entrou no Maru's Sushi e sacudiu a água do guarda-chuva xadrez que ela tinha acabado de pegar emprestado. Estava chovendo muito, mas, embora a casa de Julie estivesse cheia de, bem, tudo o que se possa imaginar, ela não conseguiu encontrar um único guarda-chuva em qualquer uma das pilhas de coisas. No entanto, ela correu até dois grupos de alunos de sua escola no estacionamento, e várias pessoas se ofereceram para emprestar-lhe um guarda-chuva. Uma menina, uma terceiranista chamada Sadie, se ofereceu para *segurar* o guarda-chuva para Julie enquanto ela caminhava a curta distância até o restaurante. — Vocês são tão gentis — Julie disse, graciosamente aceitando o guarda-chuva Burberry de Sadie e prometendo devolvê-lo na segunda-feira. Popularidade tinha seus privilégios, às vezes — era o único ponto luminoso em seu mundo desmoronando.

Agora, ela olhou ao redor do restaurante vermelho e dourado. O ar cheirava a soja e gengibre, sua combinação favorita de perfume. Lanternas de papel estavam penduradas sobre as mesas dando um brilho tranquilizante. Atrás do bar um chef de sushi estava franzindo a testa em concentração, sua faca voando sobre a tábua. Ela finalmente avistou Carson em uma mesa no canto, abaixo de um desenho estilo Gyotaku<sup>[5]</sup> de um salmão Chinook. Ele estava olhando para o menu e não notou ela. Ela ainda não conseguia acreditar que tinha deixado Parker convencê-la a fazer isso. — Você merece um encontro dos sonhos, especialmente depois dos últimos dias — ela disse, e tinha pego o celular de Julie e respondido a mensagem de Carson com um enfático *sim*.

— Oi — ela disse enquanto se aproximava, ficando nervosa.

Os olhos brilhantes de oliveira de Carson vagaram até os dela, e ele ficou estupefato e de pé tão rápido que seus joelhos bateram na mesa. Julie escondeu o sorriso. Ela estava usando seu vestido preto

favorito com detalhes em couro sintético e grandes brincos brilhantes. Parecia algo que Ava usaria.

– Oi. – Ele se moveu em torno da mesa para puxar sua cadeira.

– Hum, você está fantástica. – Ela adorava a forma que seu sotaque esticava as vogais. *Fan-táás-tica*.

– Obrigada. Você também. – Ele usava um blazer cinza, jeans rasgados e uma camisa vintage com a imagem de um pôr do sol sobre palmeiras. Julie tinha plena consciência de que cada menina no restaurante continuamente virava para comê-lo com os olhos, mas ela fingiu não notar.

A garçonete aproximou-se da mesa com sua caneta sobre seu bloco de anotação. Carson olhou para baixo para o menu. – Então, o que tem de bom aqui?

– Bem, nós definitivamente queremos alguns rolos de atum picantes, enguia e sashimi de salmão. E camarões. Ah, e sopa de missô. E, provavelmente, alguns sushis – Julie disse.

Ele começou a rir. – Quantos peixes você pretende comer?

– Você foi oficialmente avisado. Não tem espaço para amador. – Ela levantou a sobrelha em uma simulação de desafio, e ele sorriu para a garçonete.

– Ok. Traga-nos tudo o que ela disse.

– E *edamame*! – Julie acrescentou quando a garçonete começou a se afastar. – Por favor!

Ela encontrou os olhos de Carson e sorriu. Ele era tão lindo, com as manchas douradas em seus olhos e sua pele escura e lisa. Ela quase não podia acreditar que ele queria sair com ela.

– Então, Julie, me diga algo sobre você que eu não sei – ele disse, brincando com o canudo em seu copo de água.

Julie piscou. Havia tanta coisa que ele nunca poderia saber. Ela procurou através dos detalhes de sua vida, procurando algo inofensivo. – Eu trabalho como salva-vidas na piscina interna do Centro de Recreação de Beacon. Lá só tem um monte de crianças

selvagens e velhinhas nadadoras.

Seus olhos brilharam. – Salva-vidas? Tem certeza que você não é Australiana?

– Uma honorária, talvez – Julie brincou. – Eu acho que todo mundo nasce sabendo nadar lá, hein?

– Praticamente – Carson disse, seu punho descansando em seu queixo enquanto ele olhava para ela. – E todo mundo monta cangurus para ir à escola e luta com crocodilos.

– E eu pensando que todo mundo dirigia pelo sertão australiano e falava em um tom sexy.

– Você acha meu sotaque sexy? – Sua voz era baixa, e um sorriso apareceu em seus lábios.

Julie sorriu para ele, cheia de confiança súbita. – O sotaque, sim. Eu ainda estou decidindo sobre todo o resto.

– Bem – Carson disse, inclinando-se e apoiando os cotovelos sobre a mesa. – Deixe-me ver o que posso fazer para mudar sua opinião.

A garçonete trouxe o edamame, e os dois trocaram histórias, rindo quase o tempo todo. Carson disse a ela sobre filmar cenas cômicas com seus amigos em Sydney, e sobre a navegar no mar da Tasmânia.

– Uma vez, um grande tubarão branco circulou minha prancha por 40 minutos – ele disse, arregalando os olhos. – Eu tive que ficar lá e esperar ele sair. Eu achei que ia ser isca de tubarão.

– Você acha que isso é assustador? – Julie brincou. – Uma vez, minha amiga Parker me convenceu a pedir carona para Portland para um show da Taylor Swift. Passamos horas na estrada sem nenhuma sorte. E então um cara esquisito nos levou. O carro dele estava cheio de bonecos cabeçudos, quero dizer, embalados, e ele ficava cantarolando uma canção estranha que soava como se fosse de um filme de terror. Ficamos tão assustadas que fizemos ele nos deixar na próxima saída. E então outro carro veio logo depois, e acabou sendo Downing, nosso professor de álgebra. – Ela riu com a lembrança. – Vamos apenas dizer que nunca mais fizemos isso para

ver a Swift.

Carson se esticou para pegar uma bandeja de edamame. — Eu peguei algumas caronas em Sydney e nas margens da cidade, pode ser perigoso. Quem é a sua amiga que você está falando? Parker?

— Uhum. — O sorriso de Julie diminuiu um pouco.

— Ela estuda na nossa escola?

Julie pegou um fiapo imaginário de sua manga. Mas antes que ela tivesse que descobrir como descrever Parker, a garçonete se aproximou com seu sushi e pãozinhos e o assunto foi abandonado. Carson engasgou em falso horror com as montanhas de comida na mesa diante deles. — Como vamos terminar tudo isso?

— Você já comeu enguia? — Julie desafiou. — Confie em mim. Você vai ficar lambendo o prato. — Ela pegou um pedaço com seus pauzinhos e mergulhou-o no molho de soja. Carson sorriu e seguiu seu exemplo.

Depois de mais algumas conversas fáceis, Julie levantou-se e pediu licença. Ela entrou no banheiro e verificou sua maquiagem no espelho redondo e grande em cima da pia. Em seguida, ela experimentou um sorriso grande, honesto e deslumbrado. Tudo estava indo tão bem que ela quase não conseguia acreditar. Talvez ela realmente pudesse fazer isso. Talvez ela pudesse ter um relacionamento. Podia ser fácil manter seu segredo. Nyssa nunca tinha ido à casa de Julie, e Julie tinha sido amiga dela há anos.

Ela remexeu no fundo de sua bolsa em busca do batom pétala de rosa que ela comprou apenas para esta noite, pensando em como ela iria fazer mais perguntas a Carson sobre sua vida na Austrália. Ele era tão brincalhão e engraçado sem ser arrogante ou idiota. Ela colocou a tampa de volta no batom e pegou uma toalha de papel para limpar. Em seguida, um rosto materializou no espelho atrás dela.

Julie quase gritou.

— Olá para você também — Ashley Ferguson disse com um sorriso frio se espalhando por todo os seus lábios finos.

Ashley usava uma saia curta que era pelo menos um tamanho menor do que o dela. Os peitos dela apareciam sobre o decote de seu suéter de cashmere apertado. Sua maquiagem parecia quase exatamente como a de Julie, exceto que ela tinha colocado os tons sutilmente errados — sua base estava muito escura, e ela tinha conseguido espalhar um pincel luminoso por todo o seu rosto. Era como olhar para si mesma através de um espelho de parque de diversões, distorcida e grotesca.

— O-o que você está fazendo aqui? — Julie engasgou.

Ashley silenciosamente arrancou a bolsa de Julie de suas mãos, puxando o batom e aplicando-o no espelho. Era muito suave para sua pele, mas ela apertou os lábios em aprovação. Em seguida, ela deixou cair o tubo em sua própria bolsa.

— Hum, desculpe, isso é meu — Julie disse, olhando para Ashley em descrença.

— Mas você é tão gentil, eu achei que você gostaria de compartilhar — Ashley disse alegremente, jogando o cabelo sobre o ombro.

— Bem, eu não sou. Por favor, me dê de volta — Julie disse, puxando a mão dela. Esse batom custou seus dois contracheques.

Mas Ashley apenas olhou para ela desafiadoramente. — Não.

Julie trocou seu peso, perdendo a paciência. Ela tinha coisas suficientes para lidar agora; ela não precisava de uma perseguidora atrás dela. — Você não pode simplesmente sair por aí roubando as coisas dos outros. *Ou* o visual — ela falou com raiva. — Você é uma copiadora.

Em vez de parecer surpresa ou envergonhada, Ashley apenas sorriu para ela, parecendo estranhamente animada. — Copiadora. Que escolha interessante de palavras.

— Tanto faz, Ashley. Apenas consiga uma vida e pare de roubar a minha — Julie disse, pegando seu batom da bolsa de Ashley e caminhando para fora do banheiro, orgulhosa de que ela finalmente tenha enfrentado alguém. Talvez a polícia pudesse intimidá-la, mas

Ashley Ferguson não podia.

E, mais importante, ela tinha um encontro incrível para terminar.

## Capítulo 22

Na segunda-feira seguinte, Ava entrou na sala de filmografia com a cabeça baixa. Esse era o problema dessa escola: Não importava o que acontecesse, não importava com quem você brigava, quem terminava com você ou se um professor tentava molestar você em sua casa, você ainda tinha que ir para as mesmas malditas aulas todos os dias. Enfrentar os mesmos demônios e humilhação. Você não podia correr e se esconder, não importava o quanto você quisesse.

Um bom exemplo: Lá estava o Sr. Granger andando de cima a baixo nos corredores com seus dedos entrelaçados desdenhosamente nos cós da calça e um olhar de superioridade no rosto. — Então — ele falou para a classe, — como *O Carteiro Sempre Toca Duas Vezes* é diferente dos outros filmes que vimos?

Silêncio. Quando Granger passou pela mesa de Ava, ela intencionalmente olhou para baixo. Para seu horror, ele parou ao lado dela. Ele estava tão perto que ela podia sentir o calor de seu corpo.

— Senhorita Jalali? — Ela se encolheu ao ouvir o som de seu nome. Sua voz soou fria. — O que você acha?

Ava olhou através de seu longo cabelo. — Hum. Uma das coisas que me impressionou foi o quão fatalista é — ela conseguiu dizer. — Em *O Caso dos Dez Negrinhos*, a ideia era que o juiz tinha que punir as pessoas, porque caso contrário eles nunca seriam punidos. Então, é sobre as conspirações da humanidade para ter algum controle sobre suas próprias circunstâncias. Mas *neste* filme, é quase como se o destino tivesse uma armadilha antes mesmo de qualquer um dos personagens se conhecerem. Cora e Frank são punidos, porque eles, tipo, são condenados a serem punidos.

— Porque eles são “tipo, condenados”? — O Sr. Granger zombou.  
— Muito articulado. Alguém tem uma opinião menos óbvia para

dar? Colette, o que você acha?

Ava afundou em sua cadeira, o zumbido de seus colegas de repente muito longe. Tudo o que ela queria era encontrar uma forma de provar que Granger havia assassinado Nolan para que ele pudesse ir para a cadeia e para que ela e suas amigas ficassem seguras.

Mas então ela percebeu algo em sua mesa. Era um pedaço de papel dobrado, aparentemente caiu há um momento atrás. Ava olhou em volta para seus colegas de classe, mas ninguém estava olhando para ela. A única pessoa cujo olhar estava sobre ela, na verdade, era o de Granger. Ele olhou para ela da frente da sala, seus olhos caindo para o papel em sua mesa.

O estômago de Ava revirou. *Ele* que tinha escrito.

Ela deslizou o pedaço de papel para seu colo e o abriu. Ela reconheceu o seu rabisco de seus comentários sobre suas dissertações.

*Algumas pessoas sabem manter a boca fechada – eu acho que você não é uma delas. Eu teria cuidado se eu fosse você.*

*E Obs.: Se você mostrar isso para alguém, eu vou saber. Você não quer se meter comigo.*

A boca de Ava se abriu. Ela olhou para Granger novamente, mas ele estava de frente para o quadro negro com o giz na mão. Isso foi uma ameaça? Como a polícia não encontrou aquelas fotos? Ela pensou no momento na casa dele, quando ele a pegou olhando em seu celular. Ele deve ter descoberto que ela tinha visto e excluído todas as provas.

Finalmente, o sinal tocou, e Ava se levantou, desesperada para estar fora dessa sala de aula. Ela tinha que ficar o mais longe de Granger quanto possível. – Ei! Ei, Ava, espere!

Mesmo que ela soubesse que era Alex, Ava não diminuiu o ritmo. Alex se encontrou com ela no corredor, ofegante. – Ei, você está bem?

– Eu estou bem – ela disse.

– O que foi que deu no Granger hoje? Ele foi um idiota. As coisas que você disse eram totalmente certas.

Ela encolheu os ombros. – Eu acho que ele estava de mau humor.

– Ei. – Alex pegou o braço dela e parou-a com força no meio do corredor. Seus olhos procuraram o rosto dela. De repente, Ava não conseguiu evitar mais. Lágrimas brotaram de seus olhos, seu lábio inferior tremendo. Ela começou a se afastar dele, mas ele tocou seu cotovelo.

– Ei – ele disse suavemente, dando-lhe um olhar de simpatia. – Você quer sair daqui?

Ela hesitou. Ela não tinha certeza de que estava com vontade de sair com ninguém. Mas por outro lado, o pensamento de ficar no campus, onde ela podia esbarrar com Granger, ou pior, o detetive Peters, enviou uma onda de náusea através dela. Ela enxugou impacientemente as lágrimas. – Tudo bem – ela disse. – Vamos.

\* \* \*

Eles pegaram o carro de Alex. Ava olhou pela janela enquanto eles passavam por boutiques chiques e pedestres sob guarda-chuvas com cores brilhantes. Alex aumentou um pouco o rádio quando *Here Comes the Sun* dos Beatles começou a tocar, cantando baixinho enquanto eles dirigiam através do Lago Washington para a cidade. Ele cantava adoravelmente desafinado.

Finalmente, os dois chegaram no Arboreto do Parque de Washington. Alex armou um guarda-chuva grande xadrez azul e verde quando bateu a porta do carro atrás dele, vindo para segurá-lo sobre a cabeça de Ava quando ela saiu para a chuva. Ela inalou profundamente – o ar cheirava a terra e abeto.

– Eu não venho aqui desde que eu era criança – Ava disse, olhando ao redor. – Mas eu sempre adorei.

– Eu achei que fosse animá-la – Alex disse em voz baixa.

Ele comprou dois bilhetes, e eles foram para o parque. A

respiração de Ava ficou presa na garganta. Seattle não tinha muitas cores — a chuva que caía mantinha tudo verde e exuberante durante a maior parte do ano — mas aqui, eletrizantes folhas amarelas e vermelhas vibravam em cima como chamas. Um córrego calmo fazia um caminho através dos pedregulhos cobertos de musgo, fazendo um som baixinho na chuva. Eles fizeram o caminho de pedra, as únicas pessoas no parque. *As únicas pessoas no mundo*, Ava pensou, seus olhos cintilando na direção de Alex.

— Então, você deixou Granger te afetar — ele disse. — Eu tenho certeza disso.

Ava abaixou a cabeça. — Ele estava em um temperamento de idiota. Talvez ele não tenha tido meninas suficientes bajulando ele esta manhã.

Alex balançou a cabeça com um olhar de desgosto em seu rosto. — Eu não entendo por que tantas meninas têm uma queda por ele. Ele parece ser imoral. — Ele franziu a testa. — Parecia que vocês estavam se dando bem, no entanto. Tipo, ele parecia elogiá-la por *tudo*. O que aconteceu com aquele trabalho que você ia reescrever?

Ava desviou o olhar. Ela deveria saber que Alex não iria esquecer isso. Ela encolheu os ombros. — Ele não me deixou reescrever, afinal.

— Ava. — A voz de Alex estava severa. — Eu conheço você. Você está agindo muito estranho agora. Algo está acontecendo, certo? Por favor, diga. Seja lá o que for, eu vou entender.

Ava sentiu o rosto corar. Isso realmente não era justo com Alex. Talvez ela precisasse contar a verdade. Bem, mais ou menos a verdade, de qualquer maneira. — Ele meio que... deu em cima de mim, ok? — ela desabafou.

O rosto de Alex brilhou com raiva. — Quando?

Ela balançou a cabeça, humilhada. — Eu fui vê-lo uma vez. Na casa dele. — Ela baixou os olhos. — Foi por causa do trabalho, ou assim eu pensava. Mas na verdade foi tudo uma armadilha.

Alex puxou-a para um abraço, traçando pequenos círculos em

suas costas. — Eu sinto muito, Ava. Mas você precisa ir à polícia. Você sabe disso, certo? Ele vai ser demitido.

— Eu tentei, na verdade.

Alex se afastou e olhou para ela em choque. — Você foi?

Ava sentiu-se tão culpada. Normalmente, ela e Alex diziam tudo um ao outro. — Alguns dias atrás. Eles não acreditaram em mim.

— Por que não?

Ava deu de ombros, em busca de uma resposta que faria sentido. — Porque eu sou apenas uma menina bonita inventando coisas. Ou talvez eles também tenham ouvido os rumores. — Ela riu sem jeito.

— Isso não é engraçado. — Alex andava ao redor. — Deus. Isso é tão confuso. Lembra que eu disse que eu achava algo estranho nele? Bem, eu vi meninas indo para a casa dele. Um monte delas. Com idade universitária. Talvez até mesmo da nossa idade. E agora, com ele dando em cima de você... é ainda pior. Ele precisa ser punido.

— Espere. — Ava o encarou. — Você viu meninas da nossa idade entrarem na casa dele? Você tem certeza?

Alex assentiu. — Tenho.

Ela segurou a mão dele. — Talvez você possa ir à polícia.

Alex deu de ombros. — Eu não sei como isso pareceria depois que você foi e eles não acreditaram em você. Eles provavelmente pensariam que eu estava apenas inventando por causa de você ou algo assim. Eu não tenho uma prova sólida.

— Certo — Ava disse com desânimo, abaixando os ombros.

— Mas eu posso observá-lo, se você quiser — Alex disse suavemente. — Esse cara precisa ser parado. O que ele está fazendo é tão errado.

— Obrigada. — Ava olhou para ele. — Então você não está com raiva?

— De você? — Alex balançou a cabeça. — Ava, eu te amo.

— Eu também te amo.

Ele abraçou Ava novamente, e ela se inclinou para frente para ele, sentindo uma explosão de gratidão. Talvez, se Alex observasse Granger, ele iria encontrar a prova do que ele estava fazendo. E se a polícia o prendesse por ser imoral, eles iriam vasculhar tudo em sua vida, também. *Inclusive* Nolan.

Seu pulso começou a acelerar novamente quando ela percebeu que não tinha sido cem por cento honesta com Alex. O que ela disse a ele era *quase* a verdade... mas havia muito mais que ela tinha deixado de fora. Todas as coisas sobre Nolan.

Ela torcia para que ele nunca precisasse saber.

## Capítulo 23

No dia seguinte, Mackenzie e Julie estavam amontoadas detrás da janela do carro de Julie no estacionamento de Beacon Heights. Era depois da escola, e um sol incomumente quente batia nelas através do teto solar. Mac ficou impressionada com o carro impecável de Julie — não tinha nenhuma embalagem de chiclete ou lata de refrigerante vazia em qualquer lugar, apenas um casaco com capuz de reserva no banco de trás. E, embora elas estivessem cercadas por Mercedes, BMWs e Audis comprados por pais que tinham tanto dinheiro que não sabiam o que fazer com eles, o carro de Julie era um Subaru velho com transmissão manual.

— O que seus pais fazem, afinal? — Mac perguntou causalmente. Ela tinha acabado de perceber que ela não sabia muito sobre a vida em casa de Julie. As outras meninas reclamavam sobre suas situações — Ava se queixava sobre seu pai e a madrasta, Caitlin murmurava sobre suas mães boa-policial, má-policial, e ela certamente retribuía resmungos sobre seus pais rígidos e sua irmã chorona, Sierra.

Julie olhou para longe. — Hum, meu pai não está por perto. É a minha mãe... — Então ela enrijeceu. — Se abaixem. Lá está ele.

Mac abaixou assim que o Sr. Granger saiu de uma das portas do corredor e foi para o ginásio com a mochila pendurada em uma das mãos. Em instantes, ele desapareceu através de portas duplas do ginásio.

Julie olhou para ela. — Ele está malhando?

— Aparentemente — Mac disse. As instalações de treino de Beacon Heights High eram de alto nível; um monte de professores também utilizava.

— Deveríamos entrar? — Julie murmurou.

Mac deu de ombros. Elas estavam seguindo Granger por uma

hora e meia. As outras tinham tomado turnos ontem e hoje, tudo na esperança de que alguma coisa que ele fizesse as levassem a verdade sobre o que tinha acontecido com Nolan. Mas, até agora, as vigilâncias tinham sido um fracasso. Ontem, elas o seguiram até o supermercado, a biblioteca pública e a um bar de esportes repleto de fãs de Seahawks... e ele não tinha feito nada além de pedir uma dose ao barman. Hoje, elas seguiram-no da escola até a Starbucks e agora de volta ao ginásio.

Mac inclinou a cabeça para trás na cadeira e suspirou. — Ele é o assassino mais chato da história.

Julie balançou a cabeça. — Mais cedo ou mais tarde ele vai ter um deslize. Nós apenas temos que estar lá quando isso acontecer.

Mackenzie torceu seus lábios ceticamente. Ela queria acreditar em Julie, mas ela não tinha tanta certeza. Granger parecia estar indo para seus compromissos sem nenhuma preocupação no mundo. Ele não fez nada de suspeito. — Eu só queria que o namorado de Ava tivesse uma gravação das meninas entrando e saindo da casa dele — ela murmurou. Ava tinha falado das revelações de ontem do namorado dela sobre os assuntos extracurriculares de Granger.

— Mesmo assim, isso pode não ligá-lo a Nolan — Julie disse. Então ela olhou para Mac. — Você pode ir embora. Você provavelmente tem que praticar, certo? Não tem necessidade de nós estragarmos tanto os nossos futuros.

Mac fechou os olhos. É claro que ela tinha que praticar, mas praticar estava longe de ser o principal pensamento de sua mente. Seu celular tocou suavemente do fundo de sua mochila. Ela vasculhou por ele, e quando viu o nome na tela, seu coração acelerou. *Blake*.

Eles não tinham visto um ao outro por uma semana. Na verdade, Mac realmente não tinha visto Claire por uns dias, tampouco — elas não tinham conversado no final de semana, e ela não estava na escola ontem nem hoje. Mac tinha considerado enviar mensagens para ela para saber se ela estava doente e precisava de suas anotações — isso era o que elas faziam no passado — mas de alguma

forma ela não teve coragem. Tudo o que ela podia pensar era em como Claire havia mentido para ela naquele dia na Disneylândia.

O celular não parava de tocar. Mac sabia que não deveria ter atendido a ligação de Blake, mas ela sentiu os dedos alcançando o botão de atender na tela de qualquer forma.

– Ei, Macks. – A voz suave de Blake veio através do receptor. – O que você está fazendo?

– Uh, nada – ela mentiu, olhando com culpa para Julie. – O que houve?

– Venha me encontrar na balsa – ele disse.

– O que, em Seattle? – ela bufou. – Eu não posso fazer isso.

Julie levantou uma sobrancelha para ela, mas ela se virou para a janela. – Por que não? – Blake pareceu desapontado.

– Porque... porque eu tenho coisas para fazer. – *E porque você não é meu*, ela queria acrescentar.

– Mas eu não vejo você há dias – ele murmurou. – Venha. Tem uma sorveteria em Bainbridge Island, que faz o melhor sorvete de doce de leite. Eu vou comprar um cone. Eu vou comprar dez cones. – Ele fez uma pausa por um momento. – Eu sinto mesmo a sua falta.

O coração de Mac acelerou. Há quanto tempo ela quis que ele dissesse algo assim? Ela olhou para Julie, cobrindo o celular com uma mão. – Na verdade, você pode terminar isso sem mim?

Julie assentiu. – Claro. – Mac estava tão feliz que Julie não tinha perguntado o motivo.

Mackenzie tirou a mão e falou ao celular novamente. – Ok. Eu estou indo.

\* \* \*

O cais estava movimentado quando ela chegou 45 minutos mais tarde. Filas de carros suburbanos esperavam para entrar a bordo

enquanto os turistas posavam na frente do Puget Sound para tirar fotos. Gaivotas gritavam estridentemente, girando em cima e mergulhando em direção a corrente do mar. O sol desapareceu e, em seguida, apareceu mais brilhante enquanto nuvens finas moviam através dele, a luz mudando a cada minuto, como se alguém estivesse controlando o tempo.

Blake estava próximo ao estande de bilheteria da balsa, seu cabelo desgrenhado saindo da parte inferior de seu gorro preto. Ela levantou a mão em saudação sem jeito.

Ele parecia meio surpreso de ela ter realmente aparecido, como se ele tivesse acabado de ganhar um concurso ou algo assim. Em seguida, ele se inclinou e agarrou a mão dela. — Venha.

Eles subiram as escadas longas e embarcaram. A plataforma de observação não estava muito lotada, um grande grupo de aposentados usando casacos combinados espiavam através de binóculos e uma menina magra usando calças de cânhamo folgadas estava sentada em um banco abraçando os joelhos, mas fora eles, eles estavam sozinhos. A buzina da balsa soava pela água enquanto deslizava. Atrás deles, o horizonte de Seattle espalhava-se em panorama.

— Eu amo balsas — ele disse, inclinando-se contra a grade. — Mesmo no inverno, às vezes eu venho aqui. Eu geralmente sou o único no convés de observação durante uma chuva congelante. Todas as pessoas inteligentes estão na cozinha bebendo chocolate quente.

— Você já foi para as Ilhas San Juan? — Mackenzie perguntou. Quando ele sacudiu a cabeça, ela prosseguiu. — Meus pais têm uma casa lá. Nós vamos todo verão. Bem, nós costumávamos ir. Agora, comigo e minha irmã, nós temos muitas competições e ensaios para tirar um mês de folga. — Ela sorriu, lembrando-se da pequena casa da costa. — Meu pai costumava nos levar para velejar todas as manhãs. Eu amava.

Eles ficaram lado a lado em silêncio por alguns minutos, observando a balsa cortar através da água. A água do oceano

salpicava levemente seu rosto. O vento estava frio e ela estava feliz que estivesse usando seu casaco de lã vintage.

– Olha – ele disse, apontando para a água. – As baleias. – Ela se virou para ver um punhado de baleias se movendo na água. Seus olhos se arregalaram quando uma enorme barbatana cinza de repente saiu da água antes de voltar para baixo e desaparecer. Os aposentados no corrimão engasgaram com satisfação. Uma segunda baleia bateu a cabeça para fora da água e olhou para o embarcadouro da balsa.

Mackenzie se virou para Blake, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele falou rapidamente: – Eu terminei com Claire.

Mackenzie piscou. – Você... o quê?

– Na noite passada. Eu disse a ela que estava tudo acabado.

Mackenzie agarrou-se no corrimão, seus membros de repente moles e pesados. Talvez fosse por isso que Claire não tinha ido à sinfonia. Ela provavelmente estava em casa, chorando sem parar. Uma pequena parte dela se sentia mal por sua amiga, especialmente com o que ela tinha descoberto de Ava – que Nolan pode ter chantageado Claire também. Mas depois ela lembrou-se mais uma vez que Claire havia mentido para Blake sobre ela e, em seguida, roubado Blake.

– Vocês brigaram?

Ele deu de ombros. – Na verdade, não. Mas como eu disse, isso já estava para acontecer há um bom tempo. – Ele olhou para a água. – Eu não contei a ela sobre nós, só para você saber. A última coisa que eu quero é estragar a amizade de vocês.

Mackenzie tirou os óculos e enxugou as gotas de água de suas lentes. – Honestamente, a nossa amizade é muito confusa mesmo do jeito que está.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer, que tipo de amiga espera constantemente que a outra falhe? – Ela encolheu os ombros. – Nós competimos por tudo. Até mesmo por você.

As bochechas de Blake ficaram vermelhas. — Me desculpe por eu ter ficado entre vocês.

— Se não fosse por causa de você, teria sido por outra pessoa ou outra coisa. Às vezes eu me pergunto se eu conheço ela mesmo.

— Sabe o que ela disse quando eu terminei com ela? — Blake disse. — Que eu iria voltar rastejando para ela em breve.

Mac estremeceu. — Sério? — Mas então ela olhou para baixo. Talvez isso não a surpreendesse. Claire amedrontava qualquer um que estivesse em seu caminho ou lhe causasse dor; ela sempre conseguia o que queria. Era provavelmente por isso que ela iria conseguir entrar em Juilliard e Mac não. Afinal, Mac estava aqui, enquanto Claire provavelmente estava praticando. Seu coração acelerou. Blake valia tudo o que ela estava sacrificando? A mente dela estava no lugar certo?

Mas quando ela olhou para ele novamente, ela pensou que talvez estivesse. — Como você está se sentindo? — ela perguntou, sua voz suave.

Ele olhou para cima, com um olhar de surpresa aparecendo em seu rosto. Então ele abriu um sorriso tímido. — Honestamente... meio que ótimo. Quero dizer, eu nunca quis magoá-la, mas parecia que eu vinha carregando um peso enorme.

Mackenzie arrancou um pedaço da tintura que estava destacando da grade de metal. Parecia que havia um grande peso entre eles do qual nenhum deles estava falando. Mac estava com medo de fazer a pergunta, mas ela tinha cometido esse erro antes. Foi o que aconteceu da última vez que ela teve uma chance com Blake. Ela se afastou, olhando para ele nos corredores, nunca dizendo como ela realmente se sentia. Esta era sua chance. Ela respirou fundo.

— O que isso significa para nós? — Sua voz quase desapareceu com o vento, mas ela se forçou a encontrar seus olhos.

Ele olhou fixamente para ela. — Eu acho que isso depende de você. Acho que você já sabe que eu sou louco por você.

Por uma fração de segundo, ela pensou em Claire. Era fácil

imaginar seu rosto, chocado, magoado e repleto de lágrimas. Mas também foi fácil lembrar da expressão presunçosa quando ela apareceu de mãos dadas com Blake no concerto de primavera do ano passado.

Antes que ela pudesse mudar de ideia, Mackenzie se inclinou para ele, pressionando os lábios nos dele. O vento soprava em torno deles, o mar jogava água fria em suas bochechas. Ele deslizou seus braços ao redor da cintura dela e a puxou para perto.

Seu coração vibrou em seu peito. Naquele momento, ela não sabia o que era melhor: finalmente conseguir o garoto – ou atingir Claire fazendo isso.

## Capítulo 24

Às 7 horas da quarta-feira, Julie acordou com os passarinhos cantando fora de sua janela. Ela piscou sonolenta com a luz do sol entrando através de suas cortinas, rolando para ver se Parker já estava acordada.

Mas Parker tinha ido embora. Sua cama tinha sido bem feita, o travesseiro amaciado e as suas coisas não estavam por aqui. Ela estendeu a mão para o criado-mudo para pegar seu iPhone e procurou o nome de Parker. *Onde você está?* ela mandou uma mensagem. *Me liga.*

Julie sentiu um puxão em seu peito. Para onde ela foi? Ultimamente, Parker estava passando cada vez mais tempo sozinha, cada vez mais longe de Julie. Julie queria pensar que a terapia de Parker com Elliot estava funcionando, mas depois de buscar Parker no cemitério no sábado, ela não tinha tanta certeza. Parker parecia... *desequilibrada.*

Meia hora mais tarde, Julie terminou de vasculhar os destroços do corredor, tentando limpar a caixa de areia, quando a campainha tocou. Julie deu um suspiro de alívio. Parker deve ter esquecido a chave novamente.

Ela puxou o roupão ao redor de seus ombros e abriu caminho pelo corredor, tentando acabar com a ansiedade que ela sempre sentia ao ver as caixas enormes empilhadas contra qualquer parede. Gatos miando vieram ao redor de seus pés e outros observavam dos lixos altos em todos os lugares. Um gato malhado gordo de olhos rabugentos roncava em um chapéu de sol virado para cima.

– Julie! Quem está na porta? – A voz da mãe dela era aguda e assustada de seu quarto.

– Eu atendo – Julie respondeu, abrindo a porta rapidamente. Em seguida, seu queixo caiu.

Era Ashley.

– Julie! – Ashley cantarolou em voz alta. Ela tinha o mesmo sorriso estranho em seu rosto de quando ela tentou atrapalhar o encontro de Julie. – Como você está?

O coração de Julie acelerou. Ashley tinha visto o excesso de decoração no gramado do quintal. As pilhas de pneus de automóveis e móveis extras na varanda. As decorações de Natal que ainda estavam lá desde dois anos atrás. Um gato atravessou a grama, fazendo uma pausa para fazer xixi. E duas pilhas de caixas estavam do lado de fora da garagem, só porque a garagem estava muito cheia para caber dentro. Estavam todas moles e quase mofadas de ficar do lado de fora na chuva.

– C-como você sabia onde eu morava? – Julie falou sem pensar.

Ashley inclinou a cabeça. – Por quê? É segredo?

*É claro que é segredo!* uma voz na cabeça de Julie gritou. Ela nunca colocou seu endereço real no manual escolar. Ela até recebia suas assinaturas de revistas e folhetos de faculdades em uma caixa de correio alugada. Ashley tinha seguido seu sinuoso caminho para casa? Ela sempre pegava ruas extras para o caso de alguém da escola ir atrás dela.

Ashley acenou com a mão em volta da casa, e então apontou para dentro, aquele sorriso extremamente doce ainda em seu rosto. – Eu tive um longo bate-papo com a sua mãe um dia desses – ela disse docemente. – Ela me contou sobre todos os gatos dela. E ela me contou sobre a Califórnia.

A boca de Julie caiu. – V-você falou com a minha mãe? – Ela disse fracamente. Sua cabeça estava girando. Ela tinha estado aqui antes? Jesus, sua mãe tinha deixado Ashley entrar? Ela tinha dito a ela que elas tinham sido expulsas?

Julie ainda podia lembrar o dia em que os inspetores do conselho de saúde tinham vindo em sua pequena casa, acompanhados por dois policiais com olhares de nojo com um mandado. Os inspetores usavam roupas especiais para materiais perigosos. A Sra. Redding

tinha ficado histérica, soluçando e arrancando seu próprio cabelo, pedindo-lhes para não pegarem seus “bebês”. Eles finalmente a algemaram. Julie sentou-se ao lado de sua mãe na calçada, observando os inspetores carregarem jaula após jaula os gatos doentes e raivosos em sua van. Doía-lhe ver a mãe dela sofrendo tanto. Mas uma parte dela queria gritar, *Leve-me, também!*

– Foi um choque descobrir isso. Você parece tão... organizada do lado de fora – Ashley disse. – Isso só mostra: Nunca julgue uma vadia por sua capa.

Julie olhou para Ashley, tremendo. – Você não pode dizer a ninguém – ela sussurrou.

– E por que não? – Ashley cruzou os braços. – Segredos são feitos para serem compartilhados. Especialmente os mais sujos. – Seu sorriso se tornou duro. – Aprecie a sua popularidade enquanto você ainda tem, Julie. Logo, eu não vou ser a única a conhecer a verdadeira você.

E então ela acenou e deu um passo para fora da varanda, cuidadosamente manobrando da mesa com um guarda-chuva enferrujado e cadeiras que estavam no gramado da frente. Julie observou seu carro desaparecer no fim da rua, em seguida, cobriu o rosto com as mãos.

Julie tinha se esforçado tanto para apagar seu passado, para esconder seu segredo no presente, mas seu castelo de cartas estava desmoronando ao seu redor. Parker estava pirando. A polícia estava tentando incriminar ela e suas amigas por algo que ela não fez, e agora era só uma questão de tempo antes que seu segredo vazasse. Julie não era quem ela disse que era, e em pouco tempo, todos saberiam a verdade.

## Capítulo 25

Sábado à noite, Caitlin estava no vestiário das meninas, balançando os braços e as pernas e pulando para cima e para baixo para se manter aquecida. Seu uniforme tinha sido lavado, e cheirava a amaciante de roupas. Suas meias estavam puxadas para cima, suas caneleiras no lugar. Ela verificou a faixa de cabelo em seu rabo de cavalo pelo menos seis vezes para se certificar de que estava segura. Monk, seu chaveiro de macaco, estava escondido em sua bolsa de equipamentos, e ela tinha um estoque de Gatorade de framboesa azul para os intervalos.

Estava quase na hora. O jogo mais importante de sua carreira colegial. Do lado de fora do vestiário, ela podia ouvir o estádio encher. Antes de se trocar, ela conheceu a recrutadora da Universidade de Washington, uma mulher usando roupa esportiva em seus trinta anos chamada Monica. Se ela jogasse bem durante este jogo, estaria garantindo um lugar na equipe do próximo ano.

E se ela não jogasse...

Caitlin fechou os olhos. Ela não queria pensar dessa forma.

Ela sentou-se e massageou seu tornozelo, tentando ignorar as pontadas de dor que sentiu nos últimos dias. De repente, ela sentiu alguém olhando para ela do outro lado do vestiário. Ursula, também em sua camisa de futebol e calções, sorriu para ela perto do bebedouro de água.

– Está se sentindo bem? – ela zombou, seu olhar caindo para o tornozelo de Caitlin.

– Eu estou bem – Caitlin disse com força.

– Que bom. Eu odiaria que você estragasse tudo! – Ursula cantou. Em seguida, a meio caminho da porta, ela parou e se virou.

– Oh. Eu esqueci. Alguém está procurando por você.

Caitlin franziu a testa. – A recrutadora da Universidade de

Washington? Eu já a conheci.

– Não... – Ursula sorriu, presunçosa. – Na verdade, é um policial.

O coração de Caitlin parou. – P-pra quê? – ela disse sem pensar.

– Oh, eu acho que é por causa do negócio de Nolan – Ursula disse. – Eles estão procurando por todo mundo.

Então ela saiu do vestiário. O coração de Caitlin acelerou. E se a amostra do frasco dela correspondia? *Pare de pensar nisso*, ela disse a si mesma. *Ela apenas está tentando mexer com você.*

Apertando o queixo, ela pegou a bolsa de equipamentos, saiu do vestiário e foi para o corredor longo e ecoante. Os alunos e suas famílias estavam amontoadas em cada canto. Ursula tinha corrido até seus pais e foi se gabar de algo para seu pai, um homem atarracado em uma camisa que dizia ASSISTÊNCIA A PISCINA E PAISAGISMO.

Então Caitlin olhou de um lado para o outro em busca de um policial, rezando para que ele não estivesse vigiando aqui, esperando para pegá-la. Quando alguém puxou sua manga de trás dela, ela se afastou com seu coração pulando em seu peito.

– Uou! – Jeremy recuou com um sorriso de espanto no rosto. – Desculpe!

Os ombros de Caitlin caíram. – Eu não vi você. – Então ela olhou para ele. – O que você está *fazendo* aqui? – Até onde ela sabia, Jeremy nunca tinha ido a um jogo de futebol, nem mesmo a um de Josh.

Jeremy inclinou a cabeça. – Esse é o grande jogo, não é? Eu queria animá-la.

– Oh. – Caitlin sorriu nervosamente, em seguida, olhou ao redor do salão e saiu para o pequeno pátio que dava para o campo. Josh estava aqui? Ela não o tinha visto, e eles mal tinham se falado durante toda a semana. Mas ele seria louco se não viesse – ele sabia o quanto isso significava para ela. E se ele estivesse observando-os nesse momento?

– Uh, vamos para outro lugar – ela disse, de repente se sentindo paranoica.

Ela pegou o braço de Jeremy e levou-o para fora, para debaixo das arquibancadas em um local isolado e escuro. Sons metálicos de pessoas subindo e descendo as arquibancadas ecoaram de cima. Um grupo caiu na gargalhada. Então alguém disse: – Uau! – E um líquido com cor de Coca-Cola derramou através de um buraco na arquibancada, quase sobre a cabeça de Jeremy.

– Opa – Caitlin disse, puxando-o para fora do caminho do líquido. – Jogos de futebol são perigosos, sabia?

– Nervosa? Animada? – Jeremy perguntou com seus olhos brilhando.

– Um pouco dos dois, eu acho – Caitlin admitiu. Ela sentiu seu rosto corar. – Obrigada por vir neste jogo. Significa muito para mim.

– Sem problemas. Na verdade, eu trouxe uma coisa para você. – Jeremy remexeu nos bolsos e tirou um objeto longo e fino. Caitlin observou-o por um momento, depois percebeu que era uma caneta. Não uma caneta qualquer, ou qualquer caneta do Dungeons & Dragons.

Ela olhou para cima. – Essa foi a caneta que eu te emprestei?

Jeremy assentiu. – A de Taylor. Eu achei que você iria querer de volta.

Caitlin sorriu, seus olhos enchendo de água por um segundo antes de ela afastar as lágrimas. – Obrigada.

– Eu devo acrescentar que ela me trouxe boa sorte ao longo dos anos – Jeremy disse. – Eu a usei no meu teste de motorista. Usei nas finais do último semestre. Eu a mantive no meu bolso quando eu participei dos meus debates nacionais de Modelo de Organizações Internacionais. Eu me sinto mais ou menos... *seguro* com ela. Embora talvez isso tenha algo a ver com o fato de que ela pertencia a você.

Ele estava olhando para ela tão docemente, tão intensamente, como se ela fosse a coisa mais importante em sua vida inteira. Caitlin

sentiu sua garganta se fechar, mas seu coração se abrir. De repente, o que ela precisava fazer parecia claro. Sim, seria confuso, mas era o que ela queria. E se ela tinha aprendido alguma coisa com Taylor — ou com o fato de que a polícia estava atrás dela — era que a vida era curta.

Ela olhou em volta para se certificar de que ninguém estava olhando. Então ela se inclinou para frente e beijou-o. Por um momento, Jeremy ficou rígido e com os olhos bem abertos. Mas quando ele a beijou de volta, seus lábios eram macios e quentes. Caitlin inalou o cheiro de capim de suas roupas. Ela passou as mãos pelo cabelo dele, que era muito mais longo do que o corte esportivo de Josh. Formigamento correu para cima e para baixo de seu corpo.

Quando eles se afastaram, ambos sorriram. — Sinto muito — Jeremy falou sem pensar.

Caitlin deu-lhe um olhar surpreso. — Por quê? Eu que te beijei.

— Oh. — Jeremy baixou os olhos. Suas bochechas estavam vermelhas. — Bem, sim. Eu acho que foi você.

O apito soou no campo, e eles olharam um para o outro novamente. Em poucos minutos, o jogo de Caitlin estaria começando. Mas outra coisa, de repente, ocorreu-lhe também. Ela se sentiu... mais leve, de alguma forma. Mais livre. O beijo de Jeremy tinha aberto um novo mundo, e ela já não se sentia mais atolada. Se ela jogasse bem, ótimo. Mas se ela não o fizesse... talvez ela ainda ficasse bem. Afinal, ela já tinha ganhado alguma coisa hoje, não importava o placar final do jogo.

## Capítulo 26

Na quinta-feira depois da escola, Parker estava parada fora do escritório de Elliot. O sol entrava pelas janelas, fazendo padrões listrados no tapete. O tráfego zumbia do lado de fora da janela, criando ruídos calmantes e tediosos. Elliot não a tinha notado ainda, em vez disso estava olhando muito intensamente para algo na tela de seu computador. Parker se perguntou o que era. Um fórum de psicólogos? O *Seattle Times*? Pornô?

Então Elliot olhou para cima. Ele ficou pálido, se levantou e sorriu sem jeito. — Parker! — Ele disse em voz alta. — Eu não vi você aí! Entre, entre!

Parker andou desengonçada para dentro da sala, puxando o capuz de forma segura sobre sua cabeça. Ela deixou-se cair no sofá e abraçou uma almofada. Ela podia sentir Elliot olhando para ela.

— Está tudo bem? — Elliot perguntou com hesitação.

Parker deu de ombros. Ele provavelmente poderia perceber o quanto ela se sentia inquieta. Irritada. Ela hesitou na porta da frente do edifício por pelo menos dez minutos antes de realmente entrar, sem saber se ela queria enfrentar o questionamento dele durante esta sessão. Porque ela sabia que haveria questionamentos. Mesmo que a loucura de Parker fosse responsável por seus colapsos.

Elliot sentou-se e cruzou os braços sobre o peito. — Então, Parker. Eu suponho que você não queira falar sobre o cemitério.

— Não — Parker grunhiu. Ela tapou os ouvidos. — Não, não, não.

— Ei, está tudo bem. — Elliot levantou de seu assento, deu um passo à frente e delicadamente tirou as mãos dela. Ele encontrou seus olhos, seus lábios em forma de arco curvando em um sorriso. — Escute. Nós não temos que falar sobre isso. Eu prometo. Podemos falar de outra coisa.

Parker piscou. — P-por que você não quer que eu fale sobre isso?

– ela perguntou.

– Porque, obviamente, você não está pronta – Elliot disse, levantando as mãos. – E isso é bom. Você tem suas razões para não gostar de cemitérios. Podemos explorar isso, ou podemos falar de outra coisa. Eu nunca vou pressioná-la com nada.

Parker ficou em silêncio por um momento, deixando isso entrar em sua cabeça. Parecia psicologia reversa, mas irritantemente, estava *funcionando*. – É como se algo me impedisse de ir lá, um bloqueio mental ou algo assim – ela afirmou, tentando fazer suas emoções fazerem sentido. – Sabe quando os médiuns podem dizer se um lugar é amaldiçoado, ou contaminado, ou se algo de ruim aconteceu lá? É um sentimento como esse, talvez.

– O que você acha que aconteceu lá?

Parker deu de ombros. – Eu realmente não sei. Pessoas morreram, obviamente. Talvez seja só isso.

Elliot balançou a cabeça, mas parecia que ele não acreditava nela completamente. Parker não tinha certeza se acreditava, na verdade, mas ela sabia que não queria atravessar aqueles portões.

– Você está com raiva de mim por ter levado você lá? – Elliot perguntou, parecendo preocupado.

Parker balançou a cabeça. – Não exatamente – ela disse em voz baixa. – Quero dizer, eu acho que eu me senti um pouco em uma emboscada. Mas eu não sabia que iria reagir daquela forma até eu estar realmente lá.

– Como a reação fez você se sentir?

Parker fechou os olhos. – Eu gostaria de poder explicar. Mas eu não consigo. Sinto muito.

– Está tudo bem, Parker. – Ele sorriu, olhando diretamente para ela. Ninguém nunca olhou diretamente para ela ultimamente. – Podemos ir devagar. – Ele fez uma pausa e olhou para suas mãos. – Não tem pressa.

Eles sorriram um para o outro, e o coração de Parker deu outro

salto. Não era do feitio dela fazer confissões emocionais para as pessoas. Até mesmo a antiga Parker mantinha suas emoções em segredo. Mas ela precisava de alguém por perto além de Julie.

Em seguida, ele se levantou. – Sabe, eu tenho um livro sobre articular emoções que pode ajudar. Espere um pouquinho, é na recepção. Eu vou pegar.

Ele passou pela porta rapidamente e foi embora. Parker se recostou, com o coração ainda acelerado. Mas ela também se sentia bem, realmente sentia como se Elliot a *entendesse*.

Ela olhou ao redor de seu escritório, pensando no quão pouco ela sabia sobre ele. Não havia muita coisa fora de sua mesa – apenas uma antiquada luminária banqueiro, uma caixa vazia e uma flor de plástico que balançava suas folhas com a luz do sol fina por causa do painel solar. Quem era Elliot Fielder? O que o motivava? Ele tinha família por perto? Ele era casado? O que ele gostava de ler? Que tipo de música ele tinha em seu iPod? O que ele estava olhando em seu computador quando ela entrou? Todo mundo não iria querer saber sobre alguns fatos básicos? Elliot sabia muito sobre ela, afinal, parecia justo retribuir.

Ela olhou pela fresta na porta de novo – ele ainda estava olhando através dos livros na estante principal. Silenciosamente, ela se levantou e foi até seu computador. Quando ela mexeu o mouse, o protetor de tela de natureza da revista *National Geographic* desapareceu, e uma tela de login apareceu.

Instantaneamente, ela pegou o teclado e o virou. Quando ela trabalhou no escritório de atendimento no segundo ano, ela imprimiu todas as senhas que ela tinha dificuldade de lembrar. Grandes mentes devem pensar igual, porque lá havia um pedaço de papel impresso com pequenas escritas sobre ele.

*E\_FIELDER/pr0m3th3us\_b0und*

Antes que ela pudesse pensar duas vezes, ela a digitou.

Uma foto encheu a tela do computador. Primeiro, Parker piscou. Ela reconheceu imediatamente o local. Ela havia sido tirada no

Arbor Shopping do lado de fora da praça de alimentação. Uma menina em um capuz preto estava sentada sozinha em uma mesa, bebendo Coca-Cola de um canudo, seu longo cabelo aparecendo sobre a gola de seu moletom.

Era... *ela*.

Ela clicou em um ícone de seta. Outra foto apareceu novamente. Ela estava sentada na varanda de sua mãe, fumando um cigarro, seu capuz puxado sobre seu rosto. Clicou na seta de novo. A próxima foto foi tirada de uma vista do outro lado da rua da escola enquanto ela desaparecia através das grandes portas duplas. Outra mostrava ela usando sapatilhas, shorts e o mesmo moletom, movimentando-se à beira do lago.

Não tinha sido sua imaginação. Alguém estava seguindo ela. *Elliot*.

– O que você está fazendo?

Elliot estava na porta com um livro de bolso em uma mão. Seu rosto estava branco como uma nuvem, seus olhos de repente severos. Ela se levantou, derrubando algo de sua mesa por acidente, mas ela não parou para pegar.

– O que você está fazendo? – ela perguntou, sua voz tremendo de raiva mal controlada. – O que diabos essas fotos fazem no seu computador?

– Esse computador está cheio de informações confidenciais – ele disse, jogando o livro no sofá e dando um passo em direção a ela. – Você percebe o problema que eu poderia me meter se você visse a coisa errada?

Ela deu uma alta gargalhada. – Coisa errada? Como o fato de que você está me perseguindo?

Ele movimentou-se mais rápido do que ela esperava. De repente, a mão dele estava em torno de seu pulso. – Você tem que me ouvir, Parker.

Mas antes que ele pudesse terminar a frase, um grito atravessou sua garganta. Por um momento, ela não sabia onde estava. Ela mal

sabia quem ela era. O pânico tomou-a, e tudo o que ela sabia era que ela tinha que ir embora. Ela chutou o joelho de Elliot com toda sua força. Um som de estalo encheu o ar. A mão dele se abriu e ela correu para a porta.

Então ela correu e correu, até que seus pulmões arfaram dolorosamente em seu peito e suas pernas pareceram de borracha. Se ela pudesse, ela teria corrido para sempre para longe de Elliot, longe de Beacon e longe de sua vida horrível.

## Capítulo 27

*Ok. Respire fundo. Vai ficar tudo bem.*

Era sexta-feira à tarde, e Mackenzie estava sentada em um corredor institucional cinza no edifício de música da Universidade de Washington, embalando seu violoncelo contra seu peito. Era quase a hora da sua audição – o que significava que Claire estava lá agora, encantando os juízes. Mac não a tinha visto entrar, mas a hora da audição de Claire estava marcada em seu cérebro. Ela se perguntou se Claire estava nervosa. Ela se perguntou se ela lavou as mãos freneticamente pelo menos três vezes antes de entrar, um pequeno tic que Claire tinha antes de cada audição.

Como Mac era a última a fazer o teste nesse dia, não havia mais ninguém no corredor com ela. Ela fechou os olhos e tentou respirar, mas o pânico a atingiu. Ela sabia, lá no fundo, que ela não tinha praticado o suficiente. Ela estava tão preocupada com Nolan e a investigação. Ela tinha passado tanto tempo com Blake.

Até mesmo agora, ela pensava em Blake puxando seus lábios em um sorriso. Ela pegou seu celular do bolso para ver se ele tinha respondido alguma de suas mensagens. Quando ela chegou no campus, ela mandou uma mensagem para ele, *lá vai o nada/tudo*. Mas ele ainda não tinha respondido. Isso não era típico dele. Ele sabia que ela tinha a audição hoje. Mas por outro lado, ele estava trabalhando – talvez ele estivesse ocupado na loja de cupcakes?

De repente, uma mudança no vento abriu um pouco a porta da sala de recital, e uma melodia familiar flutuou para fora. Mac piscou por um momento, ouvindo as notas precisas, fraseadas e emocionais de Claire. Uma peça que ela estava tocando era familiar, e de repente ela entendeu o porquê. Era uma peça de sua apresentação. O Tchaikovsky.

Mac se levantou. Isso não poderia estar acontecendo. Era para Claire tocar Popper. Blake tinha dito que ela iria tocar Popper. Mas

ela realmente tinha que se perguntar por que ela tinha mudado sua peça de repente? Só que, como ela descobriu qual peça Mac ia tocar? As únicas pessoas para quem ela disse foram seus pais — e eles não diriam nada — e Blake.

*Blake.* O coração de Mac parou. Ela olhou para o celular novamente. Ainda não tinha chegado uma mensagem de resposta. Não, ela disse a si mesma. Não podia ser. Blake não iria traí-la assim. Claire tinha descoberto de outra forma.

— Senhorita Wright? — Uma mulher de cabelos de babylliss usando um terno estava na porta com uma prancheta, olhando por cima de seus óculos. — Você está pronta?

Mackenzie sentiu como se seu violoncelo pesasse quinhentos quilos enquanto ela o carregava para a sala de recital. O palco estava iluminado, e ela mal conseguia distinguir os cinco painelistas a algumas fileiras atrás. O acompanhador da Juilliard, um homem careca de pele escura usando uma camisa de botão e gravata, estava sentado ao piano de cauda no palco com ela. Fora isso, o salão estava vazio. Ela começou a desembalar seu instrumento e ajeitar suas coisas, suas mãos tremendo violentamente.

— Meu nome é Mackenzie Wright. Obrigada por sua atenção — ela disse com a voz vacilante. Mas então algo veio sobre ela. *Esqueça Claire*, uma voz disse. *Esqueça todos. Pense em seu talento. Pense em quanto você quer isso.*

Ela respirou fundo e começou a tocar.

Não houve aplausos depois de cada peça, mas isso não importava. Ela sabia que estava acertando. Ela não errou uma nota de Elgar ou Beethoven, e sua interpretação de *The Swan* disparou elegantemente de seus dedos. Antes da última música, ela engoliu em seco. — Com licença — ela disse para o acompanhante. — Eu gostaria de mudar a minha última seleção, se você não se importar.

Ele pareceu surpreso, mas sorriu. Mac respirou fundo. Era agora ou nunca, e ela não iria cair sem lutar. Ela olhou para os juízes. — Eu sei que eu coloquei no meu formulário que eu iria tocar *Pezzo Capriccioso* de Tchaikovsky, mas em vez disso eu vou tocar *Spinning*

*Song* de Popper para vocês.

Ela levantou o arco, segurando-o absolutamente imóvel por um longo momento. Em seguida, apontando para o pianista, ela lançou em uma das peças mais difíceis do repertório de violoncelo.

A música começou com uma sucessão frenética de notas de alta-frequência. Era excessivamente rápida e enviava as mãos de um violoncelista voando para cima e para baixo, o braço do instrumento em velocidades de montanha-russa. Mackenzie sempre tinha pensado que a canção era meio chata, mas era uma das melhores músicas para se exhibir, e agora, enquanto ela tocava, uma coisa estranha aconteceu. Pela primeira vez, ela encontrou a jovialidade da peça. Em vez de soar forçada, maníaca e frenética para ela, soou divertida. Leviana, descuidada e energética. Ela quase riu alto enquanto tocava. Por apenas um momento, nada poderia tocá-la.

Quando ela terminou, ela ainda estava sentada, quase sem fôlego. Ela não sabia se seria o suficiente para fazê-la passar, mas ela sabia de uma coisa: Ela tinha acabado de ter a melhor audição de sua vida.

— Obrigada, senhorita Wright. Isso foi lindo — uma voz dos painelistas disse. — Você vai ter notícias de nós em breve.

Mac quase pulou para fora da sala do recital. — *Isso* — ela disse, elevando seu punho no corredor. Ela olhou para seu celular de novo, mas ainda não havia mensagens de Blake.

Ela mal se lembrava de dirigir até a loja de cupcakes. Ela estacionou na frente e estava prestes a empurrar a porta e chamar o nome dele. Mas quando ela viu Blake atrás do balcão, ela congelou na calçada.

Os braços de outra garota estavam envolvidos em torno dele. Uma menina com cabelo curto e encaracolado, vestida dos pés à cabeça em um conjunto preto. *Claire*.

— Foi perfeito — Claire disse, olhando nos olhos de Blake. Havia duas janelas abertas na parte da frente da loja; Mac podia ouvir cada palavra. — Eu acertei em cheio. E eu também vi ela entrar. Ela estava super pálida. Provavelmente assustada por eu ter tocado

Tchaikovsky.

O sangue de Mackenzie drenou. Ela virou-se com as mãos na maçaneta da porta, quando a voz de Claire soou.

– Oh, ei, Macks. – A voz dela escorria sarcasmo. – Como foi a sua audição? Você não estava preparada, não é?

Mackenzie virou-se e viu o sorriso feio de Claire. Em seguida, ela olhou para Blake. Seus olhos estavam abaixados. Ele estava pálido. Todos os pensamentos em seu cérebro congelaram.

Mas então ela falou sem pensar: – Eu pensei que vocês estavam separados.

Claire soltou-se de Blake e saiu de trás do balcão. – Eu sabia que você ia cair direitinho – ela zombou de Mac.

Mac piscou. – Cair em quê?

– Eu disse a Blake para sair com você, agendar alguns ensaios extras da banda. – Claire sorriu. – Eu sabia que você ia largar tudo. Até mesmo as práticas da sua audição.

– Você... o quê? – Ela olhou para Blake, mas ele ainda não olhava para ela. Nada disso fazia sentido algum.

– Eu queria que ele distraísse você antes da audição. – Ela sorriu. – E ele distraiu. Ah, e todas as suas confissões a Blake? Ele me contou tudo. Inclusive que você ia tocar Tchaikovsky. – Ela estendeu a mão sobre o balcão e agarrou a mão dele. – E nós não terminamos. Nós estamos mais juntos do que nunca.

Mac olhou para Blake, seu coração batendo forte. – É verdade?

Mas Blake ainda estava com os olhos abaixados. Ele não respondeu a Mac, mas ele não confirmou o que Claire disse, tampouco. Ele parecia preso e humilhado. – Eu... – ele começou, em seguida, desviou o olhar.

– Sim. – Claire falou por ele. – Cada palavra é a verdade.

Mac podia sentir as lágrimas se formando em seus olhos. Mas então ela percebeu: Ela poderia dar a Claire exatamente o que ela queria e chorar agora, ou ela poderia atingir Claire com a única

jogada que qualquer uma delas realmente se importava. Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para sua ex-amiga. — Bem, talvez Blake não me queira — ela ouviu-se dizer. — Mas eu tenho certeza que Juilliard quer. Boa sorte na Oberlin — ela disse, torcendo o nariz.

Antes que Claire pudesse dizer outra palavra, Mackenzie se virou e se empurrou para fora da porta.

## Capítulo 28

Sexta-feira, Julie observava o moinho de vento em miniatura em frente a ela, mordendo o lábio. Ela e Carson estavam no campo de minigolfe de Beacon Heights, onde eles estavam jogando um torneio de meninas contra meninos com um grupo de alunos da escola. Ela tinha que lançar essa bola através das asas do moinho de vento e para o outro lado, onde uma pequena bandeira branca balançava na grama artificial, marcando o buraco da última tacada.

Ela deu um passo para a frente, ergueu os ombros e jogou o taco para trás para balançar. — Não erre — Carson brincou, assim que o taco de golfe tocou na bola.

A bola rosa neon de Julie foi descontroladamente para fora do curso e caiu no obstáculo de água no canto direito. — Ei! — ela gritou. — Isso não é justo. — Mas as palavras morreram em sua garganta quando ela ficou cara a cara com o sorriso irônico de Carson.

— Oh, me desculpe, estamos jogando justo agora? — ele brincou, estendendo a mão e colocando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. Julie estremeceu e fechou os olhos. Isso era *tão* bom.

— Vamos, Wells, é a sua vez — James Wong gritou atrás deles. Julie se afastou, sentindo-se mais leve do que o normal. Ela sabia o porquê: Ashley não estava aqui.

Ela olhou para Carson, seus olhos vagueando para onde a bainha de sua camisa azul clara roçava a parte superior de seus shorts de carga Bonobos, revelando uma fina linha de estômago. Carson pegou-a olhando e piscou. Por um momento, nada mais importava.

Era a vez de Carson. Ele agarrou seu taco e deu um balanço experiente, enviando a bola facilmente para o buraco em apenas uma tacada. — É isso aí! — Carson exclamou. Os outros meninos levantaram o punho em vitória.

Quando todo mundo começou a caminhar para o próximo buraco, Carson deu alguns passos em direção a Julie, pegando sua mão e dando-lhe um aperto. Seu coração disparou com o contato.

– Sinto muito por jogar sujo – Carson disse, sua voz baixa. – E se eu te compensar? Eu poderia ajudá-la com esse buraco, mostrar a você a técnica adequada.

– Oh, você vai me ajudar, não vai? – Julie cantarolou, gostando de como isso soava. Então, ela olhou para cima... e congelou. Sob o guarda-chuva vermelho e branco brilhante da lanchonete estava Ashley. Ela olhou fixamente para Julie e Carson com os olhos em chamas.

Julie largou a mão de Carson. – Hum, sabe de uma coisa? – Ela gaguejou. – Eu realmente preciso ir trocar o meu taco. – Era uma desculpa idiota, todos os tacos eram iguais. – Eu já volto.

– Hum, ok? – Carson disse, confuso. Mas Julie já estava no meio da calçada, a raiva correndo em suas veias.

– O que você quer? – Ela virou-se para Ashley, que estava descansando em uma mesa de metal de piquenique bebendo limonada. Julie notou que Ashley estava usando as calças de brim azul-turquesa Alice + Olivia que Julie não tinha sido capaz de pagar, e uma blusa branca folgada quase a mesma que a sua, só que a de Ashley era muito decotada e tinha algum tipo de mancha no ombro.

Ashley sorriu. – Não é possível que uma menina venha dizer oi para sua amiga? Sabe, Julie, eu só acho que você é uma excelente pessoa.

– Por favor, Ashley. – Julie odiava o tremor em sua voz. Soava como fraqueza. Ela tentou ficar um pouco mais ereta. – Por favor, não conte a ninguém sobre o que você sabe. O que posso fazer para você mudar de ideia?

Os olhos de Ashley brilharam. – Não é assim que funciona. Ao contrário do resto do seu pequeno exército de minions, eu não sigo cegamente as suas ordens. – Ela assentiu com a cabeça na direção do grupo, em seguida, abriu um sorriso. – Eu só queria vê-la em

seu habitat natural uma última vez. Aproveite seus momentos finais de liberdade.

– Ashley...

– Poupe seu fôlego para alguém que se importa. – Ashley jogou a limonada no lixo e caminhou para fora.

Julie ficou ali, observando Ashley se afastar, atordoada. Certamente ela não iria realmente revelar seu segredo. Mas, e se ela revelasse? O que aconteceria se todos descobrissem, se Carson descobrisse? De repente, tudo o que Julie conseguia pensar era em sua última escola, depois de seu segredo vazar. Ninguém iria falar com ela. Ela almoçaria sozinha no banheiro. As pessoas abririam um caminho grande para ela nos corredores, preocupadas em pegar uma doença dela porque a casa dela era suja demais.

A pior parte era que ela deveria ter esperado por isso. Ela estava distraída com Carson, e ela não tinha notado Ashley seguindo-a para sua casa naquele dia. Normalmente, ela era tão vigilante e protetora de seu segredo – foi assim que ela manteve seu status por tanto tempo. Era por isso que ela tinha regras de sem-encontros. Não só porque ela não podia deixar ninguém conhecê-la realmente, mas também porque ela corria o risco de perder a cabeça. E agora ela *tinha* perdido a cabeça.

Ela virou-se para o resto do grupo, colando um sorriso no rosto. *Aproveite seus momentos finais de liberdade.* O que quer que Ashley fosse fazer, ela iria fazer em breve.

E então tudo iria desabar à sua volta. *Mais uma vez.*

## Capítulo 29

Sexta à noite, Alex e Ava estavam embaixo do letreiro brilhante do Teatro Majestoso, em seu primeiro encontro de jantar e filme há muito tempo. Pingos de chuva brilhavam nas luzes multicoloridas. Uma pequena multidão de espectadores circulava abaixo da cobertura, a maioria deles jovens universitários usando suéteres de brechós e cachecóis grossos. Eles falavam em vozes animadas e passavam cigarros de uns para os outros.

– Você esteve muito quieta a noite toda – Alex disse, pegando a mão de Ava.

Ava olhou para ele, seu coração cantarolando em seu peito. Ele estava usando uma camisa de flanela suave e jeans escuros. Hoje à noite, seus cachos estavam despenteados e sua barba curta não parecia desmazelada tanto quanto... artística. Ela tinha notado que algumas meninas da faculdade olharam de relance com inveja quando passaram, e sorriu.

– Oh, eu estou apenas pensando no filme – ela disse. Eles tinham acabado de sair de uma exibição de *Asas do Desejo*. Ava nunca tinha visto nada parecido. Ele não tinha muita história, mas era sobre anjos seguindo pessoas ao redor de Berlim, ouvindo os pensamentos dos seres humanos. Ela não tinha certeza se tinha entendido, mas era estranho, triste e bonito, e a fez sentir falta de sua mãe.

Alex se atrapalhou com seu guarda-chuva e segurou-o acima da cabeça dela, enquanto eles caminhavam em direção ao carro dele. – Não é legal? Eu assisti pela primeira vez na aula de alemão e me impressionou. Eu queria que Granger nos mostrasse coisas mais diferentes assim. Todos os velhos filmes de Hollywood que ele mostra são ótimos, mas eles são todos no mesmo estilo, sabe? – Seus lábios se torceram em um sorriso um pouco arrogante. – Claro, eu não acho que ele seja inteligente o suficiente para nos

ensinar algo realmente desafiador.

Uma pedra de gelo se formou em seu intestino com a menção de Granger. — Ele é mais esperto do que você pensa — ela murmurou. Talvez até mesmo inteligente o suficiente para se safar de um assassinato.

Alex olhou para ela de soslaio. — Por que você está defendendo ele?

— Eu não estou — Ava falou bruscamente. — Você sabe que eu não gosto dele. Eu só não acho que porque ele é um idiota, ele é burro. Ele é claramente inteligente, para se safar com o que ele está fazendo.

— Ok, ok. — Alex levantou as mãos com as palmas para cima, e pareceu arrependido. — É que esse cara é sinistro o tempo todo. Ontem de manhã, ele estava às seis horas da manhã cavando no quintal.

Ava sentiu um frio rastejar por sua espinha. — Você conseguiu um vídeo dele ou alguma coisa? Algo para enviar para a polícia?

Alex parecia envergonhado. — Eu corri para pegar meu celular, mas quando eu cheguei, ele já tinha entrado. Mesmo assim. Pareceu realmente estranho. Eu queria saber o que ele escondeu lá.

Ava bateu os dedos contra seu bracelete Hermès. Obviamente Granger não estava enterrando Nolan... mas o que mais ele poderia estar fazendo? De repente, ela desejou poder dizer tudo a Alex. Ela odiava ter esses segredos.

Eles dirigiram para casa em um silêncio sociável, o som estridente dos limpadores de para-brisas tranquilizando Ava, como uma espécie de sonho calmante. A chuva turvava a paisagem, o carro estava quente e sua canção nacional favorita cantarolava baixinho no estéreo. Após cerca de 10 minutos, Alex parou em sua garagem circular de cascalho. As luzes no corredor da frente estavam acesas. Não era nem mesmo dez horas — o pai dela ainda deveria estar acordado, assistindo ao noticiário noturno na sala. Ela mordeu o lábio, sentindo-se impulsiva. Leslie iria realmente dizer alguma coisa

se ela levasse Alex para dentro por apenas uns minutinhos?

– Você quer entrar? – ela perguntou, virando-se para encará-lo.

Um sorriso tímido apareceu em seu rosto. – Parece ótimo.

– Não vai ser, honestamente. – Ela deu uma risada nervosa. – Quero dizer, Leslie vai ser uma vadia. Ela vai ficar irritada por eu estar desobedecendo as ordens estritas dela. – Ela revirou os olhos.

– Eu lidei com ela antes, e eu posso lidar com ela de novo. – Alex segurou sua bochecha em sua mão e se inclinou para beijá-la. Mas antes que seus lábios se tocassem, o mundo explodiu em sons e luzes.

Quatro carros da polícia estavam acelerando o carro, luzes piscando e sirenes ligadas. Ava ficou ereta quando os carros de polícia pararam em ambos os lados deles. Ela saiu do carro e quase esbarrou no detetive Peters.

– Senhorita Jalali – ele disse, sua voz profundamente séria. – Que ótima hora.

– O que está acontecendo? – Ava perguntou, abraçando o xale em torno de seus braços nus com os olhos arregalados. Com o canto do olho, ela notou que seu pai e sua madrasta andaram até a varanda. Eles olharam para o carro da polícia... e, em seguida, para Ava. Alex pegou a mão dela e segurou-a firmemente.

– Nós finalmente conseguimos um mandado de busca para a sua casa – o detetive disse tranquilamente. – Achamos que meia dúzia de testemunhas dizerem que a última vez que viram Nolan Hotchkiss foi quando ele a estava seguindo enquanto você subia as escadas é suficiente para considerá-la suspeita. Entre isso e a ameaça de morte que você enviou...

– Eu nunca o ameacei! – Sua voz era um grito estridente e desesperado.

O detetive Peters não piscou um olho. – Nós temos uma gravação de você dizendo a Nolan que ia matá-lo. Temos também o testemunho de que você orquestrou um plano para assassinar Nolan durante uma de suas aulas na escola.

Alex soltou sua mão. Ava balançou a cabeça em silêncio, nervosa. Uma testemunha da discussão delas na aula de filmografia. Ela sabia exatamente quem havia dito isso. *Granger*.

– Não é o que parece – ela disse com um suspiro. E então algo chamou sua atenção na varanda da frente. Leslie estava com a boca desenhada em uma linha tão apertada que seus lábios estavam invisíveis. Ao lado dela, o pai de Ava estava com lágrimas rolando pelo seu rosto. Ele olhou para Ava como se ele nem sequer a reconhecesse. Ava esperou que ele fizesse algo, dissesse aos policiais que ela era uma boa menina, alguém que nunca, nunca faria mal a ninguém. Mas ele não o fez. Ele apenas ficou lá.

Os policiais mostraram o mandado para seu pai, e ele se afastou ligeiramente, sua silhueta de repente pequena e encolhida. Ava sentiu o braço de Alex deslizar em torno de sua cintura, estabilizando-a. Ela caiu contra ele, um único soluço explodindo através de seu peito.

– Ava – ele suplicou. – O que ele está falando? Você fez alguma coisa com Nolan?

Ava piscou com força, lágrimas derramando por suas bochechas. Ela viu a luz do quarto se ligar no andar de cima. Silhuetas escuras de policiais vasculhando seu quarto. Não havia nada de incriminador na casa, ela tinha quase certeza disso. As meninas não tinham deixado nenhuma mensagem, bilhetes ou textos sobre seu plano para a brincadeira com Nolan e ela não escrevia em seu diário há semanas. Mas os policiais estavam querendo jogar o crime contra ela agora, e isso significava que o grupo de filmografia estava correndo contra o tempo.

Ela virou-se para Alex, tremendo na chuva. – Eu não posso explicar agora – ela sussurrou.

Ele olhou para ela por um longo momento, uma carranca vincando em sua testa. – Por que não? – ele gritou. – Ava, o que você fez?

Ela balançou a cabeça. – Não é o que você pensa. Isso foi... um erro.

Alex estava com a mão na porta do carro e uma expressão atormentada no rosto enquanto olhava para ela. Seu pai e Leslie se viraram, seguindo outro grupo de policiais para dentro.

– Alex – ela disse, sua voz uniforme, – apenas vá.

Ele virou-se sem dizer uma palavra e entrou em seu carro. Ela viu seu carro rolar para fora da garagem com uma dor oca em seu peito. Alex acreditava nela – mesmo quando as coisas pareciam piores do que nunca, ele estava do seu lado. Uma parte dela queria que ela pudesse chamá-lo de volta, pedir-lhe para ficar. Mas ela não podia. Não até ela sair dessa bagunça.

Ela pegou o celular e ligou para Caitlin.

– Fale com as outras – ela sussurrou. – Precisamos entrar na casa de Granger e achar o cianeto. Vamos acabar logo com isso. Hoje à noite.

## Capítulo 30

Uma hora mais tarde, Parker estava sentada na parte de trás do carro de Caitlin enquanto elas se aproximavam da vizinhança de Granger. Caitlin estacionou a cinco quadras da casa dele, e todas silenciosamente saíram e caminharam tão relaxadas quanto podiam para o pequeno bangalô dele. A lua cheia brilhava através dos restos de nuvens roxas, enviando sombras distorcidas pelos gramados suburbanos.

Parker olhou em volta para as outras, observando suas expressões assustadas, mas determinadas. Ela sentiu uma pontada aguda em sua cabeça, mas ela cerrou os dentes e a ignorou. Julie tinha tentado convencê-la a não vir, mas ela insistiu.

Enquanto caminhavam, Julie tocou em seu braço. — Você está bem?

— Na verdade, não — Parker resmungou.

Ela se encontrou com Julie pouco antes de Caitlin buscar as duas, e ela contou a ela sobre o que tinha acontecido com o Dr. Fielder ontem. Julie tinha ficado horrorizada, e ela exigiu saber o motivo de Parker não ter falado para ela antes. — Eu precisava de algum espaço hoje — Parker tinha dito... e era verdade.

Agora Julie balançou a cabeça. — Por que você acha que ele tinha fotos suas?

Parker deu de ombros. — Porque ele é um perseguidor. — Que tipo de pessoa segue um paciente por aí, o *espiona*? Ela se sentia tão traída. E *invadida*. Ele a lembrou de seu pai. Havia momentos em que ele a espionava. Descobrendo as coisas maliciosas que ela fez. E quando ela chegava em casa e negava as acusações, ele mostrava a ela as fotos que ele tinha tirado — e batia nela, diretamente em seu rosto.

Os olhos de Julie endureceram. — Nós temos que denunciar esse

bastardo. Nós temos que fazê-lo pagar.

– Eu acho que vai ser a próxima coisas da nossa agenda, hein? – Parker fez um gesto para a casa de Granger, agora que elas estavam na frente. Todas as luzes estavam apagadas. Sinos de vento soavam juntos na varanda da frente. BEM-VINDO, AMIGO, estava escrito em uma placa na porta. Parker bufou. Somente idosos e perdedores tinham placas como essa.

Mac colocou as mãos nos quadris e avaliou a casa. – Como vamos entrar? – ela perguntou em voz baixa. – Eu não sei se eu consigo abrir essa fechadura. E ele pode ter um sistema de segurança.

– Nós não vamos precisar disso – Ava respondeu. – A última vez que eu estive aqui, a janela do banheiro estava aberta. Talvez ela ainda esteja.

– Vamos dar uma olhada – Parker disse.

O portão fez um zumbido suave quando Julie abriu. O quintal de Granger estava mal cuidado, e a grama fazia os tornozelos de Parker coçarem. Como esperado, uma janela dupla estava aberta cerca de três centímetros. Parker apenas conseguia distinguir uma cortina lá dentro.

Caitlin deu um passo para atrás e mediu a altura da janela com os olhos. – Eu tenho certeza que eu consigo chegar lá, se alguém me der um impulso.

Julie ficou ao lado da casa e se inclinou. Caitlin tirou os sapatos e as meias para ficar mais fácil. Em seguida, ela pisou de leve nas costas de Julie. Julie deu um grunhido suave, mas se manteve parada enquanto Caitlin abria mais alguns centímetros da janela. Então, sem aviso, ela pulou e enganchou o torso através da janela aberta. Por apenas um momento, suas pernas mexeram atrás dela. Então ela entrou.

– Será que ela aprendeu isso no futebol ou no Cirque du Soleil?  
– Parker murmurou. Um momento depois, a porta do pátio abriu.

– Rápido – Caitlin sussurrou na escuridão.

Elas entraram na casa e ficaram por um momento na cozinha de Granger. A luminária sobre o fogão estava ligada, emitindo luz apenas o suficiente para dar para enxergar. Havia pratos sujos atolados na pia e migalhas de pão espalhadas na parte superior do fogão. No frigorífico havia meia dúzia de cardápios de quentinhas. Definitivamente um apartamento de solteiro.

– Da última vez que eu estive aqui, ele estava pegando alguns equipamentos de fotografia de uma caixa. Talvez houvesse cianeto lá. Eu acho que ele colocou no carro, no entanto, então eu não tenho ideia se ainda está aqui.

– Vou olhar no quarto – Caitlin disse.

– Mackenzie e eu vamos começar pela sala de estar – Ava ofereceu. – Então só falta o escritório.

Parker olhou para Julie. – Vamos lá, então.

Julie ligou sua pequena lanterna ligada a seu chaveiro e iluminou as paredes enquanto elas caminharam pelo corredor apertado para o escritório. Havia uma mesa da loja sueca IKEA que continha um computador e um armário de arquivos pequeno de três gavetas estava ao lado dela. Um quadro de avisos na parede atrás da mesa continha dezenas de canhotos de ingressos para shows e jogos marítimos, um convite de casamento de um casal chamado Tony e Mandy, e uma cópia de seu cronograma escolar.

Havia apenas um pouco de iluminação vinda do lado de fora da rua para elas enxergar o que estavam fazendo. Julie não achou a caixa que elas estavam procurando, mas era possível que os materiais não estivessem mais encaixotados. Ela abriu a gaveta de cima do armário de arquivo e começou a folhear os arquivos. Parker se inclinou sobre a mesa. A pasta grossa acabou não sendo nada, a não ser trabalhos de casa. Debaixo da pasta havia um pedaço de papel de caderno. Ela apertou os olhos para ver a caligrafia.

*Ei, senhor Granger, eu queria saber se eu poderia conseguir alguma ajuda extra de você, se é que você sabe o que eu quero dizer. Com amor, você sabe quem.*

O bilhete cheirava como se alguém o tivesse pulverizado com o perfume Coco Mademoiselle. Parker franziu o nariz e o amassou em sua mão. *Patético.*

Julie fez um gesto na direção do computador. – Coloque os arquivos dele aqui. – Ela pegou um pen drive rosa do bolso.

– Deixa comigo – Parker disse, indo para o computador e inserindo o pen drive. Seus dedos se moviam rapidamente, lembrando-se dos dias em que ela e Nolan costumavam mexer nos computadores do pai dele apenas para irritá-lo. Irônico que algo que ela e Nolan costumavam fazer juntos viria a calhar em pegar seu assassino.

*Carregando arquivos,* disse uma mensagem na tela. Enquanto Parker esperava, ela analisou o resto da mesa. A gaveta de cima não tinha nada além de lápis e um grampeador dentro, mas quando ela abriu a gaveta ao lado, ela engoliu um grito de surpresa. Bem em cima havia um envelope pardo grosso. Rabiscado através dele, na escrita que ela reconhecia do quadro-negro, estava JULIE REDDING.

Ela olhou para Julie, cujas costas ainda estavam de frente para ela. Por que ele tinha um arquivo de Julie? Havia um histórico escolar dentro? Dados pessoais? Talvez ele soubesse sobre as... peculiaridades da mãe dela. Parker tocou o envelope, com muito medo de olhar dentro. Ela pegou o envelope e colocou-o em sua bolsa. Julie tinha protegido Parker desde o acidente. Agora era a vez de Parker fazer o mesmo.

Em seguida, ela viu outra coisa. Abaixo do envelope havia uma folha amarela com frases com a caligrafia de Granger. Parker pegou-a e angulou para capturar a luz da janela. Quando ela decifrou a primeira frase, ela quase o deixou cair.

*Nolan – Cianeto*

– Julie – ela sussurrou. Julie levantou a cabeça e se virou. Parker gesticulou freneticamente para ela vir e ler por cima de seu ombro.

*Claire, rival da música. Madrasta. O pai de Parker. (?)*

– Tem data – Julie respirou. – Oito de outubro.

– O dia em que ele falou sobre *O Caso dos Dez Negrinhos* – Parker disse. Um disparo de dor atravessou sua testa. Todo o seu corpo estremeceu, mas ela tentou se manter centrada. Ela tinha que se manter sã.

Os olhos de Julie analisaram o papel. – Olha, é uma transcrição de tudo o que falamos. Ele nos ouviu.

Parker engoliu em seco. – Devemos dizer as outras.

Elas correram para a sala de estar. Ava estava olhando as correspondências de Granger enquanto Mackenzie olhava a estante.

– Gente! – Julie sibilou.

Ambas olharam para cima. Um momento depois, Caitlin saiu do quarto. – Não achei a caixa, mas eu achei o estoque particular das fotos dele – ela disse.

– Esqueça isso. – Julie ergueu o bloco de notas. – Ele tem uma cópia do que a gente falou. Ele anotou tudo o que dissemos naquele dia na sala de aula.

Mackenzie se levantou tão rápido que bateu a cabeça em uma das prateleiras. Ava cobriu a boca com a mão. Todas correram para analisar a cópia. Um pequeno som gutural escapou da parte de trás da garganta de Mac.

– Vocês acham que isso é suficiente para nos incriminar? – Caitlin perguntou. – É apenas uma anotação.

– Sim, mas quem sabe o que mais ele tem sobre nós? – Ava perguntou com os olhos arregalados. – E se ele nos gravou naquele dia na sala de aula?

– Ou se ele tem outra cópia? – Mac perguntou. – Tipo, no computador dele, talvez.

– Eu estou pegando todos os dados do computador dele – Parker disse. Então, ela tocou o lado de fora de sua bolsa, pensando no envelope que estava dentro. O que ele dizia sobre Julie? Por que ele tinha isso? Uma sensação de um frio pegajoso pareceu se espalhar sobre ela. A dor em sua cabeça latejava ritmicamente, como

se alguém tivesse colocado um prego no meio de sua testa e estivesse martelando a cada batida de coração, tentando rachá-la ao meio.

Julie olhou para ela. — A transferência de dados está acabando?

Parker assentiu. — Eu vou olhar. — Mas, quando ela estava voltando para o escritório, passos soaram na varanda. Alguém limpou a garganta. Chaves tilintaram, em seguida, veio o som metálico da fechadura virando.

Parker congelou. Um choque de terror atravessou seu corpo.

Ava virou-se para o resto delas, seus olhos escuros arregalados e em chamas. — Escondam-se! — ela arfou.

Os olhos de Parker se encontraram com os de Julie. *Frenética*, Julie foi em direção ao banheiro... e até a janela aberta. *Vá para o carro*, ela murmurou para Parker. Parker assentiu rapidamente, em seguida, correu para o banheiro, ergueu-se sobre o peitoril, e caiu para fora da janela... assim que Granger abriu a porta da frente.

## Capítulo 31

Ava observou quando suas amigas se esconderam atrás de cortinas e se trancaram em armários. Mas em vez de segui-las, ela se levantou no meio da sala e alisou o cabelo. Quando Granger abriu a porta, ele olhou para ela com os olhos arregalados. Ele estava com suas roupas de corrida, e seu cabelo e pele brilhavam com o suor.

– Ava? – ele disse, parecendo mais confuso do que com raiva.  
– O que você está fazendo aqui?

Ava tinha tido algumas ideias muito rápidas nos últimos trinta segundos e ela sabia o que tinha que fazer. Era a única coisa que poderia salvá-las, a mesma coisa que ela fez com Nolan na noite em que ele morreu. Ela abriu os lábios, pensativa, inclinando a cabeça para um lado e olhando para ele com os olhos arregalados. – Eu achei que fosse lhe surpreender.

Pelo canto do olho, ela podia distinguir Mackenzie, encolhida atrás do sofá. O estômago de Ava parecia como se ela estivesse em uma montanha russa descendo e subindo, mas ela se forçou a se manter relaxada. Porque se Granger descobrisse o motivo real de ela estar em sua casa, ninguém sabia o que ele faria.

Ele colocou as chaves em uma mesa ao lado da porta e se virou para olhar para ela. Algo disputava com a surpresa em seu rosto – ela levou um momento para reconhecê-lo como luxúria. – Invadindo a minha casa e ficando de pé aqui no escuro?

Ava engoliu o medo e deu alguns passos furtivos e lentos na direção dele. Seus olhos pousaram em seus quadris, em seguida, passou rapidamente de volta para seu rosto. – Você quer que eu vá? – ela murmurou. Ela colocou a mão em seu peito, forçando-se para não fazer uma careta. O próprio pensamento de tocá-lo era repulsivo para ela agora. Mas ela tinha que fazer isso.

– Não – Granger decidiu. – Definitivamente não. Só que... o

que te fez mudar de ideia?

Ava incorporou seu melhor beicinho de donzela inocente e olhou para baixo. — Você é meu professor, Sr. Granger. Isso é errado, e eu estava com medo. Mas eu não consegui ficar longe de você. Eu queria muito isso.

Então, preparando-se, ela inclinou-se para beijá-lo. Ele a puxou bruscamente para perto. Suas narinas preencheram com o cheiro almiscarado dele. Ele apertou seus lábios contra os dela, seus braços apertados ao redor dela. Ava podia sentir a força de seus músculos. Seria fácil ele machucá-la, se quisesse.

Então ele a soltou, com um sorriso estranho no rosto. Ele deu alguns passos em direção ao sofá. Ava tinha certeza que ele ia ver Mackenzie por trás dele. Ela ficou tensa, não tendo certeza se fugia porta afora ou se atirava sobre ele. Mas então ele se sentou no sofá, olhando para ela de forma avaliadora.

— Eu não sei, Ava — ele provocou. — Você meio que feriu meus sentimentos. Você realmente tem que provar que você quer fazer isso comigo.

— Qualquer coisa que você queira — Ava disse.

Um sorriso travesso apareceu nos lábios de Granger. — Ok, então. Vamos começar com a sua blusa.

Ela congelou. — O quê?

O Sr. Granger encostou-se no sofá e deu-lhe um aceno de cabeça. — Você me ouviu. Quero ver você tirar suas roupas. Lentamente.

Suas bochechas pareciam estar em chamas. Ava não tinha certeza do que estava planejando — ela estava improvisando desenfreadamente, tentando conseguir algum tempo para descobrir como escapar — mas ela não queria fazer isso.

Ela olhou para si mesma. Ela ainda estava usando a camisa vestido de botão que ela tinha usado quando saiu com Alex naquela noite. Ela olhou para cima e viu Granger, sua cabeça para trás contra o sofá, olhando-a sob os olhos apertados. Lentamente, ela desabotoou o primeiro botão. E então o segundo botão.

– Desse jeito? – ela perguntou com a voz baixa e rouca.

Ele sentou-se para a frente, de repente, seus olhos se alargando. – Sim – ele disse com a voz rouca. – Desse jeito.

Ela pensou nas outras meninas olhando para ela fazendo isso e se sentiu mal do estômago. *Eu não sou assim*, ela queria dizer. Mas ela não tinha escolha. Um por um, botão por botão, ela desabotoou a frente de seu vestido. Ela deslizou um ombro livre para que ele ficasse nu. O Sr. Granger tinha um olhar malicioso de fome em seu rosto, seus olhos brilhando na meia-luz.

Ela encolheu os ombros para fora do vestido e ficou de sutiã e calcinha, sentindo-se totalmente humilhada. Ele se levantou e se aproximou dela, apoiando as mãos nos quadris dela. – Você é tão linda – ele murmurou, inclinando-se em direção a ela para um beijo. Ela colocou o dedo para cima para bloquear seus lábios.

– Agora eu posso fazer um pedido? – Ava perguntou com o coração bombeando rápido novamente. – Eu quero que você tome um banho bem quente e fique limpo para mim – ela pediu. – Eu quero que isso seja perfeito.

Um sorriso ganancioso se espalhou pelo rosto de Granger. – Claro. Quer se juntar a mim?

– Eu me juntaria – Ava murmurou, olhando-o debaixo de seus cílios. – Mas tem algo especial que eu preciso preparar enquanto você está no chuveiro.

Seus olhos se iluminaram. Ele olhou para cima e para baixo de seu corpo uma última vez. Então ele a soltou e entrou no banheiro. Acendeu a luz. Fechou a porta.

Ava se esforçou para ouvir. No momento em que ouviu a água atingir os azulejos, ela sussurrou para suas amigas: – Saiam daqui! Depressa!

Mackenzie apareceu de trás do sofá. – Ava, você foi...

– Não – Ava confessou, puxando seu vestido de volta e pegando seus sapatos. – Eu me sinto tão nojenta.

– Eu ia dizer incrível – Mac disse.

As outras saíram de onde estavam se escondendo, seus rostos pálidos e abatidos. – Você acabou de salvar nossas vidas – Caitlin sussurrou.

– Vamos sair daqui – Julie disse. – Nós não temos muito tempo.

Ava balançou a cabeça. – Eu estarei bem atrás de vocês. Eu tenho que fazer mais uma coisa primeiro.

As meninas se apressaram para fora da porta. Mackenzie parou na porta, parecendo que ia discutir, mas depois de um momento, ela se virou e seguiu as outras. Ava correu para o escritório dele, pegou o pen drive, e em seguida, correu até a cozinha e para o pátio.

*Ele estava às seis horas da manhã cavando no quintal, Alex tinha dito.*

O pátio estava escuro, mas a lua estava aparecendo através das nuvens. Bastou um momento para encontrar a terra fresca mexida no canto.

Ava ajoelhou-se e começou a escavar a terra para longe com as mãos. Havia muita terra e estava úmida, e estava ficando presa em sua pele enquanto ela cavava, mas ela não diminuiu o ritmo. Apenas alguns centímetros abaixo, suas mãos encontraram algo duro e retangular. Ela desconsiderou o último bocado de terra e puxou-o para fora.

Era uma caixa de metal simples com um trinco. Com as mãos trêmulas, ela se atrapalhou com a trava até que ela se abriu.

Outro pen drive.

Ela olhou para ele com a boca aberta. Então ela percebeu – estava silêncio. Muito silêncio. O chuveiro estava desligado.

Ava deslizou ambos os pen drives em seu bolso e virou-se para correr pelo gramado do Sr. Granger com seu vestido meio abotoado. Seu sutiã aparecia a cada passo. A bainha do seu vestido virava-se e revelava sua calcinha. Seus pés descalços afundavam na grama orvalhada. Os faróis de Caitlin acenderam na frente dela, e a porta

traseira se abriu para ela entrar.

– Dirija! – Ava gritou quando ela bateu a porta.

Não foi até as meninas estarem em alta velocidade pela rua que Ava olhou pela janela e viu alguém na rua, olhando para ela. No início, ela pensou que era Granger – que ele tinha descoberto. Mas, então, a garganta dela travou. Não era Granger.

Era Alex.

## Capítulo 32

Caitlin dirigia rápido e cegamente, correndo perto do meio-fio quando pegou uma curva rápida à direita. Ninguém parecia estar seguindo elas. Ela só conseguia distinguir o rosto de Ava, pálido e manchado de lama, no espelho retrovisor. Ela parecia prestes a vomitar.

Ela saiu de uma estrada principal e pisou no acelerador. — Devagar — Julie disse em uma voz estrangulada. — A última coisa que você precisa agora é levar uma multa.

Caitlin relaxou o pé no pedal um pouco, mas seus dedos ainda estavam brancos no volante. Elas tinham acabado de *invadir a casa de alguém*. Elas tinham acabado de observar seu professor *praticamente fazendo sexo com Ava*. E a forma como ela se sentiu, escondendo-se na cozinha — bem, ela nunca queria se sentir apavorada assim novamente.

Quando elas passaram através de dois semáforos, Ava olhou em volta cautelosamente e segurou algo entre os dedos. O objeto brilhou sob um poste de luz quando o carro passou. — Eu encontrei isso enterrado no quintal da casa dele.

— O que é isso? — Mackenzie perguntou, apertando os olhos.

— Outro pen-drive — Ava respondeu.

— Me dá isso aí — Julie o agarrou. Em seguida, ela remexeu na mochila que havia trazido e tirou um laptop. Ele fez um som quando ela ligou e esperou ele iniciar.

— Você disse que ele enterrou isso? — Caitlin perguntou.

— É isso mesmo — Ava disse. — Alex viu ele enterrar alguma coisa. — Seu rosto entristeceu quando ela disse o nome de Alex. — Eu encontrei uma caixa de metal, e isso era a única coisa que tinha lá dentro.

– O que você acha que tem aqui? – Caitlin perguntou. – Mais fotos de garotas?

– Tem que ser algo ruim o suficiente para ele enterrar – Ava pressupôs. Ela fechou os olhos. – Eu tenho certeza que ele já percebeu que eu estava fingindo. Talvez ele até mesmo tenha sentido falta do pen-drive. Se não incriminarmos ele logo, ele virá atrás de nós.

– Pessoal.

Todas olharam para Julie. Seu rosto brilhava com a cor azul na luz de seu computador. – Esse não é o pen-drive de Granger. – Ela olhou para cima com os olhos cheios de terror. – É o de Nolan.

Todas engasgaram. Caitlin fechou a boca, sua pele estava formigando. Ela parou em um estacionamento vazio. Um edifício de tijolo sujo abrigando uma loja de materiais de encanamento apareceu a distância. Do outro lado da rua, as luzes brilhantes de uma loja de conveniências 7-Eleven lançavam uma palidez estranha na calçada.

– Mas isso é bom, certo? – Caitlin quebrou o silêncio, se virando e olhando para Julie. – Quero dizer, por que Granger o enterrou em seu quintal? O fato de ele estar com isso é incriminador.

– Teria sido, se ainda tivesse no quintal dele. – Julie começou a abrir os arquivos, olhando para a tela. – Agora, tanto quanto se sabe, nós estávamos com isso. – Ela moveu seu dedo no mouse. – O e-mail dele está aqui. As mensagens frequentes até o dia que ele morreu.

Ela virou a tela para que Caitlin e Mackenzie no banco da frente pudessem dar uma boa olhada. Caitlin viu que ela abriu a pasta *Enviadas*. Caitlin inclinou-se para ver melhor, com os olhos arregalados. Havia dezenas de e-mails para Lucas Granger.

Julie abriu o primeiro. A linha de assunto somente dizia *Crédito Extra*.

*Ei Sr. G – Eu acho que você pode ter cometido um erro quando você deu a minha nota para o trabalho sobre Jean Cocteau. Tenho certeza que deve ter*

*sido um A.*

Então Julie clicou no anexo. Era uma foto do Sr. Granger inclinando-se sobre Justine Williams. Ava engasgou.

Em seguida, Julie abriu um e-mail que dizia *Excursão Escolar*. Caitlin olhou para a mensagem.

*Você é um cara engraçado, Sr. G. Infelizmente não posso fornecer todas as originais, a menos que dobre o valor que estávamos de acordo previamente. Meu carro deu defeito novamente. Consertar custa caro, sabia?*

– Como se Nolan precisasse do dinheiro do salário de um professor – Mackenzie murmurou. – O cara era muito rico!

– Vamos tentar não se sentir muito tristes por Granger – Julie reclamou.

O coração de Caitlin acelerou. Ela estendeu a mão para seu celular no bolso. – Eu vou ligar para o detetive Peters. Isso é uma prova séria de que Nolan estava chantageando ele.

– Eu disse a você – Ava disse.

– Sim, faça isso – Julie ordenou.

Com dedos trêmulos, Caitlin ligou para a delegacia. Tocou seis vezes antes de alguém atender. – Eu preciso falar com o detetive Peters – ela disse após o policial se identificar. – Por favor – ela acrescentou.

O policial bufou. – Peters está de folga. Você quer deixar uma mensagem?

Ela piscou. Desde quando os detetives tinham folga? Ela pensou que eles fossem como os médicos, sempre de plantão. – O parceiro dele está aí? Detetive Mc... McGillicutty?

– Senhorita, se você não notou, são dez horas. É urgente?

– Bem, é realmente importante. É sobre o caso de Nolan Hotchkiss. Eu... encontrei algo. Talvez eu pudesse deixar com você?

O policial parou, quase como se estivesse pensando. Então ele disse: – Você vai ter que falar com Peters. Vou dizer a ele que você

vem. Qual é o seu nome?

Caitlin congelou. Dizer seu nome parecia uma má ideia, mas ela fez isso de qualquer maneira. O policial repetiu-o de volta para ela, e depois disse que Peters iria vê-las ao meio-dia de amanhã. Em seguida, a linha ficou muda.

Caitlin virou para as outras com a boca aberta.

– E aí? – Mac perguntou. – Nós vamos?

Ela balançou a cabeça, explicando o que tinha acontecido. Os ombros de Julie caíram. – O que devemos fazer nesse meio tempo? – Mackenzie perguntou.

Todas elas ficaram em silêncio por um longo momento, pensando. Então Caitlin ligou seu carro de novo. – Eu acho que nós faremos o que temos que fazer – ela disse. – Esperamos a noite passar... e depois vamos denunciar esse idiota.

Ela deixou as meninas no estacionamento onde elas tinham deixado seus carros. Elas formaram um plano para se encontrarem na manhã seguinte na delegacia de polícia. Então Caitlin se afastou com sua cabeça zunindo. Mesmo sabendo que ela deveria ir para casa e descansar um pouco, ela sabia que ela ia estar muito acordada para dormir. Ela precisava falar com alguém.

E, de repente, ela percebeu quem esse alguém era.

\*\*\*

Dez minutos depois, ela parou na calçada dos Friday. A maioria das janelas estavam escuras, mas uma única brilhava no porão. O coração de Caitlin acelerou quando ela deslizou para fora do carro. Felizmente, o carro de Josh não estava na garagem. Ele mandou uma mensagem para ela no início desta noite perguntando se ela queria sair com seus amigos para comemorar a conquista do grande jogo na quarta-feira – algo que ela mal tinha pensado desde que tinha acontecido. Mas ele não parecia particularmente chateado quando

ela recusou. Além disso, não era Josh quem ela queria ver hoje à noite. Era Jeremy.

Caitlin foi na ponta dos pés até os fundos da casa, onde as janelas do porão estavam e olhou para dentro. Seu coração acelerou. Lá estava Jeremy, sentado no sofá, assistindo Cartoon Network, parecendo adorável.

Ela bateu uma vez na janela. Sua cabeça imediatamente levantou, e seu rosto se iluminou quando viu que era ela. Ele se levantou e abriu a porta do porão. — O que você está fazendo aqui? — ele perguntou com uma voz perplexa, seu rosto corado.

— Eu-eu queria ver você — Caitlin disse, de repente se sentindo envergonhada.

— Eu pensei que você fosse sair com Josh — Jeremy disse. Então, ele olhou para ela com atenção. — Você parece... cansada. Está tudo bem?

Caitlin olhou para longe. É claro que ela não estava bem, mas de jeito algum ela iria arrastá-lo para o pesadelo de Granger. — Eu tive uns dias confusos e estranhos.

Jeremy inclinou a cabeça. — Eu pensei que você estivesse nas nuvens após a vitória no jogo de futebol.

Caitlin fechou os olhos. Ela *deveria* estar nas nuvens. Ela marcou três gols nesse jogo. A recruta da Universidade de Washington tinha falado com ela pessoalmente depois, dizendo que havia um lugar para ela na equipe da universidade. Suas companheiras de equipe e suas mães tinham cercado ela, dando-lhe enormes abraços, e ela queria se sentir eufórica e vitoriosa como ela costumava se sentir quando a equipe ganhava. Mas ela sentia como se houvesse um buraco na parte dela que adorava o futebol. Ou talvez em tudo mais com o que ela se preocupava — pensava — ocupando todo o espaço disponível.

— Existe mais coisa na vida além do futebol — ela disse simplesmente, olhando para Jeremy.

— Entendi — Jeremy disse, balançando a cabeça. Sua garganta

balançou quando ele engoliu. — Hum, você quer entrar?

— Sim — Caitlin disse, surpresa com sua petulância. Ela estava ainda mais surpresa quando pegou a mão de Jeremy e deixou-o levá-la através da porta. O porão cheirava a pipoca e ao cachorro da família, Scruffy, deitado na cama, no canto. Ele notou Caitlin e abanou o rabo, em seguida, abaixou a cabeça.

— Ei, Scruffs — ela disse.

Caitlin e Jeremy se sentaram no sofá juntos, seus joelhos se tocando. Jeremy baixou o volume e olhou em seus olhos.

— Eu senti sua falta — Caitlin falou sem pensar.

— Eu estive pensando muito em você — Jeremy disse ao mesmo tempo.

Ambos se recostaram e riram envergonhados. Então Caitlin estendeu a mão e tocou seu rosto suavemente. Jeremy estremeceu. Ele levantou o olhar para ela novamente e se inclinou para frente. Seus lábios se tocaram, e formigamentos subiram pela espinha de Caitlin. Ah, como ela queria isso, *precisava* disso. Isso imediatamente levou todos os seus sentimentos ruins para longe.

Ela não tinha certeza de quanto tempo eles se beijaram, a luz do filme anime piscando contra seus rostos. Finalmente, Jeremy se afastou, sem ar.

Ele pegou suas mãos. — Caitlin — ele disse em voz baixa. — Eu quero estar com você.

Ela apertou os lábios. — Eu sei.

Ele deu uma respiração profunda. — Mas eu entendo que é... complicado.

Caitlin mordeu o lábio. Era óbvio o que ele quis dizer. Era estranho, também — aqui estava ela, na casa de Josh, no porão da casa de Josh, em um sofá, onde ela e Josh tinham namorado centenas de vezes. Era familiar, e ainda assim também era totalmente... *novo*.

— Quero dizer, você e Josh ainda estão juntos — Jeremy disse cuidadosamente. — Mas você não quer ficar com ele, certo?

Caitlin limpou a garganta. – Não – ela admitiu. – Eu acho que não.

Os olhos de Jeremy brilharam. – Você está pronta para ficar comigo? Para, tipo, realmente ficar comigo? Sem se esconder debaixo de arquibancadas. Sem se esconder no meu porão. Porque eu estou pronto para ficar com você.

Era uma pergunta tão simples, mas Caitlin parou. Ela pensou no que aconteceria se ela terminasse com Josh. O que a equipe iria pensar. As festas que ela provavelmente não seria mais convidada. Como seria desconfortável no próximo ano, na Universidade de Washington.

Mas tudo isso ela poderia superar. Era a parte de suas famílias que a estava confundindo. Suas mães, os pais de Josh – eles gostavam tanto deles estarem juntos. As mães dela iriam ficar desapontadas?

Então Jeremy inclinou-se e beijou-a novamente. De repente, todas as dúvidas de Caitlin desapareceram. Ela deslizou as mãos até o abdômen dele, respirando seu perfume.

– Sim – ela sussurrou. – Jeremy, sim. Estou pronta.

Seus lábios se moviam delicadamente através de seu pescoço e maxilar, e ela fechou os olhos, inclinando a cabeça para trás. Foi quando ela viu a fatia de luz amarela da porta acima das escadas. E foi então que ela viu uma figura de pé na porta, olhando para eles.

Caitlin se afastou quando Josh desceu as escadas, mas já era tarde demais. Seu olhar passou de Caitlin e depois para o seu irmão. Seus lábios se curvaram, e seu nariz enrugou. Suas mãos fecharam-se em punhos apertados.

– Josh – Caitlin falou preocupada, com medo que Josh fosse bater em seu irmão mais novo. – Não é culpa dele.

Josh olhou para ela novamente. – Então, é sua culpa? – Suas narinas alargaram. – Ele teve uma queda por você durante anos, Caitlin. Eu nunca achei que você iria se apaixonar por ele.

Então a porta do porão abriu mais ainda. Caitlin se virou. Os pais

de Josh e Jeremy apareceram descendo as escadas. Ambos estavam em roupões de banho e meias.

– O que está acontecendo aqui? – o Sr. Friday disse sonolento. Então ele notou Caitlin. – Caitlin? – Sua voz tornou-se severa. – Eu não sabia que você viria.

– Oh, Caitlin queria um pouco de tempo a sós com Jeremy. – A voz de Josh estava amarga. – Não é verdade, Caitlin?

Todos os olhos se voltaram para ela. Havia todos os tipos de palavras encravadas na garganta de Caitlin, mas ela não conseguia tirá-las. Ela sentiu Jeremy sentado ao lado dela, esperando que ela dissesse a verdade. Que ela dissesse, *É isso mesmo. Eu escolhi Jeremy.*

Mas de alguma forma, mesmo que fosse verdade, ela simplesmente não conseguia fazer isso.

Em vez disso, ela se levantou do sofá e voltou para a porta do porão. – Hum, eu tenho que ir – ela deixou escapar, tentando encontrar a maçaneta. – Sinto muito.

A maçaneta girou em suas mãos, e ela atravessou a porta e entrou na garagem. Pouco antes de ela fechar a porta, ela se virou para trás e deu a todos uma olhada final. A fúria era evidente no rosto de Josh. O Sr. e a Sra. Friday pareciam cansados e confusos. E então lá estava Jeremy. Sua boca estava aberta. Ele abaixou os olhos. Parecia que Caitlin tinha acabado de lhe dar um tapa.

Mas tudo o que ela conseguia fazer era clicar no botão para abrir a porta da garagem. A porta abriu, e ela nem sequer esperou até que ela abrisse completamente antes de escorregar para fora. Ninguém correu atrás dela enquanto ela corria para seu carro. Talvez porque ninguém soubesse o que fazer com o que tinha acontecido.

Ou talvez porque eles soubessem.

## Capítulo 33

Muito tarde naquela noite, Parker se reuniu com Julie no Jaime's Big Bite, o único restaurante de vinte e quatro horas de Kirkland, uma cidade a vinte minutos de distância da Beacon Heights. Nas paredes com painéis de madeira, que lembrava o início dos anos oitenta, haviam fotografias desbotadas de comidas de café da manhã. De acordo com a doutrina de Beacon Heights High, um pedido de frango do Jaime's e waffles com um lado de bacon magicamente absorvia todo o álcool do seu sangue e o deixava livre de ressaca na manhã seguinte. Antes de tudo de ruim acontecer, Parker e Julie costumavam parar lá no caminho para casa depois de uma festa, Parker chapada ou bêbada e Julie geralmente sóbria, já que ela que conduzia. Elas dividiam um pote generoso de batatas fritas e um shake de Oreo e riam sobre tudo de louco que tinha acontecido naquela noite. Olhando ao redor do restaurante, Parker viu versões delas mesmas mais jovens que faziam exatamente a mesma coisa, meninas com o cabelo assanhado e a maquiagem borrada rindo de piadas idiotas de bêbados. Ela sentiu uma pontada familiar na boca do estômago ao pensar em como as coisas costumavam ser.

Uma garçonete levou-as para sentar sob uma foto de um pão francês, e Julie pediu batata-frita com pimenta malagueta para ambas. Ela e Julie sentaram no mesmo lado da mesa, um hábito que elas tinham desde o início, principalmente uma zombaria para todos os casais apaixonados do ensino médio que não conseguiam suportar até mesmo passar uma única refeição sequer sem estar de mãos dadas. Hoje à noite, porém, elas deram as mãos também. Parker não sabia se Julie também sentia isso, mas agarrar a mão de alguém impedia sua mão de tremer descontroladamente.

— Obrigada por me tirar de lá — Parker murmurou enquanto a garçonete colocava as batatas-fritas na mesa meros segundos depois

que elas pediram.

— Sem problemas — Julie disse, pegando a garrafa de ketchup. — De jeito algum eu iria arriscar você ser pega. Eu acho que você não conseguiria lidar com isso.

Parker assentiu. — Você provavelmente está certa.

Elas não falaram muito mais enquanto comiam. As mãos de Parker continuaram a tremer enquanto ela pegava uma batata coberta com queijo e pimenta e esfregava no ketchup. Ela sentia como se não tivesse comido há dias. Ela não tinha apetite ultimamente, com tudo o que estava acontecendo. Mas talvez, finalmente, o pesadelo estivesse quase no fim.

Ela olhou para cima, tendo uma ideia. — No próximo ano, vamos para o mais longe desta merda que pudermos — ela subitamente deixou escapar.

Julie piscou, então pegou outra batata-frita. — Onde você quer ir?

Parker deu de ombros. — O seu espanhol é bom. Vamos morar no México. Cabo, Cozumel, Cancún. Em algum lugar em uma praia. Aposto que é barato.

— E a faculdade?

Parker bufou. — Ninguém vai me querer com as minhas notas. E, além disso, minha mãe não vai querer pagar.

Julie olhou para o prato. — Sim, eu não sei como eu vou pagar, também. Eu acho que eu vou ficar presa aqui, a residência da Universidade de Washington não é barata, mas se eu trabalhar, eu consigo pagar. — Ela viu o rosto de Parker e franziu a testa. — Espere, você está falando sério?

— Sim — Parker disse desafiadoramente. — Eu estou.

Elas olharam de uma para a outra por um longo momento. A cabeça de Parker deu uma palpitada ameaçadora. De repente, ela percebeu que, em breve, ela e Julie poderiam estar distantes. Ela sempre assumiu que, não importava o que, ela e Julie estariam juntas em algum lugar. Se Julie decidisse se mudar para Seattle, o que ela

faria? Ela não podia ficar aqui por mais tempo. O local tinha muitas lembranças ruins.

Então o olhar de Julie focou em um ponto à direita. Suas bochechas empalideceram, e a sua boca se abriu. — Meu Deus.

— O que foi? — Parker perguntou, olhando por cima do prato de batatas-fritas. Ela seguiu o olhar de Julie... e seu queixo também caiu. Elliot Fielder estava de pé no balcão de comida para viagem entregando a caixa seu cartão de crédito. Ele pegou uma caixa de isopor e se virou para ir embora.

Em seguida, seus olhos encontraram os de Parker, e ele congelou. Seu coração começou a bater forte. Ela sentiu-se encolher para dentro da mesa. Então, para seu horror, Elliot começou a caminhar em direção a elas.

— Fique calma — Julie sussurrou, agarrando a mão dela. — Eu estou aqui com você.

Havia uma expressão estranha no rosto de Elliot quando ele se aproximou. Parker queria se levantar e correr, mas ela se sentia presa como um inseto em uma bandeja.

Julie se levantou quando ele parou perto da mesa. — O que você está fazendo aqui? — ela perguntou. — *Você nos seguiu?*

Elliot nem sequer olhou para ela; ele manteve seu olhar sobre Parker. De repente, um estranho sorriso brilhou em seu rosto. — Vocês saíram juntas.

— Hum, *dã* — Julie disse desafiadoramente. — Mas eu fiz uma pergunta. *Você nos seguiu?*

— Não. — Ele ergueu a embalagem de viagem. — Eu só vim comprar um hambúrguer. Eu prometo. Eu não estou seguindo vocês.

— Ótimo. Então vá embora. — Julie fez um movimento de “xô” com as mãos.

Mas Elliot ainda não olhou em sua direção. Seu olhar estava diretamente em Parker, como se esperando que ela dissesse alguma

coisa. Parker olhou para a mesa. A visão dele encheu-a de uma dolorosa sensação de vazio, de desespero. Não muito tempo atrás, ele a fazia se sentir como se houvesse esperança para ela — que um dia, com a ajuda adequada, com esforço, ela poderia até mesmo encontrar alguma paz. Isso fazia com que a traição fosse pior.

Julie balançou a cabeça com os olhos arregalados. — Eu não vou deixar você se safar por ter perseguido Parker. É melhor você se demitir.

Os olhos escuros de Elliot pareciam insondáveis. — Eu não estou perseguindo ninguém — ele disse calmamente.

— Ah, é? — Julie disse em voz alta. Uma garçonete que passou deu a eles um olhar interrogativo. — Então o que eram todas aquelas fotos em seu computador?

— Parker não deveria ter encontrado elas — Elliot disse. — Olha, eu só estava tentando descobrir mais sobre a condição de Parker. Acho que eu posso ajudar ela. Eu poderia até mesmo ser capaz de ajudar você, Julie. Se eu puder ajudar uma de vocês, eu provavelmente ajudaria vocês duas.

Julie zombou. — Eu acho que eu não preciso de sua ajuda, mas obrigada.

Parker sentiu os olhos dele sobre ela novamente. — Parker, me desculpe, eu não te disse que eu estava observando você. Mas eu fiz isso por razões importantes. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou um cartão pessoal. — Se você quiser conversar, pode contar comigo. — Sua voz tornou-se urgente. — Por favor, me dê uma chance. Você pode confiar em mim.

Suas palavras pairaram no ar por um longo tempo. Parker podia sentir que tanto Elliot quanto Julie estavam esperando ela finalmente falar. Ela respirou fundo, olhando para cima e encontrando os olhos de Elliot.

— Você sabe quem teve várias chances? — ela sussurrou. — O meu pai. Eu aprendi a lição.

O rosto de Elliot ficou rosa. Ele deu um passo em direção a ela,

mas Julie se levantou e se colocou entre eles, seus olhos brilhando. Quando ela falou, sua voz estava baixa e controlada, mas não havia dúvida que havia fúria nela.

– No Arizona ou não, se nós pegarmos você seguindo Parker novamente, nós vamos denunciar você ao conselho de medicina. Vamos dizer a eles que você a seduziu. Você vai perder a sua licença. Você vai perder tudo.

A expressão do terapeuta mudou, a máscara cuidadosamente neutra desapareceu e revelou um sorriso frio e arrogante. Ele levantou uma sobrancelha, olhando diretamente para Julie pela primeira vez desde que tinha chegado perto da mesa. – Mesmo se isso fosse verdade, ninguém iria acreditar nela.

– Então eu vou dizer que foi comigo.

Ele e Julie se olharam pelo que pareceu uma eternidade. Então, lentamente, Elliot sorriu. – Bem. Você ganhou. Eu nunca mais vou entrar em contato com qualquer uma de vocês de novo.

Ele deu alguns passos em direção a porta, em seguida, virou-se e sorriu para elas, desta vez quase gentilmente. – Sabem, eu estou feliz que vocês têm uma a outra – ele disse. – Vocês ajudam uma a outra a sobreviver. – Então, ele estendeu a mão em um aceno de adeus. Os sinos sobre a porta tilintaram atrás dele.

Parker olhou para as batatas-frias cobertas com queijo. – Bem – ela murmurou. – Isso foi estranho. – Então ela pegou a mão de Julie. – Obrigada. Por, você sabe. Tudo.

– Sem problemas – Julie disse baixinho, abraçando Parker apertado. – Graças a Deus ele foi embora.

Após esse encontro, Parker se sentia exausta e esgotada. Mas Elliot estava certo sobre uma coisa: Ela realmente precisava de Julie. Apenas a ideia de ficar longe de Julie, depois de tudo o que elas tinham passado juntas, a enchia de pânico. Julie era a única pessoa que ainda a amava. A única pessoa que a conhecia, que sabia o que ela tinha passado e ainda se preocupava com ela.

Ela olhou para cima e percebeu que Julie também estava olhando

para ela. E, do mesmo jeito que as duas muitas vezes faziam, Parker tinha a sensação de que Julie estava pensando exatamente a mesma coisa.

– Eu não quero deixar você – Julie sussurrou.

– Eu sei – Parker disse. – Se você quiser ficar aqui e ir para a faculdade, eu vou ficar, também.

– Combinado – Julie disse. Então ela sorriu. – Mas nós temos que conseguir uma casa para nós. Aqueles gatos estão atrapalhando os nossos estilos.

– Nós vamos conseguir um lugar na Colina de Capitol – Parker disse melancolicamente. – Nós mesmas podemos decorar.

– Eu vou conseguir um trabalho na piscina da universidade, e você vai conseguir um emprego na livraria para insultar os clientes pelas opções de livros – Julie sonhou acordada.

– Ninguém vai conseguir nos perturbar. Vamos ficar bem sozinhas.

Julie pegou a mão de Parker e apertou com força. – Todos esses problemas por causa de Nolan estará atrás de nós para sempre.

Parker sorriu, de repente acreditando nisso com todo o seu coração. Que se dane Elliot Fielder e suas tentativas de merda de ajudar. Ela estava com Julie, e isso era tudo o que importava.

## Capítulo 34

Depois de uma noite sem dormir, Mackenzie se sentou na cama e esfregou os olhos. Mesmo que fosse cedo, ela podia ouvir os sons do café da manhã no andar de baixo. Engolindo em seco, ela calçou seus chinelos e caminhou para a cozinha. Sua mãe e seu pai estavam no balcão, ambos usando seus roupões de banho. Sierra estava lá também, bebendo chocolate quente de uma caneca que tinha uma clave de sol desenhada.

– Vocês acordam cedo – ela disse com os olhos turvos.

Sua mãe pulou de seu banquinho e correu até ela, abraçando-a. – Bem, nós estávamos tentando esperar você ontem à noite, mas você chegou em casa muito tarde.

Mac fez uma careta. A mãe dela tinha mandado uma mensagem perguntando onde ela estava, e Mac tinha mentido e dito que ela estava na casa de sua nova amiga, Julie Redding, e estaria em casa em breve. Ela estava em apuros? Seu coração acelerou. Eles de alguma forma sabiam que elas haviam arrombado a casa de Granger?

Mas então ela olhou para seu pai. Ele estava entusiasmado. Até mesmo Sierra parecia animada. Mac sentou em um banquinho de bar do balcão. – O que está acontecendo?

– Veio uma mensagem no correio de voz – a senhora Wright disse animadamente. – Você entrou!

Mac piscou. – Em?

– Em *Juilliard!* – A sra. Wright saltou do outro lado da cozinha até o console do telefone sem fio. – Minha amiga Darlene ligou! Ela ouviu tudo o que acontece com as admissões de Juilliard e...

Ela apertou o play. Depois de um sinal sonoro, a voz de uma mulher soou através da cozinha. – Ei, Elise, é Darlene! Então, ouça, não é oficial ainda, mas o juiz ficou emocionado com o desempenho

de Mackenzie — ela disse, animada. — Espere por uma carta na próxima semana! E dê a sua menina um grande parabéns! Ela está seguindo os seus passos de ir para Juilliard!

Mac gritou. Ela conseguiu. Ela entrou. Nem sequer a incomodava que seus pais haviam descoberto primeiro. Era a notícia mais incrível que ela já tinha ouvido.

Sua irmã se aproximou, dando um abraço em Mac. — Você nunca vai acreditar na outra notícia — ela disse entusiasmada. — Diga a ela, mãe.

A Sra. Wright sorriu de alegria. — Bem, a senhora Coldwell me ligou ontem à noite. Eles têm contatos lá dentro também, e parece que Claire também entrou!

Mackenzie congelou. Um grito estridente soou em seus ouvidos. — Espere. O quê?

— Eu sei! — Sua mãe balançou a cabeça, maravilhada. — Quais são as chances disso acontecer? Mas vocês duas vão. Não é emocionante? Vocês podem estudar na mesma sala!

Um gosto amargo encheu a boca de Mackenzie. Toda a emoção de um momento atrás deformando dentro dela, mudando de forma até que ela não sabia o que sentia. Raiva, decepção, ressentimento e ansiedade contaminado a breve sensação de triunfo que ela sentia. Tudo o que ela queria fazer era acabar com Claire de uma vez por todas.

E agora, ao invés disso, ela estaria presa com ela por mais quatro anos.

— Isso pede uma comemoração! — Sua mãe se apressou até a geladeira e pegou um bolo de chocolate decorado com notas musicais em um delicado glacê branco. Seu pai começou a derramar leite em um copo de vinho. Apenas Sierra sentou-se com uma expressão de entendimento em seu rosto, observando Mackenzie. Ela sempre pareceu suspeitar de como Mackenzie realmente se sentia em relação a sua “melhor amiga”.

— E então? Você não tem nada a dizer? — sua mãe perguntou,

entregando-lhe um prato.

– É, garota Juilliard, como você está se sentindo? – seu pai disse.

Sierra ergueu sua taça. – Fala! Fala!

Mackenzie olhou em volta para sua família, mantendo a fatia de bolo em suas mãos. O cheiro a levou de volta em uma corrida repentina de memória para a noite no Cupcake Kingdom quando ela e Blake tinham se beijado. As lágrimas arderam em seus olhos, mas ela piscou para que ninguém pudesse vê-las.

– Eu nunca estive tão feliz – ela disse.

*Ou tão infeliz.*

## Capítulo 35

Naquela manhã, Julie vestiu atentamente um vestido azul escuro e analisou-se em seu espelho de corpo inteiro. Atrás dela, Parker riu. — É isso o que você vai usar na delegacia? Você se parece com uma das crianças de Harry Potter.

Julie fez uma careta. Ela estava procurando por algo eu-sou-responsável-e-você-deve-me-levar-a-sério, mas agora que ela pensou nisso, o vestido longo azul parecia muito o estilo Hogwarts. Ela puxou-o sobre a cabeça e vestiu um cardigã cinza e um jeans de lavagem escura ao invés.

— Você tem certeza que não quer vir? — ela perguntou a Parker quando ela colocou seus brincos de pérolas falsas. — Pode ser... Eu não sei. Gratificante.

— Não, obrigada. — Parker balançou a cabeça enfaticamente. — Enquanto Elliot estiver lá fora, eu não quero sair dessa casa. De qualquer forma, vocês realmente não precisam de mim, não é? É só para dar aos policiais o pen drive de Nolan.

— Você está certa — Julie disse, então balançou nervosamente as mãos. Ela só queria acabar logo com isso. Ela mal podia esperar até Granger estar atrás das grades, e tudo poderia voltar ao normal.

Quando ela estava selecionando um par de sapatilhas, ela notou que o ícone de e-mail em seu laptop estava piscando. Ela clicou nele, pensando que poderia ser alguém pedindo uma carona. Mas então ela viu o nome... e o título. Seu coração parou no peito.

**De: Ashley Ferguson**

**Para: Ashley Ferguson**

**Encaminhado Para: Julie Redding**

**Assunto: Segredinho Sujo de Julie Redding**

No corpo do e-mail não havia nenhum texto, apenas o link para um artigo, aquele que descrevia que Julie e sua mãe foram despejadas de sua antiga casa em Oakland. O artigo que Parker tinha apagado.

Bem, Ashley tinha ressuscitado.

Julie se inclinou para frente e agarrou a borda da mesa até que seus dedos ficaram brancos, concentrando-se na contagem. *Um, dois* – Ashley deve ter encaminhado para outros destinatários; quem eram eles? – *três, quatro* – para toda a escola? – *cinco, seis, sete* – ou poderia ter apenas enviado para Julie, para lembrá-la do quanto ela estava no poder de Ashley?

– Julie? – Parker perguntou do outro lado do quarto.

Julie soltou um pequeno soluço. Parker arrancou os lençóis e correu até ela. – O que está acontecendo?

Julie, sem palavras, se afastou do e-mail. O olhar de Parker deslizou sobre ele rapidamente. – Essa vadia – ela grunhiu.

– Eu não entendo – Julie disse fracamente. Ela continuou contando. *Vinte e seis, vinte e sete*. Isso não estava ajudando nem um pouco. – Por quê? Por que ela faria isso?

Parker andava ao redor do quarto de Julie, parecendo de repente inquieta, como se o espaço não fosse grande o suficiente para contê-la. – Ela é tudo o que há de errado no mundo. Você não pode confiar em ninguém exceto nos seus verdadeiros amigos.

Mas Julie estava escutando apenas metade. Ela se atrapalhou com seu celular, pressionando o número de Ashley com as mãos trêmulas.

Ashley atendeu no primeiro toque. – Ei, menina suja – ela cantarolou. – Gostou do meu e-mail?

– Que diabos, Ashley? – Julie se enfureceu. – Para quem você enviou?

– Oh, você sabe. Para todo mundo.

Julie se inclinou, certa de que ia vomitar. Ela pensou em todos lendo esse artigo. Vendo a foto dela. Juntando tudo. *Aha!* eles iriam pensar. *É por isso que Julie nunca quis ninguém na casa dela!* – Mas, por quê? – Ela chorou ao telefone. – Eu nunca fiz nada com você!

– Exatamente – Ashley disse amigavelmente. – Você nunca fez nada comigo ou por mim. Você estava feliz em apenas sentar lá e deixar suas amigas zombarem de mim. E vamos ser honestas, você não tem sido exatamente agradável recentemente. Bem, agora é a sua vez de sentir o que é estar do lado de fora. Vejo você na escola! – Ela fez uma pausa. – Ah, e diga oi para sua mãe por mim! Talvez, se você tiver sorte, você vai crescer e ser como ela! – E com isso, ela desligou.

Julie olhou para o celular em sua mão. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. De repente, seu laptop soltou outro *ping*. Era outra mensagem de Ashley. *Isto é o que Carson pensa de você agora*, dizia no título.

A única coisa que havia na mensagem era uma foto. Julie trouxe seu rosto para mais perto do laptop. Era uma foto de Carson... e Ashley. Eles estavam de pé na frente de Rachel, o cofre gigante em formato de porco do Mercado Pike Place, e o mesmo sol que brilhava fora da janela de Julie irradiava sobre eles. Carson tinha um olhar de desgosto em seu rosto, e ele fazia um gesto com o polegar para baixo com uma mão. Ashley estava segurando a outra mão. Eles estavam muito, muito próximos um do outro.

Julie soltou um grito. Bem, está acabado então.

Parker se sentou ao lado dela, apertando-lhe o ombro com força. Julie piscou, tentando imaginar o jeito que o resto do ano escolar seria, mas tudo o que ela podia ver era um buraco negro. Parker era realmente tudo o que ela tinha agora. Sem mais amigos. Definitivamente sem Carson.

*Sem nada.*

## Capítulo 36

Uma hora mais tarde, Ava estacionou dentro do estacionamento da delegacia. Ela puxou o espelho para baixo e olhou para seu reflexo: maquiagem mínima, apenas um toque de rímel e gloss claro, seu cabelo em um rabo de cavalo baixo. Camiseta grande Huskies masculina solta sobre a calça de ioga Lululemon. Sua pele ainda lembrava da memória do striptease que ela tinha feito para o Sr. Granger – o striptease que suas amigas tinham visto, que *Alex* provavelmente tinha visto. Ela não queria aparentar como na noite anterior.

Ela pegou o celular e discou o número de Alex novamente. O celular tocou várias vezes, em seguida, foi para o correio de voz. Um nó se formou na garganta de Ava. Ele estava sentado ao lado do celular, olhando enquanto o nome dela aparecia na tela? – Por favor, deixe-me explicar – ela disse após o sinal de correio de voz. – Não foi o que você pensa, ok? Eu te amo.

Mas todos os seus protestos soaram tão fracos e patéticos. O que Alex deveria pensar? Ela ainda não tinha abotoado seu vestido quando veio voando para fora da casa de Granger. Este era o preço que ela teve que pagar para provar sua inocência?

Frustrada, ela saiu do carro e bateu a porta atrás dela. O céu estava sem graça e cinza, o ar pesado com a chuva. No interior, a delegacia estava tranquila, com apenas alguns policiais em suas mesas. Não havia recepcionista na frente, e nenhum sinal das amigas de Ava. Ela pegou o celular e mandou uma mensagem de grupo: *eu estou aqui. Depressa!*

Tensa com a energia reprimida, ela passeou ao redor do lobby, analisando o quadro de avisos coberto de cartazes de meninas desaparecidas e traficantes de drogas sendo procurados, anúncios para fiadores e advogados locais. Havia até mesmo um anúncio de um conselheiro de saúde mental chamado Elliot Fielder em Beacon

Heights Alcance da Saúde Mental. Quando seu celular tocou, ela se lançou para ele, esperando que fosse Alex. Mas era apenas um e-mail de uma terceiranista que ela tinha visto com Julie algumas vezes, uma garota chamada Ashley Ferguson. *Segredinho Sujo de Julie Redding*, dizia.

Com curiosidade, Ava clicou nele e leu o artigo que o acompanhava. Seu coração capotou. Pobre Julie. Isso explicava o motivo de ela ser tão reservada às vezes, tão fechada. Como seria viver daquele jeito? E não era de se admirar que Julie nunca quis que ninguém fosse em sua casa.

Alguns momentos mais tarde, todas as meninas entraram. Ava viu quando Julie entrou por último, parecendo exausta e com os olhos inchados. Claramente ela também tinha visto o artigo. Ava deu um passo adiante, querendo dizer algo a ela – que Ashley Ferguson era uma vadia horrível, talvez, e que o carma iria pegá-la algum dia.

Em vez disso, tudo o que ela conseguiu dizer foi: – Eu não me importo onde você mora ou qual é a sua situação. Eu estou contente de nós termos nos tornado amigas.

Lágrimas encheram os olhos de Julie. Sua boca tremeu. Ela abaixou a cabeça e cambaleou para a frente para os braços de Ava. Ava abraçou-a com força, notando os olhares simpáticos de Mac e de Caitlin. Elas devem ter visto o e-mail, também. Talvez toda a escola deve ter visto.

Então Julie se afastou e enxugou os olhos. – Então, hum, vocês estão com ele? – ela perguntou, olhando para Caitlin, que havia mantido o pen drive com ela durante a noite.

Caitlin balançou a cabeça e deu um tapinha em sua bolsa de lona. – Eu procurei por ele mais ou menos cinquenta milhões de vezes. Ele está aqui.

Um policial de aparência jovem passou, e Ava limpou a garganta. – Hum, estamos aqui para ver os detetives Peters e McMinnamin.

O policial olhou para as meninas com ceticismo, mas antes que ele tivesse a chance de responder, os dois detetives apareceram na parte

de trás da delegacia. McMinnamin liderou o caminho, claramente o mais velho dos dois parceiros.

– Ok, meninas – o detetive McMinnamin entoou, passando a mão por seu cabelo loiro ralo. – Me sigam.

Ava respirou fundo e caminhou por uma série de mesas bagunçadas repletas de pastas e copos de café de papelão. Elas passaram por um longo corredor, por um bebedouro de água, por portas para banheiros masculinos e femininos e sentaram na mesma sala de interrogatório que elas tinham sido trazidas na semana passada. Parecia muito tempo atrás.

Assim como antes, as persianas estavam abertas, revelando um longo espelho. Ava olhou para eles nervosamente. Alguém estava do outro lado do espelho observando-as?

– Então – Peters começou, entrelaçando seus enormes dedos sobre a mesa. – O policial de plantão disse que vocês tinham informações sobre Nolan Hotchkiss. Vocês estão prontas para compartilhar?

As meninas se entreolharam. Julie assentiu encorajando. Então Caitlin empurrou o pen drive para o outro lado da mesa. Seus dedos úmidos deixaram marcas suadas na superfície escura.

– Ele pertencia a Nolan – Julie explicou em uma voz hesitante. – N-nós encontramos na casa de Lucas Granger. Isso prova que Nolan sabia que Granger ficava com as alunas.

– E que ele estava chantageando Granger – Ava interrompeu. – Ordenando que ele desse as melhores notas, escrevesse cartas de recomendações, pagasse as coisas, dentre outras coisas.

– Foi Granger – Mackenzie disse. – Ele matou Nolan... e agora ele está tentando nos incriminar.

Peters virou o rosto para Ava, seus olhos castanhos ilegíveis. – E como é que vocês pegaram esse pen drive. Ele apenas entregou? – Havia um sorriso em seu rosto.

Ava corou. Julie se moveu em sua cadeira. Caitlin inclinou-se, com os olhos brilhando. – Bem, ele tentou seduzir Ava. Ela pegou

quando fugiu dele.

McMinnamin suspirou e esfregou as têmporas. — Então você... roubou?

A boca de Ava escancarou. — Bem, eu...

— E que hora da noite foi isso, senhoritas? — Peters perguntou com o cenho franzido.

Ava olhou para as outras. Ela não tinha certeza do que isso tinha a ver com qualquer coisa. — Hum, eu não sei. À noite, eu acho.

— Onze horas? Meia noite?

— Por que você não olha o que tem nesse pen drive? — Julie interrompeu, deslizando-o em direção a eles. — E depois tomem a decisão de vocês. Porque eu acho que isso prova que Granger é o assassino. E isso prova que vocês devem prendê-lo.

— Eu não tenho dúvida de que Granger fez algo ilícito — McMinnamin disse presunçosamente. — Mas não temos como prendê-lo.

Ava piscou, de repente desanimada. — O quê? Por quê?

O olhar do detetive era firme. — Porque ele está morto.

Ava engasgou. — O quê? — ela perguntou baixinho.

— Houve uma chamada da casa dele para a emergência na noite passada — Peters disse. — Quando as ambulâncias chegaram, não havia sinais de luta.

O sangue subiu à cabeça de Ava. Isso não fazia nenhum sentido. E, de repente, ela entendeu onde o detetive queria chegar. — Eu não fiz nada com ele — ela disse muito lentamente.

— Cuidado com o que você diz agora — Peters rosnou. — Porque nós temos uma testemunha que viu vocês na cena do crime às dez horas, mais ou menos no momento da morte.

O coração de Ava estava batendo tão furiosamente que ela estava surpresa que não tivesse pulado para fora do seu peito. — Quem? — E então, de repente, ela se deu conta. Ela lembrou-se da pessoa no gramado. O olhar de traição, nojo e horror em seu rosto. Seu coração

se partiu em mil pedaços.

— Alex Cohen — Peters disse, olhando para ela. — Ele mora no mesmo quarteirão, certo? E eu acredito que ele disse que era seu *ex*-namorado? — Peters sorriu sombriamente. — Eu acho que ele não queria estar namorando uma garota que agora está sob investigação por assassinato.

## Capítulo 37

Parker se apressou até a entrada da delegacia, onde as outras meninas estavam saindo para a luz do sol. Todas elas pareciam uma merda. Julie tinha mandado mensagens para atualizá-la por todo o tempo que levou para Parker chegar aqui no ônibus – os policiais deixaram as meninas irem, dizendo que não havia provas suficientes para acusá-las de matar Granger até que eles procurassem completamente pela casa dele; eles tinham pego suas impressões digitais e pego DNAs de suas salivas. Eles ainda tinham tirado fotos delas sob as luzes fluorescentes fortes. Parker não conseguiu imaginar Julie levando isso na boa. Ela e Julie trocaram um olhar, e em seguida, Parker correu para puxar sua melhor amiga em um abraço.

– Não tentem fazer nada estúpido – o detetive Peters falou da entrada. – Nós estamos observando vocês, todas vocês – ele acrescentou, olhando para Parker e franzindo a testa. Parker estremeceu. Suas impressões já estavam no sistema, por causa do que havia acontecido com seu pai. Ela era tão suspeita quanto as outras meninas.

Parker olhou para as outras depois que os policiais foram embora. Ava estava soluçando. Caitlin estava com a mandíbula apertada. Mac parecia prestes a vomitar. – Meus pais vão me matar – ela sussurrou.

– Eu não acredito que eles ligaram para os nossos pais – Ava disse miseravelmente. A boca de Julie se contraiu, e Parker pegou a mão dela, pensando na mensagem horrível que tinha vazado apenas uma hora atrás. Mas, em comparação com isso, o segredo de Julie realmente importava? Alguma coisa importava?

Julie se apoiou ao lado de Parker como se ela fosse a única coisa que a mantinha de pé. – Eles vão perceber que cometeram um erro – ela disse em uma voz firme. – A polícia vai perceber que fomos

incriminadas inocentemente.

– Vai mesmo? – Os olhos de Ava estavam selvagens. – Nós estávamos lá, Julie. Alex nos viu. E as nossas impressões digitais estão por toda a casa. – Lágrimas escorriam pelo seu rosto. – Eu pensei que isso iria acabar. Pensei que Granger estava fazendo isso com a gente. Então, agora é outra pessoa?

Parker estremeceu. Esse pensamento tinha cruzado sua mente, também – que elas não tinham solucionado nada. Ela fechou os olhos e enviou seu cérebro para longe, tentando juntar as peças da noite passada. Se ela pudesse se lembrar de alguém à espreita do lado de fora da casa de Granger. Um carro misterioso estacionado do outro lado da rua. *Algo*. Mas quando ela procurou em sua memória, havia apenas um vazio. Tudo o que ela conseguia se lembrar era correr para fora da casa de Granger com o coração batendo forte. E então um abismo de escuridão – ela provavelmente estava enrolada em uma bola em algum lugar, bloqueando tudo como sempre fazia. E então ela foi se encontrar com Julie um pouco mais tarde no restaurante, grogue e instável.

– Quem estava nos observando na noite passada? – Parker sussurrou.

– E Granger é o assassino de Nolan? – Caitlin perguntou em voz alta. – Ou será que o assassino de Nolan também matou Granger e fez com que parecesse que foi a gente?

Ava franziu a testa. – Mas por que o assassino de Nolan precisou matar Granger?

Parker engoliu em seco, considerando essa possibilidade. – Talvez Granger soubesse algo sobre o assassinato de Nolan.

– Então nós estávamos procurando a coisa errada na casa dele esse tempo todo? – Ava perguntou.

– Eu não sei – Parker disse lentamente. Ela olhou ao redor do grupo. – Mas talvez tudo o que pensávamos que sabíamos não é nem um pouco verdade.

Todo mundo estremeceu. Caitlin inclinou a cabeça para cima,

franzindo a testa. Julie aparentava como se seu cérebro tivesse acabado de explodir. Mas Parker se perguntou, de repente, se isso era verdade. A memória era uma coisa complicada, mas a realidade era ainda mais complicada. Uma vez que você se convencia de algo, era difícil de compreender que a verdade poderia ser outra coisa. Mas e se fosse? E como elas poderiam descobrir isso?

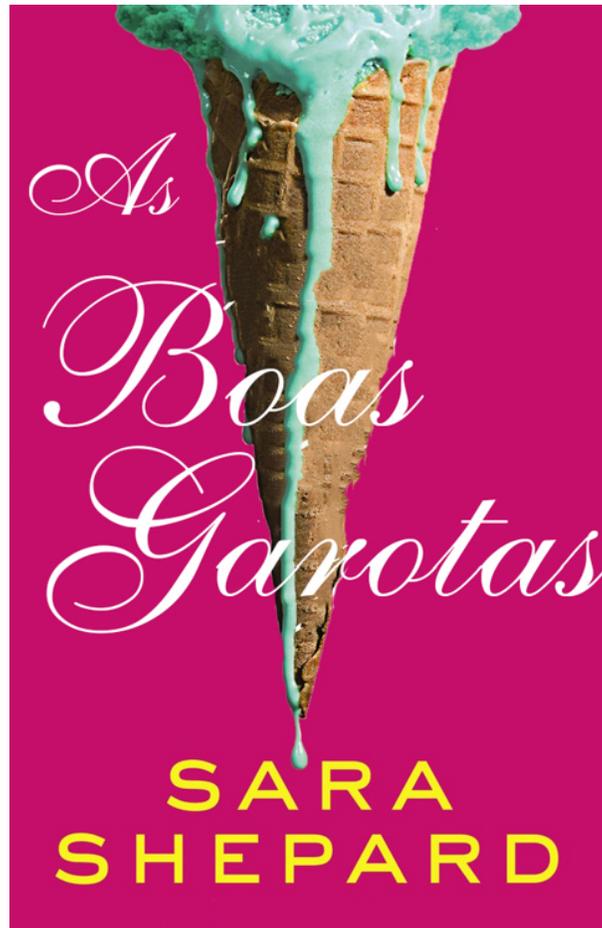
E se elas estivessem muito atrasadas?

TRADUZIDO OU DIGITALIZADO  
E REVISADO POR

I & E BookStore

[iebookstore.blogspot.com](http://iebookstore.blogspot.com)

## Próximo Livro:



*Sinopse: Mackenzie, Ava, Caitlin, Julie e Parker têm feito algumas coisas não tão perfeitas. Mesmo que todas elas tenham falado sobre matar o valentão rico Nolan Hotchkiss, elas não chegaram a ir até o fim. Foi apenas uma coincidência que Nolan morreu exatamente da forma como elas planejaram... certo? Exceto que Nolan não foi o único que elas fantasiaram matar. Quando alguém que elas nomearam morre, as meninas se perguntam se elas estão sendo incriminadas. Ou elas estavam prestes a se tornar os próximos alvos do assassino?*

{1} **S.A.T. (Scholastic Aptitude Test):** *Teste de avaliação de conhecimento exigido para entrar em curso superior nos E.U.A.*

{2} **Zona Cinzenta:** *a área que não é totalmente legal e não é totalmente ilegal.*

{3} **Tentilhões:** *É um pássaro de pequeno porte.*

{4} **Bombycillidae:** *É uma família de aves da ordem Passeriformes.*

{5} **Gyotaku:** *É o nome dado ao tradicional método japonês de impressão manual de um peixe.*